luiz
pacheco

exercícios de estilo

EXERCÍCIOS DE ESTILO

LUIZ PACHECO

EXERCÍCIOS DE ESTILO

2.ª edição

Editorial Estampa

Capa de SOARES ROCHA

ÍNDICE

EXERCÍCIOS DE ESTILO

Ao Dr. Manoel Vinhas

O HOMEM QUE CALCULAVA

Começou a classificar os amigos e conhecidos em duas categorias opostas:

a) **Os que queriam que ele se empregasse;**
b) **os que lhe achavam graça mesmo assim.**

É preciso dizer-se que nos achávamos numa sociedade de **gente empregada** ou por conta doutrém, ou escrava de si própria, ou trabalhando para o Estado.

À classe **a)** pertencia gente honrada e digna mas, caso notável, ao falarem-lhe das vantagens de um emprego esqueciam-se com certeza que um quarto de hora antes se tinham estado a lastimar do **seu emprego** — dos compromissos, engrenagens, desvirtualidades, perdas de tempo e de inteligência, baixezas e asneiras a que esse emprego os conduzia, sem remédio. Sem remédio? este estava à vista: era desempregarem-se, **libertarem-se** (do emprego) usando truques engenhosos e arriscando-se no futuro. Ora, com tantas e tão continuadas choradeiras, era isto que esses tais amigos não faziam.

Outro caso notável: ao dizerem-lhe que arranjasse um emprego, muito pouco faziam para que ele próprio se empregasse, para lhe arranjarem, realmente, um emprego onde

ele se empregasse. Pelo contrário: exploravam a sua bela ociosidade (forçada ou voluntária) encarregando-o de tarefas gratuitas, tarefas de que nenhum homem empregado ou desejoso de se empregar se encarregaria gratuitamente, porque (e não falando no resto) o tempo de um homem empregado ou empregável vale dinheiro — tarefas de que ele se encarregava alegremente ou porque gostava delas, ou porque tinha tempo a mais e se distraía nas tarefas dos outros, ou porque o justificavam na sua aparente (voluntária ou forçada) ociosidade, ou até só para ajudar os amigos ou retribuir as ajudas deles — o que lhe fazia diminuir o seu sentimento de dependência (forçada? voluntária? casual?).

O facto de ele fazer coisas que mais ninguém fazia (gestos gratuitos, brincadeiras a rir ou a sério) e de as fazer ou poder porque se tinha colocado na situação disso, tinha-se habituado ou adestrado a ela (era fácil? era perigosa? parecia fácil; talvez fosse ou viesse a ser perigosa: ele **tinha calculado** todos os riscos, não estando seguro contra eles), esse simples facto dava-lhe uma **qualidade** a qual se revelava, pelo menos, singular e talvez até necessária num mundo fixado em réguas apertadas.

Ora esta **qualidade**, esta singularidade era aquela que os tais amigos da categoria **b**) nele apreciavam. Achavam-lhe graça a ele, não por **ser engraçado** (longe disso! era até um tipo macambúzio e cavernoso), mas por fazer coisas engraçadas, por levar uma vida engraçada.

O que principalmente distinguia esta gente da classe **b**) era que, ao contrário da **a**), era uma gente bem definida: ou boémios vivendo alegremente dessa boémia; ou gente instalada num viver burguês e pacato, sem pretensões intelectuais ou artísticas de espécie alguma e que viam nele **O Outro**, o oposto. Isto é: eram gente que tinha afinidades com ele e que na camaradagem dos boémios e dos vaga-

bundos se acolhiam e entreajudavam ou uma gente inteiramente diferente dele, sua antípoda, que não temiam a sua concorrência e achavam-lhe um ar exótico e pagavam para isso. Não havia ali meios-termos, gente dupla, a jogar em todas as cartas do triunfo ao mesmo tempo e baralhando os naipes, perdendo ora nuns ora noutros, perdendo tempo, em suma. E se há gente desgostosa e desgostante é esta, incapaz de acertar a relojoaria própria, acorrentada à sua duplicidade, ambígua, ziguezagueante, desnorteada, aos encontrões aos outros, e sempre resvalando para a valeta, porque a meta são duas, jamais se unem, e combatem-se uma à outra.

Começou a pensar que esta gente desgostante, fracassada e humilhada pelos seus fracassos, mas respingona e desejosa de confundir-se com os que vão no seu caminho, não merecia a menor consideração. Nem confiança.

OS NAMORADOS

Dos jardins fantásticos da minha infância que eu nem tive infância nasci assim já velho mas sou um bonacheirão incapaz de rancor aos meninos que tiveram infância e jardins, trago um na lembrança que era um jardim muito engraçado havia um coreto a música tocava aos domingos havia um urinol com aquele velho maluco que fazia coisas aos rapazes e também lembro um jardim, outro ou seria o mesmo que era um jardim muito engraçado com uma estantezinha verde o tipo que emprestava os livros à gente tinha uma farda preenchia-se um papel com o nosso nome e morada era coisa séria. Os jardins da minha infância tinham lagos peixes vermelhos flores subtis perfumes quentes cores triviais recantos de sombra lugares comuns esconderijos giros para a gente brincar. Não me lembro, ah que pena

os namorados sim os namorados devia haver nos bancos do jardim ou perdidos passeando de mãos dadas falando ou calados apertadas,

não me lembro.

Depois depois (mas isso também não sei já, tão curioso invejoso dos tempos passados como se tudo tivese parado acabado ali)

depois que os anos vieram e todas as coisas com eles vieram (e só talvez isso: anos e anos que vieram sem nós carmos por tanto, tempo gasto a gastar tempo horas mornas paz podre escorrendo para trás e sempre as mesmas e sempre o mesmo, a mesma merda, e esta, sabeis? somos nós parados presos num tempo (paz podre) que não era o nosso ou o que nós queríamos que fosse o nosso mas foi o que nos deram (achámos) e ali aqui ficámos por não ter outro por não poder não saber conquistarmos outro.

...daqueles jardins chamemos-lhes **fantásticos** como se não bastasse para um pequeno jardim de bairro não ser apenas o pequeno Jardim Constantino do bairro da minha infância ou o pequeno maior todavia Jardim do Matadouro da minha infância — e eu tive infância? e eu fui além lá para trás outro? Edite Pinheiro Saraiva Ilda dos Santos Lopes Adelaide Luísa Bartolomeu Manuela Castelo (a Necas) Maria de Fátima Mascarenhas de Vasconcelos quem fui? onde estão? quem fomos? que fizemos de nós? e o Vasco? o Paulo? o Randolfo? o Alenquer? o Braumann? o Nunes Ferreira (também chamado o Puto Raivoso, o Carocha Assada)? e a Menina Isaura, que me ensinava o João de Deus e o Schmoll até à «Primeira Valsa»? e a minha professora mulata, cabo-verdiana ou lá o que era, Dona Principlina da Conceição Larouco? uma infância é isto: nomes caras voltadas de longe para nós palavras dispersas um longo sorriso furando o tempo passado.

...daqueles jardins tudo se desfez do que era notável e sólido ficou-me uma poeira pobre a pouco e pouco quieta confundidos misturados com outros na memória dispersos indecisos mancha de cor aguarela sombria alegre conforme quando me lembram uma paisagem calada esfumada na distância. Lembro — e uma dor a infância vinda de tão longe de súbito acordada uma dor sem nome que nasce e cresce dentro de mim em espanto e miséria a infância para sempre perdida

a nossa infância

para sempre perdida fita-me no fundo dos olhos e, suspenso, calado, como se a visse pela primeira vez, fico calado sufocado de solidão e medo, num súbito pavor, procurando com o olhar muito para trás, numa paisagem serena muda, o outro que fui.

Edite Pinheiro Saraiva, lembras-te? Maria de Fátima, lembras-te? e vocês, aí: Vasco Paulo Randolfo, lembras-te?

essa infância esses pequenos jardins perdidos

somos nós.

Decerto esta cidade é a mais bela de todas as cidades do mundo. Ao pé da prisão, ai dos presos coitados contando os dias! há um jardinzito e ali um miradouro, vê-se toda a cidade e como é grande como é bonita e para lá das últimas casas as searas e a mancha parda dos montados e dos olivais.

Num lago

os peixes vermelhos ou cor-de-prata voavam na água escura do lago e amavam-se colados pela boca via-se que eram felizes que eram livres. Não assim eu. Horas sem fim atento aos seus jogos e lutas de amor, como atento e calado o presidiário fita o mundo por detrás das grades e cisma calado contando as horas. Como imitar os peixes, agora? onde uma boca para beijar? onde fui serei livre? onde a Amada?

Vou pelas ruas da cidade e sou toda a cidade. Eu estou em todos os rostos nos risos em toda a parte onde há uma voz uma cara um riso aberto. Vou de companhia, liberto, nos

risos dos outros, voo de rosto a rosto nos cheiros dos corpos nos olhares dos namorados (Olhos parados a rir noutros olhos, olhos de namorados. Lanço-lhes a mão e agarro-os, como se fossem para mim, e oiço de longe a sua música). Peso fortuito (furtivo) girando sem órbita certa, sem destino conhecido, mas gostando de estar. Um sangue com corda. Estou na minha cidade e vou despido, aqui a luta é violenta e desleal, é tudo conquistado à força de muque e arrogância, mentiras que não somos nós nem são parecidas com nenhum de nós. Vou andando e assobiando a minha música de revolta.

Sigo os namorados nas ruas espreito-os nos bancos dos jardins oiço-os falar de longe onde só os risos os gestos mudos se entendem reparo nas suas mãos quando se apertam criam suor juntas repetidas nas bocas como se colam sufocadas unidas nos olhares como se prendem, atiçando-se (**Olhos parados a rir noutros olhos, olhos de namorados. Lanço-lhes a mão e agarro-os**, etc.). Apanho um olhar de namorados um riso leve no ar e sinto-me mais triste e mais só. Ah namorados não posso com a vossa força, como fico triste e mais pobre junto de vós, ó namorados. Ah namorados, quem (ninguém!) pode com a vossa força?

Domingo de manhã fui com a Amada para a praia nos rochedos junto do mar vi pela primeira vez seu corpo nu feito espuma e onda. Ficámos calados (como quem está só) escondidos de todos à beira-água (como quem a ama, apetecendo-a como os suicidas), o seu corpo cheirava a maresia (cheiraria?). Numa grande doidice de beijos e carícias leves beijei seus pés de espuma macia... em lírica, diria: **pés de sereia;** em realística, diria: **pés de virgem (feia)**; em novelística, da antiga, diria: **pés de deusa brinca-brincando na areia;** em novelística, novíssima: **patitas catitas de centopeia**..., beijei seus pés; por ali mesmo a comecei a beijar Caprichos de libertino: o corpo da Amada ficou lá nos rochedos à beira-água onda infatigável desfeito liquefeito brisa de maresia pairando no bafo quente do ar e eu guardo no meu quarto na minha colecção mais um sexo de donzela conservado em álcool e memória, numa mistura fácil de três por dois, tintos.

A casta beleza do ventre duma grávida: pousa a mão devagar em cima dessa carne, terra sagrada, e ficas repassado de mistério. Um novelo de carne ainda sem nome sem rosto sem destino certo cresce oculto leve livre, mola de incalculável poder, uma vida às cambalhotas lá dentro que vai anunciar-se num grito o primeiro grito. A mão corre amorosamente sobre a pele tensa pesa no ventre é uma ameaça e o feto encabrita-se escorrega foge tomado de um súbito pavor. Talvez chore. Mas a mãe, que tudo sabe e de tudo o protege e guarda, não chora, sorri. Um orgulho cresce no seu olhar, o pacto lealmente cumprido, a dádiva maior ao Amado, o seu sangue (dele, dela) moldado em carne nova transfigurado num corpo livre. Ah, não ser eu a grávida e saber-me deus!

O conspirador que conheci em França durante a guerra já não sei de qual partido foi preso julgado condenado à morte fuzilado já não sei por que partido nem nunca saberei quem tinha razão ou se havia alguma — quem tem razão diante dum morto? quem pode erguer a voz diante dum corpo pobre corpo tombado parado furado de balas? Lembro, isso lembro, o grito do condenado que era o seu último adeus para terra grito que ninguém percebeu porque as balas **zut! zut!**... iam mais alto e fosse o que fosse o que ele queria dizer **zut! zut!**... o vencido o para sempre calado o já sem voz nenhuma para vida nenhuma **zut! zut! zut!**... era ele. Talvez chorasse. O conspirador que vi fuzilar em Fran-

ça... ai! esta minha mania das grandezas... o conspirador era sou eu, eu preso sem julgamento condenado à morte enterrado vivo na minha cidade no meu país, eu amigo do mundo, eu elemento perigoso, eu inocente lúcido desterrado no meu país, meu tão desgraçado país, oh meu pobre calado tão triste país! Eu, cínico e só.

Mas nem tudo são desgraças: eis que me trazem caracóis. É o meu puto um velhaco de quatro anos que foge de casa manhã cedo e por lá na rua se governa todo o dia sei lá como, que traz caracóis para o velho abade do Pai. Caracóis, sabeis, é comida de sustância, peitoral, faz (dizem) tesão. Eis que de repente tudo se transforma um andantino grave varia num allegro peitoral e por toda a casa um quarto grande cheio de sol se enche de cascas leves quase uma concha sonora cozidas e mortas mas inda assim alegres sustantivas. Creiam ou não creiam na vida do artista sabe-se lá quando é verdade o que ele diz o que faz o que fez, sonhou, pobre tarata patarata patetarata que escreve sonhando ter nas mãos a terna fugidia eternidade, uma dose um prato cheio de caracóis arranjados sabe-se lá como, com que manhas artimanhas patranhas gatimanhas de puto vadio, enche de repente um quarto muito cheio de sol de um calor novo que já ninguém esperava. Se me preguntardes: gostas tu de caracóis? direi com jovialíssimo rosto: gosto. A fome mata-se com pouco: dez balas, uma (certeira) e **zut!**... ninguém já tem mais fome, duas balas (uma, certeira) e **zut! zut!**... ninguém já sabe mais nada. Mas não falemos de balas, agora a história mete caracóis e as cascas finas de riscas espiraladas em tons azeitonados ou negras ou brancas enchem o prato tão leves quase espuma, e um irmão meu, um caracol do Algarve, vindo talvez de propósito encher esta página dizer-vos uma vez mais e ainda que não somos nada, ele, caracol que o sabe bem! e numa massa tenra (quase um ranho) de animal morto — tenro morno cozido calado morto — fuma comigo um derradeiro cigarro à falta

do vinho que não temos, prazer que os deuses ensinaram aos homens e era agora tão preciso precioso e sábio que, mesmo imaginando-o, o quarto cheio de sol se encheu de repente de calor cascas vazias caracóis um barulho um alvoroço uma alegria que nos diz que vos diz se o entenderdes bem (gosto destas segundas-pessoas do plural, a darem gravidade à fala) que vos diz que estamos vivos, nós caracóis sem com casca recheio animal pimenta calor sol bom vinho nas almas.

A timidez da feia que o sabe entristece-me cá no fundo. Se todas as outras moças bailarem no grande largo e as mais raparigas foram para o bosque com os namorados e os seus gritos de amor se ouvem nas praias do rio, a feia sentada ali chora que ninguém a vê. Vejo-a eu: e agora a chamo e lhe digo como a minha alma está deserta.

As graças que a outra tinha não nas sei. Veio um dia e levou tudo: o teu lugar na mesa o nosso passeio aos domingos o silêncio feito de calma e cansaço depois dos minutos de amor. Mas vou vivendo, obrigada, ora essa, pois então... Não era assim que estava previsto? era preciso que gritasse que chorasse que

Que farei agora de mim? (No passado me procuro).

CANTIGA DE AMIGO: «em resposta à sua carta digo-lhe que não estou zangada, mas sim aborrecida por certas coisas que oiço dizer à sua mulher e a minha mãe. É natural que estranhe a minha carta mas foi escrita num momento desesperado em que não me contive. Nunca esquecerei o sentimento que me inspira. Amanhã devo sair às 8 e 15 para ir a casa de uma colega e depois à missa passo pela Paulis-

tana. Nunca esquecerei os momentos felizes que passei a teu lado e o amor que te tenho. Maria Eugénia.» (Fotocópia está conforme)

O miúdo que vende jornais naquela cidadezinha de província parada pacata pategа é a primeira coisa que se vê na cidade, parada pacata patega. Quando chega o comboio da noite, a voz do pequeno ardina (que não tem pai nem mãe) corre pelas ruas e praças espanta a passarada bate nos prédios faz abrir portas e janelas fura a escuridão

saem gritos dos seus olhos a sua cara de menina pede beijos e carícias uma ternura diferente

as pessoas compram-lhe o jornal porque não podem comprar o silêncio do pequeno órfão e toda a cidade é um remorso inexplicável, inexpiável. Irás comigo, irmão, para a próxima jornada. Até ao Outro Lado, seremos dois.

A nossa velha tia solteirona que há-de morrer um dia destes quando vier mais frio foi a santa amante da minha infância. Pois não era ela que me embalava e beijava quando no quarto ao lado meus pais faziam aquilo e me esqueciam (traíam) abraçados? Muito, já muito antes de nós nascermos a nossa velha tia, a tia Arminda, por exemplo, a telhuda a rabugenta a desdentada risonha a tarada amiga dos gatos e dos vasos com avencas e cactos, a que fazia enxovais e malhinhas bonitas para os bebés desconhecidos que nasciam no hospital de mães desgraçadas, a tia Arminda, minha madrinha minha mãezinha, esperava (imaginando) as minhas graças de criança e amava mas sim amava! dum amor certo e casto o seu quarto de solteirona as coisas do seu quarto a arrumação tal-e-qual-sempre-a-mesma do seu quarto. E sabia mas sim sabia! todos os casos de amor e namoricos da vizinhança. Oh, as histórias

de namorados... como gostava de as ouvir... e como sorria... e como as fazia suas, talvez, nas noites vazias do seu quarto... a tonta a meiga a taralhouca a velha a tarada amiga dos gatos e dos vasos com avencas, com cactos... como sorria quando me embalava... me beijava... a mim, o filho que não teve... quando eu fugia, soluçando, para o seu colo... a mansidão dos seus beijos... a beleza do olhar parado... parado...

Soube-se à noite: a Maria atirou-se ao rio e perdeu-se lá no fundo cheia de paz esquecida a passear. Encontraram-na depois no açude parada meio-despida carne apodrecida roxa roída amachucada. Um corpo desconjuntado e feio, assustado (**estrapaçado**, como diz o povo). Carne morta. Parada. Calada. Só. Lágrimas, de que valem agora? gestos de perdão, qual vida lhe podem já dar? palavras de piedade, que cinismo! Lágrimas vão chorar os seus cabelos quando a tirarem do rio e nas mãos vazias abertas haverá perdão para todos, nós que sabíamos da sua dor ao perder o Amado e nos calámos. Palavras de piedade?... um corpo morto não pede piedade nem palavras. Feliz Maria!... era tão fresca e tão pura a água no fundo do rio... A água do rio lava a cidade de toda a merda.

Pela estrada dos eucaliptos a estrada do Alentejo há-de vir um dia. Deitada nas palhas da eira sufocada de calor e seiva o esperava ainda há pouco, quando fui do moiral de gado e lhe dei todo o prazer que podia. Mas que tem o moiral de gado com a minha espera se nele não encontrarei o que buscava, esperando, o Amado, que há-de vir um dia pela estrada dos eucaliptos? à tarde, sim, será à tarde, ao anoitecer, a uma hora triste uma hora solene e calma que ele nunca mais esqueça e eu trago comigo mesmo quando durmo. E ficará a saber que era para mim que vinha; e ficarei conhecendo quem esperava.

Bebe o mel do meu sexo, Amada! Vê como altivo te contempla cheio de sangue saúda o Sol e o desafia, deus criador como ele, como ele fecundo indomável!

Bebe o mel do meu sexo, Amada! Vê como pede a tua boca, os seus beijos, a cálida esperta húmida doce língua!

Bebe o mel do meu sexo, Amada! o acre lúcido mel purulento que regurgita e explode em ondas mornas em espuma, sacode o nosso corpo inunda a tua boca às golfadas de sangue puríssimo sagrado original.

Bebe o mel do meu sexo, Amada! o meu sangue, todo o meu sangue, Amada!

A bolinha salta na roleta fica a girar a girar deixou de se ver. Toda a angústia que faz a beleza do jogo foge para a cara dos jogadores, são eles os vivos. Talqual o ventre da grávida: pomos a mão sobre e sabemos um pequenino mistério gira ali dentro oculto livre. Talqual o riso da Amada: quem soubesse o que se esconde nele! quem rasgasse a sua solidão a sua intimidade! Talqual o grito do condenado: quem adivinhasse o que ele então sabia, já vira! a força do seu protesto da sua razão, o que nos queria dizer. A bolinha dá um último pinote, salta, pára. Perdi tudo perdi.

Prá minha cela atiraram-me um pão duro (envenenado); a água da bilha, bebi-a (tinha bichos). Hoje um raio de sol quis entrar cá dentro e cuspi-lhe. O desprezo dos homens, que me importa? Sabiam que o meu destino era este (Ela sabia) e não mo diziam por piedade. Que importa? não queria sol nem pão nem água nem piedade, apenas que, onde estiver, por um segundo apenas, a Amada, aquela a única se lembre agora de mim.

Tarde demais, amigos. Nada a fazer agora estou pronto. Não tenho safa, parece. Saio do camarim assobiando: **A vida me aborrece a morte quero,** balada em voga, para o maior número do espectáculo, a minha rábula, prometido no cartaz e já previsto há muito, isto é, a mágica inevitável levitação sonâmbula a muitos mil metros de altura (tantos!... ai a minha mania das alturas... perdoem se exagero) e depois o salto mortal lá mais pró fim, no trapézio sem rede sem esperança sem avè-marias sem nada. Olho para baixo, sinto o medo dos tipos da plateia, uns cagões, mortos do medo que devia ser o meu, e eu tenho, rapazes! e eu escondo, cavalheiros! detrás da minha fatiota larga, sarapintada, cetim fulgurante a sete e quinhentos o metro, fato de palhaço barato para melhor e mais os intrujar, ofender, insolências de polichinelo feitas a rir para gente que dá vontade de rir — e quem neste tão suave país não há-de querer rir, mesmo com o rabo cagado de medo?

Atiro o chapéu e lá vai ele a rebolar pelo ar, levando agarrado o meu chinó cor-de-rosa; em pontapés raivosos de boneco, largo as calças e mostro umas ceroulas encarnadas; dispo o jaquetão e lá vai ele a saracotear feito espantalho voador, pássaro tosco, sem cabeça nem destino certo; estou agora preso só por um braço à barra do trapézio e trinco uma banana, com trejeitos de macaquito. Finjo que me solto e vou cair, dou um grande grito, eles gritam também todos, arfam (serão asmáticos?) tudo a fingir, a fingir pois que compreendem a minha aflição, gesticulação, representação, mastigação ou reinação. O que eles gostavam, o que tinha verdadeiramente graça para eles, eu sei, era que tivesse uma morte rápida, espectacular, sublime se possível, ora essa! ou que fosse tudo a fingir, como eles fazem (gostam), uma coisa breve que os arrepiasse brevemente (evitai o pânico!) que não os fizesse desconfiar se estou a rir ou a sério, ou de quem me rio, afinal, se deles ao certo se da morte certa que me espera lá em baixo,

quando os tambores começaram a rufar (como é seu dever), reconciliado, parado, calado, perdoado e consentido já, rindo todos, estatelado, desconjuntado no meio da pista, estrapaçado como diz o povo, rindo também — e é tão fácil a um morto rir! e é tão fácil rir dum morto!... Esperem, esperem!

Os tambores vão atacar num rufo calculado cúmplice da minha morte e eles sabem-no, apressando-se, a uma breve explosão de som vinda do fundo do circo onde está a charanga que chega aos meus ouvidos como um aviso, uma sacudidela que palpita dentro de mim apressando-se, até que tudo esteja de novo em silêncio como dantes, como o silêncio dessa infância que me chega, perdida, como o rosto de minha mãe parado, perdido, já sem nome nem riso na sua cova do cemitério de Bucelas: um rosto sem dor nem palavras, quieto e calado, com dois buracos nos olhos meu pesadelo! os seus olhos claros cheios de lágrimas secas um pouco de terra ou lama podre (Se lhes dissesse, neste trapézio de palhaço, livre como um pássaro, ágil como uma sombra, triste e resoluto como um suicida, se lhes dissesse quanto me sossega saber que ela não está lá em baixo a ver-me... e, quem sabe?). Então lhes atiro com raiva e nojo o meu corpo dolorosamente repartido, cientificamente granulado, desmedidamente disperso pela cidade. Tacteio o ar procuro a Amada quero a minha mãe, — a infância perdida a liberdade perdida.

Não gosto de gente velha. Bicharada moribunda pegajosa parasita glutona das nossas vidas, com suas trapaças, a voz pausada lenta, cheia de gosma, saindo silvando das dentaduras soltas, baba, caquexia. Não gosto. Doidos espertalhões. Loucos tristes. Moribundos tenazes (arganazes). Olho o País da Gargalhada e rio convosco. Choro, talvez, oh que vergonha! Oiço o tambor. É agora!

Este não é o tempo, Amada, que escolhemos, não, este não é ainda o tempo que queríamos para nós. Olha o mar como é livre apetece inveja o mar como respira e ama acordado movente livre. Vamos barra em fora descobrir a Ilha vamos livres inventar outro tempo para nós, Amada,

livres, livres, Amada!

VARIANTE DO ANTERIOR: Das crianças no largo além vem-me todo o sol desta hora; da memória dum amor antigo esquecido perdido traído a beleza desta melodia. Fico a olhar o largo pela tarde fora. A vida é breve, a morte certa mas isto esta paz este silêncio as crianças brincando, isto já não me tiram, ninguém mo tira. Foi meu.

Vagarosamente reconstituo um corpo uma maneira de falar de amar. Pouco a pouco reconstruo um quarto um silêncio uma penumbra atenta um corpo nu borrando de carne, de cor-de-carne, a brancura dum lençol. Silenciosamente tu, Fátima, me apareces nua como da primeira vez nua na tempestade da tua entrega. Caprichosamente o mundo nos separa e as lágrimas que chorei formam um lago de águas claras que me restitui a tua imagem sorrindo como outrora. Nela me revejo, um outro que fui, sorrindo como outrora.

Na tua pele um tecido palpitante de luz e sombras um calor brando. Na tua boca uma suave aragem um riso que pede beijos. Na corola do teu sexo o desejo aberto do filho que não tivemos. Pouso a mão vagarosa no teu ventre beijo a engraçada concha o teu umbigo e a pequenina criança que nos ligasse para sempre com a teia dos seus risos e falas cordão indissoluto força maior contra a morte o amor esquecido traído cresce sozinha diante de mim na gravidade duma cripta obscura onde ressoa vindo não sei

donde oculto o eco dos teus passos. Fátima, Fátima, onde estás? que fizemos de nós? onde quando nos perdemos?

Disseste: «...isto não podia continuar assim, queria ser tua mulher, não estou para ser tua amante toda a vida...». Disseste depois: «...não gosto dele, mas ele quer casar comigo, tenho de pensar no meu futuro...». Disseste ainda: «é a última vez que estamos juntos, tem de ser, custa-me, mas tem de ser, deves compreender...». Disseste por fim a pior palavra: «...adeus...». Ouvia, calado, olhando-a nos olhos fugidios, e a tudo o meu coração respondia, num espanto: mas, porquê? porquê?!

Se depois houvesse futuro, quem não o desejaria também?

Se também houvesse futuro para nós, como o não o sabíamos já?

Se depois também houvesse futuro para nós, quem não amaria o presente princípio necessário desse futuro?

ALGUNS AFORISMOS A-PROPÓSITO:

= O futuro é contra as mulheres. E elas sabem-no.

= O amor humano (1+1=1, copiado do Almada sem saber) arreceia-se do futuro (o tempo que passa).

= Ama. Ama muito, ama muitas. Ama muito em muitas. Ama como te apetecer. A tua dignidade está no teu corpo, é o teu corpo: repara, não tens maior beleza.

=Corpo morto aguenta muita fome. Corpo sem amor está morto.

= **O amor é um sentido.** (António Maria Lisboa).

Vem a noite e o silêncio. Noite infinda, noite do nosso inverno, sem calor e sem esperança, paz podre, ó noite portuguesa!... Uma a uma abrem-se no lusco-fusco (como se diz) pequeninas chamas e paradas fixas ou trementes brilhantes nos fitam ao longe no buraco da distância. Com o sorriso defeituoso de quem chorou muito, uma ternura larga de quem chegou agora e não espera já mais nada, a poeira toda do caminho para andar e a alma mole: vista daqui deste silêncio até a cidade tem grandeza. Naquelas ruas entre as casas as luzes está a Amada, é ali que respira e anda e ama (quem sabe?) nesta aventura sórdida que vivemos empurrados por estúpidos, condenados por juízes loucos, castigados por todas as polícias, sufocados por velhos, gente imunda todos, bicharada rasteira moribunda peganhenta manhosa crápula; aquela uma luz pequenina é talvez o seu quarto talvez um sexo fluorescente (como quem sabe atrair os olhares) a sua voz um grito — por quem chamas? que nome dizes? a sua voz um grito parado sufocado como quem já não sabe por que razão gritar.

Poeira pobre; cinzas quietas: **uma voz** — perdida parada sufocada esquecida; **um rosto** — afogado esquecido perdido traído desfigurado; **um corpo** — parado caído pasmado perdido abandonado; **a casa** — deserta; **a memória** — morta.

Afasto-me da cidade, a minha cidade, as luzes brilham ao longe (como quem espera ainda; pode esperar) cada vez mais unidas mais fracas esbatidas agora numa solitária mancha esbranquiçada clarão silencioso soprando para a

tristeza da minha noite uma débil pequenina voluntária esperança (a venenosa esperança!) talvez traidora todavia, a leve (quase uma) certeza que para trás, escondida mas não esquecida não traída nascendo nas mãos dos namorados uma aleluia acorde

nas mãos dos namorados na semente oculta crescendo oculta só a mãe sabe aonde (onde os velhos o não saibam)

na flor do sexo

no riso da tua boca.

A VELHA CASA

Perdera a chave da porta, nem sabia onde. Teve de bater como se fosse um estranho. Uma rapariguita veio abrir.

— Ah! é o menino... — e foi a correr para dentro, deixando a porta escancarada.

— Minha senhora, minha senhora, é o menino! — ouvia-a gritar depois, com alvoroço, lá para os fundos da casa.

Entrou. Podia agora fechar os olhos e caminhar a direito: sabia oh se sabia! onde estava cada coisa, onde um quadro na parede, um móvel, uma begónia no seu vaso solitária, onde o relógio metido na caixa esguia como uma múmia, o contemplavam fixamente. Sabia oh se sabia! os cheiros; o calor das fitas quentes de poeira espelhenta doirada do sol entrando pelas frestas das gelosias e abrindo no espaço dos quartos virados ao Sul paralelas fitas de sol; sabia oh como os lembrava! os ruídos familiares discretos secretos permanentes da casa, embalada pelo motor de serração de madeiras do Casal de Santa Luzia. Trazia, trouxera sempre consigo tudo aquilo calcado no seu corpo, enterrado nele e vivendo, ainda, apesar de tudo, como semente oculta que não se sabe quando, talvez um dia vai germinar, crescer, subir até onde se não sabe, como a dor sobe dentro de nós até atingir um limite imprevisível. Tudo o que nela permanecia quieto, inviolado, calmo. Não já assim com as pessoas, coisas fugidias, espantosas e

mudáveis; coisas moventes melindrosas frágeis. Fechou os olhos. Entrou.

Sabia: o corredor tinha onze metros; à direita da porta que dava para a escada havia um desvão ou desvio, pequeno, dois metros nem tanto, com uma porta que dava para uma saleta pequenina, conchegada, quase sempre fechada e sem ninguém: «a sala verde», assim chamada por causa dos estofos das cadeiras e da cor do reposteiro, pesado e cheirando a um pó muito velho e denso. O corredor: à direita, quatro portas; ao fundo, outra; à esquerda, cinco portas. Caminhou onze metros, entrou pela porta do fundo, lá onde a mãe o chamava. Um silêncio. Estava na cama, não sorria. Tinha um olhar frio, fixo.

Disse: «Meu filho...» e ficou quieta, calada. Talvez nem mesmo tivesse mexido os lábios. Mas que o olhava isso era de certeza. O olhar da mãe rasgava um buraco no seu peito, pesado como uma mão que aperta e oprime. Esteve uns momentos ao pé da cama quanto tempo! sem dizer nada. Notou, estranhou o rosto dela: não ria como dantes e notou, estranhou a face torcida, arrepanhada num dos lados, o esquerdo, com a gengiva descarnada à mostra. E o abandono do braço, caído molemente ao lado do corpo vestido. Voltou-se, numa decisão súbita, e entrou no quarto ao lado, o quarto das crianças. Não estavam. Nunca estavam. Talvez na escola. Sim, noutro tempo sabia os horários deles e as horas a que entravam e saíam do liceu, agora já não sabia nada. Imaginou como estariam crescidos, é natural, as crianças são assim, crescem, afastam-se de nós, cada vez mais distantes e alheias. E pensou que, se o vissem agora, o olhariam com estranheza, não, não bem isso, com uma cerimónia misturada de desconfiança. Sim, isso. Seria isso.

Agora, o corredor com onze metros e portas várias À direita, saindo do quarto da mãe, era a porta do seu quarto; defronte desta e ligando, também, por outra porta para o quarto das crianças e deste, por outra porta ainda, para o da mãe, no recanto (ou empena) do prédio

um quarto que fora de muita gente, onde morreu a madrinha, onde a Fátima (...); calculou uns passos, uns metros mais e entrou no escritório do pai que tinha (o escritório) duas portas para o corredor: uma sempre fechada, ao pé do piano, outra não; e outra ainda, que dava para uma salinha onde estava o outro piano das lições e a telefonia e os cavaletes do pai; e mais duas portas, estas para a sacada da rua com os ferros do gradeamento a ficarem negros ou sujos pela tinta que iam perdendo. Entrou no escritório e viu o pai, pendurado na parede, oval, a mão fina encostada ao queixo, talvez meditativo, numa posição rebuscada, de artista. Muito silêncio em volta.

Disse: «Meu filho...» e pareceu-lhe que deitava um pouco de sangue pela boca, sangue negro e reimoso, aquilo era com certeza úlcera cancerosa no estômago. Estava a desfazer-se por dentro; talvez roído, se o cancro é aquele bicho com mandíbulas como representam os cartazes. Ficou uns momentos calado e depois, cansado, sentou-se na cadeira «à Voltaire», de um estofo de uma espécie de oleado ou carneira, negro, muito frio. Fechou os olhos. Cansado, muito cansado.

Foi até à estante do fundo, por detrás da alta secretária do pai com tampo de correr, ondulado, e passou a mão pelos (talvez) 17 volumes encadernados a negro da **«História da Guerra Civil»**, de Luz Soreano; e a **«História de França»**, de Henry Martin, dois volumes (ou sete?), vermelhos com doirados; e o Júlio Verne, 80 e tal livros, uma prateleira inteira, encadernações em cores sombrias, edição David Corazzi, com gravuras de sete em sete páginas, iguais às da edição francesa, onde se habituara a ler, descobrir países estranhos, terras longínquas, perigosas aventuras; e, devagar, com uma atenção imperativa, começou a ler títulos, lombadas, a procurar autores que sabia que estavam ali, vivendo no que tinham dito outrora e vivendo porque eram lidos ainda agora, a descobrir falhas, volumes mal colocados brigando com outros, alterações feitas

por mãos ineptas, e reparou, ao fim de muito tempo (quanto?) que estava tudo na mesma, talqual era, quieto, na sua memória, talqual aquando vinha para ali, nas costas do pai curvado à sua mesa de trabalho e tirava um livro ao acaso e lia. Olhou para as cinco portas do escritório: por onde saíra, por onde entrara a última vez? e agora? Foi até ao piano, um «Gaveau» meia-cauda. Desafinadíssimo. Com o dedo indicador espetado, ridiculamente erguido sobre as teclas, tocou sem um engano, ridiculamente, uma melodia já antiga. Um som dormente esvaziou-se pela sala, talvez tivesse surpreendido o silêncio da casa. Ninguém o devia ter ouvido. E saiu por aquela porta ao pé do piano, que raramente se abria, custava a abrir, voltou ao corredor que estava às escuras. Deu três passos, não embateu no armário do corredor encarnado (armário de pinho, pintado a encarnado), onde se guardavam os frascos dos remédios, sabia que estava ali. E, mesmo por cima, o interruptor da luz da casa de jantar, cujas portas se abriam para o corredor paralelamente às do escritório. A casa de jantar dava para as traseiras, onde se via a serração do Casal de Santa Luzia e tinha mais duas portas, as da sacada (ou varanda) das traseiras, cheia de sol sempre. Os seus dois rapazes estavam sentados à mesa, e tomavam leite com ovomaltine, com uma gula de rapazes expressa no olhar e nos beiços estendidos comicamente para a borda do copo, muito quente, a escaldar; havia uma deliberada alegria na maneira como punham manteiga no pão mole, quebradiço de quente, e o comiam à pressa, atafulhando a boca, quentinha e gostosa pelo sabor do líquido, adoçado com exagero. O mais novo até punha açúcar no pão, empastelado por cima da manteiga e era aquilo motivo de constantes zangas risonhas com a velha ama que os olhava a rir, num riso de caveira satisfeito. Não o deviam ter visto passar vagarosamente para a porta da varanda (ou sacada), que não conseguiu abrir. Olhou o mais velho: olhou-o bem de frente, como coisa sua. E notou-lhe um ar altivo, talvez (senão fosse tão novo ainda) pudesse dizer-se quase desdenhoso. E notou mais: a seriedade um pouco inquieta com que o fitava, como se calava, cerrado dentro de si, quando o fitava. O outro, seis anos, talvez sete, era todo risos e folguedos. Ria agora. E apontou com o dedito, espetado para ele, riu-se para a velha criada (quase uma ama, quase a mãe das crianças, desde que a mãe se fora embora com a Luísa, a mais velha dos três filhos), e perguntou: «Quem é?».

Saiu da casa de jantar, apagou a luz no corredor (por cima do armário encarnado) e ficou às escuras, ouvindo ainda o riso das crianças. Compreendeu, como sei lá o quê, compreendeu bastante bem que era um riso de infantes. Trocista. A navalhada cobarde de um cúmplice traiçoeiro, vinda fora de tempo, inesperada e sabida, prevista desde há muito. Pensou voltar à porta do fundo, ao quarto da mãe, a pedir qualquer coisa que não sabia ainda o que era, o que fosse, o que seria, — mas fazia tanto frio ao pé dela! E andou assim um bocado no corredor sombrio, de cá para lá, às apalpadelas, batendo, quase arranhando as portas que encontrava e sabia donde eram todas e o que por detrás delas se fazia ou passava, à procura, talvez fosse apenas isso, à procura duma voz.

Eram portas fechadas. No corredor havia, pelo menos, cinco dum lado e quatro do outro, já não contando com a porta do fundo que dava para o quarto da mãe e a porta da rua, para a escada, e a outra, no desvão à esquerda de quem saía e à direita de quem entrava, que dava para a sala verde. Eram portas fechadas, mas que bastava empurrá-las, abriam-se logo, silenciosamente, como num filme mudo. Abriam-se, parecia, ou talvez continuassem fechadas, erguidas diante de nós num silêncio espantoso, inviolável. Finalmente, depois de muito ter andado e procurado, abriu uma porta ao acaso: era a da casa de jantar, outra vez, mas já ali não estava ninguém. Ou melhor: havia um vulto, ou a memória de um vulto, talvez, sim, sentado à mesa, encostado, a cabeça descansando nos braços cruzados, num grosso almofadão e um cheiro enjoativo a pós de Abissínia impregnando o ar abafado e morno; abandonados sobre a

mesa, empurrados para longe do almofadão num gesto de impaciência ou cansaço, havia papéis, papéis com desenhos, esboços. Devia ser o pai, num dos seus ataques de asma. Dormia, agora. A dispneia abria na escuridão uns silvos entrecortados de pausas longas, guinchos pausados que deviam parecer estranhos a quem não soubesse o que era. Não o acordou (ninguém podia acordar o pai nessas alturas). Sentou-se à mesa e procurou nos velhos papéis, rabiscados nervosamente, um retrato seu feito pelo pai noutro ano mais antigo, talvez também uma carta, uma referência qualquer para saber onde estava. Para saber quem era. E o que fazia ali, ainda.

E achou-se de novo no corredor, agora mais adiante, com um cheiro a comida nas narinas, ouviu conversas vagas, uma (que devia ser) voz de mulher, talvez da rapariga que lhe abrira a porta da rua. Era ali a cozinha. Lembrou-se daquele cheiro: açorda de coentros, ovos escalfados por cima, azeitonas, talvez uma sardinha assada mergulhada no caldo onde boiavam bolhas de azeite e o alho esmagado no almofariz. Um fumo de calor, cheiro bom a comida quente, risos, vozes baixas em volta. A família. A Casa.

Veio-lhe de repente a ideia, uma ideia diferente e querem saber? intensamente dolorosa. Uma ideia que eu não digo. Qualquer coisa mais ou menos como: que não comia açorda de coentros, feita assim, à moda do Alentejo, há muitos anos. E que saborosa estava! pensou.

Ficou, de repente, quieto, pois ouviu um barulho estranho atrás de si, lá para o fundo do corredor. Uma reza, uma gritaria amalucada, gritos de ódio e dor, que seria?

Escondeu o rosto nas mãos e meditou. Abrira já todas as portas do corredor? percorrera toda a casa? encontrara o que queria, aquilo que viera buscar de tão longe? Abriu outra vez as portas que ia vendo de um lado e outro do corredor, até que chegou à que ele sabia que era a do seu quarto. Aí parou, a ouvir. Nada. Abriu-a, de repente, numa decisão súbita, talvez desesperada.

Um rapaz que estava sentado a uma mesa levantou a cabeça do livro, pois era míope e lia muito próximo das páginas abertas, e olhou-o. Sem espanto. Com uma certeza misturada de amargura. Viu que tinha o rosto cansado, as pálpebras sonolentas, uma boca cerrada e nenhuma ironia no olhar. Esperava-o, talvez. Reparou que tinha um princípio de calvície, pelo cabelo não se escondiam já uns cabelos brancos, seriam talvez mais horas mais tarde. O fato era miserável, sujo, gasto; em nada se parecia com um rapaz estudante, o mesmo, por exemplo, que ali estava naquele quarto presente no seu olhar, de certeza vivo em qualquer parte dentro dele, arrancado de si mesmo e posto ali sentado numa cadeira a uma mesa com um livro aberto na frente a estudar.

Na mesa, diante do livro, um pouco para a esquerda, um retrato de rapariga. Singela, era o nome que melhor lhe ficava. Ria-se para o rapaz ah! isso era mais que certo. O rapaz sorria para ela, quando os seus olhos se encontravam. Havia uma promessa de filhos naquele mútuo olhar. Um calor que se espalhava à volta e se abria em gargalhadas cristalinas, juvenis. Um grãozito de pureza e calma. Um momento de silêncio. Então, estendeu a mão e agarrou o retrato da rapariga, aproximou-o dos olhos e olhou-o com atenção, muito sério, mas sem severidade no rosto. Tornou a pôr o retrato no mesmo sítio sem que o rapaz tivesse dado por nada. E veio até à janela, que não conseguiu abrir, queria respirar fundo e não podia. O barulho da serração do Casal de Santa Luzia parara havia muito. E um raio de sol brincava no pêlo de um gato branco, estendido num terraço, para as traseiras de um prédio na rua ao lado, a que ia dar ao Liceu Camões. O sol faiscava numa vidraça, acariciava o gato com seu pólen doirado, refulgente, e o gato dormia como se não fosse nada com ele. Roncava, devagarinho.

Então ficou a olhar aquele outro destino de gato, tão igual sempre, tão pacato. Tão senhor de si. Dominando e preenchendo o tempo na medida justa em que lhe fora dado. Dormindo (como um gato). Vivendo talqual. Um gato

Teve medo de olhar para trás de si e ver o rapaz (que estudava, olhando, por vezes, com um sorriso sem melancolia a rapariga do retrato). Teve medo de que eles o olhassem e lhe perguntassem, agora, o que queria. Para onde ia. O que tinha feito. Quem era, afinal. O que tinha feito? Que pergunta! Nem se lembrava, já. Quem vira nesse tempo todo? Tantas caras, tantas casas! Não distinguia nem se lembrava dos rostos, apenas algumas máscaras paradas, um nome ou outro, talvez uma voz... Só nomes e máscaras, e nem todos. Dormira, decerto. Um longo sono cansado. Como um gato, um vadio dum gato, saíra pelos campos fora, correndo parando dormindo por ruas e escadas, portas e telhados, descera andara perdera-se é possível, vadiara feliz ou infeliz — como um gato.

Um raio de sol, talvez outro, bateu numa vidraça (talvez outra) a faiscar como lume vivo, fazendo mal à vista. Fixou-o, obrigou-se a fixá-lo até lhe doerem os olhos, arderem, por detrás das lentes grossas. Até chorar. Pensou, num momento muito breve, que nada valera a pena, que fora tudo inútil, que o tinham roubado na sua ausência duma maneira afrontosa, duma maneira monstruosa e cruel, alguém ou todos assaltaram a sua casa, saquearam raivosamente pessoas e memórias, uma gente que era dele e era ele ainda, onde sempre estivera, que trouxera consigo (oculta em si mas viva) para germinar um dia, para reaparecer com ele outra vez, quando ele quisesse, igual como foi, igual a tudo como dantes. Enganara-se: fora traído e roubado. Talvez merecidamente.

Como um pequeno raio de sol jogando, brincando numa vidraça, espargindo num eco de luz para todos os lados, partindo-se em mil outros pequeninos raios de sol refulgentes e vivos, ele brincara também, ignorante e atrevido, inconsciente ou desgraçado, com uma qualquer coisa que não sabia bem o que era e aonde estava, mas existia ou existira, por certo, em qualquer parte. Qualquer coisa de frágil e temporário, datada, marcada com princípio e fim, envolvida em história e com uma história por dentro, qualquer coisa

negadiça mas teimando, rápida na fuga, pegajosa na queda, fria e quieta no silêncio. Qualquer coisa que era para ser ele e feita por ele, com uma casa em volta, risos e calor, um cheiro a comida quente, conselhos de pai mãe, carícias, por vezes um grito de dor ou ódio. Uma coisa cheia. Uma coisa (talvez) bonita.

Olhou para onde há pouco havia sol e já não o viu. E um silêncio definido (definitivo?) veio cair sobre ele, o peso da velha casa deserta, e obrigou-o a ficar ali, quieto e calado, com medo de olhar para trás, quieto e calado, como coisa morta.

O TEODOLITO

Estamos os dois sentados num canapé de palhinha. Enquanto a Umbelina me fazia furtivas festas sobre as calças, a berguilha e mais para a esquerda, eu percebia que o trabalho se ia desenroscando, desenvolvendo em brandas pulsações rítmicas, agitadas, em movimentos autónomos, preenchendo o côncavo das cuecas, vibrando na esperta mãozinha e transmitindo-lhe uma frenética actividade. Não sei por que ela, a Umbelina ou a mão? as mãos são órgãos inteligentes, voluntariosos, sábias, ela não descobria o membro, era tão fácil, bastava desabotoar duas ou três casas, abrir caminho, dar-lhe liberdade. Parecia uma peça mecânica, eu sentia, cheia de sangue, a tomar altivez, como os anéis dum óculo vão produzindo comprimento saindo uns dos outros até atingirem a sua própria real dimensão prática de óculo. Precisamente como o óculo que eu tinha agora entre mãos e estudava, apreensivo, calculando que era o óculo daquele teodolito que, por um acaso ainda e talvez definitivamente inexplicável, eu descobrira casualmente na despensa essa tarde ou essa manhã (pois a acção determinava-se agora muito mais tarde, pela noite dentro, são talvez onze horas, a Umbelina acabou de arrumar a cozinha, há visitas na sala e é agora que ela me veio beijar, cautelosamente, ao meu quarto) e eu, distraído dela, agarrado ao meu teodolito, digo mais certo: ao óculo que deve ser o do meu teodolito que descobri esta manhã ou esta tarde

(que importa? o calendário e as horas são uma invenção inumana desprezível) na despensa.

O culpado de tudo foi o Orlando Vitorino. É, quem não o sabe? um fascista e um grande velhaco e ainda é meu primo (por parte da mulher). O Orlando parece que tinha vindo cá a casa e eu estava para lhe fazer uma partida na varanda. A varanda tinha muitas portas que davam para os vários quartos e salas, mas todas elas fechadas aferrolhadas há muitos anos, era uma varanda larga e comprida, cheia de sol àquela hora e eu espreitava de dentro de casa ora a uma porta ora a outra, correndo de sala para sala, para lhe bater com um pau que era, casualmente, o cabo duma enxada sem enxada, destes que se vendem a dez escudos aqui em Almoinha. Um porrete de respeito. Mas ele escapulia-se e estava sempre noutro sítio da varanda, quando eu espreitava a uma porta já ele tinha fugido dum canto para o outro, ou mais à direita ou ao meio e sempre fora do meu alcance. O mais simples parece seria eu correr atrás dele pela varanda, zurzi-lo, sacudir-lhe a caspa da cabeça com umas traulitadas valentes, deixá-lo como morto, ou talvez não tanto, por causa da minha prima, a mulher dele, uma burguesona loira e abobalhada, a Nicha, que bonita prima para...; seria o mais simples, mas perdia-se o efeito da surpresa que eu queria, o susto, e havia qualquer defeito na varanda: se eu corresse por ela, impetuosamente, com o varapau no ar, a varanda estremecia muito e as senhoras assustavam-se com certeza, iam gritar com certeza, tinha a alvenaria cansada, toda podre as madeiras que a sustentavam, os ladrilhos já gastos. Seria isto? não interessa.

Aquele jogo de esconde-esconde com o Orlando começou a chatear-me e fui à despensa ou a um canto qualquer da casa deserta onde havia outrora quinquilharias abandonadas, coisas in-empenháveis, e trouxe um chuço mais com-

prido. Era assim como uma cana de pesca, gorda, embrulhada numa lona com atilhos e fechos de abotoar, o todo tinha um aspecto não direito de riqueza mas de progresso. Reparei, afinal, que não era mais comprido que o cabo da enxada, nem mais eficiente. Digo que não era mais eficiente porque o Orlando tinha desaparecido da varanda, não sei se puxado para cima, se caíra lá para o pátio onde havia o quintal com aqueles talhões de flores entremeadas de hortaliças, couves pernaltas, ervilhas-de-cheiro, duas laranjeiras pequenas, canteiros de salsa e hortelã, viveiros de alfaces, gatos a dormirem ao sol.

Desato o misterioso chuço, tão cuidadosamente enroupado e dou com uma espécie de tripé, com umas engenhocas por cima e outras dos lados e mais instrumental que não saberia nem saberei explicar porque nunca vira nem vi nem me interessa ver um ao pé. Era, com certeza, um teodolito.

Chamo a Umbelina, que me ajuda a estender os pés, com puxões fortes, creio que estava um pouco ferrugento nas juntas, isto é, em certos parafusos ocultos, mas endireitá-lo era o mais difícil, nisso ela ajudou-me bastante, porque ora ficava (fincava) um pé mais encolhido e os outros, desconformes, se abriam em largos ângulos com a vertical, ora os três se minguavam a um ponto quase a deixarem de se ver, e então tínhamos que nos deitar no chão, eu e ela, para espreitar pelo óculo ou mira do teodolito (não sei como é que se chama), que ainda lá não estava, no seu lugar. Ríamos bastante neste jogo, que se prestava a poses engraçadas, jogo aliás tão inocente que se podia brincar diante de senhoras, as mesmas senhoras, que, casualmente talvez, se encontravam na varanda à espera de serem recebidas por meus pais, apesar destes já terem morrido há muito tempo; eu calculava até que o teodolito tivesse sido de meu pai (ou talvez do meu tio Manuel, que era militar e engenheiro)

ainda que meu pai jamais tivesse mexido em teodolitos, ele era, afinal, um literato, faltavam-lhe apenas duas cadeiras e das mais fáceis, das semestrais (espanhol e italiano) para acabar o Curso Superior de Letras, outros se formaram com menos valor do que ele, mas era um literato falhado. Só sabia escrever cartas. Isto tornou-o muito perigoso, pois era hábil na lisonja e cortante, subtil, sacaninha nas reticências .... Essas senhoras deviam ser minhas primas, talvez as primas de Évora, que estão agora na sala em conversa, enquanto a Umbelina aproveitou para despedir-se de mim, dar as boas-noites ao seu menino com a ternura duma serva pervertida.

Quando o teodolito ficou montado logo reparei que faltava o óculo (ou mira?). Ora o que é um teodolito? Vou ver; diz assim o meu dicionário: «instrumento astronómico e geodésico que serve para medir directamente as distâncias e as alturas zenitais». Retenhamos isto: que serve para medir as distâncias. E o mais importante vem agora: directamente. Quer dizer, rapidamente, quase imediatamente, num **clin d'oeil.** Gosto deste francesismo: por isso o emprego. O nosso trivial **olhadela** (ou **piscadela**) exprime qualquer coisa de namorador, de intencional, sim, mas distraidamente, superficialmente, sem causalidade forte. **Miradela** ainda é pior, soa mal, deve ser (é?) nome de terra lá para o Norte. **Olhadura** e **olhadeira** parecem nomes de maleitas de animais, carrapatas de jericos a escorrerem pus e sangue, salpicadas de varejeiras peganhentas. Mas estou-me a perder noutra história.

O que são **as distâncias?** São as realidades. Ou por onde estas se definem e singularizam. Como não pode estar tudo no mesmo sítio, nem todos serem esse mesmo sítio, o caos inicial, as pessoas e as coisas afastam-se, tendem a fugir para os seus lugares próprios, com as suas fórmu-

las de conduta rigorosamente necessárias e próprias. Algumas voltam para trás, enrodilham-se; outras vão alargando cada vez mais a sua órbita, fogem às origens, rodopiam num turbilhão e nunca se pode prever onde irão acabar. Quero eu dizer: **parar.** Parar acabadas. Determinar, primeiro, onde se está (é o mais doloroso, porque a humana fraqueza é não estar sempre no mesmo sítio, é mudança, é ir resvalando). Depois, e só depois é possível fazê-lo, saber exactamente e depressa (nisto os segundos contam por êxitos ou fracassos) onde estão os outros. Avaliar a sua capacidade de ataque e defesa, preservando o seu alarme, medir a velocidade da sua rotação, conhecer as distâncias que nos separam. Chama-se, pode chamar-se a isto, estar (ou andar) orientado. O contrário é o compromisso e a confusão, que é o que ELES querem. O homem de qualidade, na convivência social, seria o «homem circunspecto», isto é, e servindo-nos da etimologia, **o que olha à sua volta** para ver o que o rodeia, para avaliar-se e às coisas e pessoas que o rodeiam, para conhecer os fins e os meios, para medir as distâncias, alfim!

Estes problemas preocupavam-me muito naquele tempo, mau grado a minha pouca idade, andaria nos treze catorze anos, era quase um homenzinho, a Umbelina era a primeira rapariga que cheirava de perto, aquela que primeiro beijei na boca com um certo prazer diferente, ela chamava-me «meu menino» e nas excitações maiores, quando nos agarrávamos pelos cantos da velha casa, era «ai, Zé, ai, Zé!...». Eu tinha por então ambições (que já esqueci); inventara algumas fórmulas optimistas, que me desandaram ao contrário. Duas: «a uma mulher bonita e a um homem de talento tudo se desculpa». Eu julgava que tinha talento!... eu sofria por causa do meu nariz!... Outra: «ter amor à vida mas não recear a morte». E já morri mais de mil vezes — e de medo. E já não sei onde estava a vida (a minha, ao

menos), se começou e para onde, se era para ali, e que lhe fiz. Ah! Ah!

Olhava o teodolito e estava muito desconsolado. As senhoras acho que se riam de mim. Uma, mais que todas: era a prima Maria José, parece, que em miúda (e eu, miúdo) me mostrou um dia a rata em troca, que foi caríssimo, fui levado, de uma caixa de bombons e costumava mexer-me... quando eu dormia ou fingia que dormia. Ela (e só ela) tinha notado uma alegria suspeita, cúmplice, nas minhas risadas, nas minhas cambalhotas com a Umbelina na varanda. Vingava-se. Estava no seu direito.

Apontei-o muito direito em todas as direcções como se fosse para usá-lo a sério, convictamente, cientificamente. Desgostoso, mirava ao longe um ponto do rio entre a Trafaria e Belém onde uma mancha clara se movia, talvez uma vela pequenina dum «star». E logo, numa rotação, para lá das pequenas colinas que se estendiam até à linha férrea, o prédio antigo da Quinta das Pedralvas, a janela do quarto da Alzira, o travesseiro da sua cama embebido perfumado do cheiro forte matinal dos seus cabelos, que eu beijava quando ninguém via. Era de Valpaços, foi o meu primeiro amor aldeão. E nunca a beijei. E com uma curta rotação do braço antebraço e mão apontava ao fundo, no outro fundo do horizonte, a casaria do Bairro Tacha e a lembrança da Mariana (a «Carocha», morena-muito-morena), da irmã, a Emília, da Tininha...

Há aqui um lapso, é evidente. Ou um salto para outro plano. Mandei a Umbelina procurar pelos cantos e recantos da velha casa deserta silenciosa o óculo do meu teodolito, depois fui para o liceu. Seria isto?

Estamos agora no canapé de palhinha. Ela não encontrou o óculo; e a minha mãe, apesar de já estar morta há muitos anos, ralhou com ela. Que se metesse no seu serviço, que me deixasse sossegado, que não queria essas coisas lá em casa. Ela chorava muito, encostada ao meu corpo e aborreceu-me aquilo (ainda que julgasse que gostava dela a valer) porque o meu teodolito me preocupava mais do que tudo nessa altura. Então, vendo-me triste, e aborrecido com ela, chorou mais ainda mas baixinho, as visitas na sala podiam ouvir. Meteu-me raiva tanta parvoíce. Chatice de mulheres! deu-me vontade de lhe chegar um sopapo valente, um valente ensaio de lapada naquelas trombas salpicadas das bexigas, cara de areia mijada. E quando senti a trémula mãozona, ela era do campo tinha mãos enormes de cavador de enxada, a mão-sem-exageros-de-sufixação resvalar-me entre as pernas para a berguilha, carregar um pouco, investigar com os dedos, bulir na pilha do sexo, deu-me vontade de lhe chegar um sopapo. Mas o meu óculo, porque nessa altura já havia um óculo, eu já devia ter explicado ou contado, preocupava-me muito. Foi assim

...antes que a minha mãe ralhasse com ela, antes mesmo que minha mãe tivesse reparado que ela já estava morta há muitos anos, porque o caso não é estarmos mortos ou vivos, é sabê-lo com garantias e quanto mais depressa se sabe melhor, daí para que queria eu o teodolito?: era para medir as distâncias, rapidamente, entre a vida e o fim do caminho, ou entre a morte e o princípio doutro caminho, antes disso tudo a Umbelina descobrira uma caixa que devia ter pertencido a meu pai, viera de casa dele quando morreu, muito antes (isso é que já era fácil sabê-lo, talvez, pelas duas certidões de óbito que estavam na gaveta do escritório) de tudo isto se ter passado, que estou agora a explicar ou contar, uma caixa misteriosa e fechada; por fora não tinha mistério nenhum, era uma caixa de madeira preta, comprida, espécie de estojo oblongo, assim a caixa dum

oboé; o que lhe dava todo o mistério era estar fechada e não se saber para o que servia. A Umbelina escondeu-a para mim e só depois apanhou a descompostura, que não merecia; ela tinha morrido muitos anos antes de tudo isto se passar, morreu pouco depois de ter casado na terra, levou-a uma tuberculose na laringe ou na faringe parece que galopante (expressivo termo! e que cinematográfico!), era fraca, coitada, e sentimental ainda por cima. E deu-me (a caixa oblonga) depois de tudo já ter sossegado na casa, que é uma maneira de dizer quando já tudo estava morto, só na sala das visitas se ouviam vozes que podiam ser de parentes ou intrusos, gente que velava um corpo, ou talvez as primas do Alentejo a conversarem com os meus pais. Eu, só, com a Umbelina ou com a memória da Umbelina encostada ao meu corpo, a sua mão grande ou a memória da sua mão grande no meu sexo palpitante de juventude, enquanto olhava para o óculo do teodolito, preocupado, muito preocupado. Eu, só, gostando do seu calor comigo, peguei na caixa misteriosa e fiquei longo tempo a querer recordar onde a tinha já visto antes. Talvez em casa de meu pai, talvez em casa do meu tio militar (e engenheiro), era um excêntrico, tinha a mania dos caminhos de ferro, apostou que ia na primeira viagem do primeiro comboio até ao Carregado, e foi.

Olhava a caixa. Se quisesse, isso servia agora para rememorar toda a minha breve e agitada infância, enchia páginas e páginas. Mas uma infância só tem sentido, só presta, se conseguimos sair dela, se teve resultado, isto é, se deu (e nós com ela, nós pós ela) para algum lado. Ora isto não é assim como se julga. Há os que avançam um bocadinho, mas depois param na adolescência — e são rapazolas toda a vida e chegam a velhos, quando chegam, e só fizeram foi rapaziadas. Outros ficam sempre sendo garotos mimalhos. Nada disto é coisa de louvar — no plano sociológico (no de cada um, **tanto faz**). Tudo se quer a seu tempo.

O pior, o difícil, é haver só (e uma vez só) **um tempo** para cada coisa ou estado ou atitude. Um tempo certo para cada jogada, como no xadrez. Uma táctica subordinada a uma estratégia coerente, premeditadas ambas. Uma práxis ou etiqueta. Digamos: uma teoria e a prática teimosa logo e sempre dessa teoria. Um tempo, o lugar e a fórmula: um lar e pais e beijos e brinquedos para a infância; uma luz e amigos e namoradinhas para a adolescência; uma força e um gesto e o Amor para a idade adulta; um exemplo e uma dignidade e um silêncio para a velhice. Um tempo de liberdade para cada coisa e cada um. Ou: um tempo de coragem e desespero para lutar para conquistar essa liberdade necessária a essa cada coisa, a cada um. Talvez uma Pátria. Um amigo, ou dois, não seria demais. Inimigos, os que a nossa intransigência criasse. E filhos, muitos filhos — nossos juízes, nossa aposta no futuro.

Com a minha infância, se me permitem um depoimento formal, passa-se qualquer coisa de curioso, de ambíguo. Entro e saio nela quase sem dar por isso, às vezes mesmo não reparo ou não sei se estou para trás ou fiquei aqui e agora. De dia sou menino, à noite velho caquéctico e o contrário também pode acontecer. Às vezes demoro-me mais tempo num dos extremos — são o que eu chamo as minhas crises. Outras, ainda, acumulo os tempos, crio-me uma infância lógica e paralela, ganha-me uma talvez pureza e fico-me a vê-la, ora maravilhado, ora irritado, ora assustado, com o olhar cheio de ronha do macróbio que já viu muito filho de muita mãe e de si próprio duvida mais do que todos e do que de todos. A verdade é que ainda não me decidi por uma idade certa, continuada. Ou um tempo. Não se faz ideia o que isto desconcerta os que lidam comigo, mostram-se incapazes, e tanto melhor para eles quem sabe? de me acompanharem nestas súbitas digressões, neste jogo inevitável e já, por vezes, inconsciente, incontrolável, de ida-e-volta. Para as mulheres, então, é um desespero. Elas

são logo adultas muito cedo (e só recuperam a infância esquecida, o sorriso inocente translúcido de crianças, por instantes, nos breves instantes depois do orgasmo), é a Natureza quem lho exige. Ao pé de mim, envelhecem com uma rapidez devastadora. Ora resta dizer que esta minha duplicidade, que eu não sei se sei disfarçar, só se observa pelo lado de dentro, creio eu, só eu a vejo e meço em toda a sua grandeza (isto é: natureza). Pelo lado do espelho, que são os outros e a minha carcaça, vou envelhecendo a olhos vistos, vou esfriando, ganhando distância... Também as viagens de volta à infância me são cada dia mais dolorosas e arrojadas; regra geral, desde uns tempos a esta parte costumo viajar só de noite, durante o dia sou avô de mim mesmo. Deixei crescer as barbas. E não me rio nunca. Senão bêbado.

Onde estarão agora os que já foram meninos comigo, meus companheiros de bibe-e-calção? gostava de ir lá vê-los à nossa infância, de irmos todos, reconhecermos como nossa ainda a pureza antiga, os projectos que enterrámos, as ilusões, os actos falhados. E, com efeito, o mundo dos nossos adultos está cada vez mais triste, mais crápula, mais ratazana. É uma bicharada que vai a correr pró buraco do coval, comprometida e lassa, sem alegria, sem carácter, sem sentimentos, sem dignidade nenhuma. Não são gente: são baratas medrosas, assustadas sempre, que andam de luto por eles-mesmos e se escondem quando pressentem uma luz, a ousadia dum gesto, a virtude duma palavra. Adultos, cadáveres de jovens. Metem dó, metem nojo, tão vèlhinhos e tão resignados. Cagarolas. Gostaria de os tornar a ver como eram, na infância. Mas

Não falemos da nossa infância. Não falemos... mesmo de nada. O meu teodolito chega.

Descobri uma pequena mola oculta, enterrei-lhe a unha do polegar e a tampa saltou com um estalido cavo, sinistro, sinistramente abafado pelos gemidos da Umbelina, que iam tomando uma vibração viciosa à medida que o meu sexo juvenil (jovial e arrogante, portanto) lhe ia endurecendo entre os dedos, já liberto do seu esconderijo, exposto ao frio da noite que, ali, no silêncio aconchegado do meu quarto não se fazia sentir tão rijamente decerto talvez como na praia da Trafaria cujas luzes piscapiscavam ao longe, furando a névoa, na margem de lá do rio.

Dentro da caixa, que era muito maior vista do lado de dentro do que parecia vista do lado de fora, havia algumas medalhas, divisas, dragonas, fitinhas bicolores, lantejoilas e colares, e um espelho partido. E chaves, chaves pequeninas de gavetas de escrivaninhas antigas, chaves pequeninas ferrugentas de caixões, de jazigos antigos perdidos em terras remotas da província, cheios de corpos podres, ossos esbranquecidos, esburgados pelos anos, penhor de antigas grandezas passadas, esterroadas, já sem glória nem significado. As lantejoilas e as missangas deviam ser para aplicação feminina e estavam em excelente estado de serem usadas. Mas o resto não sabia se seriam recordações ou condecorações que meu defunto tio ganhara em certas comissões de serviço nas colónias, se eram adereços de fardas carnavalescas de aluguer, das que meu defunto pai usara em récitas de amadores, quando fazia do sedutor Pinkerton (?) na **«Madame Butterfly»**, ou quando de velho patriótico general de brigada (ou brigadeiro-chefe) entrara numa opereta do Baptista Lourenço chamada **«Rendição dos Heróis»**, que subiu à cena, com pleno êxito familiar, no Clube Estefânea. Glórias militares, a sério ou a brincar, que fiz logo tenção de atirá-las para o lixo donde tinham vindo, guardando as missangas e as lantejoilas para a Umbelina, que logo ali me agradeceu, pois redobrou carícias e beijos, comigo quase sentado no colo.

E vasculhando no fundo da caixa, onde havia retratos de mortos e quem já se lembrava deles? quem os reconheceria? só outros mortos também e esses também já esquecidos — e quem se lembrará de nós, depois? tirei um estojo misterioso, duma riquíssima carneira lavrada, que me pareceu ser um objecto científico ou militar, mas em qualquer dos casos indústria alemã. E era: tratava-se dum óculo, que reconheci ou fiquei a conhecer como sendo o do meu teodolito, que faltara ou desaparecera. Em gestos sacudidos, comecei a esticá-lo a esticá-lo, isto é, a obter a sua dimensão máxima, natural, de óculo de longo alcance, por um processo não tão brutal, mas idêntico, ao que a mão serviçal da Umbelina, durante todo aquele tempo, continuava a sua tarefa ou a interrompia para recomeçar pouco depois, no seu entusiasmo mulheril pelas missangas e lantejoilas, compartilhando o meu entusiasmo infantil pelos teodolitos perfeitos ou completos, que é o mesmo.

Era aquele um óculo colossal, um óculo podíamos mesmo dizer: colonial, da melhor fábrica de óptica alemã, a Z.. Lentes poderosas, cujo alcance não saberei calcular porque, apontando à tal mancha clara entre a Trafaria e Belém, não a vi no rio, ela já lá não estava, encorporada talvez na metáfora dialéctica das águas correndo do rio. Mas daí a nada, num prédio fronteiro da Trafaria, por uma porta envidraçada ou aberta, vi um barbeiro ajeitando a navalha nos queixos dum freguês e, pouco depois, numa tasca ao lado, um operário, talvez um pescador, talvez bêbedo, barafustando contra a fome, imagem caricatural subalterna da revolta do proletariado da Outra Banda. O óculo parecia não ser o do meu teodolito, pois, mau grado a minha pouca idade e o nenhum conhecimento que tenho ainda hoje desses preciosos instrumentos de medição, achava-o como direi? desconforme e incapaz de se equilibrar em cima do tripé. Também o meu trabalho se excedia, era uma espécie de dedo-imperador, caprichoso e egoísta

ou, dizendo doutra maneira, era a mão da Umbelina que se humilhava, serviçal e húmida, atraindo todo o seu corpo, olhos, boca, mamilos, ventre, vulva, todo o seu corpo franzino e próximo, atento para ele, fazendo-o desequilibrar sobre ele ou querendo equilibrar-se em tão arrogante pé. Prestes a beijá-lo. A abrir-se para ele, ao seu mandado. E era através do calor suado da mão que essa força, essa ordem vinha, puxava-nos aos dois um para o outro, um para cima do outro, desfazia as distâncias. Conseguia ela finalmente distrair-me do teodolito, agradável brinquedo de tantas horas (quantas?), lançava ao meu fastio o que o óculo me trazia da Outra Banda: é que eram imagens silenciosas e mortas —saberia algum dia quem era o cliente do barbeiro — e para quê? poderia (podia? eu burguês e filho de burgueses) perceber, compartilhar as razões do proletário enraivecido pela miséria e pelo vinho, de quem só me chegavam os gestos alterados e mudos, a cara rabugenta, a cólera inútil?

No silêncio do quarto eu beijei-a então, vencendo um pouco a repugnância pelo seu hálito bafiento. Das axilas, das virilhas, das roupas dela saía um cheiro a suor — do trabalho ou da febre? — um cheiro a carne podre. Mas que alegria ter ali ao pé, mexendo entre tanta coisa parada e silenciosa, aquele bicho suado e trémulo (ela tremia toda), humilde mas provocante, soluçando baixinho, rindo quando a cocegava, esquivando-se a um abraço para melhor se entregar no seguinte, ajeitando o corpo, quando julgava fugir, para uma posição mais abandonada e mais aqui-me-tens. Finquei-lhe a mão no meu sexo e ensinei-a a mexer-lhe e quis retribuir a sua carícia procurando no antro das coxas, mesmo por cima das calças, o calor molhado e cheiroso que ela tinha para me dar. Ela gemia: «Isso não, Zé! aí não, Zé!». O canapé rangia. Disse-lhe: «Anda para a cama». «Não, Zé! isso não, Zé!». Ouvimos, de súbito, com toda a certeza, as vozes das visitas na sala. Ficámos quietos,

num abraço muito apertado. Depois, as mãos continuaram o que estavam a fazer. Ela fechou as pernas com força, tinha a minha mão encravada pouco acima dos joelhos, agarrava-a por cima da saia, enquanto nos beijávamos, a beliscava nas mamas e no lombo, na polpa das nádegas, lhe torturava, endiabrando-a e a mim com ela, todo o corpo. «Ai se vem a senhora...», recalcitrou ainda. E numa grande confusão de promessas e súplicas, lembrou a terra dela, Montachique, os pinhais, as matas da Chamboeira junto ao rio, onde se podia estar à vontade, que no Verão deixava fazer tudo o que eu quisesse, mas ali, não, «a senhora» «podem-nos ver» «podem ouvir» que nas férias do menino, em casa dela, sim, ninguém havia de saber, «aqui, não, aqui, não!». Tanto medo contagiou-me (eu era muito novo ainda para saber que os gritos das raparigas antes da cópula são um artifício mais com que elas procuram excitar o macho). Tive medo, confesso. Medo da grande casa deserta, medo do frio, medo da solidão em que voltamos a ficar depois do minuto do amor. Medo dos mortos que me olhavam das paredes. Medo do medo de tudo. Eu era tão novo, ainda!

Vejo muitos mortos, uma longa fila de mortos conhecidos a avançarem para mim e, à frente, o cadáver da Umbelina, como da última vez que a vi, magra e triste, a fala rouca e sumida, com a morte na garganta, uns olhos assustados, viera da terra a Lisboa e voltava desenganada pelos médicos do hospital, veio cá a casa ver-me, ver o seu menino, talvez para se despedir de mim, morreu daí a dias, naquela altura morria muita gente de tuberculose, hoje é de cancro ou do coração, morre-se de qualquer coisa, tanto faz, vivemos entre mortos, gente que vai morrer e sabe que vai morrer e gente que já morreu, gente morta ou provavelmente morta ou morta daqui a bocado, amanhã, hoje ainda talvez, morte súbita, morte **zás! e adeus**... os mortos caem em todos os lados, caem-nos em cima, apertam-nos, já não metem medo, são tantos, há muitos, há cada vez mais com-

panhia de mortos, tornam-se maçadores, abafam o ar. Aparecem-nos às vezes com um sorriso, fingem bem, mas debaixo dos fatos vem um cheiro que não engana, os olhos são vazios e lúcidos, já não querem nem esperam nada, estão mortos por detrás da gravata. Tão mortos como esta Umbelina que só me aparece quando me sinto mais cansado, como se me viesse buscar ou despedir-se de mim, inda uma última vez.

Na sala de visitas é, de facto, ao que parece, um corpo que estão a velar. Registo quem poderá ser: nesta casa só eu vivo agora e alguns retratos de mortos. Falo com eles e eles riem-se muito de mim. Falo com eles e não os entendo. É rara a noite em que isto não acontece. Alguns estão vivos noutro sítio da terra e sou eu o morto para eles. Vamos criando distâncias pela vida fora, vamos morrendo uns para os outros. E também vamos morrendo dentro de nós. Dou os bons-dias a tipos que já matei; passo na rua por alguns satisfeitos fantasmas que se espantam (gritam-me: **Ó pá, inda és vivo?**) quando me vêem respirando e mexendo dentro da minha farpela pobre. Dormi mais de dez anos com o cadáver da minha mulher e na mesma cama. Jamais nos conhecemos, fomos sempre dois mortos um para o outro. São coisas que acontecem.

Deito-me na minha cama, sozinho. O óculo de meu defunto pai? tio? aponta na janela para um destino incerto, Norte ou Sul, Norte e Sul, **tanto faz.** O teodolito... não falemos em tais fantasias. Estou agora muito cansado. Enchi vinte e cinco páginas que foram as que me deram para encher. Escrevo como um profissional, à linha, as palavras pouco importam, são ambíguas e inúteis. As palavras não somos nós. E tu, leitor, és um pretexto: testemunha, confidente, cúmplice, vítima ou juiz, jamais nos conheceremos, jamais saberás quem sou, onde te minto, onde chorei, onde

nos podíamos ambos rir a bom rir da nossa pavorosa condição de gente morta ou gente que vai morrer. Escrevo como o Hemingway — à tabela: tantas páginas, tantas mil palavras, tantos tostões. Eis aí um morto simpático, o Hemingway, suicida carregado de glória, um milionário-suicida. Basta de mortandade, porém. Já matei mais gente que a Santa Inquisição. Estou na verdade cansado.

A Umbelina ajoelha à beira da minha cama. Passo a mão devagar por aquela máscara vazia, pela caveira esburacada, pelos seus cabelos, farripas podres esverdeadas a despegarem-se do crânio, acaricio-a ternamente suavemente até eu próprio perder o medo **àquilo.** O medo do sono. O medo do esquecimento. E então, enquanto continuo a dormir, ela acaba ternamente suavemente com a sua pata ossuda suavemente de me bater a palheta. Como se embalasse um filho. Ou desse o último aperto de mão, pela última vez se despedisse de um condenado.

CONVERSA DE TRÊS

— Poizos meus também não chegaram a criar bolor — disse a Carminda.

— E quantozanos tinha? — disse a Outra.

— Inda não tinha feito os dzasseis. Foi um tio meu, apanhou-me em casa sozinha... depois daquilo, fiquei como bêbada.

— E nã dá gôzo nenhum, a primeira vez — rematou a Suzana, indo abrir a porta, um andar preguiçoso a bater com os chinelos no encerado fosco do corredor.

Quando a Outra entrara na cozinha estava na telefonia um fado que dizia **sabias queu era ómem//não te chegasses pra mim.** A Suzana teve um arremesso de mau-génio:

— Desculpas. Tudo desculpas dos homens. Põem-nos za cabeça maluca depoizinda nos atiram à cara... Cambada!

— É — disse a Outra.

— Agente vai na conversa deles, fazuqueles querem...

— É — disse a Outra.

— E a menina tão nova i já com dois filhos... nuncòviu dizer quem boa cama fizer nela se deitará?

— Amim nem foi na cama — disse a Outra. — Foi em pé, atrás duma porta.

— Eu cá foi na cama — disse a Suzana.

— Quê! pode lá ser... — disse a Outra.

— Ora, a menina nã me diga quinda sacreditava queu, com estidade quinda tinha os três. Até tinha desgôsto!

— Tá a brincar!

— Já le disse — disse a Suzana, mexendo a panela. — Foi em Abril, no dia dos meuzanos. Quando fiz os dezóito.

— Ah, eu foi com menos — disse a Outra.

— Poizusmeus também num chegaram a criar bolor... — disse a Carminda.

— E quantozanos tinha? — disse a Outra.

— Inda num tinha feito os dzasseis. Foi um tio meu, pouco mais velho era do queu, andaria nos dezóito. Ou dzanove. Inda num tinha ido às sortes. Apanhou-me em casa sozinha. Eu é que tive a culpa, tá visto. Já o tinha percebido, num me largava as saias, semprá arrodear-me, sempre com graçolas. E queu num lhavia descapar. Cando a mnha mãe foi à vila por causa da herdança do meu pai havera de ter ido com ela. O meu tio não se tirava lá de casa desque o meu pai morreu, lá a gente na terra dizia quera cufito na cunhada, mazeu é que sabia pròquera. Entrou-me portas adentro com falinhas mansas, eu estava na corte a deitar feno aos bois, atirou-me pra cima duma meda de palha e foi mesmo ali. Depois daquilo fiquei como bêbada.

— Tamém fostes logo cair com um tio, rap'riga — disse a Suzana, meio-a-rir.

— Quèque tem? é um ome com'outro...

— E depois? — disse a Outra.

— Depoizêle cando a mnha mãe recebeu a herdança quinda não era tampouco comisso, começou a canvincê-la a dar-lhe dinheiro pra sestablecer cuma casa de vicecletas, tanta-enredou quela foi nisso... a mnha mãe depois pôsma servir no Porto, pra ficar mais à larga, já ele andàvàmigado com ela, comia lá em casa, lá dormia cando-lhapetecia...

— E tu, nicles! — disse a Suzana, meio-a-rir.

— Eu andavaparvalhada caquilo tudo, não sabia savia de dezer à mnha mãe, senão... era muinto nova tinha vergonha. Pla Còresma, até aldrabei o padre que me começou a fazer prèguntas... esse também era um brègeirão, sabiaa

toda... tinha uma fama danada lá na terra. Tàvamigado ca professora, ela vivia em casa dele e na catequese não nos tirava as mãos de cima. Era doido por rapariguinhas! dàvagente amêndoas e santinhos mazera tudo cufito na malandrice. Sempre que podia, achegava-se... a mim deumum dia um beijo na sacrestia e deitou-mas zunhas às mamas! Dessa vez, deu-me cinco crôas!

— Era fresco, o padreca! — disse a Suzana. — Se fosse na minha terra, tavaviado.

— Querem ver que na sua terra são mais sérias... — disse a Carminda.

— Nem mais nem menos, porquê? Lá os padres não se governam. Aqui há anos, em Almodôvre quélá perto, um padre desonrou uma moça candava na catequese, teve de fugir cumatavam. Foram os homens atrás dele, com foices e forquilhas, suapanham cortavam-no às postas... Pois!

— Na minha terra num se repara nessas coisas, eles fazem o quequerem — disse a Carminda.

— Então a menina Carminda nunca mais soube nada do seu tio? — disse a Outra.

— Agora não é meu tio! é meu pai, meu paizinho... — disse a Carminda. — Casou ca mnha mãe, que samanhem. Nunca mais lá torno!... lembrar-me doquele me fez.

— E nã dá gôzo nenhum, a primeira vez — rematou a Suzana, e foi abrir a porta da rua. Era o casalinho dos sábados, levou-os para o quarto do costume, o Nove.

A Outra disse na cozinha, enquanto passava a ferro as fraldas da menina:

— Amim não deu gôzo nenhum nem à primeira nem à segunda... foi só ó fim dalguns dias...

— Credo! só sera uma gaita muintatrombuda, muintagrossa — e ria-se, a Carminda.

— Eu cá não sei. Nunca conheci outra.

— Pòizolhequeu...

Deixara de rir, virou a cara e foi deitar os restos de comida dum prato ao caixote do lixo, raspando-o com um garfo.

— É o casalinho dos sábados — disse a Suzana, mal -entrou na cozinha. — Vai haver festa.

— E logôjequeuvou sair — disse a Carminda.

— Vai sair?!... Vai sair, como? hoje não é o dia da sua saída — disse a Suzana.

— Não é mas saio à mesma. Já pedi ao patrão.

— Acho graçàisto — disse a Suzana. — Indaontem saiu e hoje outra vez. E eu que me lixe...

— Hoje não é o dia da sua vela? — disse a Carminda.

— É, sim senhora. E depois? fico cá sozinha, sozinha a um sábado, com tod'o serviço dos quartos e da porta?

— Quèquetem? não era a primeira vez. Veja lá sacomem, com èssidade...

— Não é a primeira vez nem tenho medo que me comam. A mim, nenhum tio me pôzas calças em cima, não abro as pernas ao primeiro caparece, fui só dum, fique você sabendo! Não é isso que me mete medo. Mas não gosto, não gosto, pronto! de cá ficar sozinha... podacontecer alguma coisa, como já houve... e depois?... quem é que se responsabiliza?

— É quem está de serviço, e quem está de serviço, hoje, é você! — disse a Carminda, e abalou da cozinha.

— A menina tá a veristo? a madama saiu ontem, sai hoje, sai àmanhã, é cando lhapetece... um regabofe! Eu bem sei quem tem a culpa distotudo... mazamim nã menganas tu, aqui anda arranjinho, ó sanda!

A Carminda voltou logo à cozinha para aparar qualquer dito da conversa mais hostil. A Suzana calou-se, virou-se, foi mexer a panela, deu com a tampa de alumínio com toda a força em cima da pedra da chaminé.

— É raio! — disse a Carminda e olhou para a Outra, piscou um olho e riu-se.

A Outra vincou a última fralda e foi para o quarto. As crianças já dormiam, no colchão ao lado da cama, a menina para a cabeceira, o rapazito para os pés, com uma beiça amuada; Ele estava a ler, enroscado debaixo dos cobertores, todo torcido para aproveitar melhor a fraca luz do

candeeirinho que dava às páginas do livro um tom amarelado, pardacento. Era uma posição incómoda, virou-se ao senti-la entrar no quarto, olhou-a, suspirou, espreguiçou-se, esticou as pernas até onde os lençóis estavam frios, pareciam molhados (teve um arrepio, encolheu-se) da humidade. Disse:

— Não te vens deitar?

— Vou pagar o quarto. Elas estão as duas lá dentro a zaragatear.

— Há-de ser bonito...

— A Suzana tem razão, a outra é uma galdéria, só pensa é na borga...

— ...são raparigas — disse Ele. E voltou ao livro.

— Menina Suzana, aqui tem o dinheiro do quarto — disse a Outra, entrando na cozinha.

— Pouzeaí, faça favor. Obrigadinha! — e nem voltou a cara, porque a Carminda estava ao telefone a falar com um tipo a combinar irem ao baile.

— Bom baile é ele — disse a Suzana, vindo guardar o dinheiro, logo que a Carminda saiu da cozinha.

— É o rapaz dela, não? — disse a Outra.

— É este e outro e mais outro... e cá em casa indá maizum!

— Quem é? quem é? — disse a Outra.

— Ora quem há-de ser!... é quem lhe faz todas as vontadinhas.

— O senhor Altívio?

— Cala-te boca!... é uma boa peça. Quer criadas pró serviço e conchego prà cama, tem a mania das provar todas, não escapauma... até a Mulher-a-Dias, essa desgraçada canda praí... até essa! E sa mulher não fôssinda minha parenta tamém senfeitava comigo... mas tem medo queu lhe faça a vida negra lá em casa... E fazia-o, ai fazia-o!

Batia no peito espalmado com a mão aberta. Bisou o gesto.

— Coiros! é só prò que servem! são p.... e inda por cima

sarmam em patroas, em donas disto, e o serviço que se f.... Senão fosse cá por coisas... eu lesdezia!

— Bem, menina Suzana, vou indo, boa-noite — disse a Outra.

— Boa-noite, menina... e desculpe este desabafo... mas senão falo parece carrebento.

— Não faz mal...

—...Olhe, hoje tem muinto couvir... lá ao seu lado. O casalinho dos sábados 'stá no Nove.

— O casalinho dos sábados?

— Sim, são uns noivos, eles dizem que são noivos... que vêm cá dormir todos os sábados. Ela é muito novinha, foi cá desonrada, erumassangueira no lençol que só visto... ele é um perfeito rapaz, tànatropa, mais dias menos dia diz quembarca pàguerra. Coitados, aproveitam encantètempo...

— E porque não casam? — disse a Outra.

— Não o deixam, parece. Ou é a famila dela que não quer, é assim uma coisa.

— Issassim inda dá mau resultado... — disse a Outra.

— Kéqueles hão-de fazer? aproveitar encantètempo... Eu cá tenho pena dela. Tenho e não tenho: farta-se de gozar. Ele é um garinéu não lhe dá descanso toda a noite: é coda e mais coda. Deixaestarcaquelaficabem consolada, não deveter comichões no grêlotôdássemana. A menina vai ver a barulheira quelesfazem!

A Carminda veio à porta da cozinha, aperaltada. Teve um risinho trocista:

— Atão até àmnhã e adevirtam-se. Não sesqueçam de contar asqueles dão, prámenhã me dezerem. Já oiço ranger a cama...

— Vai, filha, vai — disse a Suzana, meio-maternal, meio-escarninha, sorriu mostrando duas faltas de dentes à frente — e não bailes muinto, não andes muinto à roda, podes zentontecer, podes perder a cabeça, não taconteça o mesmo da outra vez... cuteutio.

A Carminda ia dar-lhe uma resposta torta, avançou dois passos levantou a venta. Mas o telefone tocou, a Suzana

foi atender, disse **'stá? é sim** e a Carminda amochou, deu de ombros, desandou porta fora.

Quando entrou no quarto, a Outra ficou de súbito muito espantada: Ele estava a espreitar à porta que dava para o Nove em cuecas e camisola, havia ali uma frincha quase um buraco da grossura dum dedo no sítio onde a porta roçava a ombreira mesmo junto à dobradiça do meio. Do outro lado, no Nove, a porta estava tapada por um reposteiro verde, com manchas amareladas — do tempo? do pó? da humidade? ou colorido ou desenho primitivo? a cama no Nove era à esquerda, mas pela frincha rasgada via-se o espelho grande inclinado do tualete onde se reflectia a cama. Era para ali que Ele olhava.

Via pela primeira vez uma coisa nunca vista, uma coisa muito bela: dois corpos nus em liberdade abraçados beijando-se furiosamente. Nada que se comparasse ao que presenciara várias vezes em bacanais, com homens e mulheres astutos, só devassos, jogo lascivo que tinha sempre para Ele um quê de paródia fraudulenta e ansiada, exibição gorilesca de gentinha solitária afinal, apesar da promiscuidade e ou decerto por isso. Ali, agora, era tudo íntimo e brutal, sincero a valer: o ritual do par no corajoso corpo-a-corpo suicida, sexos em luta, a posse mútua vampiresca em transe de fusão para o Único. Aqueles dois ali eram jovens e amavam-se, não tinham ronha nenhuma.

Deitado na cama, a ler com certa amargura, mas inquieto, as atribulações do Jean Rabe de **Le Quai des Brumes,** onde cabia alguma coisa de si, achava-se parecido (lia: **Il avait cherché du travail. Rien dans sa mise et dans son attitude ne pouvait encourager ceux qui auraient pu devenir ses patrons. Tous ces hommes sentaient parfaitement que Rabe n'était pas de leur jeu et ils lui refusaient les cartes**), ouvira gente no quarto ao lado, tinham-no sobressaltado o barulho de beijos, ruflar inconfundível! através da porta os primeiros risos, palavras abafadas. Atirou o livro para os pés da cama e ali o esqueceu, coisa inerte, inútil; pulou da cama, foi espreitar pela frincha que já conhecia: os dois do Nove ainda nem se

tinham despido e era já pelo quarto uma restolhada de folia amorosa, caíam um sobre o outro na cama, rebolavam enlaçados sobre a colcha como num tapete de relva ou chão de caruma, abraçados aos beijos.

Como todos os namorados era pelas bocas que se prendiam casavam primeiro. Ah! beijavam-se apressadamente e muito, incessantemente, demoradamente, como criminosos que escondem o rosto para que não se lhes veja a tristeza e o medo ou a vergonha súbita, dois cúmplices que abraçados choram o mesmo terrível castigo, assim se escondiam estes no calor um do outro, choravam à sua maneira, fugiam como podiam do pavor de estarem vivos, ali sozinhos no quarto, gente insegura atarantada só sabendo beijar-se como sua única força e defesa, trémulos, inquietos, a suar de medo.

Num momento, ela estava de barriga para cima, o rapaz lançou uma garra voraz arrepanhou a saia sobre o côncavo do sexo, despegou os beiços da húmida boca aflita, fitou-a bem nos olhos com um desafio dominador, arrepanhou mais a saia, calcou fez peso com os dedos a mão o corpo todo na carne ali e depois, muito rápido, fugiu com a mão para a meter entre as pernas dela levantando as roupas, descobrindo a alvura rosada e quente das coxas até ao triângulo negro das calcitas. De joelhos na cama, com a outra mão desabotoou-se, meteu os dedos apressados na berguilha, exibiu o sexo tenso, inchado. A rapariga olhou aquela serpente rija como chifre perfurante e sem que ninguém lhe pedisse nada despiu-se num ápice. A saia, corrido um fecho lateral, fugiu-lhe aos pés; a combinação, as calças o sutiã voaram para todos os lados pelo quarto como pássaros de alegria, aves folgazãs que subiam ao ar anunciando o resplendor dum corpo nu, e jovem, e adestrado no amor. O espelho trazia ora as costas dele com as mãos aflitas cravadas da rapariga apertando a nuca do macho e os cabelos dela em volta, ora um seio pequenino e branco com o bico escuro eriçado irritado e logo depois surgia uma mão a espremê-lo como esponja macia, ora as pernas de ambos

enroscadas, peludas as do rapaz, frágeis e pálidas e gracilmente modeladas na rapariga.

De repente, deitaram-se ao través na cama e em todo o rectângulo do espelho o rosto da rapariga, visto por detrás e por cima, os cabelos soltos, a áspera fronte, as pupilas reviradas em branco, a linha fremente do perfil e logo a boca entreaberta num riso desatinado, diríamos casto, porque tão belo de ver e tão natural; depois apareceu a crista do macho, esteve assim uns segundos a olhar para ela e depois mergulhou a sua boca naquela boca, segurou a pobre cabeça perdida com as mãos espalmadas nas faces, demoradamente beijou-a, serena quase fraternalmente em silêncio. Que intimidade agora entre os dois... que bruta sinceridade! Que força! que coisa bela!

O rapaz puxou-a para o meio da cama, estendeu-a ao comprido, agarrou numa almofada, meteu-lha debaixo do c. e alargando-lhe os joelhos para os lados, atirou-lhe o sexo para o fundo da barriga, ela ganiu **aiii!** e empinou-se, fez a ponte sobre o lençol e logo se deixou cair toda lassa, vencida pela força do golpe ficou enclavinhada encrustada como que quase embutida no corpo do macho, os pés no ar, o interior das coxas batendo nos rins do rapaz, amarrando-o a ela.

— Questás a fazer? — disse a Outra, espantada.

— Chiu! isto é só pra homens...

— Disparate! vê lá se desconfiam...

Foi arrumar as fraldas engomadas na gaveta do guarda-fato, tapou uma pernita da menina que saía fora da roupa com o bojudo pé roxo de frio e começou a despir-se sem pressas; meteu-se na cama, chegando o corpo aonde Ele estivera antes e as roupas conservavam algum calor; de costas para aquela bisbilhotice que a molestava, sem perceber porquê.

— Apagaram a luz! — disse Ele. E aborrecido veio num pulo para a cama, com um súbito arrepio. Disse:

— Estão com uma tusa!

— São noivos — disse a Outra, sem mesmo se voltar para Ele.

— Noivos?!... e vinham passar a lua-de-mel nesta espelunca?

— Sei cá disso... foi a Suzana que disse. Não se podem casar... a família dela não deixa... ou é porque o rapaz está na tropa... é uma coisa assim...

— Ah, conta-me dessas... mas não percebo... aí há história... A Suzana também me saiu uma fiteirona!

— Não me chateies, quero lá saber... bem me basta a minha vida.

Apagou o candeeiro. Ficaram calados na escuridão, um frio súbito a envolvê-los, talvez uma censura mútua em silêncio propositado. Enquanto ao lado, no Nove, a cama rangia compassadamente. Aquilo não durou muito. Ouviram depois um salto, passadas secas, passos talvez de pés nus pelo quarto, o barulho da água do jarro correndo; chapadas lentas de água. Depois risadas. Palavras correndo de boca a boca.

— Isto faz t... — disse Ele, e procurou no escuro o corpo da companheira, longamente caída junto a Ele; apanhou-a de costas, a carne morna silenciosa e calma, contraída, quis penetrá-la assim mesmo. Mas a Outra encolheu-se, apertou-se barrando a passagem; e já Ele lembrado dos beijos sôfregos dos outros dois lhe torcia o rosto teimoso, o virava lento para a sua boca e o beijocava, nos olhos dóceis, depois na boca e pelo pescoço e nas orelhas e atrás, na còvinha do ladrão, lambuzando-a muito ....

...até ela se perder de todo, descontraída agora e quieta, meio desfalecida. Tapou-a. Beijou-lhe a boca. Ela não dizia nada, concentrada, desfalecida. Dormia?

No quarto Nove a cama recomeçou a ranger. E minutos depois a rapariga saltou do leito, disse qualquer coisa, o rapaz tossicou um pigarro seco e a água correu do jarro

para o bidé e a rapariga devia estar a lavar-se às chapadas lentas, pacientes e cautelosas, friorenta, como quem se munge.

As crianças dormiam sempre. Ele acendeu um cigarro e ficou-se por momentos a ver a Outra dormir. Tinha acendido a luz e segurava, aberto ao acaso, **Le Quai des Brumes.** Lia, distraidamente, frases soltas que sublinhara antes a encarnado sem perceber agora a finalidade daquilo, coisa parada perante tanta vida fremente que o envolviam na noite: **Toute la vie intellectuelle de Jean Rabe, depuis sa sortie du lycée, semblait consacrée au perfectionnement des désirs de choses qui se mangent. Il était devenu d'une habileté surprenante dans l'art d'imaginer des nourritures... Le confort, cependant misérable, d'une chambre de bas hôtel le pénétrait profondément... Exquise torpeur surtout engendrée par la porte fermée, qui le mettait provisoirement en marge du monde et de l'existence qui le balayait, comme le vent une feuille sèche, de-ci, de-là, souvent avec des soubresauts comiques... Jean Rabe méditait alors des projets d'avenir.** Que tinha a Outra, dormindo cerrada com uma cara fechada e paciente ou talvez quase hostil, uma expressão de menina sabidona no rosto marcado, onde queixo e boca se desenhavam firmes em contraste com a sépia inerte das pálpebras, abandonadas e mortas, os tipos do Nove, as moças da pensão em briga constante, enresinadas uma com a outra e seu dia-a-dia, e sem perceberem nada de nada, que Destino os mandava a todos? e Ele, que sabia? julgava-se mais habilitado, mais espertinho? porque tivera uns estudos, lera uns livros, tentara resistir, lutar? Qual a vantagem? Iam todos na mesma galera rumo à guilhotina, apupados e troçados por uns quantos a quem nem viam as caras, nem sabiam ao certo quem eram. Mas os empurravam com dureza, a toque--de-caixa.

Espevitou a orelha: no quarto Nove reinava a paz. Ele pensou: vão dormir o sono dos deuses. E esteve a matutar naquilo enquanto a cinza ia crescendo na ponta do cigarro **o sono dos deuses** que ironia insensata, atroz: que queria

dizer aquilo, ali, num quarto reles de pensão, um buraco escuro onde eles nem sozinhos estavam já que os espreitara à vontade, violara como espia impune a sua intimidade, aquele seu fogo? tão jovens eram e tão portanto inconscientes na sua alegria! como ignoravam ou sentiam-na sabiam-na mas disfarçando a abjecção onde estavam, entre o calor febril da posse e a água decerto gelada do bidé, a lavagem precipitada e o medo da rapariga (talvez de ambos, medo a dois inda mais triste vergonhoso) de emprenhar daquele soldadito que a família dela rejeitava e ia-se embora algures. Achou-os estúpidos. Logo a seguir riu-se de si, com amargura. Ele tinha-se safado por causa da idade, mas o puto? dormia agora tranquilo e para quê? estava a criá-lo agora numa labuta árdua, nas concessões e nos compromissos vis e na maior desesperança, para quê?

...e também Ele podia dormir o sono dos deuses? depois da cópula apressada, o seu entusiasmo não partilhado mas só consentido e espiado a frio, quase recebido com hostilidade na expectativa tensa da Outra. E o medo em todos, a reserva, a desconfiança, o ódio qualquer dia breve, um futuro para todos incerto ingrato. Custou-lhe a adormecer.

De manhã, mal a luz entrou no quarto, apurou o ouvido; nada. Teriam saído de noite? ou estariam dormindo? Acordou a Outra. O rapazito já se levantara, viera buscar o penico à mesinha de cabeceira, mijava com ar atento, aplicadamente olhando o fio líquido e quente que lhe saía dos dois deditos puxando com força a pele da pila na ponta. Sacudiu, salpicou o chão como de costume. A menina rompera debaixo das roupas e surgia sentada como cogumelo apetecível no meio da folhagem de fetos e avencas, floresta de trapos. Espreitava com os olhos piscos, que os punhos fechados esfregavam para baixo e para cima, a cama dos pais Tinha fominha.

— Vai dar o leite aos pequenos — disse Ele. — E compra o jornal.

Era domingo. Não havia que ter pressas. Podiam descansar. No Nove houve barulho. Alguém mijava de alto,

parecia uma fonte clara a brotar duns rochedos, entre limos esverdinhados um repuxo cristalino ou saburroso.

— Inda cá estão — disse Ele.

Arrastar do bidé; água a correr. Gargalhadinhas da rapa riga no Nove.

— Olhacomela está satisfeita...

— Daqui a nada vou ali à porta e bato praqueles tenham juízo.

— És maluca... era o que faltava. Deixa-os lá. — Tirou uma fumaça e com um sorriso embevecido: — Deve ser muito novinha a rapariga. Não tem mais de quinze, ou dezasseis...

— Disparate! nem elas consentem cá menores... tem vinte, ou mais.

— Agora! ouve aquele riso, aquela voz de gaiata. Uma mulher não ri assim...

— Percebes muito disso!

— Ah, isso percebo.

— Se digo que tem vinte anos ou mais é porque sei... elas não deixam entrar cá menores...

— És tonta! vão ver-lhes a idade, não? entram e entram mesmo.

— Pergunta-lhes.

— Podes contar com isso. Elas iam lá dizer-me... sou parvo, não?

A Carminda contava na varanda **o bailho foi até às seis. O Quim tava lá, parcia maluco o dianho do moço e veio maizeu veio trazer-me aqui à porta.**

— Temos casamento! — disse a Mulher-a-Dias, que lavava roupa no tanque.

— Não se sabe nada — disse a Carminda num tom intrigativo alegre. — Estou com uma soneira que nem posso...

— Aquela também apanhou a sua conta, esta noite... — disse Ele.

— Tamém é só nisso que pensas... — disse a Outra, saindo da cama numa grande preguiça e começando vagarosamente a desdobrar as meias, a pô-las do direito, com

uma atenção meticulosa, sentada na cama de costas para Ele.

— Emquéqueu havia de pensar, é o que se leva desta vida... e a Carminda é mesmo um amor. Que rica mulher!

Ela virou a cara, enfiou com ele o olhar irado:

— Tamém a queres?! vê lá... Marcha, vai com ela, põe-tàndar! Por mim não te pego, é só dezeres!

— Vai à merda! — disse Ele.

A Outra saiu do quarto daí a nada.

— Estepôr! — atirou-lhe Ele pelas costas; e riscou rápido um fósforo.

Bom estar sozinho com um cigarro e deixar andar... ler encafuado no quente da cama... uma solidão resignada aceitável... uma tranquilidade repleta de alibis... e tudo parado em volta. Olhou os dois garotos que brincavam tagarelando sobre o colchão, puxou uma fumaça nervosa e sentiu uma névoa súbita nos olhos. **Como era possível? cobarde solução... se estava tudo a andar... e cada vez mais depressa... connosco... sem nós... contra mim, é o mais certo.** Apurou o ouvido, agora era um débil choro no Nove, parecia uma criança mimalha que chorava, entaramelando escandindo palavras soltas, rápidas. Foi espreitar à frincha. O quarto tinha a janela meio-cerrada, mas no espelho distinguiam-se das coisas na penumbra e sumidas dois rostos, a rapariga chorava, um jeito infantil torcia-lhe a boca, medrosa e feia agora. O rapaz fumava, uma dureza talvez fingida no olhar, desprendido, respondia-lhe com secura. A princípio, Ele não percebeu nada. Chegavam-lhe frases curtas, quem falava mais era a rapariga entre soluços abafados enquanto o rapaz fumando rígido, coçando por vezes distraidamente o tufo de cabelos no peito nu sacudia a cabeça sim não, mantinha longas pausas parecia alheio a tudo, enquanto deitava o fumo com força pelas narinas, olhava a direito no espelho, encolhia os ombros como de quem atura por condescendência mas enfadado uma criança a dizer coisas disparatadas, a querer o que não se lhe pode dar. Mais ou menos isto (falas da rapariga):

— ...gostava tanto dir contigo... não vás!... dissestes uma vez dissestes que podia ir outro por ti... E que faço eu depois?

Não gostou de os ver assim. Voltou para a cama. A Outra entrou, foi direita aos dois garotos começou a vesti-los aos safanões de impaciência, eles olhavam para a mãe, não percebiam, guinchavam e era tabefe logo de seguida. Iam depois sair.

— Vais ao leite? compra-me **O Século** — disse Ele.

— Vai à merda — disse a Outra. E pegou na menina ao colo e sacou o rapaz pela mão, virou-lhe costas.

Pouco depois o rapazito entrou com o rostinho alegre do fresco da rua. Trazia **O Século.** Eram as aldrabices do costume.

Quando a Outra foi à cozinha ferver o leite, a Suzana estava pior que uma fera:

— A menina já viu uma destas? A madama foi ao baile, veio à hora que quis e lhapeteceu e inda por cima está de trombas, não me fala! Ora vamos lá ver se desta vez é queu arrebento e o senhor Altívio sabe tudo que se passa. Eu é que sou uma parva, mazisto... canto mais mole sentem mais carregam. Ná!

A Outra ficou calada. A Suzana, logo depois, mudou de conversa e de cara:

— Então esta noite? ouviu ouviu??

— O quê?

— No Nove, o casalinho?

— Ah!, ouvi, sim, aquilo foi toda a noite...

— E inda lá estão, aquilo équé gozar. Eu por causa disso, tive um sonho muintengraçado...

— Um sonho?! conte lá, menina Suzana...

— Maluquêras. Do que mavia dalembrar... estava aqui na cozinha a ouvi-los lá no servicinho e depois, a dormir, vejo um homem todo nu, muinta peludo, i jasus! parcia um macaco, mesmo ao pé de mim com aquilo assim, muinto teso... vai eu, dou um grande grito! Então o homem pega numa grande faca, nesta, e corta aquilo rente e caiu no

chão. O homem fugiu. Então eu, pego naquilo, era oca, mas estava muinta direita... e depois, metia-a, ...sim, tá a perceber?... metia-a em mim e passei a noite a sonhar questava, veja lá... tamém, caquilo cá dentro... a entrar e sair ...toda a noite naquilo...

— Essàgora!

— Acredite, menina. E estou moída como se fosse verdade.

Olharam-se as duas, meio a sério-meio a rir. A Suzana mexia a panela em gestos lentos, indolentes, circulares, preguiçosos.

— Estou moída hoje — rematou.

O SEGUNDO DA ESQUERDA

(roubo e transfiguração de um tema de Carlos Wallenstein)

Segurou o sobrescrito entre os dentes começou a rasgá-lo num dos bordos torceu a mão esquerda em gestos desajeitados mas já a fina folha dobrada saía e uma fotografia soltou-se de dentro voou desamparada sobre a brancura da colcha apanhou-a num mergulho dos dedos e viu a Maria José ao meio de um grupo à porta da loja do Etelvino, nas costas a dedicatória na letra da Aldina **Ao meu Maridinho Valente Com muitos beijinhos desta que Nunca o Esquece Maria José Carvalho** e a um canto **beijinhos do Carlinhos e Da Conhada muito Amiga Aldina** noutro canto uma data recente, olhou a Maria José olhou a superfície espelhenta da cartolina manchada de sombras e luz que deviam ser gente lá longe, mexendo-se comendo falando talvez nele olhou a Maria José a sua blusa branca que deixava ver à vontade os belos braços brancos deixando ver a pelagem dos sovacos e deixava respirar pelo aberto do decote à vontade os dois inchados odres brancos? morenos? com as aguçadas pontas amoras? morangos? tâmaras? (um brinquedo para morder sorver achar doce e bom até mais não) obras soltas alegres na intimidade devassada das roupas leves reviu o olhar dela vivaço atirado para a frente a boca rindo-se galhofeira para; uma leira de carne acolhedora e fecunda como regaço de mãe. E viu quem mais estava perfilados a seguir com sempre o riso da Maria José no meio quera o que mais o puxava para

ver: o Etelvino; um rapaz alto com uma bicicleta; a Maria José sempre; a Aldina com um bebé ao colo grave e terna uma mulherzinha atenta era o Carlinhos; e o Américo barbeiro; pegou na carta desdobrou-a soergueu-se um pouco no almofadão o couto do braço latejou no apertado novelo das ligaduras percorreu-o uma dor começou a ler os beiços arrepanhados um esgar emparvecido embevecido, a Maria José dizia as coisas do costume ditadas à irmã mais nova quando a Aldina voltava da costura na vila à luz petromax da loja do Etelvino na mesa do canto quando os homens tinham acabado de jogar e beberricavam ao balcão pagando quem perdera dizia que Deus querendo ele havia de estar de volta para a companhia dela e do menino Deus havia de trazê-lo em bem para a companhia de todos, etc.; que o menino estava muito gordinho e engraçado perguntava muito pelo pai tinha tido a rabuge dos dentes e muita soltura noites a fio não deixou dormir ninguém em casa que lhe tinham dado um chá escusara dir ao doutor que foi dinheiro que se poupou, etc.; que toda a malta da terra mandava abraços e o Etelvino não esquecesses o macaco, etc.; que o Américo estava a prontos de embarcar mas ainda não sabia para onde o mandavam pediu namoro à Aldina (esta explicava-se em duas linhas bem destacadas **Não se acerdite Conhado isto são coisas Dela**) e até queria casar antes de embarcar mas a nossa mãe num bai nisso, etc.; que o primo dele da Macieira (**é esse que esta com a vicequeleta,** explicava a Aldina) é quem fica a tomar conta da barbearia; o Rufino foi preso por andar a caçar com o furão na mata do engenheiro; a Angélica fugiu ao marido para Tomar com um homem da barragem, etc.; muitos beijinhos muitas saudades de todos beijinhos do menino **e um aperto de mão desta sua Conhada Amiga**

Aldina

a Deus

A mão com a carta descaiu sobre a colcha esteve assim um bocado a nuca enterrada no almofadão a fitar a lâmpada fosca do tecto depois levantou a mão foi ler outra vez mas parou ao ler **esse que esta com a vicequeleta** pegou na fotografia para observar melhor aquela cara nova lá na terra. Era o segundo da esquerda.

Viu: um rapaz alto entroncado com uma samarra de grandes botões de couro e peles na gola atirada um pouco à banda pelos ombros estava-se a rir estava a olhar de fito para a Maria José dando costas ao Etelvino que parecia não dar por isso a reparar nos manejos do homem do codaque quem parecia dar por isso era a Maria José sorria de esguelha para o rapaz alto a sua cara gorda bolachuda sempre disposta à galhofa. A posição da Maria José era das mais graciosas: ficara com a mão esquerda erguida no ar um pouco à esquerda e paralela à altura do rosto talvez desviada uns quinze centímetros talvez menos os dedos encurvados mas distintos, um pouco afastados uns dos outros, concha de búzio erguida no ar, movediça e ágil, talvez no gesto de quem vai quer compor um rolo de cabelos soltos que o vento atirou para a testa; e a outra mão agarrando o guiador da bicicleta, estátua mas como não por acaso: que lhe descobria como não por acaso mas malícia o corpo arrogante empinava-lhe os seios o vento que batia obrigava a saia leve a drapejar acima dos joelhos aconchegando a saia a ela obrigava a desenhar as coxas a eminência do púbis um recôncavo o que é mais apetite e jeira.

Mordeu demoradamente aquele corpo, fonte da sua alegria, e notou uma coisa que a princípio lhe custou a perceber a Maria José segurava a bicicleta ou apoiava a mão direita no guiador reluzente da bicicleta mas o rapaz alto que estava ao lado tinha a mão no mesmo sítio, olhando o pormenor semi-sumido no rectângulo minúsculo da cartolina o que levou minutos de preocupada atenção viu que

não era a mão da Maria José que se via no guiador mas a do rapaz alto, a mão grande do tipo alto da fotografia, o segundo da esquerda. Atão a mão dela? só podia estar debaixo, apertada, comprimida com força dura ao alumínio frio e reluzente do guiador, abraçada por uns dedos grossos. Aquecida. Acariciada. Violada e submissa. Prazenteira. Na galhofa de sempre uma leira de carne acolhedora como regaço de mãe. Ceres fecunda implacável devoradora, carrasco e alegria nossa. Princípio e fim.

A Maria José da fotografia caiu abrupta sobre a brancura da colcha a mão enraivada rastejou sobre a colcha até à folha fina amarrotou misturou palavras a quem a fosse ler agora assim **menino gordinho pai Deus querendo para onde o mandavam para Tomar** farrapo odioso a importunar a tornar-se um escarro no seu rosto emagrecido a aquecer a febre estava agora de olhos fechados mas via via-os no globo fosco da lâmpada a rebolarem-se como numa eira e umas mãos grandes corriam os cálidos seios deleitavam-se riam-se mais e mais satisfeitos do seu prazer nocturno ao luar enquanto o Etelvino ressonava, a Aldina estaria estava a embalar o Carlinhos a adormecê-lo inquieta e atenta não precisando ver porque sabia tudo-tudo cada vez maiores e mais vorazes as mãos mastigavam o corpo suado de prazer riam-se.

E teve alucinações tontas: que viera caçar e fora ele o caçado uma armadilha lhe estivera desde há muito preparada por estupidez viera por não saber não poder fazer outra coisa, que matara e já ali se sentia com vontade de morrer rasgar ligaduras ver o sangue correr a rir-se como eles, matador enlevado mas ladrão de si mesmo um passeio de rotina por Samba Caju e muitos estilhaços em volta e uma dor e a febre. Serenamente, na sua rotina, a enfermeira olhou para ele espetou-lhe a agulha injectou tapou pô-lo a dormir, Ceres serena e segura. Rodou sobre si, e foi à vida, ela.

ITE MISSA EST

Era quase meia-noite. Meti-me num táxi e fui a Entre-Campos esperar a Divina Tusa, a Grande Tusa, a maior bailarina-contorcionista de todos os tempos. Chegaria no expresso de Paris, às escondidas, sob rigoroso incógnito, avisara-me pelo telefone para a Pensão Austrália, ali à Antero do Quental, onde por então vivia arreliado e em penúria crescente naqueles agitados dias do fim do arganazismo, querendo (eu) à viva força mas cada vez mais arreliado e descrente imitar o voto do Poeta: **A Felicidade na Austrália.** Caía-me o cabelo. Não tinha cheta, fumava de beatas coleccionadas procuradas pelos cantos do quarto. A minha mulher enganava-me em espírito, que é a traição mais estúpida e mais irritante que há. Acho até que me queria envenenar.

A Grande Tusa, a Divina Tusa, era o nome que por antonomásia onomatopaica lhe dávamos na nossa mocidade ardente, apaixonada, vinha para estar comigo duas semanas, entre a última volta de manivela do seu último filme e uma temporada balética no Covent Garden. Prometia-me livros de Paris (obras proibidas, eróticas, ilustradas, das que ela sabe que eu gosto e para um tipo imaginativo fazem mais efeito que cantáridas), discos (da Colette Renard, **Chansons «très» libertines, Chansons Gaillardes;** e outras **chansons légères, gauloises, chansons à boire**...), doces, chocolates, selos raros. E, mais que tudo!... o seu belo corpo altivo, esguio, de **fausse maigre,** mas perfurante, ginasticado, elás-

tico de profissional contorcionista. Dinheiro não me havia de faltar, tá visto! enquanto a Grande Tusa estivesse cá comigo, não me deixasse de vez.

Passeio pela gare do apeadeiro, enquanto o táxi espera na rua. Os táxis foram quase todos requisitados para a tropa (corriam os boatos mais desencontrados e os comunicados oficiais eram escassos, sempre monótonos, ambíguos, e não se percebia mesmo nada do que se estaria a passar ao certo nas três frentes de batalha, flageladas cruelmente, infiltradas pelo adversário — vindo do exterior, era o que se lia; ou não?... coisa que por então ainda se discutia, que também se desconhecia) e os táxis eram um achado. Era um achado ter topado este livre e tão bem disposto e com algum combustível (havia alguns que só empurrados ou rebocados andavam) e a uma tabela quase dentro da bandeirada legal. Mandá-lo embora? que ideia. Que esperasse. A Grande Tusa não pode andar a pé. Bem lhe basta o que se farta de andar (entrar e sair) por esses palcos do mundo, em ponta e aos saltos, no seu ritmado bailado, movimentos de vaivém.

Olho o relógio: são horas. Relembro o nosso primeiro encontro, na juventude, era ela já uma Artista consagrada e eu um quase impúbere mas esperto/ladino e bonitote «groom» de hotel. Os prazeres que gozámos em vale de lençóis na sua suite de luxo, a melhor do Império, quando ela voltava de S. Carlos e despedia malcriadamente (plebeia de origem, raízes populares muito cavernosas) a comitiva de admiradores endinheirados para se despir à pressa e meter comigo na cama. Oh! Oh! belos tempos esses!

Parece que estou a ver o seu magnífico vestido de cetim grená, muito justo ao corpo, delineado sem uma ruga sequer, entumescido de sangue ardente e apaixonado/agitado, um capucho na cabeça, como então se usavam, que arrepanhava nervosamente luxuriantemente lubricamente para o pescoço, preso só por um atilho; ela não era judia, como o Goebbels a acusara uma vez nos jornais do III Reich, por vingança dela se ter recusado a dançar em Berlim. Mas

tinha uns olhos vivacíssimos, negros, de judia; uma vibratilidade viciosa (de judia), uns donaires, uns arremessos furiosos, rebentava comigo, atiradiça como leoa insaciável, deixava-me o escroto esfanicado... meiga e quebradiça, lânguida, requebrada, depois da posse fatigante. Chorava, ficava a chorar muito às vezes, em silêncio, amolengada nas minhas mãos, cálida e quietinha. Oh, a Tusa, que saudades, ai que saudades!

Ei-lo o expresso que chega. Avança, estremece todo, pára. Resfolega, como nos filmes. Vou finalmente recuperar, ter outra vez a Tusa nos braços. Apertá-la muito. Ver se já não me larga, upa! upa!... Olho e reolho: da Divina Tusa nem sinal, não me aparece. E o comboio parte, resfolgando, numa grande barulheira de ferraria partida, talvez efeitos de som, já gravados e numerados/catalogados num arquivo, é só escolher, mandar buscar. Como nos filmes.

Fico tão descolhambado que começo a falar à toa com a primeira pessoa que me está ao pé. É um vendedor de castanhas assadas, que já estava ali no ano passado, quando a Divina Tusa me prometeu que vinha e também não veio. Tenta impingir-me castanhas (como no ano passado) castanhas piladas, muito mirradas, muito encarvoadas, requeimadas. Discutimos (para passar o tempo distraído eu, para fazer bom negócio ele). Comparamos as nossas castanhas, pesamo-las nas mãos abertas em concha ou em garra cilíndrica, passamos e repassamos as castanhas de um para o outro, avaliamos o peso, o miolo das nossas castanhas respectivas, se estão cheias? se vazias?... a conversa arrasta-se. Mas sem animosidade: falar por falar. De facto, a vidinha com esta porcaria da guerra vai mal para todos e é preciso falar, falazar, à espera de ir fazendo. O que interessa é acordar vivos!... Esqueci-me do táxi. E ia mandá-lo embora, porque o raio da minha Tusa não veio, deixou-me ficar mal, outra vez! Mas começa a chover (e chuva se Deus a dava), o vendedor de castanhas toma-se de prudência (era muito constipadiço) faz funcionar a alavanca de recuar no Tempo (ficção científica? influenciado

pelas bandas desenhadas do **Tintin?)** e mingua, minguou, foi-se a minuscular até um espermatozóide só microscopicamente localizável/identificável adentro das castanhas do pai. Eu, sem guarda-chuva e órfão desde pequenino, corro para o táxi que inda lá estava à espera de mim.

Não reparei logo que estava diferente. Um militante das forças rebeldes talvez um turra de maus fígados e drogado pela certa falava agreste com o chofer, uma grande catana ou bazuca apontada ao desgraçado. Percebia-se à vista desarmada que não andava ali pra bincar. E berrava como possesso: Viva a Revolução!

O chofer volta para o volante, acabrunhado, e diz-me assim baixinho: «querem lixar-me o veículo!» E num suspiro de quem se confessa roubado sem razão e humilhado mas convencido pela força-hipótese de uma catanada valentaça, ou bazucada fatal, aditou: «já me lá levam o pára-brisas, a bateria, o macaco e o pneu sobressaliente». Falava de má catadura.

— Não sei se chegaremos salvos ao nosso destino — concluiu, começando a soluçar.

«Tás cheio de tefe, queres é raspar-te e deixar-me aqui no meio desta malta... mas não te largo!» respondi comigo. Também eu tremia, mas a salvação estava numa fuga rápida para a Austrália. Animei-o com boas palavras (era do que mais dispunha na ocasião, lancei um olhar inquieto ao taxímetro para ver como ia aquela coisa da conta — sempre me convenci que se tivesse chegado a Grande Tusa como eu tanto desejava, ela limpasse a bandeirada) e o tipo pôs finalmente o carro em marcha, depois de se ter assoado.

A caminho da Austrália, digo: da Pensão Austrália, eu não podia (digo **não podia** e não podia mesmo!) deixar de pensar no misterioso desaparecimento, a não comparência estipulada/almejada da Divina Tusa. Para que me telefonara então de Paris? para que se mostrara tão resoluta em atravessar os Pirenéus e a nossa fronteira e penetrar ousadamente, com graves riscos, conforme a avisei, num país devastado a ferro e fogo, empenhado até aos cabelos numa

luta sem quartel, onde o pai mata o filho, o filho mata o avô, o avô mata a avó, ingénua velhinha que matava pulgas, os polícias matam os operários e os estudantes? Guerra civil, oh! a mais cruel e desumana de todas, como já dizia o Victor Hugo.

O táxi parou. Vi um oficial dos regimentos lealistas aproximar-se, bradar: Viva a Pátria! e meter uma factura na mão do chofer. Em troca do papelinho («havia de ser uma requisição», apostei, certo de ganhar porque só eu sei o que vai seguir-se, o final da historieta), levaram a pala do boné do chofer (não alcancei o objectivo), as rodas detrás do carro, desmontadas muito à pressa numa galhofa de saque impune, e a telefonia Blaukpunt, que deixara de tocar privando-nos dos comunicados da Última Hora desde que o outro diabo nos abifou a bateria e portanto a tsf não fazia agora falta nenhuma. Nós, porém, não desanimámos: o carro em marcha-à-ré começou a deslocar-se com dificuldade embora, deslizando pelo alcatrão escorregadio da chuva, guiado pelas rodas dianteiras e orientando-se pelo retrovisor. Fazia confusão era os faróis nos máximos, quem nos visse que diria, que o carro estava louco ou tínhamos tomado especiais precauções contra um ataque de surpresa pela retaguarda. E o chofer atrapalhava-se muitas vezes com a cègada dos pisca-pisca.

Mais adiante, nova paragem obrigatória: barragem e homens armados. Comecei a ficar inquieto, manifestando parte da minha preocupação crescente por remexendo o traseiro no assento (até porque a Tusa não me saía da memória, da saudade) e espreitando às janelas, a uma de cada vez, bem entendido. Senti um frio súbito no carro — e humidade, também. Era agora um fulano, disfarçado à paisana, com uma redingote estilo da famosa napoleónica, que nos levava, em ordens imperativas, a capota, o volante, um olho do chofer (ou braço? na aflição, nem percebi bem). Mostrou-se muito mais exigente e escrupuloso que os outros dois. Não exibiu papelinho nenhum mas uma braçadeira com um signo qualquer e um sorriso satisfeito, triunfal e:

Viva o Povo!, gritou, com um gesto precipitado do braço direito, para cima, em saudação a um qualquer ponto do infinito cosmos, mais indeciso que, à nossa esquerda, o bronze do Marechal Saldanha no seu pedestal, com o dedo espetado ali há muitos anos, — quem sabe de História é que se lembra o que ele queria. O nosso interruptor era porém muito brusco e apressado. Aquilo tanto podia ser um gesto nacionalista como fascista, ou nazista, ou progressista, ou populista, talvez um «toma!». Devia tratar-se dum Oportunista que é a trampa mais exibicionista exageradona de todas as convulsões sociopolíticas; nunca se decidem claramente, atarefadamente sacando quanto podem ficam a ver no que param as modas, para que lado pende a balança da vitória e baterem depois todos ao «sprint». Malta porreira e que tem tudo a ganhar arriscando-se ao mínimo (às vezes, lixam-se).

— Viva o Povo! — e repetiu a sua saudação exaltante e ambígua.

O meu chofer cada vez mais desanimado ou espantado, inclinou-se para trás no assento para mim, segredou-me ao ouvido, num tom de falsete choradinho:

— Sou um home do povo, excelência... e é a mim que me fazem uma destas... Vá lá a gente 'creditar-se!

«Mentalidade pequeno-burguesa», concluí de caras. Falta de informação política. E citei-lhe autores conhecidos: Hegel, Engels, Eiffel, Mandel, cantarolando muito baixinho o «a pé, ó vítimas da fome...». Pareceu não ligar.

Já no Largo Dona Estefânea, um sorriso dentro dum luxuoso automóvel negro e um sotaque delicado nos barrou o caminho. Era um membro do Corpo Diplomático, mexendo nos bastidores mas influente, representava ali os interesses das Grandes Potências, 4 ou 5, e da Banca Internacional que não tem bandeira. Preparavam-se para intrigar na formação do novo regime, caso saísse vencedor, ou na reformação à la longue do velho, para se evitarem de futuro chatices daquelas. O costume, entre nós.

O chofer, para cumprir o nosso contrato, era homem de palavra, dantes quebrar que torcer, pegou-me às costas com

a mão que lhe restava e assim me carregou pois do táxi nem vestígios. Posição ambígua. Eu ia tão preocupado a repensar na querida Tusa não-aparecida em Entre-Campos, que nem dava pelos tombos do homenzinho, a quem tinham levado as botas e um fémur. Já perto da minha porta, atentei no espectáculo caricato que íamos fazendo rua fora e pelo esforço e paciência do pobre tipo... O rapazio seguia atrás de nós, aos gritos... em vaias soezes. Malcriadões!

Apeio-me. Pago a bandeirada. E indago, por curiosidade apenas:

— O senhor devia era ter vergonha... se isto são coisas que se façam! Que falta de profissionalismo! E, ao menos, diga lá: é feliz? vocês são felizes, nessa triste vida?

— Estou de luto — respondeu.

— Como todos nós, bem sei. Enquanto não mudar isto Mas oiça lá: a si quem lhe morreu?

— A minha companheira. A Dona Mercedes.

— Ah! tenho uma ideia... Ficou empanada ali pelo Saldanha, aquilo agora só prá sucata. Uma grande gastadora... não era mulher para os tempos que correm. Economias, economias, meu amigo! Não esqueça a palavra de ordem do nosso inesquecível e malogrado Chefe.

Riu-se e desapareceu, a manquejar.

Entro na Pensão Austrália. Há novidades e das grossas Diz a telefonia que o ditador está maluquinho, caiu dum escadote abaixo e partiu a tola. Antes de esticar, fez uma última recomendação ou pedido: «dinheirinho! dinheirinho! Poupem, guardem-me algum...» Completamente choné: pedir dinheiro naquele transe, quando o costume tradicional e dignificante, para ser registado nos compêndios de História, são frases curtas: «depois de mim, o Dilúvio», «que grande actor o mundo em mim perde» ou «luz, mais luz!». Ou ainda: cravar um cigarro, rogar por umas avé-marias. É verdade que ele não fumava nunca, mas dizia-se que era muito religioso. Pois lá foi para as profundas. **Ripes!**

A minha mulher, cansada de não ter coragem para me envenenar, tomou tal dose de barbitúricos que ainda não acordou, já a levam para a morgue. Passe muito bem. **Ripes.**

E oh! consolação dos aflitos! quem me abre a porta do meu quarto é a Grande Tusa, que veio de Paris de avião, reaparecida quando menos a esperava. Está cheia de dinheiro. Até parece mais nova.

Abraços.

Beijos.

Pas de deux sobre a cama.

A FELICIDADE NA AUSTRÁLIA.

EXERCÍCIO DE ESTILO ou O CASO DAS DONAS E DONZELAS ARREBATADAS

Entrámos na estalagem de posta enquanto mudavam os cavalos para a última tirada, até Tolosa. O meu companheiro, aliás desconhecido e que só topara nesta aventurosa jornada, indicou-me uma mesa baixa, perto da braseira que ardia ou palpitava em brasas ardentes a um lado da vasta e sombria sala de comer ou quadra dos repastos. Ali abancámos.

Estava esfomeado. Sete horas de andanças numa velha diligência de molas embotadas pela ferrugem não é coisa que o corpo (inda para pior anguloso, ossudo) de um fidalgote como eu, subalimentado e sedentário desde a mais tenra infância, há pouco ainda saído dos Estudos Gerais, aguente sem mais aquelas. Tinha o rabo dormente (que mo perdoem os caros leitores), os testículos dormentes e num frangalho de peles amarrotadas (que me perdoem, se puderem, as reverentes Leitoras), a cabeça oirada. Pois sem dormir uma hòrinha sequer aquele tempo todo: o meu companheiro, um tagarela mestre, não se fartara de me impingir as suas histórias e fulanices amorosas, com uma cópia de pormenores e bagatelas que era mesmo de estourar o siso a um menos atilado (e delicado) do que eu.

— Fiquemos aqui. Deve estar a chegar a mala-posta de Talavera e vai ver como isto se enche de uma malta insuportável... brigões até mais não... e pegajosos conversadores como não há dois!

Olhei para ele e ri-me, ou procurei disfarçar o riso que me causou tal e tanta desfaçatez. **Pegajosos conversadores,** era preciso lata!

Uma donzela que se adivinhava que inda o era pelo donaire do andar e compostura de rosto, chegou-se à nossa mesa e

— Fidalgos, que tomais? — inquiriu com um sorriso brèjeiro. Ou profissional.

— Vinho — encomendou Don Cristóbal.

— Vinho, e de comer o que tendes? — repeti, acrescentando. E perguntando.

— Bons nacos de presunto. Costeletas panadas à Marechal Óscar. Ovos frescos em qualquer modo de fritura ou quentura. Pão de trigo desta semana que findou que está uma delícia, torradinho. Pudim de flan à Generalíssimo.

— Pois trazei — encomendou Don Cristóbal.

— Trazei de tudo e o melhor, e depressa! — repeti, acrescentando. E ordenando.

O meu companheiro, muito mais velho que eu, quase um macróbio ou cenobita, não parecia levar a mal aquelas minhas impertinências juvenis. Creio, até, mas sem fundadas razões, que as desculpava e, talvez, ao mesmo tempo arreceava-se que eu lhe escapulisse e ele não tivesse óspois ouvinte para o aturar nas suas histórias de trotamundos inveterado (vim a saber mais tarde e casualmente, já muito depois desse insinuante patusco ter morrido, que ele era, bem contra o que parecia à primeira vista, amigo e desejoso de viver recolhido no seu lar, muito quentinho à lareira a ler os clássicos (adorava, e citava-os a-propósito, Cervantes, Rabelais, Miller) e detestava as viagens. Mas pertencia, como também depois soube por acaso, à polícia secreta de Sua Majestade Fidelíssima (ou Sereníssima?) e não parava um momento de percorrer em todos os sentidos cardeais (olhos e ouvidos do Rei) o território imperial na feroz caçada aos malhados ou maoístas da época. Até aquele seu natural expansivo e falador, impertinente pela insistência, era um subtil truque que sempre usava para sacar

informações e confidências, com êxito não poucas vezes e parabéns alvíssaras dos seus superiores, nessa, aliás, perigosa, mas mal remunerada profissão clandestina). Mesmo assim surpreendi-me bastante quando a ladina e virginal moça trouxe as vitualhas almejadas e encomendadas, ele dar-lhe uma valente palmada na nádega esquerda que era, casualmente, a que tinha mais à mão, e piscar-me um olho, enquanto metia no bolso do saiote da rapariga um dobrão de oiro que julguei que era falso na altura, mas não era, era verdadeiro e dos bons e valia exactamente um dobrão, como muito mais tarde vim a saber (a moça, aliás, casada e mãe de oito filhos, era, tal como fontes fidedignas mo garantiram, uma espia, e perigosa, de Sua Majestade Fidelíssima (ou Sereníssima?); e naquela estalagem ou pousada ou parador no cruzamento das grandes rodovias entre Tolosa e Talavera de la Reina e, mais para o sul, Tarragona e Teruel, fazia bem bom serviço na caça aos malhados, essa praga a soldo do estrangeiro, que Arganaz I, nosso velho soberano, detestava em seu foro íntimo... natural: se eles tinham jurado dar-lhe cabo do canastro... oh sinistro desígnio! oh infâmia das infâmias!).

— Um amor de rapariga! — afirmou Don Cristóbal, acariciando o sedoso buço da donzela com as pontas dos dedos esquivos (ou esguios?), ao mesmo tempo que lhe remirava os bicos das mamas que se notavam e bem por debaixo do corpete, com uns olhares lúbricos, umas chispas convidativas que chegavam para demonstrar (à evidência, e então a um observador atento como eu) a sua hombredade de velho garanhão. — Um amor de rapariga!

Estava à espera que ele lhe pregasse outra palmada inda mais exuberante ou concupiscente na nádega, agora na direita, que era aquela que tinha, nesse momento, mais à mão. Mas não: começou a comer a sopa, sorvendo muito o caldo, o que devo dizer me incomodava, detesto tão feio hábito. Somos, nós indígenas da ocidental praia lusitana, um povo civilizado e não infrigimos assim a etiqueta. Isto mesmo tinha eu vontade de dizer ao meu conviva, ou teria,

se não estivesse com a boca cheia: a fome é quem manda e todo tempo é tempo de chamar à ordem um bárbaro, um estrangeiro. Digo-o sem xenofobia: pelo contrário, sinto-me de espírito cosmopolita, embora não abdique do meu interesse pela Europa como realidade física e cultural. Com todos os seus defeitos, porventura até com todos os seus crimes, a Europa é para mim **mater,** e nunca se corta por completo o fio umbilical que nos liga a uma cultura-mãe. Aliás, como viajante só conheço a Europa e só me sinto à vontade para falar daquilo que conheço. Isto não quer, todavia, dizer que me seja estranho o que se passa noutros horizontes. Assim mo ensinaram meus venerandos Mestres lá nos Estudos Gerais, o Prof. Nemesius, por exemplo, um ginja da primeiríssima-apanha, se bem se lembro. Havia de chamar à ordem aquele aldrúbias, Don Cristóbal ora, ora!... um castelhano cheio de cagança e impostorices. A moça, farta de esperar nova palmada e segunda gorjeta de dobrão, afastou-se para a cozinha, desdenhosa ou irritada (atitude ambígua), rebolando as ancas a preceito e os fartos peitos espevitando, conforme o regulamento turístico da pousada exigia.

— Aqui a Paquita faz-me lembrar uma tipa que conheci em tempos chamada Paquita e que morava em Teruel. Oh!, há quantos anos isso foi... era eu... deixai-me concentrar... assim um garboso cavaleiro como ustede... perdoai! como Vossa Senhoria! — e fez curta reverência, soerguendo-se da mesa e curvando a cerviz na minha direcção, o que logo me levou a achá-lo encantador e homem dado a hábitos de cortesão consumado (no momento, vi-lhe a careca rebrilhante, sem um pelinho sequer, parecia mesmo o Manuel de Lima). Mas a seguir o homúnculo empurrou o prato para a frente, enfadado, manifestamente arrogante e chateado, como se a comida tivesse mau sabor (o que era falso e eu que o diga), virou a caneca num longo trago, sorvendo muito o líquido (coisa que eu próprio faço quando de bom humor) e começou

— Vivia eu por então em Santa Marta ou, abreviando,

Smarta, vilória nos arrabaldes da cidade, quando adreguei travar conhecimento com certa dama de alto coturno que morava mesmo por cima de mim. Casa posta, grão estadão. Viúva de vários maridos, segundo me informaram, foi-os enterrando com muita pompa e tristura num mausoléu senhorial, o Vale dos Caídos, como lhe chamava. Viúva recatada e pudica, viúva como as melhores, de quem não havia a dizer nem isto (mostrava-me Don Cristóbal sua unha suja e com micose do indicador direito), era Dona Pulquérrima Pécora Fufa Ximénez ainda uma riquíssima mulher. Gastava à larga. Fortuna ou bens de raiz ou ao luar não se lhe conhecia outra que duas mimosas e prendadas donzelas, suas irmãs ou filhas, já não sei bem, as quais com ela coabitavam. Dona Pulquérrima, soube mais tarde, tinha um protector, Don Caetano de sua graça, homem de grande valimento na corte de Madrid e senhor de fortuna colossal. Dava-lhe uma tença que nunca se soube quanto era, pagava-lhe bem, mais que o costume em casos tais, talvez por serem mulheres e não haver naquela casa galo notório... (e então vi, claramente visto, um clarão de ódio ou ciúme ou inveja, amargor justificado talvez, fuzilar torvamente nos olhos de Don Cristóbal, um arrepiante **regard froid,** o olho do libertino, como dizia o Vailland e o pateta do Cardoso Pires em eco, frios e mais que frios! raiados de sangue — muita pinga? cólera incontida? tensão alta? miopia aguda, agravada pela leitura esforçada dos clássicos no quentinho? cataratas inflamadas? crueldade mental, apenas? — de momento não entendi bem porque era)... O mundo é uma vasta chaga sangrando injustiça e ingratidões, favoritismos, amigo e senhor meu!... — quase choramingou.

Bebeu dois copos de seguidilha, pois este impecável e zeloso funcionário (como reparei) tinha sempre à frente dois copázios, os quais esvaziava num valetudinário mas férvido tremor das manápulas.

— Pulquérrima, Pécora, Fufa ou como lhe queiram chamar — prosseguiu, dominando-se a custo — esbanjava à doida... não dava valor ao dinheiro, essa é que é essa. Isto,

quando não nos custa a ganhar e é só abrir as pernas... entendeis-me, senhor meu? como dizem os franceses: **à bon entendeur, salut!**

E aproveitou para empinar mais duas canecas do delicioso tinto. Assim se saudava ele a ele, Don Cristóbal, de muita ronha e mesuras.

— Uma tê-esse, eis o que ela era, na douta opinião dos melhores físicos de Teruel. As filhas ou primas ou sobrinhas ou lá que eram não lhe ficavam atrás. **O saisons o chateaux // quel âme est sans défauts.** Que de folguedos! oh risonhos tempos de **ma jeunesse!** Ali se praticava dia a dia e dia e noite o sábio conceito: **Cueillez dès aujourd'hui // Les roses de la vie!**

Era um poliglota ou tinha andado no liceu e sabia umas coisas de francês, como os portugueses? enigma que me esqueceu resolver.

— E a mesa?! frigorífico atestado sempre, uma cozinha como poucas! talvez a melhor cozinha do Império, olé! naquela casa nunca faltava o belo faisão doirado, embalsamado de trufas... Petiscos de arromba!

Bebeu quatro copos de tinto e fez uma careta.

— E os vinhos?!... Velho-Reno, Xerez, Champanhe. E do melhor. Isto é uma zurrapa horrível!

Bateu palmas, exigiu mais vinho. Receei que se estivesse a embriagar, arrastado pela emoção de tão gratos recuerdos, mas não. Via-se que conversava e sabia do que falava, com perfeita lucidez e paz de espírito. Engatilhou

— Convidaram-me uma vez e fui lá. Festa magnífica, magnificente! Ambiente intelectual e artista dos mais escolhidos. Ali eram convidados todos os espíritos cultos ou quejandos, as celebridades de passagem por Teruel, a nata das natas, e passavam-se horas em transes de espiritualidade e beleza, por exemplo, em curiosos fascinantes debates sobre o que é o Amor. Vede, senhor, que galanteria: bebendo os vinhos mais excelsos, saboreando pitéus de estucha servidos por criados com libré do Império e ouvindo a anfitriã recitar assim

Membro a pino
dia é macho
submarino...
É entre coxas
teu mergulho
vício de ostras.

Que tal? poético e afrodisíaco, não achais?!... Depois, o baladista Ary tangia em seu alaúde: **Dona Briolanja vai com suas aias // Ver as cor de mosto vesperais olaias // Leva fino leque**... não sei quê de Utreque. Que requinte, que musicalidade! E o bobo Dordius quando começava com as suas palhaçadas? de morrer de riso!... Reboludo, amorudo, caradentrudo, rechonchudo, tudo-tudo! E as filhas ou etc. de Dona Pulquérrima? dois amores, duas folionas, duas boninas do prado: Carmencita, a mais nova, loira como as que o são; Segóvia, uma cavalona arrapazada, quinquagenária ou quase, a quem chamavam Fritzy na intimidade porque era mais feia que um prussiano nazi. Esta tinha um longo buço descaído nas pontas à Zapata e às vezes frisado para cima à Dali, que muito chiste e originalidade lhe dava ao rosto, um tanto carranca de estafermo, salvo seja. Carmencita era linda linda!!... vê-la e amá-la foi obra dum momento... comecei a frequentar as minhas vizinhas com certa assiduidade... e um terno sentimento brotou, descontroladamente confesso, no coração então jovem e fogoso deste que estais ouvindo e bebe agora por essas suas inesquecíveis memórias da mocidade!...

Teve um soluço (ou arroto?). Bebeu mais. Calou-se, embevecido. Julguei que ia ficar por ali, talvez adormecer. Mas não.

— Pois bem: aqui começa a história que lhe prometi contar. Já não sei como, eis que por Teruel e toda a província, do Ebro ao Guadalquivir, entre Tejo e Guadiana também, começam a dar-se misteriosas desaparições de donas e donzelas, novas e velhas, felizes ou infelizes, casadas ou solteiras, mal-maridadas ou divorciadas, virgens ou com os

virgos todos arrebentados numa lástima. Desapareciam tão misteriosamente como tinham vindo cá a este mundo, isto é, nascido. Deixai-me filosofar um pouco, Excelência!, estribado em bons autores, os meus clássicos. Há lá maior mistério que o nosso nascimento, ora dizei? alguém tem culpa do berço dourado onde soltou seus primeiros vagidos de inocente ou da enxerga miserável em que uma pobre mulher da plebe, uma proletária, embala o filhinho com os bicos secos e sem Nestogène para lhe dar? Dizei, dizei! Sempre o mal pior é ter nascido, lamentava-se um outro. Pois eu não acho. Tudo se cria, tudo cresce, a vida é um permanente devir e o que é preciso é um homem acordar vivo. Melhor me exprimindo: nascer vivo e aguentar-se no balanço. Já dizia com mui acerto vosso defunto rei e senhor Arganaz I: **Aguentar! Aguentar! E nada mais é preciso, para que a tempestade amaine e se nos faça justiça.** Belo conceito! Retórica empolgante! política genial, e viu-se depois no que deu. Mas vamos à história: por Teruel e seu termo, as misteriosas quiçá criminosas desaparições aumentavam mês após mês, traziam as populações alarmadas. Muitos eram já os órfãos: maridos aborrecidos e preocupados com suas testaças ou testaduras, filhotes chorando solitários e perdidos pelos caminhos, berrando **mamã! mamã!**... irmãos e noivos irritados em seu pundonor e clamando por sangrentos desagravos, namorados, coitados, roendo as unhas e suspirando, farejando estupidamente por onde andariam parariam suas belas. Uma confusão dos demónios! A indignação pública e o temor geral atingiram as mais altas esferas do Poder e o caso foi debatido nas Cortes. O Alcaide do Castelo de Faria, autoridade mayor em toda a comarca, mandou-me chamar pela calada da noite e gritou-me do alto das ameias da barbacã: **«Sabes tu, ó Cristóbal, qual é o dever de um alcaide?» «Sei, sim, ó meu senhor!...»**, lhe respondi com a voz embargada pela emoção. Fazia uma ventania horrível e foi a muito custo que ouvi o clamor da sua voz lá no alto, onde ele próprio, Alcaide, mal se via a gritar-me encatarroado numa saraivada de perdigotos (estava com os copos,

outra vez): **«Pois, se o sabes, cumpre o teu dever e não deixes enrascado o Alcaide do Castelo de Faria!»** Atirou-me uma bolsa que veio cair a meus pés num musical tilintar... eram dobrões e dos bons! Oirinho. O valoroso e borrachão Alcaide, perdidas todas as esperanças de recuperar as desaparecidas e deslindar a meada ao mistério, lançara um pregão prometendo a recompensa de cem mil dobrões, quantia elevadíssima para a época, a quem descobrisse ou ajudasse a desembrulhar aquilo e dar assim uma satisfação à opinião pública, que era o principal. Entendeis-me? tratava-se de um político arguto e com ambições, que lhe importavam lá a ele as donas e donzelas arrebatadas... não tinha mulher nem filhas... até se constava... bem... mas isso não é pràqui chamado. Fiando-se nos meus dotes de argúcia e em provas dadas... em provas que eu dera... e sabendo que não ando cá para ver passar os comboios e gosto de ver o meu, o cacauzinho adelantado, espevitava o meu engenho e operosidade com aquela dádiva. Enterneceu-me a sua confiança, encheu-me de uma certa prosápia... E sabeis ora pois sabeis?, senhor, quem ganhou tão alta como merecida recompensa? Sabeis ou adivinhais daí quem abispou os tão queridos cem mil dobrões, um dos quais vísteis há pouco ir parar ao bolso da gentil açafata que nos serviu a ceia? Dou-vos uma, duas... três! Leio em vossos olhos a resposta, o que só demonstra como sois inteligente, bendito o ventre que vos pariu: eu!! Sim, eu, e mais ninguém! Eu, ou como quem diz: cá o meco, este vosso criado!

Levantou-se do escabelo que tombou com fragor, pegou nos dois copos com ambas as mãos (um em cada) e brindou-se a ele mesmo, numa efusão de sentimentos e uma sede que me pareceram bem sinceras. Cumprimentou-me depois profundamente (eu já me acostumara àqueles salamaleques e fiquei impávido e sereno, isto é, imóvel porque um tanto sonolento) e levantando o banco tornou a sentar-se pesadamente, arremessando num gesto de imprevista violência a escudela para o chão, creio que para sublinhar tea-

tralmente em melodramático a ênfase das suas palavras, a sua cagança exacerbada, o seu egotismo ibérico (pensei então que para o acalmar um **Lybrium 10** não lhe faria mal). Se calhar embriagado, talvez. Ou talvez não. Talvez, sim, um truque inda mais um e subtil da sua tão perigosa como arrojada e excitante profissão (como depois me disseram que era). Arrotou. Peidou-se. Limpou as beiças à manga do gabão. Enxotou com uma patada rápida, golpe baixo de judo, um perdigueiro aloirado que viera sem darmos por isso sentar-se ao pé de nós debaixo da mesa, o qual (maravilhas do Reino Animal!) muito mais tarde vim a saber que não era só um cão, mas um herói da guerra civil e condecorado, que era um cão-polícia requeté com artes de estenógrafa e uma memória prodigiosa, altamente cotado entre os S. S. (Serviços da Secreta) de Sua Majestade Fidelíssima e estava ali, não podiam restar dúvidas ou hesitações, a ouvir a nossa conversa, quem sabe se a mandado dalgum cacique local. Ou se da Interpol.

— E como descobriu tudo? — perguntei, distraidamente, por mera polidez, com um sorriso prazenteiro para fazer jeito ao velhote e mais porque, olhando furtivamente pela janela da pousada, constatei que a nossa caleche, carripana ou mala-posta, com um eixo escavacado, levaria ainda longas horas a consertar. Tinha, tá visto, que aturar aquele aldrúbias, aliás insinuante.

— Como?!!!... Facilissimamente, ora essa! Por uma questão de faro policial. Digo antes, por um instinto sexual muito apurado. Raciocinando com lógica e, humanista que sois, conheceis porventura outra forma de raciocinar? isso é quera bom! Ouvide: afastei de mim logo a hipótese de crime ou violências. Nos locais onde se tinham verificado as desaparições tão súbitas quanto misteriosas não havia nunca sinais de luta, sangue derramado ou seco, membros partidos ou perdidos à solta, madeixas ou tranças de cabelos ou outro qualquer pelame feminino arrancados, panos sujos caídos ou cuequinhas cheirosas, sinais sintomáticos que nas pugnas com mulheres nunca deixam de aparecer judiciosamente. Oh! senhores, pensava eu, pois nem ao menos um lenço empapado de lágrimas das pobres vítimas, assim arrebatadas cruelmente para fora dos lares?!... E nenhuma reclamação de vítima ofendida, nenhum exigência de resgate, nenhum corpo horrorosamente mutilado, achado vivo ou morto ou esquartejado, sequer devolvido à procedência? Reparai: todas as buscas pelos campos e povoações e muitas foram as rusgas e devassas feitas, sistematicamente, aldeias passadas a pente fino, bairros cercados, barreiras nas estradas com rigorosas indagações aos passeantes, nada, nada deu resultado. Fizeram-se todas as tentativas para reprimir a repetição dos crimes, pois assim se figuravam aos olhos da opinião pública. A tratar-se dum sádico, como há muitos e cada vez mais, felizmente!, não gostaria ele, na sua mentalidade pervertida e exibicionista, de querer mostrar-nos as suas habilidades? Conclusão: não havia crime.

Don Cristóbal olhou-me fixamente, como em desafio arrogante? a que eu estivesse a duvidar do seu diagnóstico ou hipótese detectivesca; não estava, mas a dormir de olhos abertos, como sempre faço quando me surge (e é quase todos os dias, ai que raiva!) um destes trampolineiros encartados, oiço-os que remédio..., entra-me por um sai-me por outro, e como me ensinaram e manda a fidalga etiqueta, finjo-me acordado e atento, não os contrario em nada, deixa andar! Ouvia Don Cristóbal mui vagamente, como num murmúrio, e quando lhe acenava que sim com a cabeça, a grande aprazimento dele, estava simplesmente a escabecear. Eu dava ou não dava um fino diplomata?

Enjorcou Don Cristóbal mais dois copázios, e prosseguiu relativamente animado pelo meu silêncio:

— Não havia crime, essa é que é essa. Quando muito, sedução ou aliciamento. Talvez seguido de tráfico de carne branca, a mais apreciada nos haréns orientais dos negregados infiéis de Mafoma com quem por essa época nosso rei e senhor andava em pugna acérrima. Seria proeza dos malhados? outra hipótese a formular. Mas pra que raio queriam eles tantas mulheres? Ná!... Foi farejando que seria

caso de sedução ou alistamento para uma qualquer finalidade desconhecida ao humano entendimento que me abalancei e dirigi as minhas pesquisas aturadas. Reparei, talvez por mero acaso, ao qual devo, no entanto, a minha fortuna, que o buço de Segóvia, a filha ou prima ou só amigalhaça de Dona Pulquérrima, já não recordo bem, a mais velha, como sabeis, reparei que esse curioso apêndice labial superior, subnarigal, crescia piloso e rijo ou frondoso; na queixada, uma barba de chibo, à Ribeiro de Mello, conheceis, não é verdade? aquele que diz que é Editor. Notei isto por alturas seguintes à desaparição de dona ou donzela. E também, mas tais intimidades de alcova não as diria a ninguém, jamais!!! e, se o faço, só agora, é porque falo com um fidalgo que, estou certo e seguro! jamais as irá repetir, seja a quem for!!! (e num gesto fulgurante, muito rápido, que tomei por uma ameaça, vi-o rapar de uma adaga afiada e cravá-la no tampo da mesa, onde a curta lâmina ficou a vibrar com um som cavo e sinistro, fazia mal à vista, aquilo... deixava a garganta seca, uma revolta ou aperto nas tripas) notei que Carmencita, a mais tímida das duas filhas ou etc. de Dona Pulquérrima, a bela Carmencita loira como os trigais que por então eu conseguira engatar à custa de muita lábia e muito dobrão d'oiro que, depois, boa falta me fizeram, e metia na cama, a minha cama de solteirão no meio do maior recato e prudência por causa da vizinhança de Smarta, notei que a pobre e querida Carmencita tinha a pintelheira a desaparecer ou rareava de maneira misteriosa, quase a ficar careca de todo por baixo. Um caso sério! E por alturas das desaparições parecia raspada ou depilada por umas violências sevícias inexplicáveis, pelo menos para mim e nessa altura, claro! Resultado? bastava relacionar, intercalar um no outro estes dois fenómenos de sinais contrários, mas com uma característica comum e um tanto estranha: a pilosidade natural modificada, em curto lapso de tempo. E ligar ainda, por um nexo lógico e natural, necessário ou dialéctico se quiserem, tal pilosidade excessiva numa, negativa noutra, e as respectivas idiossincrasias, com o mis-

tério das donas e donzelas misteriosamente sumidas para o grande raio que as parta!

Parou. Fitou-me.

— Perdoai-me, senhor, o desabafo, mas ele há coisas... Aguardei com toda a paciência, durante meses recolhi dados e pormenores, pois a recompensa prometida pelo Alcaide do Castelo de Faria não era de perder, té possuir uma cadeia de factos incontroversos que me levassem pé-ante-pé à descoberta do enigma. Eis o que apurei, em suma: nos dias seguintes aos misteriosos sucessos que venho a relatar, ma! uma donzela virginal ou assim suposta ou dona madura já muito corrida se sumia ninguém sabia como nem onde, o buço de Segóvia apresentava-se mais robusto e ouriçado que nunca, viril, sinal certo de que o seu sistema hormonal funcionava sob qualquer excitante, muito intenso ou declarado. Quanto à deliciosa Carmencita, essa resistia-me por tais dias (com grande raiva minha) e a pretextos vários — enxaquecas, incómodos uterinos, aquilo que dá nas mulheres aos fins do mês, etc. — aos meus rogos e se alfim!... alcançava agarrá-la na cama, depois de forte obstinação dela, e até ameaças minhas, era para fazer-me coisas com a mão, jogo em que era perita (nunca vi como aquilo!), pois dizia-me entre mil choros e lágrimas que por baixo andava muito dorida e no traseiro não podia ser nada porque sofria do hemorroidal... a desculpa do costume, sabeis senhor? nos que não gostam... ou se gostam, andam a enganar a gente. Doutras vezes desculpava-se de que se esquecera de tomar a pílula e se emprenhasse era depois um escândalo em Smarta. Um dia, já chateado, hipnotizei-a ou dei-lhe tal dose de barbitúricos que ela desmaiou ou adormeceu no meu regaço. E consegui, sub-repticiamente, examiná-la com todo o vagar e bem **in loco,** isto é, nas partes pudendas. Fiquei passado! A tona, com licença do meu fidalgo!..., toda esbeiçada, os lábios grandes e os pequenos vermelhos irritados, amarrotados por um terrível atrito, massagens... Tinha-as na mão!

E palavras não eram ditas, Don Cristóbal soltou uma for-

tíssima gargalhada e emborcou dois tintaços quinté se consolou todo. Acordei mais e acenei que sim. Pestanejava, evidentemente.

— Combinei então com o Alcaide de Faria e fizemos uma assaz discreta vigilância à mansão senhorial de Dona Pulquérrima Pécora Fufa Ximenez. Em Smarta ninguém desconfiou de nada e as três figuronas: Pulquérrima, a matrona-mor; Segóvia, a pêras-e-bigode e a minha Carmencita, quase implume com as partes numa lástima, em carne viva pode dizer-se! um horror, una barbaridad!... Elas não confessaram nada, sabidonas até mais não, e foram logo soltas por um régio mandato que as encafuou, castigo a fingir já se vê, num convento onde ficaram vivendo vida regalada até ao fim dos seus dias. Favoritismos, sempre a entravarem a roda da Justiça que devia ser cega, mas o mundo está feito assim, meu senhor! Antes, porém, e comigo ninguém brinca, han?!!!... ameaçando de morte a minha Carmencita com a ponta desta adaga encostada ao seu pescocinho mimoso, eu cá soube de tudo: tratava-se nem mais nem menos, ora vêde se adivinhais... dou-vos uma, duas, duas e meia... três! UMA ESCOLA DE AMAZONAS!... E esta, han? quem tal o suporia naqueles recuados e austeros tempos, reinando Isabel a Católica e em vosso torrão natal o nunca assaz exaltado e catolicíssimo Arganaz I! Dona Pulquérrima mantinha à custa de muito dinheiro (e onde é que ela o ia buscar? isso é que nunca se soube, embora tenha cá uma teoria) numa das suas propriedades de Castela-a-Velha, com ligações internacionais e importantes ramificações por todas as cidades e vilas da Ibéria, um raio de um colégio... E o mais giro é isto: as mulheres e raparigas, libertadas por mim dessa prisão paradisíaca, recusavam-se terminantemente a voltar para os seus lares e maridos, pais, noivos ou demais parentela. Elas lá sabiam porquê! E algumas, as mais viciadas, levaram a sua dedicação ou arrebatamento fogoso, de tão entranhadas naquilo que estavam, que foram encerrar-se no tal convento com a mestra, convento, acreditai-me, desde então dos mais afamados em toda a Cristandade e famoso por suas muitas virtudes e feitos. O que elas lá faziam...

Um tropel alborotado estrondeou no pátio da estalagem. Era a diligência de Talavera que chegava, pontualmente atrasada como sempre. O meu interlocutor calou-se, lançando em derredor um olhar suspicaz e receoso, e, como se o tivessem apanhado em falta, confidenciou-me num hálito avinhado:

— Direi o resto no caminho... dizem que o postilhão desta mala-posta que é da secreta, não quero complicações com esses tipos, vamos andando, vamos andando, que isto é uma malta do diabo e nunca uma pessoa pode estar descansada ao pé de tal gente... Venha daí, hombre!

Pregou uma patada no perdigueiro, que anotava a nossa conversa com um ar enfadado, e saiu altivamente. Segui-o, depois de ter pago a conta por inteiro al contao. Que grande crava, este Don Cristóbal!

◆

Trata-se de um exercício de estilo, como anunciei ao Leitor logo no título. Agradeça-me, se é que chegou ao fim, o eu não ter ido mais longe. É verdade que podia parar em qualquer altura... uma historieta é assim, não é? começa-se não se sabe quando nem como e acaba sem se dar por isso quando menos se espera (tal-e-qual como a nossa vida). Mas (como na vida de cada qual) nem tudo nela é fortuito ou casual, nem tudo inocente ou néscio, oh não! Oh! não falo por causa desse bom Don Cristóbal, em quem já reconheceram decerto, aposto, o descobridor da América, Cristóbal Colón; mas por causa das amazonas, gente traiçoeira e belicosa, e eu que o diga. E... mas cala-te, boca! Vejo a minha gata fitar-me com um olhar muito especial, há que tempos suspeito dela. Será também da secreta? ou uma amazona que se desconhece? Nunca fiando.

EXERCÍCIO DE CONVERSAÇÃO

— O principal é tu quereres.

— É.

— Quem tudo quer tudo pode.

— Dizem.

— Não há coisa mais bonita que uma pessoa cheia de boa vontade.

— Às vezes, acontece.

— E se depositam confiança na gente, temos de corresponder.

— Assim parece.

— Quando não, onde iria o mundo?

— Isso é que eu já não sei.

— Pois sei eu!

— Então, diz!

— Não é assim tão fácil.

— Mas sabias.

— Sabia. Mas nem tudo o que a gente sabe nos aproveita.

— Já o dizia a minha mãe, antes de morrer.

— Isso é o principal. Dizer tudo, antes de morrer. Dizer tudo, e depois morrer.

— Sempre ouvi dizer que gente calada é gente morta. Já no tempo dos Gregos...

— E não só Gregos... Estudaste História?

— No liceu, no Maria Amália.

— Aí não há bons professores... Mas no Camões, o Eloy, o Rómulo...
— Não era um grego?
— Não, um romano, um Poeta. Dos antigos, dos bons.
— Ainda os há, talvez.
— Sim, procurando bem.
— Mas como eu ia dizendo...
— Qué lá isso?!... Eu é que posso e devo dizer **como eu ia dizendo.**
— Ah! eras tu? Então, diz.
— A vontade é o principal atributo do Homem.
— Também me parece.
— Nas relações humanas, **human relations, public relations,** a vontade é a grande arma.
— Já o disseste.
— Mas repito.
— Sou toda ouvidos.
— Achas-me cara de parvo? Bem te vi ontem.
— Viste?
— Vi. Com o...
— Sim?
— Sim. Julgas que sou parvo, não?
— É o que te pergunto.
— Não tens nada que perguntar. Tens que responder.
— Não sou tua escrava.
— Nem eu queria. Sou democrata. A democracia é...
— Não sei o que é.
— Devias sabê-lo... vivendo comigo.
— Nunca dei por isso.
— És parva.
— Fui.
— Mas como eu ia dizendo, quem tudo quer tudo pode. E daqui, devias concluir...
— É o que eu gostava de saber.
— A tua conversa anteontem, com o 914.
— Não foi anteontem.
— Ou ontem.

— Não era o 914.
— Irra! tanto faz. Isso são pormenores... A história, a pequena história sentimental ou dos sentimentos, não é uma ciência exacta.
— Julgava que sim. Julgava que era a única coisa exacta que havia, a única verdadeiramente bela, nobre, interessante, etc.
— Pensas como mulher.
— Não te peço desculpa.
— Compreendo-te, a compreensão é a minha grande virtude. Sou democrata.
— És democrata?
— Não sabias?!
— Já mo tinhas dito.
— E tu não és?
— Eu sou mulher. Não sabias?
— Já tinha reparado.
— Mulher e muito mulher.
— Isso é o pior.
— Nasci assim...
— ...assim hás-de morrer. O que o berço berça...
— O berço berça?!
— ...a tumba tomba!
— Patacoadas!...
— Coisas que se dizem!...
— Coisas que se ouvem... coisas que te oiço.
— Que hei-de fazer?
— Fazer. Porque esperas?
— Ná. Tenho medo.
— Então, pra que falas tanto?
— Falo, à espera de ir fazendo.
— E eu?
— Esperas comigo.
— Não posso. Não tenho tempo. Não quero.
— Não são razões...
— Pois não. Mas há o 914, o R. I. 5...
— Também não são razões.

— São realidades, são corpos.

— Realmente, nisso estás certa... é a vantagem das mulheres... agarram-se às realidades.

— Que remédio!

— E já era assim na Grécia. O homem para a guerra, a política, a ágora, a poesia, a arte, os jogos... As mulheres...

— Corneavam-nos.

— Oh! Helena foi vítima de um rapto...

— Ficando a fiar em casa.

— Penélope, não me vais dizer...

— Uma atrasada mental... que paciência!

— É uma opinião, não concordo. Os teus modelos então...

— Safo...

— Safa! estás bem informada... Vê-se que estudaste História... afinal, no Maria Amália...

— Havia boas mestras.

— Falaram-te em Alcibíades?

— Um caso de ambiguidade. Não estou interessada!

— Simplista.

— Que queres? o que o berço berça...

— Há experiências valiosas... que nos enriquecem.

— Pufff! há experiências e experiências.

— A lógica da insistência... li isso não sei onde.

— Leste tudo o que era preciso para ficares a não saber nada.

— A sabedoria é isso, rapariga. E como parece que a tua inteligência desperta (ao meu contacto, sem dúvida!) vou dizer-te uma grande verdade, e olha que não há muitas: desconheço-me e desconheço-te. De repente, perdi a curiosidade de me interrogar e tudo o que fazes também me assombra. Quem somos? para onde vamos? o que fizemos? O que valeu a pena ter sido feito? o que valeu a pena não querer fazer? Quem aproveitou com a nossa lealdade? o que era a nossa lealdade? Quem fomos, afinal?

— Como te interrogas, pobre querido.

— Enganas-te, aí mesmo é que tu te enganas: faço perguntas, não cuido de lhes responder.

— Perdes tempo.

— Talvez. Mas, onde o tempo, para a última resposta?

— E quem se preocupa agora com isso? São horas de lanchar, querido.

— Larachar?!... Morrer, queres tu dizer.

— Não me chateies!... Disse: lanchar. O resto são larachas tuas.

— Para mim, não... E agora, ouve: é por causa disto tudo que não percebo o teu comportamento... ou melhor: que não o quero perceber... finjo que não percebo porque não quero percebê-lo.

— Que complicação, que subtilezas! Que ganhas tu com isso?

— Uma vantagem moral.

— Ciência dos costumes, não é?

— Eu falava num sentido ético.

— Que é isso?!

— Costumes antigos... virtudes antigas.

— Condicionadas pelos defeitos modernos.

— E os vícios antigos?

— Aumentados, acumulados, hipocondríacos, hipocritamente recatados.

— Somos católicos.

— Somos católicas. Filhas de Maria.

— Religião; é bem bom.

— É bom-bom.

— E depois?

— E depois?!

— E nós, depois?

— Vós?

— Nós e vós.

— Católicos. Católicos todos. Cobardes e católicos. Cretinos e católicos.

— Se te ouvem...

— Não tenho medo da polícia.

— Sabes que não te prendem. És rica. E depois o teu paizinho ia lá buscar-te.
— Eras tu quem o devia fazer.
— Eu?
— Tu, sim! Não és meu marido?
— É o que está escrito.
— **Scripta manent**...
— Vê-se que estudaste latim.
— No Maria Amália. Está descansado, já esqueci quase tudo. Que chatice, o **rosa, rosae.**
— Não acho... e deu-me muito dinheiro a ganhar.
— Como? o latinório?
— O latinório, sim! Não sabes que era professor, explicador particular.
— Lembro-me vagamente... fui tua aluna, em tempos.
— Bons tempos...
— Sim, talvez... foi há tanto tempo.
— Leviana! O passado, o grande passado dos séculos que passaram, é a nossa força, não o esqueças, vivemos no passado, no passado temos as nossas glórias, tradições, heroísmos, padrões na costa de África. O passado é a nossa esperança! a nossa razão de ser!
— Passadismos! Possidonices! Ultratalassas da merda!
— Vê como falas: o passado está perto de nós, está connosco... defende-nos.
— É o que te parece.
— Convém dizê-lo, talvez nos acreditem...
— E tu? tu, acreditas?
— Sou um céptico, bem sabes. Discípulo de Montaigne. **Que sais-je?** é a minha fórmula. E que queres? decadente...
— Disseste a palavra. É por isso que não te amo, não te amo já.
— Justo. Mas cala-te, oh! cala-te!... deixa-me recordar inda uma vez o tempo antigo, em que nos amávamos. Era tudo tão simples, então. Tão fácil!
— Dou-te dois minutos. Estou à espera de uma chamada de fora.

— **Call-girl. Ragazza esquilo.** Descaradona!
— Faz-se o que se pode. O passado não conta. O passado não me diz nada.
— Ouve, então, o que o passado te diz. No teatro, punha agora uma máscara diferente, mudava o tom da voz e o encenador teria o cuidado de alterar a iluminação no palco; talvez música de fundo, suave e discreta, **music for lovers**...
— És tão espertinho!... e tudo isso para embelezar as caròchices do passado, que gracinha!
— Não, não sou eu; é o Autor.
— Ah! sim.
— É o momento lírico em que pôs especiais cuidados, aquele com que ele conta para enternecer o público, chamar lágrimas aos olhos das senhoras, talvez comover a mulher amada, lembrar-lhe, sim... lembrar-lhe... talvez só chorar sozinho.
— O telefone está a tocar... tem paciência: fala sozinho, enquanto...
— Posso bem dizer isto sozinho. O amor humano é um acto de solidão. Falarei sozinho. Vi-te a primeira vez no corpo de outra mulher, o nosso amor é uma série de acasos, encontros e desencontros, aparece nos olhos desta, nas palavras de outra, nas carícias e ternura de uma outra... Vive, cresce, enriquece-se de semelhanças contrastes, sedimentos, memórias, repulsas, ódios, amarguras, desesperanças, todas elas casuais, inesperadas... É como um feto: rola no calor vazio do mar uterino até tomar forma, definir-se entre homem e mulher, leva tempo, uma vida interior a nascer — as mães é que sabem. Até nascer, inteiro e perfeito, definido. E quando isso acontece, quando já sabemos tudo dele, está pronto para morrer. Amei-te no corpo doutra, talvez fosse já o teu corpo a saudade doutro ou um outro corpo onde juntei tudo, tudo, dos corpos que conheci. Amei-te muito, ah! sim, amei-te muito e sei-o porque te amo ainda. No meio da desesperança e do medo, qualquer coisa há e sobe acima das nossas cabeças, dá sinal de nós lá mesmo onde não ousámos chegar, donde

desistimos, ao cimo no mais alto, onde as nossas mãos não tocam e o barulho dos nossos gritos mal pode ouvir-se... Aí, lá no alto, está o nosso amor — pobre, ferido, sujo, humílimo embora, e tão cheio de medo, tão apavorado, tão frágil. Como um papagaio de criança, que golpe de vento derruba no chão, ou a falta de vento lhe corta o voo, ou a um gesto irreflectido do menino que segura a guita se estatela, partido, sobre as árvores, os muros, além. Amo, logo existo. Essa a grande verdade. Mas tão frágil este amor, tão mesquinho, tão dependente das coisas. Tão torturado. Como o amor de mãe, tal e qual como o amor de mãe: parece forte e eterno e um dia, um dia como ainda não houvera outro assim, vamos beijar a nossa mãe à cama, como todas as manhãs desde crianças, dar-lhe os bons-dias, e ela já lá não está. Dizemos «bom dia, mãezinha» e não nos responde, olhamo-la calada e quieta e não percebemos, nos seus olhos abertos há uma tristeza tão grande, tão vazia e tão calada, uma tristeza como nunca víramos outra assim, uma tristeza que já não é para nós, que não tem nada a ver connosco, sem irritação, sem mágoa, sem zanga, sem dúvidas, mas parada e vazia, ausente, alheia, calma. Uma tristeza imperturbável e altiva. Olhamos a nossa mãe e pela primeira vez temos medo. É já uma outra pessoa, hostil e calada, uma coisa imunda que se afasta e nos repele, nos dá vontade de fugir. E a pergunta que eu agora lhes faço, a vocês que uma bela manhã, quando tudo parecia certo e igual, quando tudo estava como na véspera, viram a vossa mãe morta, posta ajeitada num caixão e tudo de repente ficou diferente e desumano, e vocês sozinhos num mundo hostil e parado, o que eu pergunto é isto: lembram-se, lembras-te, da tua mãe? dos risos, do cheiro das suas roupas, das palavras murmuradas, da carícia suave dos seus beijos? Lembras-te? E das vezes que a viste chorar, e chorar por tua causa, por ti? Nesse dia o mundo mudou e era tudo tão forte e coerente e organizado até então; pois lembras-te, é o que te pergunto, como era o mundo antes? Conheço um rapaz que já nem

se lembra como era o rosto da mãe, outros nem sabem o que isso foi, tristes que nunca a viram. O meu pai ensinou-me pouco, mas dizia: «perdi pai e perdi mãe, posso perder tudo o mais». E, no entanto, quando me perdeu a mim que lhe saí ao torto, essa é uma história comprida, chorou... Assim é o amor dos homens, tão incerto e desprevenido, tão mutável e enganador. Como tu, por exemplo. Ainda foi outro dia que trocámos o nosso primeiro beijo e... olha, então o que é que te queria agora o 914?

— O costume. A injecção.

— E tu vais?

— É preciso.

— É um hábito. É uma leviandade. É um vício. Uma falta de personalidade.

— É o que é... pronto.

— Interrompeste o meu monólogo. A minha rábula lamurienta. És uma chata.

— Podes falar à vontade, cá por mim...

— Já não sei onde ia... o que tu gostas de lançar-me a confusão na cabeça.

— Diverte-me!

— Matas-me com isso.

— Não se perde muito.

— A tua crueldade, essa tua crueldade é que me espanta. Inútil e pérfida.

— Frases. Nem sei o que é lá isso da minha crueldade.

— Os filhos hão-de julgar-te severamente, mais tarde.

— É o que tu julgas... Vão sempre por mim.

— Também eles...

— Pois que pensavas?

— Não há justiça, não há então justiça neste mundo.

— Não há. Devias sabê-lo. E sabes porque não há?

— Não. Custa-me a admitir. Não foi isso que me ensinaram em pequeno.

— Porque a maior injustiça é a morte. É a injustiça total, que compreende e explica e desculpa todas as outras.

— Tens medo da justiça! Falas como uma ricaça, uma privilegiada que és... a justiça dos homens mete-te medo!
— A justiça dos homens?!... Pateta! E não falas na injustiça dos deuses?!
— Quais deuses?
— As Parcas, essas três irmãzinhas astutas, tão sinistras e velhacas.
— Essa injustiça é geral... é justa, afinal, porque atinge todos, não poupa ninguém, não tem remédio.
— Nenhuma injustiça tem remédio. A verdadeira justiça é a dos fortes, que se sabem defender a tempo, se pagam a tempo do bem e do mal que lhes fazem.
— E para os fracos... então... não há justiça?
— Os fracos não podem fazer-se justiça. Nem a merecem... têm de esperar a sua vez, a vez de serem fortes, ou mais astutos. E isso, já não se chama justiça, mas vingança.
— Vingança, ora essa!
— Vingança, sim, não tenhas medo das palavras, tu que vives delas e para elas, como o pintor das suas cores ou o músico dos seus efeitos sonoros. Vingança, meu menino. É por isso que a guilhotina ao cortar a cabeça dos Capetos era tão odiosa.
— Não mais do que eles...
— Mas não nesse momento, nesse momento era já só vingança... cruel... desumana...
— Falas sempre como privilegiada. Tens medo da justiça ou da vingança dos homens; como se houvesse outra...
— Não tenho medo de nada. Sou como sou. Sei defender-me.
— Miserável, é o que tu és!... Apanhei-te nos teus ódios e preconceitos de classe, nos teus argumentozinhos reles, com que pretendes iludir e iludir-te.
— Palavras! Não subas a voz que ficas ridículo... e dá-me vontade de te esbofetear.
— Não sou teu filho!
— Muito mais do que julgas.

— Ah não!... isso não! A minha mãe não era assim, não me falava dessa maneira.
— Era uma megera a tua mãezinha, bastante lhe aturei...
— Cala-te!
— Mau, mau... vou-me já embora, queres ver?
— Espera, falta qualquer coisa...
— A coda? o clímax?
— Talvez; não sei.
— Que é que saberás, afinal?
— Sei que estou doente, descrente, decadente, dormente.
— Foste ao dicionário de rimas?
— Ao tratado das aliterações. É uma espécie de rima, inicial e consonântica.
— Ninguém te percebe. Acaba. Acaba, por uma vez!
— Estou acabado!
— Em inglês é mais bonito: estou findado. **I'm finished**...
— Seja, se preferes.
— Prefiro. E prefiro-me, sabes?
— Que bandalheira!
— É assim.
— Que falta de vontade!
— E és tu quem mo dizes?
— As minhas armas, agora, são falar, à espera de ir fazendo.
— Bonita teoria.
— As teorias são o primeiro caminho para uma prática... mas eu perdi a confiança nas minhas.
— Perdeste toda a personalidade!
— A injustiça... a confusão... o desespero... Foste tu!
— Bebeste, outra vez.
— Bebo sempre, e és tu o meu álcool mais venenoso.
— Gosto de te ver alegre.
— Ainda o dizes!
— Alegre... bem disposto... feliz... O. K.!
— Merda!
— É a conclusão de tudo.

— Viborazinha!
— Amo decaído!
— Fascista!
— Chulo!
— A conversa vai catita...
— Não mereces mais.
— Gostava de falar na abjecção.
— Já falaste. Não tens falado mesmo de outra coisa.
— É o que julgas. Ou foi só isso que percebeste.
— Pois que disseste, então?
— A falta de vontade... A vontade de potência... A impotência... Querer é poder.
— Já ouvi isso.
— Sou democrata.
— Nunca dei por isso...
— Devias sabê-lo... vivendo comigo.
— Tinha de o saber... vivendo contigo.
— És a minha pior inimiga.
— A tua melhor amiga, queres dizer.
— O inimigo dentro da cama.
— É a lei da História.
— Estudaste História?
— No Maria Amália.
— Nem tudo que a gente aprende nos aproveita.
— A vida é a grande mestra.
— A experiência, sim, a experiência.
— Não é assim tão fácil.
— Devias sabê-lo, sabê-lo antes.
— E sei.
— Então?
— Querer é poder.
— Isso é que eu já não sei.
— Pois sei eu. Quando não, onde iria o mundo...
— Prá frente, talvez.
— Com os nossos filhos.

— Os nossos filhos são teus, só teus, e têm corda própria... sei lá para onde vão.
— Mas se depositam confiança na gente temos de corresponder.
— Às vezes, acontece.
— Não há coisa mais bonita que uma pessoa voluntariosa, com carácter. Numa mulher, admira-se; no homem, é indispensável!
— Dizem.
— Sou eu quem to digo, eu que sou agora a tua mãe: quem tudo quer, tudo pode.
— É.
— O principal é tu quereres.
— É.

... ...

(1.º final; segue variante)

— Os nossos filhos são teus, só teus, e têm corda própria... sei lá para onde vão.
— Mas se depositam confiança na gente temos de corresponder.
— Às vezes, acontece.
— Não há coisa mais bonita que uma pessoa voluntariosa, com carácter. Numa mulher, admira-se; no homem, é indispensável!
— Dizem!
— Sou eu quem to digo, eu que sou agora a tua mãe: quem tudo quer, tudo pode.
— É.
— O principal é tu quereres.
— É.
— Acho-te amortecido... vá, coragem! Esperam-nos melhores dias...
— É o que tu dizes.
— É a verdade.
— É?

... ...

(2.º final; segue variante)

— Os nossos filhos são teus, só teus, e têm corda própria... sei lá para onde vão.
— Mas se depositam confiança na gente temos de corresponder.
— Às vezes, acontece.
— Não há coisa mais bonita que uma pessoa voluntariosa, com carácter. Numa mulher, admira-se; no homem, é indispensável!
— Dizem.
— Sou eu quem to digo, eu que sou agora a tua mãe: quem tudo quer, tudo pode.
— É.
— O principal é tu quereres.
— É.
— Acho-te amortecido... vá, coragem! Esperam-nos melhores dias...
— É o que tu dizes.
— É a verdade.
— É?
— Sei-o de fonte segura!
— Ouviste na rádio?
— Não. Foi um amigo meu.
— Hum...
— É verdade, é para breve... vais ver, um dia destes.
— E tu estás metida nisso, han?
— Estou. Por acaso.
— É o costume. É tudo por acaso. É sempre por acaso.
— Não fales assim... O nosso amor não foi por acaso.
— Sei lá. Já não sei nada!
— Não, não! Sabia que tu vinhas, esperava-te!
— Conversa!... e não valeu de nada. Agora, foges-me.
— É a vida.
— A vida... a vida não desculpa tudo.
— A vida ou a morte. A vida, principalmente.
— És tu a vida, mulher!... Já o sabia: a vida! a fonte! a madre!... Ceres, a mãe-terra. Mas eu...
— Pobre feto apodrecido, conservado em álcool.

— Dize o que quiseres... estou triste e só.
— Não: estou eu aqui a teu lado.
— Que bem que cantas!
— Não desanimes! Amo-te muito!
— Ouvi isso outrora, e acreditei. Mas foi há tanto tempo... já nem me lembro. Não tem importância.
— Pelo contrário, tem muita importância. Foi a coisa mais bela da minha vida!
— Falas por ti, sempre por ti, é só em ti que pensas!
— E então?
— Pois a mim, passado e presente, passado e futuro, ontem e hoje, já nada me diz nada.
— O amanhã será nosso!
— Tanto me faz.
— Que miséria!
— A morte é certa, sabias? ou já o esqueceste? A morte é certa, e não tem remédio, é a grande injustiça, o enorme pecado, o mal absoluto. Quando descobri isso, fiquei adulto de repente; e irresponsável. Um homem adulto e irresponsável é um ser abjecto. Mas a grande injustiça, que é a morte, livra-nos de toda a responsabilidade. Para com os vivos e com os mortos.
— Mas não com o futuro, os teus filhos... e os outros.
— Tira-me daqui esses compromissos... amanhã, daqui a nada, posso estar morto, e um morto não tem compromissos. Um morto é um ser livre!
— Triste liberdade, essa.
— Não temos outra. Não nos deram outra. Não soubemos conquistar outra!
— Esse caminho não pode ser o meu. Sou mãe! A vida que eu dei é que é a verdade, a vida é que está certa!
— A morte é uma certeza maior, um mistério mais tentador...
— A vida é que é um mistério.
— Sei onde leste isso.
— E eu já o esqueci. Mas sinto que é a verdade... e o caminho!

— Desvarias.
— Tontinho!... Chora, vá! Chora no meu colo. Chora e dorme agarrado a mim, como antigamente.
— Estou perdido.
— Meu filho! Meu querido filho!

Abraçou-se nele com vontade de lhe pegar ao colo, beijando-o muito e acariciando-o nas faces como a uma criança. Choraram ambos. Assim se amavam.

O CASO DAS SALSICHAS INIMIGAS

Ao Manuel de Lima
Mestre de «non-sense» português

A minha estadia, como repórter sensacionista, na cidade mexicana de Mitrena, revestiu-se de aspectos por vezes melodramáticos, tenho de confessá-lo.

A população local, de cores sadias e galhofeira, dado o elevado consumo que fazia de laranjas e outros citrinos, muito ricos em vitamina C (antiescorbútica e antimelancólica, por excelência) era afável e voluntariosa; a vida em Mitrena, outrora empório comercial azteca de relativa importância pela sua privilegiada posição na rota das caravanas que se dirigiam aos Andes, decorria remansosa e ordenada; o clima, sem sobressaltos de maior.

Eis senão quando, e sabendo da minha habilidade para todos os casos jornalísticos de sabor sensacionista, um advogado da terra, conceituado e, aliás, meu compadre, mandou-me chamar. Em modos melodramáticos, propõe-me lançar (eu) uma grande campanha para a venda de salsichas de carne de equídeo, verdadeira inovação gastronómica regional, destinada a resolver muitos problemas das donas de casa pela facilidade da sua preparação culinária e delicioso sabor adocicado. A razão, causa ou motivo da campanha, mola necessária da sua eficácia e expansão futuras, era que abundavam cada vez mais, nas feiras e mercados dos arrabaldes de Mitrena, cavalos e outros equídeos, pois as caravanas andinas estavam a modernizar-se, isto é, a motorizar-se, e os almocreves, com a mania do progresso

(até certo ponto justificável) vendiam as suas alimárias ao desbarato. Um grupo de marchantes vira nessa radical baixa de preços, tão inesperada como esperançosa de melhores dias, uma oportunidade única de enriquecerem rapidamente, prometendo distribuir fortes benesses ao advogado, meu compadre, que me prometeu distribuir também a mim, seu compadre legítimo, alguns lucros (pequeninos) da sua parte.

A campanha era indispensável para lançar as novas salsichas, mas, principalmente, para vencer a resistência de um outro e não menos poderoso grupo de marchantes, há muito amealhando grossos cabedais com a venda de salsichas, estas, porém, confeccionadas com carne de camelo — dromedários muito comuns nos arrabaldes montanhosos de Mitrena e denominados «caramelos», vá lá saber-se porquê. Os dois grupos rivais, inimigos de ofício e aguerridos por temperamento, não deixavam nunca, em encontros fortuitos nas ruas e praças de Mitrena, em esperas e ciladas (congeminadas a frio) pelas feiras e encruzilhadas, não deixavam nunca, repito, de exibirem atitudes provocantes, chegando a vias de facto, tiroteios sangrentos, o que em Mitrena era já considerado coisa natural. **O mores, o tempora!**

O meu amigo advogado, ciente do perigo que ambos corríamos nesta perigosa contenda, expunha-me todos estes pormenores em voz cada vez mais baixa, fazendo gestos cada vez mais melodramáticos. Engoli à pressa um probamato (que sempre trago comigo para as grandes ocasiões) e inventei logo ali um «slogan»: **«A carne de cavalo é a melhor»,** que me pareceu eficaz para servir a nossa causa (os adversários possuíam outro «slogan», em rima de pé-quebrado: **«Camelo caramelo, comê-lo é um regalo»**).

Fui dali falar ao Governador da cidade, Cuesta y Cuesta, que não me quis receber, alegando hábil esquiva: que estava muito ocupado. Fui falar, então, ao Vice-Governador, Cuesta y Cuesta, que também não me quis receber, alegando uma esquiva que achei bastante hábil: que estava muito ocupado a falar com o Governador. Fui depois, já enervado, falar

a um amigo do Governador, por casualidade também amigo do Vice-Governador (em Mitrena, vim a sabê-lo mais tarde, tarde demais, porém, eram todos amigos uns dos outros, na casta influente, dirigente), que não me quis receber (vim a saber depois, tarde demais também, que estava mancomunado com o grupo dos marchantes vendilhões de salsichas de carne de camelo).

Então vim para casa, meti papel na máquina e abri fogo, isto é, lancei a minha campanha justiceira e vingadora: **«A carne de cavalo é a melhor. Prefiram as nossas salsichas, pela riqueza do seu poder nutritivo um género indispensável à alimentação do Homem.»** E rematava, visando a inércia, intolerância, indiferença ou hostilidade das autoridades: **«Um autêntico monopólio salsicheiro está a prejudicar a cidade. Ousamos aguardar que os arrojados industriais de salsicharia de carne de equídeo encontrem, de quem de direito, o carinho, a boa vontade e o estímulo a que têm todo o direito.»** Trocadilho fácil, sem dúvida, mas ribombante, insinuoso e muito aproveitável como final do fundo.

O artigo saiu na primeira página, em caracteres Baskerville, 12-in-12, entrelinhado, título a três colunas; efeito tipográfico garantido. O editor do jornal, Dominguez y Dominguez, gostou; o meu compadre e advogado gostou; um antigo jóquei da Sociedade Hípica, famoso outrora por aterrar com a montada em cima de todos os obstáculos e agora general da Aviação, gostou. Um leitor do jornal, casualmente do grupo dos talhantes interessados na venda das salsichas de cavalo, comprou três exemplares do jornal, estampilhou-os e mandou um ao Governador, Cuesta y Cuesta, um ao Vice-Governador, Cuesta y Cuesta, e outro ao chefe da parte salsicheira contrária, de seu nome Hernandez y Hernandez.

Nessa noite, e ainda pela manhã seguinte, houve horríveis cenas de tiroteio nas ruas e praças de Mitrena entre apaniguados dos dois bandos rivais, pois a tanto pode chegar a barbaridade dos homens quando a cegueira ideológica os arrebata! Mortos e feridos, vítimas da sua própria fereza, enlutaram a laboriosa população, aliás já habituada

e resignada a tais desvarios sanguinolentos. **O mores! o tempora!**

O Governador calou-se; o Vice-Governador deu ordem ao contínuo que não estava para ninguém; o amigo dos dois Cuesta y Cuesta (um, Governador e outro, Vice-Governador, como os leitores já sabem), foi fazer uma viagem. Não desanimei.

Sentei-me à minha banca de profissional da Imprensa, meti papel na máquina e escrevi segunda diatribe, ainda mais violenta, mais electrizante: **«A carne de cavalo é a melhor. Prefiram as nossas salsichas...»** E terminava assim, num claro aviso às entidades oficiais de Mitrena: **«Se não houver o carinho, a boa vontade e o estímulo a que têm direito, todo o Direito, as salsichas de carne de equídeo, o público consumidor, o grande prejudicado, deve saber toda a Verdade!»** Na primeira página, em elzevir entrelinhado, de excelente aspecto gráfico.

Rejubilei: a campanha desenvolvia-se segundo o plano estabelecido; eu demonstrara a minha eficiência jornalística. O monopólio salsicheiro, contrário aos meus interesses, digo melhor: aos interesses da população de Mitrena, tinha os dias contados. Porque ainda não lhes disse, mas chegou o momento de o saberem: era preciso um alvará, o qual só podia ser assinado pelo Governador ou, na ausência deste (aliás, nunca anunciada previamente por medida de precaução; e, por igual motivo, dificilmente comprovada ou provável em qualquer sítio era a sua presença, visto que dispunha de três palácios e fazia uma vida muito retirada), pelo Vice-Governador, que não se ausentava nunca, porque não tinha quem o substituísse e receava que lhe roubassem o lugar. Ora o alvará para a produção e venda das salsichas é que se pretendia alcançar, desse lá por onde desse.

O meu compadre impacientava-se e mandou-me, sob todas as reservas e cautelas, um mensageiro marreco (para disfarçar) com o seguinte recado: ou eu vencia a campanha, ou me retirava a sua promessa da estipulada gorjeta. Não desanimei. Meti papel na máquina e preparei-me para

terceiro artigo. Mas, de súbito, tive uma ideia: entrevistar o chefe do nosso bando salsicheiro, de sua graça Hernandez y Hernandez, para animar a minha campanha com um documento humano, mais sensacionista e vivido. Telefonei-lhe. Combinámos um encontro no único café da terra, o Café Moderno. Apareci um pouco antes da hora marcada, fui ao balcão, pedi um copo de água e tomei um probamato (que sempre trago comigo para as grandes ocasiões). E perguntei ao «garçon» (assim se chamam, em Mitrena, por um galicismo escusado, os empregados de mesa, quando há, na língua mexicana, o vernáculo e popularíssimo «ó rapaz!», tão do gosto dos antigos clássicos): «Viu aqui o señor Hernandez y Hernandez, dono de um talho?» (pois eu não o conhecia pessoalmente). «É aquele sujeito gordo, ali...», respondeu-me, na mira de uma gorjeta, que eu, aliás, não estava disposto a dar-lhe. Sentei-me à mesa indicada e apresentei-me: «Fulano y Fulano, do jornal Tal y Tal.» O gordo mirou-me com um vago sorriso (que na altura julguei compreender) e correspondeu: «Hernandez y Hernandez, mucho gusto.» Tirei papel e pena e comecei a entrevista. Ataquei o assunto de frente: «Que pensa do caso das salsichas?» Vi um vago sorriso (talvez outro) pairar-lhe nos lábios finos, apertados; e murmurou, alteando progressivamente a voz, num tom quase ameaçador e puxando de um «colt» avantajado: «Camelo, caramelo, comê-lo é um regalo.» Fiquei perplexo e estático: que significava aquela ambígua resposta? e o «colt» avantajado? e o sorriso, permanentemente vago?

Eu nunca andava armado. Sou fraco de punhos. Anémico desde criança. Tomei outro probamato (indispensável nas grandes ocasiões), engoli-o à pressa, sem água, sem nada. «Mas a quem tenho a honra...?», balbuciei, baixando regressivamente a voz que parecia escoar-se-me na garganta em companhia da pastilha. E pelo sim pelo não, para mostrar a minha idoneidade, a minha inerme boa-fé, levantei as mãos ao ar. «Hernandez y Hernandez, salsicheiro de carne de camelo. Com que então é usted o tal jornalista,

hem?... da pró-campanha dos equídeos?...» Encostou-me o revólver à barriga e riu-se, cheio de boa disposição. Senti frio por todo o corpo; o probamato, em dose dupla e quase imediata, drástica, devia estar a fazer os seus efeitos terapêuticos, clìnica e experimentalmente comprovados: baixa de tensão; perda do sentimento de angústia; **sévrage** alcoólica. Uma calma arrepiante, terrífica para a solenidade do momento, invadia-me todo.

Eis senão quando, alguém por detrás de mim, encosta--me um «colt» à espinha: era (soube-se mais tarde) Hernandez y Hernandez, o ambicioso industrial de salsichas de equídeo, que, julgando-me mancomunado com a parte contrária, furioso, justamente indignado pela minha (suposta por ele) traição, se preparava para uma desforra sangrenta. Regougou: «Ah! Ah!...», uma oitava abaixo da sua voz normal. E tudo se passou em escassos segundos.

As duas armas dispararam ao mesmo tempo; as balas deviam ter-me furado o corpo e mataram, respectivamente, Hernandez y Hernandez, o das salsichas de carne de camelo **(Camelo caramelo, comê-lo é um regalo)** e Hernandez y Hernandez, o das ditas de carne de cavalo **(A carne de cavalo é a melhor, prefiram as nossas...).** Creio que desmaiei.

◆

A história acabaria aqui. Mas devo uma explicação aos leitores. Gosto, como o Ellery Queen, de misturar o real com o imaginário, mas não (como ele e alguns neo-realistas, esses maçadores) de abusar da credulidade dos leitores, longe disso. Retomo por isso o parágrafo final que, sem qualquer subterfúgio, reduzindo, embora, o «suspense» da intriga, tirando todas as razões de suspeita aos mais incrédulos, aos fanáticos do racionalismo, ficará assim:

«As duas armas dispararam ao mesmo tempo; as balas deviam ter-me furado o corpo, mas não foi isso que sucedeu e, fazendo ricochete, **mataram, respectivamente, Hernandez y...»** etc., até: **«Creio que desmaiei».** Porque o susto na verdade fora muito grande e o probamato nem sempre resulta, mesmo em doses duplas, mesmo nas grandes ocasiões.

A suprema razão disto (não sei se o Ellery Queen ou certos neo-realistas teriam a coragem de o confessar) é que, avisado a tempo pelo meu editor, Dominguez y Dominguez, dos costumes pistoleiros e salsicheiros de Mitrena, ando sempre resguardado por um colete de malha, tipo **«g-man»**, à prova de bala. Como dizia o meu pai: «É preciso muito ourelo!» e no México actual mais do que em qualquer outra parte. **O tempora, o mores!**

COMUNIDADE

**A Mário Cesariny de Vasconcelos,
Poeta do Corpo**

Estendo o pé e toco com o calcanhar numa bochecha de carne macia e morna; viro-me para o lado esquerdo, de costas para a luz do candeeiro, e bafeja-me um hálito calmo e suave; faço um gesto ao acaso no escuro e a mão, involuntária tenaz de dedos, pulso, sangue latejante, descai-me sobre um seio morno nu ou numa cabecita de bebé, com um tufo de penugem preta no cocuruto da careca, a moleirinha latejante; respiramos na boca uns dos outros, trocamos pernas e braços, bafos suor uns com os outros, uns pelos outros, tão conchegados, tão embrulhados e enleados num mesmo calor com se as nossas veias e artérias transportassem o mesmo sangue girando, palpitassem compassadamente, silenciosamente, duma igual vivificante seiva.

É um bicho poderoso, este, uma massa animal tentacular e voraz, adormecida agora, lançando em redor as suas pernas e braços como um polvo, digo: um polvo excêntrico, sem cabeça central, sem ordenação certa (natural); um grande corpo disforme, respirando por várias bocas, repousando (abandonado) e dormindo, suspirando, gemendo. Choramingando, às vezes. Não está todo à vista, mas metido nas roupas, ou furando aos bocados fora delas. Parece (acho eu, parece) uma explosão que atingiu um grupo de gente parada e, agora, o que está ali são restos

de corpos mutilados: uma pernita de criança, um braço nu sozinho, um punho fechado (um adeus?... uma ameaça?...), um tronco mal coberto por uma camisa branca amarrotada. Ou seria, então, talvez, um desabamento súbito, uma avalanche de neve encardida, que nos cobriu a todos, ao acaso, aos bocados, e para ali ficámos, quietos e palpitando, à espera, quietos e confiantes, dum socorro improvável, cada vez mais (e as horas passam!) improvável, incerto, aguardando a luz da manhã, que chega sempre, que acaba sempre por chegar, para vivos e mortos, calados ou palrantes, ladinos ou soterrados, os que já desistiram da madrugada e os que, ainda, contra qualquer lógica, contra qualquer quantidade de esperança, confiam ainda e esperam.

Somos cinco numa cama. Para a cabeceira, eu, a rapariga, o bebé de dias; para os pés, o miúdo e a miúda mais pequena. Toco com o pé numa rosca de carne meiga e macia: é a pernita da Lina, que dorme à minha frente. Apago a luz, cansado de ler parvoíces que só em português é possível ler, e viro-me para o lado esquerdo: é um hálito levemente soprado, pedindo beijos no escuro que me embala até adormecer. Voltamo-nos, remexemos, tomados pelo medo de estarmos vivos, pela alegria dos sonhos, quem sabe!, e encontramos, chocamos carne, carne que não é nossa, que é um exagero, um a-mais do nosso corpo, mas aqui, tão perto e tão quente, é como se fosse nossa carne também: agarrada (palpitante, latejando) pelos nossos dedos; calada (dormindo, confiante) encostada ao nosso suor.

Agora sentado aqui na cama e escrevendo inclinado para a lâmpada do pequeno candeeiro em tulipa azul de vidro fosco, sinto nos rins o rosto da Irene, a minha pequena deusa de tranças loiras, a sua mão, muito branca e esguia, pálida, quase morta, avançou numa aflição de afogado e veio

agarrar-se a mim, junto à sebenta sem linhas onde a esferográfica de tinta vermelha deixa riscos e traços, bolinhas abauladas dos ooo e outras argolas mais do alfabeto, um rasto leve de sangue a fingir, sangue inventado, transposto em palavras e sinais, quieto ali à vista, seco para sempre, moldado, concentrado numa raiva, sujo de palavras, desconforme, sabe-se lá quando mentiroso ou verdadeiro, mas já descansando do seu apressado infatigável zeloso viajar pelo corpo. Sem a dignidade do sangue quente que gira pelas veias e artérias, ora escuro ora mais oxigenado, mas com a gravidade do que esguicha, raivoso, ou escorre, devagar, delicado, das feridas, sangue que vem lá de dentro do corpo com uma força definida, uma coisa a dizer, um sintoma a revelar. Uma voz, se preferem.

A cama é larga, de madeira, alta, gingona, parece uma jangada. Eu comparo-a a uma jangada, onde vamos nós cinco, cercados de noite, de ventos, de ondas caprichosas, perigos desconhecidos. É uma imagem literária, esta, da cama-jangada; a literatura, a quem muito, sofregamente lê, dá isto: comparações para tudo, referências imprevistas, casos, tipos, situações paralelas que já houve ou foram inventadas, uma outra vida ou realidade como a nossa de todos os dias e que se infiltra no sangue, ferve na memória sem que a gente dê por isso. Não ajuda a viver, é certo, porque nada ajuda a viver: antes a figurar-se. Permite, talvez, uma certa coerência (interior). Não é importante, afinal, — mas que será importante, afinal?

Vamos na jangada. Já estamos tão habituados que nem reparamos (é mesmo assim!). Antes de nascer o bebé, o Paulo Eduardo, era pior: havia sempre o receio por esse desconhecido, cuja cara não víamos, escondida como estava na barrica barriga da mãe, e não sabíamos quem era e como era e o que queria. Talvez um inimigo. Talvez um diferente de

nós. Talvez um descontente. Um intruso. Ele só dava sinais (aliás, incompreensíveis, para quem não tiver grande prática) através umas palpitações, remexidelas, cambalhotas, pontapés no escuro (longa noite primeira, o denso mar original), cabeçadas sob a pele de tambor esticada do odre materno. Mas apareceu e já estamos mais sossegados. Não é um estranho nem um inimigo. É um bebé, apenas um bebé. Um igual a tantos, ao que já fomos, e chora e borra e mija e mama como todos os bebés. Mama como quem está a puxar a vida do corpo da mãe, vida quente e docinha, tão fácil! tão gulosa!, para dentro dele. Caga e mija como quem ri do mundo, do muito que nele há para a gente rir, misérias e tristezas, aleluias e horas de prazer, que tudo vale o mesmo e tudo é o mesmo fumo e tem o mesmo fim. Chora como quem já sabe isso.

Dorme ao lado da mãe. Uma carinha de velho engelhada, o focinhito moendo e remoendo, abanicando a chupeta, num tique de focinho de coelho. Este (o bebé) tem uma vantagem, um privilégio singular, o chamado direito de opção: podia dormir no berço, se quisesse; um berço novinho em folha, de vime seco, barato, sem luxos de colchoaria ou rendas finas ou forros vistosos de chita, mas inda assim confortável e limpo, arejado, independente, com lençóis. E neste Inverno houve também noites em que a Lina podia escolher: se quisesse, dormia no chão dentro do gavetão ou sapateira do guarda-vestidos, parecia um caixão aberto, com o anjinho lá dentro, em cima de roupas velhas, um casaco e umas calças minhas, intrajáveis.

Desde que estamos aqui, estudámos, experimentámos várias posições para nos ajeitarmos a dormir melhor: ora todos em fileira, ao lado uns dos outros, para a cabeceira da cama, ora distribuídos como agora, três para cima, dois para baixo, ou, então, com um dos miúdos (a Lina ou o

Zé) atravessados a nossos pés. E havia, ainda, o problema da colocação ou das vizinhanças: eu e a Irene num lado e os miúdos noutro, ou nós no meio e eles um de cada lado, isto com insucessos, preferências, trambolhões cama abaixo, muitos pontapés, mijas, rixas, complicações de família, favoritismos e ciumeiras e choros e berraria às vezes, resolvidos em família entre risos e lágrimas, bofetões, beijos, descomposturas, carícias leves... Também na cama as posições variavam conforme o frio ou o calor, conforme, principalmente, o frio ou o calor que fazia na cama, pois os cobertores, às vezes, eram convocados (um, ou dois) à pressa, num afã de salvação pública (nossa) e seguiam com destino incerto. Depois, não havia trapada pelas gavetas que chegasse para os substituir, e até jornais, são óptimos, ramalham duma maneira estranha, apreciada pelos vagabundos que têm sono e frio. A verdade é esta: o frio não entrava connosco!

Somos gente pura: os mais novos não sabem o que é a promiscuidade, a minha rapariga se vir a palavra escrita deve achá-la muito comprida e custosa de soletrar: pro--mis-cu-i-da-de (pelo método João de Deus, em tipos normandos e cinzentos às risquinhas, até faz mal à vista!). A promiscuidade: eu gosto. Porque me cheira a calor humano, me sobe em gosto de carne à boca, me penetra e tranquiliza, me lembra — e porque não?! — coisas muito importantes (para mim, libertino se o permitem) como mamas, barrigas, pele, virilhas, axilas, umbigos como conchas, orelhas e seu tenro trincar, suor, óleos do corpo, trepidações de bicharada. E a confusão dos corpos, quando se devoram presos pelos sexos e as bocas. E as mãos, que agarram e as pernas, que enlaçam. Máquinas que nós somos, máquina quase perfeitas a bem dizer maravilhosas, inda que frágeis, como não admirar as nossas peças, molas e válvulas e veias, todas elas animadas por um sopro que lhes parece alheio mas sai do seu próprio movimento, do arfar,

dos uivos do animal, do desespero do anjo caído. E a par disso que é o trivial, que é o que cada um, tosco ou aleijado tem para dar e trocar, fatalidades, na sua mísera ou portentosa condição de bicho, a beleza, que é a surpresa, a harmonia das formas, que é a excepção, e a inteligência, que é a reminiscência dos deuses. Ao lado do bicho, natural e informe, a estátua — onde a carne se afeiçoou em linhas puras, sabe-se lá porquê, para quem e para que fim (sim, o fim sabemos e é o que irmana todos na caveira desdentada horrível a rir-se muito da beleza e dos olhos que a gozavam, da estátua viva e das mãos que a percorriam demoradamente, enlevadas). A curva flutuante de um seio de donzela, a provocação que é a anca do efebo ou da ninfa, tão parecidas que se confundem; a amplidão do olhar e os seus mistérios, esquivas e trocadilhos — íntima largueza do reino da alma que jamais encontrarás seu fundo, e a cor alacre arrebatada de uma risada; os passos, o cetim da pele, o emaranhado dos pêlos do púbis, e a alegria loira de uma cabeleira solta, desmanchada nos abraços, saindo triunfal de uma cama semidesfeita. A persuasão da fala, a fenda estreita que é a porta do paraíso e as outras mil maneiras de ver e gostar de ver um corpo ser nosso, subjugado por uma técnica ou o seu próprio desejo dissoluto; e tudo assoprado por dentro, tudo recheado de novas grutas ainda por explorar e que também jamais as conhecerás ou iluminarás todas, se elas a si mesmas se ignoram. Tudo cativado por uma divindade que é o todo, que é o Corpo, em risos e gritos, balbuceios de orgasmo e ranger de dentes, e a solidão duma lágrima lenta que desce a face no silêncio e na amargura; e o resfolegar do moribundo que já nada quer dos homens e com os homens, mas ostenta ainda na severidade da máscara, no desdém da boca desgarrada, uma altaneira nobreza; e a ferida do teu sexo aberta como uma nova última esperança de recomeçar tudo desde o princípio como se fora a primeira vez a fuga para o sono e o sonho. Nem eu me atrevia a falar-vos disto, senhores; nem eu nunca me atreveria a repetir coisas tão

velhas, se não as visse serem atiradas para trás das costas, como se a enterrar em vida o corpo em cálculos e tristura os homens fossem mais livres e mais humanos. Ódio ao corpo, andam esses a dizer há dois mil anos, como se neste curto lapso de tempo da história do homem só devesse haver fantasmas descarnados. Ódio ao corpo, o teu e o meu, disfarçado em tarefas vis e loas absurdas, cobardias pequeninas. Nada disso é gente e eu gosto de estar com gente (falo de corpos), um enchimento de gente à roda, compacta, onde recebemos e damos, estamos e lutamos, sofremos em comum e gozamos. Onde tudo de nós é ampliado, revigorado, e medido pelo colectivo, pelos outros — espelho e limite, cadeia e espaço imenso, liberdade e nossa conquista.

Cá em casa a nossa cama é a nossa liberdade imediata. Tem os nomes que quiserem. É a cama do pai de família, austero e mandão, ou do dorminhoco pesado quando regressa embriagado para casa. É a cama do libertino. É o leito (suponhamos!) Luís-Qualquer-Coisa, XV ou XVI, do milionário, porque nela somos reis e milionários de ternura e de abraços, de palavras ciciadas; e é o catre sem lençóis, fracas mantas, e mau cheiro, do maltês que não sabe para onde o destino o manda (e somos isto, e que de longes terras viemos! quantos naufrágios! quanta coisa fomos largando para facilitar a marcha até aqui!), a enxerga do pedinte (e nós o somos também: porque temos falta de tudo e porque acordamos de manhã sem uma bucha de pão para dar às crianças e sem saber ainda onde o ir buscar). Podia ser (dava para) um bom título de uma comédia picante, bulevardesca: UMA CAMA PARA CINCO; idem para um filme neo-realista, onde nem cama houvesse, só umas palhas podres e mijadas, com gaibéus ensonados, embrutecidos do calor e do vinho, fedor de pés, talvez um harmónio desafiando as cigarras e os grilos na cálida noite da planície alentejana. Uma cama para cinco, em herança, constituía

um demorado caso de partilhas. Nós dormimos. Às vezes, muitas vezes, beijos e abraços. Às vezes, palavras duras, definitivas, a luta dos indivíduos (a morte ou a vida), e chacotas pelos fracassos de cada um, e arremessos de mau génio, e vampirismo, pois então. Somos puros. E que falta nos fazem lençóis, fronhas, almofadas? Os cobertores, quando os há, estão enegrecidos e com manchas, cheiram ao chichi das criancinhas, quando não a coisas que eu não digo. Mas abrindo a janela, que contraste de perfumes com o ar lavado que vem dos montes da Serra de São Luís! com a florescência das árvores na Avenida! E deixem-me que lhes diga: se é precisa a maior vigilância com as maganas das lêndeas e as brincalhonas pulguitas (especialmente daquelas pequeninas, estilo terroristas, são mesmo uns amores!) a graça que tem a Irene na caça à bicharada, desporto conceituado nas brenhas beirãs onde a fui escolher, e como se alegra dizendo «era uma verdadeira toira!» ou «esta tinha rabo branco, eram duas às cavalitas», o que só demonstra que na classe agrária, enquanto não chega o dia do tractor e da reforma, a educação feminina quedou nessas prendas doméstico-venatórias do olho atento, dedos que nem setas, unhas como guilhotinas...

Em toda a cidade que dorme e respira, eu luto com a dispneia e escrevo. Em toda a cidade que repousa e se esquece, na Avenida dos Combatentes eu debato-me contra a morte e escrevo diante da minha pequena tribo que dorme. A tribo dorme: a Lina mostra um punho fechado (ideias avançadas terá a mocinha?); o rapaz está de costas e quase destapado (parece um Cupido cansado; na larga queixada, porém, uma expressão terrena, máscula — a cara camponesa e rude do avô Matias); o bebé ressona ou balbucia qualquer uma esperança que só ele entende. Ela, a Irene, a minha pequena deusa de tranças loiras, encosta-se a mim e calada cálida repousa cansada. Sou um deus grego! Fauno serôdio, Pan sem flauta, Orfeu decaído de quantas

desilusões e frios cinismos, um Vulcano cornudo às ordens de Vocências, do meu espaldar senhorial contemplo o rebanho provisório que inventei, patriarca e profeta do meu próprio futuro. E receio, oh como receio, que os deuses a valer me castiguem! E desejo, oh como desejo, que chegue a manhã e eu esteja respirando ainda pelos foles dos pulmões que o enfizema vai dilatando minguando a elasticidade; que o meu coração eia! sus! bata ainda quando, num quintal que não sei, perto, o galo canta.

Quando a dor no peito me oprime, corre o ombro, o braço esquerdo, surge nas costas, tumifica a carótida e dá-lhe um calor que não gosto; quando a respiração se acelera em busca de uma lufada que a renasça, o medo da morte afinal se escancara (medo-mor, tamanha injustiça, torpeza infinita), aperto a mão da Irene, a sua mão débil e branca. Quero acordá-la. E digo: «não me deixes morrer, não deixes...». Penso para comigo, repito para me convencer: «esta pequena mão, âncora de carne em vida, estas amarras suas veias artérias palpitantes, este peso dum corpo e este calor, não me deixarão partir ainda...». E aperto-lhe a mão com força, e acabo às vezes por adormecer assim, quase confiante, agarrado à sua vida. Ah, são as mulheres que nos prendem à terra, a velha terra-mãe, eu sei, eu sei! São elas que nos salvam do silêncio implacável, do esquecimento definitivo, elas que nos transportam ao futuro, à imortalidade na espécie (nem teremos outra) pelo fruto bendito do seu ventre (eu sei, eu sei...).

Mas a minha força é grande. Respiro ao mesmo tempo por cinco pulmões; quatro corações jovens (certeiros e cheios) com muitos anos de corda para badalar, batem ao lado do meu e dão-lhe ânimo e companhia, eia! sus! avante! para mais uma jornada. Um grito, um riso, um gemido, um bafo abafado na roupa, uma conversa entaramelada que tento perceber do Luís José que se julga (calculo) a brin-

car na rua com a malta (felizardo ou infeliz, o pátio de recreio dele é uma cidade inteira) — eu olho, comparo, medito, aflijo-me, respiro pior tomo aminofilina respiro melhor, duvido, estremeço, dão-me arrepios e aposto: no futuro, amigos, no futuro! que são eles. E deito contas, arrelio-me, barafusto, dou bofetões, pontapés (de que logo me arrependo, mas a biqueira do sapato já encontrou um rabo), procuro criar um tanto de ordem na desordem, porque não se pode viver no caos, sem uma saída para o transcendente, o Supremo Bem que me preocupa são eles, os bambinos, a minha imortalidade, frágil, incerta, tão precisada por ora de mim e eu tão atormentado e cansado, gasto, velho por dentro e por fora (um velhote), mas orgulhoso dela, mas apostando neles tudo quanto posso, tudo quanto tenho, a minha imortalidade serão talvez eles e mais nada, talvez estes, aqui apertados nesta cama gingona, encalorados ou friorentos mas felizes, pedindo pão a rir, inocentes mas felizes porque a miséria ainda os não roeu na alma, a minha imortalidade tão pequenina e discreta, serena dormindo agora, — três setas apontadas: aonde? e até quando? e contra mim ou não, e porquê? mistérios estes que nem o filósofo Maldonado Gonelha, de Setúbal, será capaz de explicar. Alvo incerto como a nossa trajectória, e tudo estremecente de vida, ondulante e diversa.

Sei (e não me esqueço) que eles, fora de mim, pedaços de mim repartido, têm corda própria e seguirão seus rumos por esse mundo, cada vez mais distantes e dispersos, indiferentes à origem, cada vez sabendo menos de mim, comigo vivo ou morto. É a Lei. A flor não pergunta à abelha para que lhe rouba o pólen. A semente surgindo lentamente da terra — quem lhe encomendou o sermão? pensará no futuro? ou o futuro é ela que ali está a crescer? Turbilhão da Natureza no seu perpétuo móvel (móbil). Caos medonho, mas é aí que estamos. Sei tudo isso. Sei que partirão um dia ou me deixarão partir, sem cuidados, sem remorsos nenhuns, talvez com alegria até. Sinto obscuramente, porém com que certeza, que sou o elo duma cadeia eterna, a começar sabe-se lá onde ou quando, a findar talvez nunca mais, e que não a traí; submisso à Lei. Alegre e cheio de pavor. Tocando com as mãos, tão perto! a carne que me continua. O rapaz tem nos olhos castanhos a mesma doçura dos olhos da minha mãe e é aí que ela está ainda viva; uma còvinha na face esquerda da Lina, é minha; o Paulocas reabre um silêncio que o meu pai mantém fechado num coval do cemitério de Bucelas. Submisso à Lei: olhando-me na pequenez e no que tem afinal de cómico a rábula que represento nesta vida e não desesperando do todo em todo do personagem. Tão rápido tudo e hesitante! Mas aqui, agora no momento em que escrevo (e tudo está certo e tudo permanecerá assim, porque o escrevo) antes da luz da manhã, enquanto os outros o não sabem e não o podem portanto destruir, nestes dias tão tão iguais, sou eu o guia e o inventor. Eu, o prudente pastor do meu rebanho. Eu, o chefe. Eu, o sábio. Eu, o Pai. É a Lei.

E enquanto dormem a meu lado, eu olho-os e descrevo-os para os fazer mais meus, para que mos vejam como eu quero. Olho-os e estou vivo. A Irene, dormindo enleada em mim, quieta e entorpecida, a trança meio desfeita como uma auréola, quieta e estranha, sonha talvez. Quem pode saber o que sonham mulheres? Rodeados de sombras e cantos matinais da pardalada folgando nas árvores da Avenida, chegamos lentamente a um novo dia. Os dois garotos, daqui a nada, vão crescer das roupas, desenroscar-se com olhos apatetados de sono. A Irene boceja, meio a dormir encosta o bico da mama à boquita do filho e dá-lhe do seu sangue, um maná de ternura, e olha-o, e pensa. Quem poderá saber o que pensa uma mãe olhando o filho?

Tenho pena, ah como eu tenho pena!... dos que precisam de inventar coragem para um novo dia, certezas certezinhas, obediência a religião ou partido ou rotinas, de inventar-se comodidades necessidades ou ilusórias vaidades de levar melhor vidinha (ceguetas todos eles aos limites da humana criatura que é para todos e de repente o coveiro), razões para estar e lutar além destas, tão simples afinal e misteriosas sempre, tão naturais e primitivas: uma rapariga nossa que amamenta o filho, duas crianças que pedem pão e olham para ti.

Não sei nada. Duvido de tudo. Desci ao fundo dos fundos, lá onde se confunde a lama com o sangue, as fezes, o pus, o vómito; fui até às entranhas da Besta e não me arrependo. Nada sei do futuro, e o passado quase esqueci. Li muito e foi pior. Conheci gente estranha nesta viagem. Pobre gente: estúpidos de medo, doidos espertalhões, toscos patarecos, foliões e parasitas da Vida, parasitas (os mais criminosos, estes) chulos do próprio talento, desperdiçando tudo: as horas do relógio deles e dos outros e as virtudes deles e dos outros, e os defeitos de todos, que tudo tem seu calor e seu exemplo; ou frustrados falhados tentando arrastar os mais para o poço onde se deixaram cair por lazeira ou cobardia, impotência de criar (mas o coveiro nada perdoa!). Cadáveres adiados fedorentos viciosos de manhas e muito mal mascarados. Uma caca a respirar.

Ora deixem-me que lhes diga: um cadáver não nunca tem terá razão, mesmo que a tivesse tido antes. Um estúpido um cobardola é para rir e chorar, porque a estupidez e o medo não têm medida. Um patareco, dá-se-lhe um pontapé no cu, um parasita esborracha-se por nojo e a um folião fazemos notar que não lhe achamos graça nenhuma. E fugi dos frustrados e falhados que é a malta mais tratante e castradora que existe. Mas um bebé! uma rapariga com um filho

ao colo! os bambinos em volta! são os bichos mais exigentes e precisados de tudo. E há que lhes dar tudo. Eis, senhores, porque saúdo a manhã e faço gosto em a ver inda uma vez, eis porque a pardalada me incita. E no riso do meu Paulocas uma leve ironia contente me desperta, babada em leite e ternura. Somos puros. Sabemos e cumprimos. Bem-aventurados somos e vós, também,

Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sereis, se as praticardes.

UM CASTO MILAGRE

Já não sei qual de nós fez a pergunta, talvez eu:

— Vamos jogar xadrez?

Tenho diante de mim um estranho bicho. Sentada, com as pernas estiradas no tampo doutra cadeira a meu lado, pés gigantones enormes, soltos dumas sapatilhas de couro caídas não sei onde, saindo nus dumas calças de caqui azul sujo, blujins ou bonanza pouco importa, arrapazadas; e um camisolão escuro castanho, com cinto largo preto de plástico ou cabedal apertando a barriga onde em cima as duas colinas dos seios, crateras de prazer, se afastam para os lados, amuadas; e depois um pescoço e depois um rosto. Olhos largos de alma aberta, uma singular nobreza, atentos, às vezes contraídos fixos num esforço maior de compreensão, ou que seria?, com uma auréola um vinco sombreado em redor, doentio. Quero comparar-lhe o perfil — com quê? com quais? mas são imagens sucessivas e sobrepostas um tanto ridículas que me tentam: matrona romana? múmia hierática? uma gravidade inca? bruxa calé? O mais indefinido ainda, o que surpreende e cativa ou repele desde logo é a voz. Não máscula (de virago, não!), não gutural, não enrouquecida. Talvez antes modulada, um baixo-cantante. Aliás, retensa, nada precipitada, com pausas suspensões de um respirar compassado, íntimo e, de súbito,

uma risada de adolescente leve e rápida e irónica, talvez irónica apenas: um breve inesperado comentário sonoro ao que estava dizendo sacudido só em sons, estralejando sem palavras. Mesmo assim que impressiona. Nada sei dela. Ah! chama-se Isabel.

Saem-lhe as brancas. A mão dispõe devagar as peças no tabuleiro e avança um peão. Olho-a bem nos olhos e começa o jogo.

Daí a horas estamos por acaso deitados numa cama. Fumamos às escuras. Mantenho o pé esquerdo encostado ao tornozelo suponho, dela. Calhou, deixei ficar, não se retraiu, deixei ficar. Naturalmente. Como dois companheiros de viagem que aperto de lugar na ocasião comprime e não sentindo embora prazer nisso, assexuados, se resignam. Não contrafeitos. Pela força das circunstâncias. Ou começam depois a tomar-lhe gosto por mais calor, estar junto a gente, e mais nada.

De repente, dou comigo em estado de encantamento. Isto é: sei de certeza certa que posso pensar em voz alta como se estivesse sozinho ao lado desta rapariga que fuma calada. Supremo prazer! Não ser preciso mentir, falarmos connosco e de nós mas sabendo que alguém nos ouve entende em silêncio e pela primeira vez, despejar o saco rebuscando nas pregas nas covas mais íntimas, as mais escondidas, o que às vezes nem a nós confessaríamos no segredo da nossa cama solitária porque tamanho era ainda o susto, o pavor do vazio em que ficávamos a falar sozinhos como tontitos de manicómio; falarmos lenta calmamente ou em ira livre enquanto o cigarro arde e a mão vai a espaços tacteando no escuro onde estará o cinzeiro e sacode e leva à boca e recomeça mais vivo.

Falo do que me é mais querido. De coisas tão graves e sentidas, decisivas para mim no passado, que evocá-las me é ainda uma enorme confusão, medo infantil medonho ou já só sorrirmos com talvez uma certa ternura pelo que foi e fomos. Desbobino-me no escuro. Oiço-me falar e não tenho forças nem quero travar a língua em confissões amargas — vergonhas, torturas há muito e de todos até então caladas. Fico todo nu sem máscara diante dela, ali, por querer, por (não percebendo bem como) me parecer, ser naquele momento e ali, junto dela e de repente, bom útil importante certo estar assim. Por, quem sabe? por uma aprendizagem de mim, uma vontade irresistível e necessária de expiação, massacro-me sem dó nenhum, a contento me liberto talvez, evocando num pesadelo falado para que a Isabel me conhecesse melhor (pois não seria?) os meus fantasmas predilectos, os obcecantes. Como se sonhando: na impotência e no voluptuoso abandono do sono mas ao mesmo tempo em plena lucidez, com toda a força do meu espírito. E gozando, testemunha de mim lançado à deriva. Está a ouvir-me; sensação antiga remoçada ali e sempre aprazer. Há quanto quantos anos não me sentia tão repousado e liberto em companhia? Guerreiro fugidio e vagabundo mas teimoso, coberto de chagas e mágoas. ali me coçava por dentro como se estivera sentado ou estendido ao sol dos campos em pausa de jornada, derreado e ganhando alento caminho de novos perigos, múltiplos combates noite e dia, indefinidos porém inevitáveis. Ali me despia inteiro sem medo. Sabia que me ouviam. Ali não era um qualquer clamando no deserto. Estava eu e outro corpo. De parceria. Uma aventura a dois, secreta e cúmplice.

Num gesto que nem dei por ele, estendi o braço no travesseiro e por detrás do pescoço nu, sobre o seu ombro esquerdo a mão pára, passa leve levemente, o que não chega a ser uma carícia, talvez uma maneira de estar ali assim brincando feita na mão-morta. Amoldando-se em

concha à pele morna, dura. É tão lento, tão suave casto o gesto e no entanto vai dilatando nas polpas do braço que conchega a sua área de estar, que não depende, dir-se-ia, de mim. Nem do que vou dizendo; antes iniciativa deliberada da própria mão. Nenhum retraimento de Isabel. E a mão não pára, brinca por sua vontade.

Conto-lhe da Elsa. Não sei o que ela possa ter sabido. O assunto é abordado aos baldões, balbuciante. Não lhe digo logo (nem sei se lho cheguei a revelar) que na noite anterior estava com a Elsa dentro daqueles mesmos lençóis (fui eu quem compusera a cama, de manhã), fornicávamos e conversando. E nessa noite, era o combinado, devíamos estar ali também. Mas o presente não me importa, o que me impelia a falar então era uma mistura de raiva e pieguice por mim, obsessões mórbidas, taras minhas, uns disparates de sentimentalismo. Saem-me aos borbotões frases soltas «gostei muito dela», «por duas vezes ia morrendo por causa dela, sabes?», «o que eu sofri, o que eu chorei». Ôh, Ôh (à Roberto Carlos). E tudo verdades. Alucinadamente, descomponho-a (à Elsa) diante da outra, que não tem nada com isso. E lamento-me e deito pragas ao Diabo à sorte minha. Arranjo explicações que nem percebo, mas atiro-as assim. Estou a ferir-me no escuro enraivado, não consigo calar-me ou recordar com calma, em narrativa fria e coerente mas só tumultuosa cólera os acontecimentos passados e os recentes: é aquilo um turbilhão em que me engolfo perdido e desorfado, doidamente. Como resistir?... digam lá: como, como? se tinha agora ali quem me ouvisse? Passara meses a raspar na mesma dor, ouvindo dichotes, chorando à parva diante de quem ria, estupidamente eu palhaço sem graça, a ver-me e saber-me moribundo, sem coragem para dar-me o fim e sem vontade de chegar à praia, náufrago lúcido mas inerte, incapaz de nadar. Cristalizado, agarrado todo a um fantasma que percebia, via ir envelhecendo e esfumando-se dentro de mim, mas não tinha já

outro nem queria. Tudo me afastava cada vez mais dela, da Elsa (e... no entanto... abismos da alma humana, barafunda dos acasos e dos sentimentos... às vezes, sim, às vezes, tudo em nós parecia recomeçar continuar alegre como antes fôra — mentira breve, ilusão de momento), tudo ia mordendo em nós e secando-nos: a ausência, a separação a que me obrigava o meu orgulho, o medo também medo pois! dela. E, agora, como ainda na véspera, até os nossos encontros. Íamos para a cama e a olhava mais distante (eu, atento) não porque a Elsa por qualquer fala ostensiva ou propositada o demonstrasse mas talvez porque, a pouco e pouco (coisas de nada, mentirolas em que a apanhava, casos passados na minha ausência e que eu até já sabia ou não mas, numa indiferença fingida, me retalhavam e aborreciam ao ouvi-la; creiam: o nosso próprio rememorar de acontecimentos doutrora — vício de velhinhos! de amantes já cansados! — dos bons bocados passados juntos e das cègadas, bem divertidas algumas, outras muito chatas) algo me repugnava nela, cada vez mais nítido. E nem nunca lho dava a entender. Lho escondia, aflito, com receio de a magoar, a tornar mais desgraçada, escravo (tudo isto é tão romântico... **sensiblerie!)** de uma solicitude (chamem-lhe o que quiserem, vão todos à merda!... ternura, paternalismo, amor-amorudo à portuguesa) que me era por enquanto impossível alhear de mim — olhando-a, reparando nas comissuras enrugando o seu antigo sorriso descuidado infantil, beijando-a muito, e sabendo-a frágil, frágil. E doida. Quando mais delirados entesoados nos suporiam metidos na cama, mais nos estávamos afastando, acho eu. Íamos aguentando (adiando) à custa de mentiras mútuas, eu apontava, calado mas sobressaltado, as dela; envergonhava-me logo ou depois em silêncio, mas envelhecido, mais vergado eu, mais abandonado, contristado, das minhas. Aquilo, bem vistas a sério as coisas já não valia nada, não tinha jeito nenhum. Porquê? Não se pode viver na mentira.

É natural, vão perceber, que a minha voz aí tenha mudado. Não estando bêbado (não bebia nada de álcool há meses) não entaramelava, talvez antes ofegante. Aos sacões. Com raivas surdas explodindo não em palavras mas no tom interjectivo, isto é, nos arremessos da frase e seu corte brusco. Com uns trémolos quase de choro, amimados. A confissão dolorosa e lenta, amargurada porém deleitada, entrecortada doutras a despropósito, exaltando-me ainda na recordação sangrando de tudo os momentos de ternura e muita felicidade e as horas em que o Diabo ri, a narração sem mais aquelas de uma longa e pertinaz doença (como se diz). Gabarolices, no meu raconto, nenhuma, e para quê? um estendal de vexames e fracassos e partes gagas e partidas de garotagem, que cègada, caramba!, de que me ria agora por vezes no escuro e fazia rir a Isabel e isso me agradava, quer queiram quer não. A confidência singela, a tumultuar numa humildade grande, orgulhosa também em se dar a conhecer, numa crescente força que era sentir-se liberta, tal-e-qual. Aquilo mesmo a que assistira no Limoeiro, até em tipos dos mais reservados e macambúzios, desconfiados, que também têm (ai não!) as suas horas malditas. Sabem-se perdidos. E desbroncam-se. Desembuxam. Agarram-se ao primeiro que calha, camarada de bailique ou qualquer um, fumando ambos desalmadamente e passeando em frenéticas intermináveis passeatas de fera enjaulada pela sala ou cela abaixo acima. E contam tudo. O crime. Peripécias com os xuis ou na Judite. Casos e doenças da família. Namoros e engates. Mostram fotos e ficam-se de súbito inesperadamente calados a mirá-las. E logo, o que mais os preocupa. A marreta, como será?... juízes porreiros e outros de fama horrível. A vidinha desde pequeninos. As cartas que recebem e as que esperam, dia-atrás-dia. O orgulho de ter visitas. Amigalhaços fixes no Lá Fora e que os vão — **«tenho a certeza!»** — desenrascar. Aflições e temores exagerados. Ciumeiras. As noites com os sonos aturdidos de pesa-

delos. Vontades de esganar tudo e todos. Ódios e vícios segredados. Bravatas. Projectos de vida nova óspois no Lá Fora. De repente, e quem seja batido por cadeias já o previa já sabe, percebemos que estão a inventar tudo no momento ou a fazerem-se romanescos, interessantes, para nos cravarem depois um cigarro, uns escudos, seja o que for. Ou talvez sem se darem bem conta — desgraçados todos! — enredados numa espiral de fantasia, uma teia aloucada enquadrando a personagem que se figuram ou exagerando desgrácias ou caricaturando-se aldrabando o mais que podem, sem nada de premeditado ou prático na altura, a esperança irreprimível dos tristes, dos condenados. Um selvagem lamento na sua solidão. Por orgulho só, por desafio, contando refazendo a vida deles toda tal como teria sido senão. Lhes agradaria, a teriam projectado um dia assim. Eu falo nesta cama para a Isabel, ela ouve e pergunto-me agora: quando lhe menti? e quantas vezes? e para quê? Toda a narração é invenção.

A mão percorreu muitas vezes o braço e o ombro. Foi até ao pescoço, às cordoveias da carótida já numa carícia, atreveu-se às espáduas mornas. A minha mão direita avançou então, enquanto todo o meu corpo se torcia para o lado, encostava ao dela, encontrou a sua mão esquerda (a do coração) (quem sabe se se procuravam ambas?), agarraram-se estreitaram-se enroscaram-se enclavinharam-se uma na outra, entrançaram dedos apertando as articulações até doer, magoando-se talvez de propósito em súbitas sucessivas convulsões (como orgasmos) como se falassem e assim se se entendessem melhor. Casamento casto, quase diríamos: um ritual maçónico de afogados desesperados que se querem ajudar sentiram-se de repente uma grande piedade, uma grande ternura um pelo outro. Assim estivemos. Calados, talvez demoradamente calados, dois corpos nus e

tão quietos, unidos apenas pelas mãos ouvindo-se respirar no silêncio da noite. Pausa.

E logo, soltando devagar a mão aberta e sorrindo no escuro, a Isabel disse:

— Aqui estou.

O CACHECOL DO ARTISTA

Ao António José Forte
e ao Jasmim

Aproxima-se o General Inverno que até ajudou a vencer Napoleão, como se aprende na escola.

O ARTISTA PRECISA DE UM CACHECOL.

O **cachecol do Artista,** eufemismo simbólico que passamos a explicar, são vários, pode mesmo afirmar-se **para cada Artista seu cachecol.** Igual coisa acontece com o comum das pessoas porque, logrados pelo dito do dá Deus o frio conforme a roupa, já muita gentinha tem morrido de frio, pobrezinhos! Assim, o mais seguro ainda é usar um bom cachecol. Há vários:

há os que se refugiam no seio da família, «home sweet home», cachecol-cadinho das mais santas virtudes. Para outros, é um cigarro ou um gole de álcool, desde o precioso uísque ao corriqueiro bagaço mata-bicho, ao popularíssimo dois-tintos. Ainda alguns e algumas é o Amor que os aquece, sobretudo nas zonas erógenas, e excelente cachecol é o Amor, distrai os indivíduos e perpetua a espécie, prestando-se a mil fantasias da imaginação e dos corpos, em estudadas posições e conúbios que só quem lá anda é que sabe..., alegrias da Libertinagem, por ora basto peri-

gosas cá no País, como o dr. Manso achou de sua obrigação prevenir-me. Há também os heróis da Amizade e há os obcecados para quem um livro é comburente de primeira qualidade, ardem de pura chama espiritual; e outros ainda, do chamado Partido da Indignação (fundado por Zola), a quem a leitura de um jornal eleva ao rubro para as vinte e quatro horas seguintes. Há, pois duvidam?!..., muitos que gostariam de possuir um cachecol a valer, leve e peludo, quentinho, em lã alemã.

E muitas, muitas mais espécies de cachecóis se conhecem ainda: um rapaz amigo, sei eu que com os dinheiros ganhos numa peça infantil comprou um sofá — era aquele o seu cachecol! Outro, sempre por esta quadra festiva muda de casa e de mulher, lá terá suas razões, qualquer cachecol novo em perspectiva... e mesmo (é o meu conselho) isto de mulheres, ou a gente vai mudando delas com frequência ou são elas que, inevitavelmente, acabam por nos mudar a nós. Um automóvel é cachecol que faz mexer muitas criaturas e um surrealista convicto (que muito estimo) abjurou do Breton por causa das prestações do frigorífico, e refrescando a cerveja mai-lo pudim, «aquecia-se» depois, ao pensar no seu orçamento mensal. Da novíssima fornada de Plásticos, o cachecol supercobiçado é uma bolsa, que em Paris é que a Pintura é bela! Sei de madamas reguladas e espertinhas para quem o C. D. Calculator Patented é um cachecol de estimação, trazem-no sempre na mala, ao lado do bâton; e pais de prole numerosa que sonham durante o dia com uma posta de bacalhau e batatinhas cavonde, por nem em sonhos se atreverem a meter o dente num andar (projectado) do sr. Branca Lucas. Há os místicos que invocam o Ser Supremo (como quem dissesse: o Cachecol Eterno) e depois de mortos inda esperam que Ele lhes aqueça a carcaça. Ouvi falar, mas isto muito em segredo, de políticos (velhotes quase loucos) que não se arriscam fora da toca sem um bom cachecol bem blindado à roda — e quem nos garante que não será por timidez?... Etc.

Estão, pois, a ver a importância que tem um cachecol

para a maioria dos mortais, o que fará então para o Artista, frágil cigarra toda enlevada no próprio canto!... lunático cagalume que um maravilhoso mas dramático destino acorrenta!... Quando chega o Inverno, e o frio e a chuva o tolhem de surpresa, quem lhe pode valer? onde arranjar um cachecol?

Trabalhador infatigável, em regime **full time,** sem horário de serviço, sem férias, sem feriados, domingos ou dias de guarda, não recebendo horas extraordinárias, porque nele todas as horas de criação são extraordinárias e as outras, mesmo as do sono, acumulam e elaboram materiais para essa criação, experiências e conhecimento, saber do mundo e das coisas, de si (o seu maior mistério é ele), nele nada se perde e tudo se transforma, tudo se transfigura, nessa exaltação criadora. Vive no tempo, mas não conta com o tempo, não cria propositadamente para o seu tempo, nem faz render o seu tempo e nisto se distingue do **artesão** (larva ou sucedâneo do autêntico criador), estabelecido na rotina e no conformismo, que funciona prazenteiro servindo a clientela sob a lei da oferta e da procura. Pelo contrário, o Artista não poupa tempo nem esforços, não se poupa em nada, exercita e excita as suas forças, droga-se por muitos processos para as multiplicar, estoira os nervos e os miolos (daí a longa teoria de bêbedos, loucos, tísicos, toxicómanos, miseráveis farrapos humanos que constelam, gloriosamente!, o Olimpo das Artes), queima todas as suas energias, não se precipita nem improvisa, a gravidade da sua missão (condição) obriga-o a uma perícia permanente, e nisto se distingue do **amador,** que na melhor das hipóteses é um talentoso com pontaria ou sorte. Mas ao Artista exigem-se outras qualidades, a rigor: é ele que de si as exige, como sejam a independência do carácter, o desprezo pelos chamados respeitos humanos, a humildade (que geralmente falece ao amador) e a insatisfação (com a qual o artesão não saberia viver). Uns poses de cabotinismo. E acima de tudo orgulho. E mais acima ainda liberdade, rosto do Homem.

Convenhamos que o mundo ficaria bem mais pobre e

mais vazio sem o Artista. Nenhuma classe, porém, está entre nós tão desprotegida. É certo que, geralmente depois de morto, o Artista beneficia de certas compensações... é falado, é lido e relido, comentado, antologiado, imitado, entra no património nacional. Donde se poderá então concluir que o costumado confronto com a cigarra é odioso e injusto, que da cigarra pouco fica para o seu semelhante e os vindouros, mas do Artista fica muito em relação ao que deixa a maioria dos seus contemporâneos, que é caca.

Denunciemos com toda a energia a fórmula, hipócrita e falsamente optimista, que **o amanhã é dos loucos de hoje** (e Pessoa, que pôs a correr em verso esse lugar-comum, o exibe melhor que ninguém: o «louco» era ele e os «de juízo», os sensatos espertalhões, é que descobriram **uma mina** na sua obra). Quando se vê que as videirinhas formigas tomam conta, cedo ou tarde, do canto da cigarra para se alambazarem à sua custa, em boa fé somos levados a admitir que o canto sempre vale alguma coisa e sendo assim a própria cigarra, como vivente, vale alguma coisa e justo será que seja ela, antes de ninguém, a lucrar com isso, ao menos para não morrer de fome e frio, tiritando a dançar no Inverno, como quer a fábula. E a formiga, claro!, para seu gozo e proveito.

Meus Senhores, estimados Amigos, preclaros Confrades: esta situação é ignóbil e ridícula, e para quem a sofre é pior, porque é atroz. Inibitória para o Artista, vexatória para a sociedade. Não deve continuar, e tem-se mantido um pouco também por distracção, passividade dos principais interessados. A minha tese é esta: pelo respeito que nos merecem **os loucos de ontem** temos de ser hoje **tão loucos como eles,** ou mais, sabido que cada época tem seu tipo e grau de **loucura criadora,** e marcar, desde já, a nossa reserva e o nosso desdém pelos sensatos espertalhões que nos querem comer as papas na cabeça, como parasitas do Artista que são e agem. Que não contem com a nossa cumplicidade! que não apostem na nossa doce aquiescência!... Que não trocem muito do Artista, que lhes pode puxar as

orelhas e para sempre! em justiceira prosa jocosa. Quando meterem a foice na seara que é nossa, por amor nosso e nosso direito comprado com sangue, serão mordidos, **cave canem!** E a tese tem um corolário: melhor é ajudar um Artista **na dúvida** (de que venha a realizar-se em grandeza, de que prossiga a obra que se propõe) que não apoiar um Artista que fracassará, poderá fracassar, sem esse apoio. No primeiro caso, não se perde grande coisa, fez-se caridade (até porque, como é natural, geralmente apenas lhe demos do nosso supérfluo); no segundo caso... sim, aí a perda foi incalculável. Para o Artista, para nós, para a sociedade. Não acham? E com equívocos destes, alguns fatais, está a História da Arte bem documentada. Entre nós, o mais conhecido e motivo de maior escândalo é o Camões, **tão pobre, tão pobre que vivia de amigos**... Uma vergonha nacional.

Atendo-me à criação literária, onde o meu depoimento pode rechear-se de testemunhos vividos e exemplos significativos, afirmo que esta é, em Portugal, salvo as honrosíssimas excepções da praxe, e são mui poucas, uma farsa e uma fraude pegada. Que sendo entre nós o escritor profissional uma ave rara, ele se encontra sem nenhuma protecção legal ou as que há são tão mesquinhas do ponto de vista prático, que é quase o mesmo. Que se pagam hoje em Portugal quantias irrisórias — por um artigo, um romance, uma tradução, etc., e comparadas com outros salários nos revelam que a profissão do escritor é das que menos garantias oferece, das que menos dinheiro aufere (e o escritor é um bípede que come, que diabo!). A um Amigo meu, muito íntimo, que trabalha há anos (reparem: **há anos**) e exclusivamente (leram bem? eu disse: **exclusivamente**) como escritor, perguntava-lhe outro dia o que aconteceria se, longe o agoiro!..., se lhe faltasse de repente a vista, ou o ouvido (ele é crítico musical, e dos mais excelentes, dos mais combativos): qual era o enquadramento de Previdência que lhe daria amparo, o socorria na doença, ou na invalidez, ou na velhice, até numa sim-

ples dor de dentes, em suma aquilo de que dispõe, e com todo o direito comprovativo e legislação social adequada, um servente de tipografia.

Não soube que me responder. E eu agora gostaria que ALGUÉM me fosse capaz de responder (ou explicar, se a minha pergunta não era apodíctica) por exemplo, S. Ex.ª o MINISTRO DAS CORPORAÇÕES, ou o meu prezado dr. Manuel da Silva Leal, da Junta de Acção Social.

E porquê é uma excepção o escritor profissional neste nosso belo País? por que espírito de resignação, gáudio alvar de analfabetos, se costuma repetir alegremente que aqueles que vivem da pena entre nós se contam pelos dedos de uma mão? Mas há algum povo dito civilizado onde isto seja assim?! onde isto pareça coisa fatal e natural, e dizê-lo em voz alta constitua um diagnóstico decente para repetir muitas vezes em público?! Então, não teremos precisão, ou não merecemos, técnicos abalizados da escrita?!... Contentamo-nos toda a vida com curiosos, amadores, jornalistas sabujos, e semifradescos retóricos da pluma?! Lembremo-nos, para vergonha nossa, que ainda há meia dúzia de anos não se podia averbar no Bilhete de Identidade a profissão de **escritor,** no Arquivo de Identificação de Lisboa **não a conheciam!**... (Ignoro como ali se processa agora legalmente tal qualificação, mas creio ter ouvido dizer que era por meio de uma declaração da Sociedade Portuguesa de Escritores. Ora valha-nos isso!... que já temos uma instituição que toma medidas importantes e vela pelos interesses do escritor... Mas esta é matéria em que me não quero adiantar, porque poderei estar enganado ou iludido. Se já me disseram que a S. P. E. se tratava de um clube de foliões das Letras, divididos por mesquinhas querelas e politiquices internas, e passando o tempo em zaragatas e em beberetes de recepção a estrangeiros!... Mas há gente muito má-língua e não podemos dar ouvidos a tudo: o certo ao certo é que não sei o que lá se passa, moro na Província.)

A verdade é que vivem das Letras muitos portugueses, nem já me refiro aos jornalistas, esses escravos da caneta (que profissão desgostante!), os quais dispõem duma orgânica sindical estruturada **et por cause**...! falo do escritor, digamos de gabinete, autor ou tradutor ou seja lá o que for, vivendo do seu trabalho literário, aquele tipo de escritor português cujo caso mais dramático é o Camilo. Esses escritores não darão, talvez, para formar um Sindicato (nem eles talvez o quisessem, ou fosse objectivo a ter agora em mira), mas acredito que sejam, actualmente, mais que a tal conta dos dedos de uma mão em que é costume falar-se: estes seriam, antes, casos notórios de **réussite,** os vencedores no aspecto da pecúnia. E não são eles que precisam de protecção ou amparo, mas outros. E (para dizer então um pouco mais, e como é argumento que vem sempre à baila) faz-se notar que

se bem que gravemente determinantes da triste situação em que o escritor português se encontra, se bem que contribuindo, sem dúvida, para piorar as condições de trabalho em que se debate, não são apenas os condicionalismos que resultam da actividade da Mesa Censória os culpados deste singular desacerto. Aliás, suponho com algumas razões e experiência, que tal actividade, mais impertinente do que eficaz (do ponto de vista de quem a exerce) neste nosso século das comunicações rápidas e multímodas, da quase imediata difusão de factos e ideias, se manterá por uma inércia de quem a sofre e por uma inércia de quem ainda a não soube substituir por uma Lei de Imprensa, um Código da função literária decerto bem mais equitativo e honroso. Veja-se como procedeu a vizinha Espanha, para escolher modelo porventura convincente aos Senhores da Hora.

Consequência, porém, inesperada mas significativa, desse condicionalismo estatal, é o facto, à primeira vista autêntico paradoxo, de que escritores, dizendo-se contra a Censura (e confiemos que o sejam, até prova em contrário; até, pelo

menos, se não verificar que são contra uma censura por pretenderem outra, por quererem estabelecer outra, a deles, ou por já a exercerem à socapa, sempre que podem — como às vezes certas atitudes permitem ou nos induzem a supor, ou logicamente a concluir) **já não existiam** (como escritores, bem entendido, principalmente como tão laureados, lidos, falados, não-lidos-mas-falados, etc.), porque em livre-concorrência, sem pretextos tais e tais para as suas reconhecíveis deficiências e incapacidades, sem reforço de prestígio extraliterário (ainda que na altura me chocasse, porque era recente a morte do Escritor e o admirava muito, reconheço agora certa justeza num artigo de Jorge de Sena sobre Aquilino), sem essa deliberada confusão entre o Homem (com suas virtudes cívicas) e a Obra (que é o que literariamente importa) estariam reduzidos a uma clientela semialfabeta. Faz-se este reparo, urgentemente e de propósito, num momento em que se festejam, como **acontecimento literário** os 25 anos de neo-realismo de Alves Redol, prosador tacanho, romancista menor, o exemplo vivo e típico do escritor produto desse condicionalismo epocal. Insistamos nisto: a confusão não aproveita a ninguém, ou aproveita aos menos dignos de consideração. E outro resultado do já referido condicionalismo, que limita, dificulta, ou simplesmente proíbe a saída de novos jornais e revistas, a formação de novas editoriais, é a estagnação visível do nosso meio literário, na continuidade bafienta de certas revistas, no manifesto desdém pela sanidade mental e ortográfica dos seus leitores demonstrado por certos jornais, na indústria livreira dominada pelo espírito de improvisação, o afã da negociata. É ele (condicionamento) que explica que vivam vida regalada ou insistam em chatear-nos organizações literárias que não teriam a mínima possibilidade de resistência num mercado-livre das Letras. Não pediram essas limitações, decerto, tão-pouco terão a sua adesão ou aprovação, nem é isso que se lhes assaca. Mas reconheçam connosco que lhes aproveitam e bem, e vão-se precavendo, não desiludam com

tanta insistência os seus fiéis, porque mais tarde ou mais cedo, esperemos!... a situação pode mudar.

Não. Não são maldades do Regime que obrigam editores mecenas, como eu conheço, a pagarem ridicularias ao Autor ou a não pagarem mesmo nada (como me podem acusar... dos meus tempos de editor falido...). São principalmente hábitos ancestrais nossos, de estupidez invencível, de ignorância maciça, de miséria pavorosa de um povo para quem o livro é um objecto insólito, um povo que deve ser dos que menos lê; são hábitos de clandestinidade do pensamento; de ausência de convivência (se as pessoas pouco se falam, como vão ler? acto que subentende um duplo esforço, e maior: haver quem escreva e haver quem leia aquilo que aparece escrito). Perguntam-me a profissão; digo: **editor,** e vejo-me logo forçado a explicar, que, sim, que faço livros, a dizer **é-di-tor,** para não escreverem com **i**; se digo **escritor,** deparo com olhos inteiriçados num espanto ou numa aflição, que me confrangem por dentro. São principalmente culpados os escritores tipo mazombos de que não se aguenta um capítulo sem ficarmos a ressonar ou a rir (deles) e outros mais ladinos de que volta-página-não-volta estamos a perceber e a recordar (mesmo sem querer) onde foram eles buscar a inspiração; é a passividade do leitor; são as cumplicidades da crítica, mais ou menos a soldo, dependente, da engrenagem editorial (que, como qualquer outra indústria, tem de colocar os seus **lobbies** em lugares estratégicos), fazendo publicidade redigida por crítica a fingir de isenta ou revelando-se subitamente abaixo da dignidade e da responsabilidade do seu magistério. Assistimos com frequência a casos assim e ainda não há muitas semanas dois críticos notórios, acusados publicamente (Álvaro Salema, no **Jornal de Letras e Artes**; e João Gaspar Simões na televisão e, em bis, porque **scripta manent,** na revista **TV)** por dolo e leviandade intelectual, trapaças contumazes no nosso meio literário, optaram pela esperteza saloia de se não darem por achados, de se eximirem ao diálogo, remetendo-se a um silêncio comprometedor e por demais

significativo, supondo-se incólumes, e impunes ou aparentando ficarem ofendidos, ó castas vestais da crítica!... tão desenvoltas na cátedra a beliscarem os mais (que nem os mortos escapam: recorde-se a infamíssima e, aliás, idiota e aldrabona nótula de Álvaro Salema sobre Raul Leal, poucos dias após a morte do Poeta) e tão melindradas no banco dos réus, quando ali as sentam para lhes fazerem ouvir duas verdades!

Tenho um depoimento a fazer, e fálo-ei. Mas nesta altura tudo são boas-vontades e boas-festas. Aguardemos a quadra carnavalesca onde o estilo então permitido estará mais de acordo com os temas das letras e das tretas e com certos manipanços, bons para a gente jogar ao pim-pam-pum! Aguardemos que saia **O PARDAL,** e **O PRATO DO DIABO,** e **A GAIVOTA DO SADO,** onde iremos rir a bom rir, talvez fazendo um pouco de justiça; a equipa está formada. E outras, que nós nem suspeitamos, vêm já a caminho com sua palavra a dizer. Sabeis onde está a esperança? Lede, como eu faço, o Suplemento Juvenil do **Diário de Lisboa;** se fosse eu um dos tais gloriosos da Hora, ficava muito preocupado, notam-se ali sintomas evidentes que os manipanços têm os dias contados. A Juventude já vai sabendo o que quer, olá!

E afinal que é de **o cachecol do Artista?** Não me esqueci dele, não me posso esquecer mesmo. Mas vim por aí fora, palavra puxa palavra, — e em muitos pontos limitei-me a afirmar (não é por dogmatismo, não há tempo para mais, agora) mas tenho de fechar à pressa. Creio que me entenderam:

O ARTISTA PRECISA DE UM CACHECOL!

Onde o trabalho escasseia, onde abunda, mas a salários de bronze, a solução é ainda a dos limpa-chaminés e dos carteiros: tirar o chapéu, cantar um **Vossa Excelência** e meter o cartão por baixo da porta: **Boas-Festas a V. Ex.ª.**

Faz agora precisamente um ano, na noite de 31 de Dezembro, estava eu doente na cama, não tinha dinheiro, não tinha um remédio sem o qual, julgava, ia morrer (e não eram alturas para incomodar amigos com mazelas e pedinchices, não é verdade? e já devia à farmácia uma continha calada; e porque há horas tão desesperadas que até para pedir falta a paciência e um tipo entrega-se nas mãos do Diabo. Foi o que fiz). Mas enquanto aguardava na dúvida e na angústia se veria o Novo Ano, pensei que sentido teria aquilo, esta vida, a minha, a dos outros, e o que estaria por detrás disso, quem eram os meus carrascos. (Agora que já passou, me convenço que estava mesmo moribundo e foi o Diabo que não me quis na sua companhia mais depressa: porque esses balanços de lucidez definitiva são costumeiros na hora extrema). Eu estava empregado havia meses; ganhava 90$00 por semana, com um desconto de 3 % que nunca cheguei a saber pró que era (para o Desemprego? mas então aquilo era emprego?), quantia que mesmo em Setúbal, onde consta que a sardinha é dada e as laranjas andam a pontapés na rua, não chega para caviar a todas as refeições, principalmente com a fome milenária da minha Pequena Tribo; sou um cidadão pacato e votei nas últimas eleições (...do meu clube, o Benfica; nunca soube se o meu voto foi contado); não costumo ir à missa, mas a Constituição, entre outras coisas, garante-me a liberdade de cultos e eu, aqui à puridade, sou um bocado muçulmano, semita de gema (vê-se logo pelo nariz). E ia morrer, por não ter à mão o Persantin?

Meditei doze meses neste problema. E a conclusão é que só me resta apelar, apelar sempre, esconder a careta e a vergonha (que haja) e estender a pata. Apelar para o Ministro e para o Secretário. Apelar para o Leal! e para os Amigos, os Mecenas, os Vizinhos, os Desconhecidos.

O ARTISTA PRECISA DE UM CACHECOL!

Pode ser que conheças, Leitor, qualquer artista na necessidade: não o desampares, muito especialmente por estes dias de Inverno. E não conhecendo, e querendo, não faças cerimónia: manda o que quiseres.

Aceitamos tudo:

Dinheiro, cigarros, fatiota, roupas de cama, mercearias, BACALHAU, brinquedos, livros, esferográficas, papel de máquina, vitaminas, uma corneta (para eu tocar num dia que cá sei), viagens pelo Continente, estadias em casas de muito sossego, garrafas de vinho, revistas com nus (são para mim), um casaco de abafar (é para a minha senhora), pastéis de nata, salsichas, passas e nozes, tâmaras, um osso com tutano para o caldo da Gèninha, lâminas de barba, o perdão das nossas dívidas, uma assinatura do **Jornal de Letras e Artes** (minha leitura predilecta), bolo-rei, bolsa da Gulbenkian (proposta: uma biografia do Bocage), uma caixa de bombons, passarinhos assados, orelheira de porco, latas de conserva (gostamos de qualquer marca), etc., etc., etc.

O Artista agradecido

O QUE É O NEO-ABJECCIONISMO

Chamo-me Luiz José Machado Gomes Guerreiro Pacheco, ou só Luiz Pacheco, se preferem. Tenho trinta e sete anos, casado, lisboeta, português. Estou na cama de uma camarata, a seis paus a dormida. É asseado, mas não recebo visitas. Também não me apetece fazer visitas. A Ninguém. Estou bastante só. Perdi muito. Perdi quase tudo.

Perdi mãe e perdi pai, que estão no cemitério de Bucelas. Perdi três filhos — a Maria Luísa, o João Miguel, o Fernando António —, que estão vivos, mas me desprezam (e eu dou-lhes razão). Perdi amigos. Perdi o Lisboa; a mulher, a Amada, nunca mais a vi. Perdi os meus livros todos! Perdi muito tempo, já. Se querem saber mais, perdi o gosto da virilidade; se querem saber tudo, perdi a honra. **Roubei.** Sou o que se chama, na mais profunda baixeza da palavra, **um desgraçado.** Sou, e sei que sou.

Mas, alto lá! sou um tipo livre, intensamente livre, livre até ser **libertino** (que é uma forma real e corporal de liberdade), livre até à **abjecção,** que é o resultado de querer ser livre **em português.**

Até aos trinta e sete anos, até há bem pouco tempo ainda, portanto, julguei que podia, **era possível,** ser livre e salvar-me sozinho, no meio de gente que perdeu a **força de ser** (livre e sozinha), e **já não quer** (ou mui pouca quer) salvar-se de maneira nenhuma. Julgava isto, creiam, e joguei-me todo e joguei tudo nisto. Enganava-me. Estou arre-

pendido. Fui duro, fui cruel, fui audaz, fui desumano. Fui pior, porque fui (muitas vezes) injusto e nem sei bem ao certo quando o fui. Fui, o que vulgarmente se chama, um tipo bera, um sacana. Não peço que me perdoem. Não quero que me perdoem nada. Aconteceu assim.

Eu para mim já não quero nada, não desejo nada. Tenho tido quase tudo que tenho querido, lutei para isso (talvez o merecesse). Agora, já não quero nada, nada. Já tudo, **tanto me faz; tanto faz.**

Agora, oiçam: tenho dois filhos pequenos, o Luís José, que é o meu nome, e a Adelina Maria, que era o nome de minha Mãe. O mais velho tem 4, a pequenita dois, feitos em Fevereiro, a 8. Durmo com uma rapariga de 15 anos, grávida de sete meses, e sei que ela passa fome. É natural que alguns de vocês tenham filhos. Que haja, talvez, talvez por certo, mães e pais nesta sala. Não sei se já ouviram os vossos filhos dizerem, a sério, que estão com fome. É natural que não. Mas eu digo-lhes: é essa uma música horrível, uma música que nos entra pelos ouvidos e me endoidece. Crianças que pedem pão (pão sem literatura, ó senhores!) pão, pãozinho, pão seco ou duro, mas **pão,** senhores do surrealismo, e do abjeccionismo, e do neo-realismo e mesmo do abstraccionismo! Este mês de Março que vai acabar ou já acabou, pela primeira vez, eu ouvi os meus filhos com fome. E pela primeira vez, não tive que lhes dar. Perdi a cabeça, para lhes dar pão (ainda esta semana). Já não tenho que vender, empenhei dois cobertores, e um nem era meu. Tenho uma máquina de escrever, que é a minha charrua, e não a posso empenhar porque não a paguei; e tenho uma samarra, que no prego não aceitam, porque agora vai haver calor e a traça também vai ao prego... Já não tenho mais nada. Tenho pedido trabalho a amigos e a inimigos. Humilhei-me, fiz sorrisos. Senti na face, expelido com boas palavras e sorrisos, o bafo da esperança, da venenosa esperança; promessas; risinhos pelas costas. Pedi trabalho aos meus amigos: Luís Amaro, da Portugália Editora; Rogério Fernandes, de Livros do Brasil; Artur Ramos; Eduardo Salgueiro, da Inquérito; dr. Magalhães, da Ulisseia; e Bruno da Ponte, da Minotauro, aqui presente, decerto. Alguns têm-me ajudado; mas tão devagarinho! tão poucochinho!

Sim, porque eu não faço (já agora, **na minha idade!)** todos os trabalhos que vocês querem! Só faço, já agora, coisas que sei e gosto: escrever umas larachas; traduzir o melhor que posso; mexer em livros, a vendê-los ou a fazê-los.

Nem quero vê-los **a vocês, todos os dias!** Ah! Não! Era o que me faltava! Vocês têm umas caras! Meu Deus, que caras que nós temos! Conhecem a minha? Vão vê-la ali ao canto, na folha rasgada do meu passaporte (sim, porque viagens ao estrangeiro (uma...) também já por cá passaram...). Viram? É horrível!... A mim, mete-me medo! Mas é uma cara de gente. E isso não é fácil.

Dizia eu: eu quero trabalhar na minha máquina, sozinho, ou rodeado da minha Tribo: os miúdos, uma mulher-criança, grávida. E, às tardes, ir passear pela Avenida Luísa Todi ou na ribeira do Sado. Acho que nem era pedir muito. E para mim, é tudo.

Já pedi trabalho a tanta gente, que já não me custa (envergonha) pedir esmola. Confesso-lhes: até já o fiz, estendi a mão à caridade pública, recebi tostões de mãos desconhecidas, de gente talvez pobre. E tenho pedido emprestado, com a convicção feita que não o poderei pagar. É assim.

Eu para o Luiz Pacheco, repito, não quero nada, não desejo nada, não preciso nada; mas para os bambinos! E para o bebé que vai nascer! Roupas; leite; pão; um brinquedo velho... Dêem-me trabalho! Ou: dêem-me **mais** trabalho.

E para findar esta Comunicação, remato já depressa:

Peço uma esmola.

4 FRAGMENTOS MESMO ASSIM

OS AMIGOS. OS BAMBINOS

para o Manuel e a Elsa
que me tiveram preso por amor

Tenho Amigos até 1 copo. Tenho todos os meus Amigos tabelados: a cincos (o Edmundo Bettencourt, o Jaime Salazar Sampaio, por ex.), a vintes (são a grande maioria), a cinquentas (o Mário Alberto, etc.), a cemzes, a quinhentos (o Artur Ramos), a miles (destes últimos convém não abusar, é só para as grandes aflições). A vintes cada bebedeira são à bicha, bêbedas que apanhamos eles a pensarem neles e no que mais lhes interessa ou por um bocado de companhia ou por um ouvido irmão para desabafar; eu a pensar nos vintes que lhes vou cravar à despedida, na hora das emotivas efusões em que a fraternidade é lei. Tenho Amigos que dão os vintes mesmo sem vinho — e sabe-se lá porquê? Tenho Amigos que dão a gravata a camisa a calça curta ou comprida cachecóis lenços de assoar a esferográfica deles, todos os trocos miúdos das suas algibeiras, com uma careta ou um riso satisfeito, tanto me faz. Tenho ainda Amigos que me levam uma vez no ano à praia de popó e me dizem insistem para que molhe ao menos os pés, lave as ventas na água salgada, insistem por pura amizade para eu respirar fundo «qu'ali é qu'é bom». O iodo. As brisas atlânticas. As beldades carnudas bem à mostra. Tenho outros Amigos que me põem a ouvir a última gravação que compraram do Brell e oiço **Les Timides, Les Vieux** e choramingo, na hora dos copos qualquer pretexto (me) serve, lachrima triste à esquerda (veio decerto directa do

coração), lagrimeta condensada na pupila à direita pelos tintos, forma de arroto vínico irreprimível subido do fígado inchado que se enganou no caminho natural talvez sugestionado pelo Brell. Tenho Amigos-amigos, Amigos-negócios à parte e Amigos-meio a atirar pró torto, da onça. De todos preciso e assim-assim de todos gosto à minha maneira porque a solidão e o silêncio são causas de morte, são a morte. O meu maior Amigo, digo: aquele que me tem feito sofrer mais, sou eu. Por isso, talvez, também que o prefira (e me gramo). Entre todos os Amigos às vezes me prefiro e firo mais, carrasco e vítima de mim mesmo, e bebo e drogo-me para o esquecer, o desconhecer, e ainda às vezes tanto asco lhe voto e desespero que o matava logo ali — a não ter tanto medo da polícia (eu).

E tenho os meus bambinos são agora 7 e 1/2 (mas esta conta só eu a entendo e sou capaz de explicar). Já vos falarei deles, um por um.

Tenho Amigos que pagam o copo, pagam uma copaneira de mil diabos, oh pifões! E tenho de os gramar porque há uma hora infalível (e a minha paciência é de chinês) em que um bêbado (já me aconteceu ser eu o mais bebido e mais cravado) se entorna em generosidade, vê o mundo todo **rosê** (ou fica raivoso e parte tudo — mas com estes, conselho de amigo e avisado, só água bebas) e está na hora de lhes sacar os vintes ou até acima da tabela do costume. Fiz magníficos (na aparência imediata) negócios neste género, perdi horas e horas à espera e noitadas até sol romper e saúde e deixar-andar tudo afogado em copo--engole-copo, cobri de sarro todas as vísceras do tubo digestivo e anexos, enrasquei-me em esparrelas que nem é bom contar, chatices, idas à esquadra sem gravidade mas susto, coisas tão giras de rir óspois de tudo passado, passados

meses anos, e alguma coisa aprendi; porque vírgula desconfiai imperativo categórico daqueles tipos que não bebem nunca: são regra geral doentinhos recalcados ou almas cavernosas, e tanto, que elas próprias se temem soltas e dadas a dar-à-língua ou a fazer o que sempre desejaram porque se conhecem demais, direi: demasiado torpes se conhecem. Um bebe-água ou um «desculpe, não bebo», bota fora que é imigo teu. Bêbados mais que ilustres, beberrões da primeira apanha, do cimo da borra, meus camaradas! meus camaradas d'antanho, porque deixei de beber (graças ao Centro António Flores, ali à Avenida do Brasil). Por azar meu, ex-saudosos camaradas, alguma vez notásteis em mim que me comprazia convosco só para vos sacar os vossos vintes da euforia humanitária para os levar escondidos a casa, onde me esperavam os bambinos? com fome e (mas) dormindo?

Os bambinos dormindo não percebem nada disto nem eu os acordaria para lhes relatar as rábulas da minha nota da féria tão chatamente ganha. Quem lho dissera, quem? se o Pai traz sono e vinho no bucho e as mães desatam logo no berreiro da descompostura mesmo que os vintes depois as acalmem um tanto e lhes sirvam na manhã seguinte para a praça ou se tivessem já transformado em papo-secos ou sandes, leite em pó, queijo flamengo, salsichas bolos iguarias quentes ou frias que um bêbado liberto das mais companhias e com finalmente! uma nota qualquer no bolso escondida compra alegremente ao acaso do que vê na montra na grande alegria e confusão de levar comida para casa tarde e más horas, talvez na safadeza de um alibi escusado mas sempre de efeito para as víboras das comadres mamãs, levar para casa, a sua toca, coisas boas e baratas de comer ou requintes de gulosice, entrar aos tombos, acordar a rapariga, os bambinos todos vê-los petiscar ensonados mas trincantes até que o embrulho

embrulhos abertos sobre a cama como numa toalha de piquenique vai minguando bocada a bocada pelas goelas esfaimadas e jovens para quem não há nem pensa em indigestões, malta jovem, moelas de avestruz gente que dá gosto ver comer a qualquer hora malta jovem contagiante de alegria (que a novidão nos dá vida) e readormecemos todos mais quentes (sem apetite nenhum, eu entretanto chònava vendo a paisagem, perdoado e festejado) e eu mais que todos porque as rodadas de tintos aquecem que nem diacho esquentam os miolos dão o sono mais feliz do pobre, sonhos nenhum.

Os Amigos são: simpáticos, afáveis, delicados, escondem--nos as verdades-verdadinhas, poupam-nos com hipocrisias e blandícias, são ambíguos às vezes, cobiçam-nos a fêmea (a mulher legítima ou a amásia, teúda e manteúda portas adentro ou o simples engate de ocasião em bar de má memória). Os mesmos Amigos ouvem-nos com paciência, com ironia, disfarces, facadas ou bonacheiradas, promessas depois fáceis de não cumprir (esquecer ou iludir com outras inda mais tentadoras), fiteiros de uma figa que nos lixam na nossa máxima fraqueza ou dor como se, sim (e para dizer tudo), sim, como se a nossa queda desamparada na miséria ou no vício lhes servisse a eles, os justificasse a eles, os auxiliasse a vencer a eles nalguma coisa. Escutam. Fingem às vezes que nos acreditam. Com toda a compreensão. Às vezes com iras súbitas, com volte-faces inesperados e bater de portas na nossa cara alarmada. Os Amigos atendem-nos bem, pensam muitas vezes nos seus interesses (como nós não esquecemos os nossos, era o que faltava!), perdoam as dívidas (que já desistiram de recobrar) mas guardam-se para a próxima, desforram-se com risadas de vitória pelas nossas costas e desculpas convictas, firmes — audazes na impudência e na impunidade — e, até, inteligentes, irrespondíveis no momento da surpresa, se somos nós a interpelá-los

à má-fila. Gabam-se de não ir ao mato (da nossa comum amizade) sem uma corda, o que traduzido na prática dá: não querem passar por estúpidos, por comidos, não vão fiados na nossa conversa e trazem na manga um truque, uma corda fisgada para nos caçar. Nunca ninguém dá nada a ninguém — baboseira céptica e talvez cínica que já ouvi ou li ou fui eu quem disse e me ouvi?... mas todos os dias procuro desmentir recebendo e dando sem olhar muito a isso, porque a gratidão, a verdadeira, é uma algema das mais perigosas. Os Amigos invejam-nos até sem razão, comparam-se connosco, comparam-nos com eles e com outros, vigiam-nos, dão pancadinhas nas costas, saudam-nos com gestos teatrais, congratulam-se se partimos a perna ou o nosso divórcio da Amada é coisa assente. Fazem tudo isto porque são nossos Amigos e a regra número um da Amizade é o toma lá dá cá, ferir ou acarinhar quem está mais próximo e somos nós, os Amigos, pois que dúvida? vivemos bastante perto uns dos outros, conhecemo-nos a todos de ginjeira é um grande família, afinal, loteada em compartimentos verticais num dado tempo que se une desune, enlaça e estrafega, abraça ou insulta, conforme lhe der na real gana e as conveniências mais urgentes e vitais de cada um.

Os bambinos felizmente não percebem nada disto. Começam por não falar. Estendem os bracitos a qualquer. Depois chiam berram mijam-nos sorriem sem saber de quê porquê para quem habituam-se a nós facilmente facilimamente nos esquecem podem ser iludidos adormecidos com uma chupeta machucada em açúcar, afinal e pouco a pouco terão percebido que lhes queremos como ao nosso melhor embalados em monossílabos ternos, ternas melopeias velhas e revelhas de séculos vindas do princípio do mundo lá das estepes ou das savanas ou das mais graves cordilheiras e dos vales também com prados e gado férteis, e sempre na mesma toada repetida a finalidade tal-e-qual que é ador-

mecer o bambino dar repouso a ele e à mãe. Baladas exactas belas de ouvir e recordar na ternura de quem as canta e vai minguando a voz na memória infindável que se esconde dentro de nós e perdura nos loucos até ao fim. E os bambinos talvez borrados mas distantes em seus sonhos de mistério adormecem risonhos, intrigantes.

O CASO DO BIFE VOADOR

Ora ficai sabendo: cá em casa um bifinho é objecto de regalo colectivo. Não pelo seu valor em proteínas, pela quantidade **x** de proteínas que contém, pela necessidade **y** de proteínas que qualquer bípede humano deve ingerir diariamente, seja adulto tal, ou bambino de **z** anos — que percebo eu de proteínas? e, então, a Irene? os putos? nadinha. Se entendêssemos algo de alimentação racional ainda talvez ficáramos mais desiludidos magoados de nossas vidas, e do futuro crescimento dos putos, aliás todos gordinhos e anafados, filhotes de moças muito novas que é nas terras virgens (ou quase) que se colhem as melhores searas. O bife o bifinho era para mudar fazer o gostinho ao paladar. Pois ficai sabendo: os pobres os mesmos vagabundos até também têm seu paladar.

Éramos então quantos? uma querela de bicharada aos encontrões e aos berros num pequeno quarto de Setúbal. Por ordem alfabética: Adelina Maria (presente!), Luiz José (presente!), Luís José Jor. (presente!), Maria Eugénia (presente!), Maria Irene (presente!), Paulo Eduardo (presente!). Por ordem de entrada em cena em vida: Luiz José (eu, que para mudarmos no terceiro parágrafo para a terceira pessoa passarei a designar-me como Narrador, personagem acessória visto que a vedeta o Herói da festa é 1 bifinho

com 2 ovos a cavalo), Maria Irene (loira, de seu natural), Luís José (o qual deixa logicamente o Jor. e passa a português de primeira), Adelina Maria, Paulo Eduardo, Maria Eugénia (estes menoridades espacejadas aí um a dois anos uns doutros; sendo eu ainda de todos o mais novo porque mais sage).

Qual o custo de 1 bifinho? O Narrador sabia e o mau estava nisso. Não se pode dar preço às coisas de facto nada tem preço fixo mas e apenas um valor de troca. Donde, tudo tem seu preço, tudo se paga assim ou assado (troca). Mais tarde ou mais cedo. O Narrador sabia disto não o ocultava a si próprio embora evitasse dizê-lo em voz alta no quarto. Bebia quantas vezes para adormecer essa voz resoluta do jogar-tudo-por-tudo e esse tudo era ele e outros, uns parvos, oh coitados! que de nada sabiam. O que o incomodava. Mas não tinha achara outra sua solução humana. Senão aquela. Sabia, pois, o Narrador o preço da carne; tinha até conta aberta num pequeno talho do Mercado do Livramento e noutro, ainda, a uma esquina do bairro do Tróino — mas não podia levantar muito as contas. Eram recursos em última instância para alturas de grande aflição: um pedaço de toicinho uma farinheira um nico de chouriço. Para comer nalgum dia em que não houvesse nada; para mudar talvez ainda noutro de paladar. Que a fome não apertava connosco sempre. Por então nos abastecíamos de borla (digo: o Narrador e os tantos já nomeados) da cantina da Legião Portuguesa, por uma concessão e amizade muito especiais do CARLOS TAVARES DA SILVA, A QUEM POR ISSO E NÃO SÓ POR ISSO PELO DEPOIS E POR ELE MESMO ESTE TEXTO FICA DEDICADO

da cantina da Legião Portuguesa de Setúbal, onde a comida era excelente, igualzinha à que servida aos cadastrados da cadeia que também dali se enfartavam, mas

monótona. Pratos certos em dias certos. Pitanças de arrombar as tripas todas da cárdia ao ânus. Domingo ao almoço, uma dádiva dos deuses: bacalhau com grão, a chamada meia-desfeita. Sempre. Mesmo quando na cidade os merceeiros se lamentavam arrepelando suas gadelhas diante da ferreguesia que sequiosa de bacalhau lho rrequerriam suspeitando por olhares ou dichotes envenenados se não haveria por ali candonga, se os donos das vendas não estariam sonegando o cheiroso peixe seco a vendê-lo mais caro aos ricaços do bairro, mesmo então em casa do Narrador havia meia-desfeita, não tão abundante que sarasse a nossa bulimia mas saída de jeito fácil pelos guichés da Legião e de borla.

— Saudosa meia-desfeita! — pensará talvez a estas horas o Narrador. Mas não nos preocupemos com o que ele pensa ou diz mas com o que faz.

No mais da semana umas doses indigestivas por exemplo feijão arroxeado com rodelas de chouriço de sangue em cima aquilo havia de ser para mortificar ainda mais os assassinos da cadeia, obrigando-os a farejarem de novo o repelente cheiro do sangue coalhado morto a sua visão de pavores antigos o momento solene em que um olhar uma palavra mais apenas ou recordação de ofensa cá dentro determinam, vá lá evitá-lo na altura, o empurrão decidido da navalha e quando a raiva é muita ela sobe e entra de novo num corpo já abatido e fere como se ainda fosse preciso e faz sangue aqui ali porque o sangue cega e puxa mais vontade dele. Momentos horríveis em que a Besta vem toda ao de cima incontrolável e desapiedada e depois chora sobre si e sobre a vítima quando já não há remédio quando voltar atrás de todo aquele breve pesadelo é loucura. Chora principalmente por si e de que lhe vale? o sangue escurece e coalha pára a vítima (ou não seria um

carrasco?, às vezes acontece) abre uns olhos que nem serão censura porque finalmente sossegou da lida. Ficou descansado e deixou os outros descansar e descansados. Não assim a mão da navalha avelhacada. Não nos sonos do assassino. Falam alto de noite gemem como se os esfaqueassem então e acordam aos saltos aos urros em seus catres sujos.

O Narrador matutou processos científicos para dominar a soda das sopas, os estalidos que a feijoada repetida obriga depois a dar, os enfartamentos, as azias mais agrestes. O recurso (sabia ele, media o seu preço em voz baixa) era modificar o regime, mudar de cozinha ou cozinheiro, o recurso era o bife. Mas chegar-lhe? Para as azias, açúcar bicarbonato sais de fruto; para os gases e seus derivados subsequentes pumbas! carvão do que se vende em tubos nas farmácias ou um **Carbon-qualquer-coisa** numa latinha preta, receita fina estrangeira que tomara em tempos (mas era caro) nos seus tempos de menino endinheirado. Pois (diante do Narrador) estamos lidando com um burguês decaído, reduzido à expressão mais simples: sapatos rotos um quarto em Setúbal uma alcofa uma panela um tacho de alumínio uma garrafinha vazia para três decilitros duma zurrapa de caretear o mais sisudo convicto bêbado, fazer-lhe vómitos. Era perto da cantina 100 passos para lá 100 para cá, barato às vezes 5, 10, 15 ou 25 tostões de gorja ao tipo do guichê que se fazia das outras mal encavado; da nossa mesa à cantina era um ai. Do Narrador digamos ainda e para o enaltecer: era um milionário mas de alcofa-na-pata. Decaído, o nosso Narrador? ele não se achava assim. Sabia-se ladrão de si mesmo em muito, sabia que roubava em tanta coisa o prazer dos seus. Assobiava, mesmo assim. De alcofa, 100 para cá 100 para lá, tresandando a suor e aflições de ladrão assassino vampiro de danado mas assobiando. Seria para disfarçar ou ele era mesmo assim? assim se tornara? Podíamos perguntar-lho.

NARRADOR **(correspondendo ao convite semitácito)** — Escolhe-se um caminho único uma saída qualquer uma solução humana que quem sabe? pode ser a da maior desumanidade para nós ou outrem na altura da premeditação e isto pode levar meses anos do que se há-de fazer e é parece ser decisivo mas quem é que sabe o que é verdadeiramente decisivo e quando? no momento da decisão na atitude antes estudada no jogo que se calculou assim no momento próprio é tudo muito bonito tudo parece fácil porque se joga no futuro está-se debaixo da impulsão apaixonada de um papel no sentido teatral sentimo-nos personagens de algo da própria determinada decisão e isso mesmo nos constrange a uma medida certa a actos rápidos lúcidos à eficiência do que premeditávamos havia meses anos toda a alma crente quer viver na sinceridade sabendo se não é de todo em todo estúpido quisto é uma fantasia de estúpidos quanto mais sincero mais estúpido e mas se dá der a vontade de ser sinceros? de nos vermos taliqual? e aos outros dentro da nossa medida de visão que é sempre curta em relação a nós e muito mais curta em relação aos outros? taliqual? está-se dentro dum papel na mais difícil escolha a maior liberdade depois é que são elas e nós latinos sentimentais portuguesinhos da gema é que são elas não propriamente as mulheres as consequências as lagrimetas a correr da face o còpinho para esquecer vem a dúvida a sempre dúvida daquilo que se fez, se o que se fez seria o melhor o mais hábil o mais justo adequado se a navalha entrou, adonde? se não fomos nós afinal os vigarizados e por nós mesmos se nos ferimos sem querer anavalhámos por querer e a quem sem querer ou não tínhamos outra arma qualquer (mais subtil) ou carícia mais serena mais lábil mais taco-a-taco que a ponta da navalha ladrões de nós próprios falavas tu? é o termo exacto; vampiros de um outrem? é o costume. Assassinos carrascos de quem mais amamos e porquê?

Como viram o Narrador iludiu a pergunta, estava talvez distraído com alguma ideia fixa uma mulher, talvez. São assim as mulheres, agarram-se-nos. É o seu papel em cena. Vampiros amáveis. A gente a perguntar ao Narrador donde ele vinha e como chegara a Setúbal tão arrastado

NARRADOR **(acordando, em tom surpreso)** — Arrastado? arrasado, arrasadinho de todo, eu é que sei **(retira-se, cheio de indignação e jurando vingança).**

queremos cá saber, queríamos era saber como e porquê chegou e qual era a sua ideia. Talvez ele volte e, adiante, se explique melhor.

O CASO DO PAI-CHOCADEIRA

Quando dei por mim e notei percebi que realizava na perfeição o tipo do **pai-chocadeira** já era tarde demais: já me tinha habituado ao personagem. E os outros, os pais e mães comuns, e os outros que talvez ainda o venham a ser, me aceitavam assim. Melhor dizendo: por conveniência própria achavam que eu estava bem assim, chamando-me no entanto pelas costas pelas ventas mesmo alguns nomes feios que sempre trazem aparelhados na sua moralidadezinha de pequenos-burgueses (**«são como cães!»**, dizia de nós — eu e a Irene — nas Caldas da Rainha uma professora primária, a Mèlita, puta como as casas, cabra que só vendo; **«é um gajo amoral»**, explicava de mim ao jantar com bonomia em família um doutorzeco também das Caldas (onde escrevo na Mata do Hospital), que tinha um cuté em Lisboa, bem fornido de livralhada pornográfica, talvez espelhos, meninas que só telefonar e uma dose de «sustenon» para os possíveis fiascos no meio do melhor dos gozos). Essàgora! como se não tivéssemos o direito à procriação, como se o nosso corpo fosse propriedade doutrem, escravo de preconceitos estúpidos e não pudéssemos dispor dele conforme quiséssemos.

Acho, porém, que antes de mais nada nos entendamos, tentemos, o Senhor Leitor e eu, aqui neste bate-papo singelo, uma definição exacta de termos tão ricos de ressonância humana e virtualidades talvez abstrusas: o termo **pai**; o que

seja uma **chocadeira**; e principalmente o que pretendo dizer quando me chamo, a rir ou a chorar, de **pai-chocadeira.** Vamos a isso!

O que é um **pai?**

Todos sabem. Vem nos livros. O pai é... como dizer?... talvez por uma comparação bem moderna: o pai é assim uma espécie de foguetão que põe em órbita um ou mais satélites; ainda hoje, 19 de Setembro de 1965, leio no **Janeiro** que um foguetão russo lançou no espaço duma assentada, i. é., duma arrancada ou foguetório ou girândola, cinco satélites; e hoje, em que vos reescrevo, leio no **Notícias** que um foguetão russo lançou ao ar oito satélites. Rapaziada fixe, pontarias lindas!

Dizia eu, pois, que um pai é como um foguetão. Um agente propulsor. Uma vontade, cega ou premeditada, de continuar. Uma força da Natureza, instinto contra a morte na espécie armado de duzentos e vinte e cinco milhões de espermatozóides cada ejaculação. Eticamente, para mim, é o mentor. O educador. O guia. O nosso deus privativo e palpável, pelo menos na primeira infância. O que diz sempre a verdade. O sabe-tudo; em tempos, e há que tempos isso foi, tinha como ambição-mor saber o suficiente para dar resposta pronta às perguntas que meus filhos me viessem a fazer ou apenas o bastante para lhes responder com lhaneza **isso não sei,** coisa simples na aparência mas muito mais complexa e delicada que se possa imaginar: o importante o fundamental é saber bem o que se sabe ou não sabe, senão que andamos por cá a fazer? a enganarmo-nos uns aos outros ou quê? A iludirmo-nos a nós próprios, e depois caímos em esparrelas de estarrecer, a fórmula socrática (vai em latim: **nosce te ipsum**) é que é aqui a luz certa porque a ignorância da nossa ignorância (e a sobre nós é terrível mas a mais vulgar) não aproveita a ninguém e a nós nadinha.

Trago de meu Pai, como memória venerável, ele explicar-me, eu puto de onze anos ou por aí, passeando em noites calmas de Agosto pelos caminhos escuros da Agualva, com a Lua morta, o nome das constelações cintilantes lá no alto: «olha, ali é a Ursa Maior, quatro estrelas é o carro e as três a cauda... ali, Sirius, ali a Cassiopeia, um **M** ou **W** aberto...». E a primeira vez que me ri dele foi uma mentirola que me deixou espantado: quando no Baltazar (leia-se **baltajar,** porque galego), cabeleireiro de senhoras nas Portas de Santo Antão que então havia e há num primeiro andar ou sobre-loja mesmo ao pé da Ginginha Ideal, o vi (ao Pai) rapado careca de todo, sem o capachinho que eu julgava que era cabelo dele verdadeiro, como o meu agarrado à cabeça e que crescia. Uma confissão: eu uma vez quis estive quase a matar o meu Pai. Amávamo-nos muito. Morreu há que anos e depois temos conversado, em sonhos meus. Delicadamente, nunca abordou esse assunto o malvado momento em que lhe ia destruir e de vez esmigalhar a careca toda (por então, já não usava capachinho). Safou-se por um triz. Mas matei-o, na intenção e no gesto. E ele percebeu-o viu-me seu assassino (fico mais calmo e aliviado, depois de lhes contar isto).

O que é uma **chocadeira?**

Uma chocadeira é assim também como um pai. Aquece. Dá o primeiro empurrão para uma aventura perigosa chamada vida e ainda muito mais interessante, quanto a mim, por ter forçosamente de acabar um dia, tarde ou cedo. O que os pintainhos não sabem e muito boa gentinha finge disfarçar, só dão por ela quando lhes toca perto (nos enterros, filosofam melancólicos: «não valemos nada!... acabamos todos assim, ricos e pobres...» à saída engolem um copázio no À VOLTA CÁ TE ESPERO ou noutro tasco qualquer e recomeçam na grande agitação, remexendo-se tanto e fornicando-se tanto uns contra outros,

coleccionando dinheiral e aumentando de ambições e gangrena colectiva como se fosse mesmo para ficarem e para sempre, taditos), eu e outros optimistas ou humoristas sabemos: isto tem um fim. Confesso-lhes até: suicidava-me já se não soubesse que era uma precipitação inútil, uma alteração de prazos, uma imposição estupidíssima. Já agora quero ver como isto acaba (por si), estou curioso de saber como será e eu me comporto na hora do espectáculo, como será? — tenho tantas hipóteses e até previsões! Mas suicidava-me, ai lá isso juro, se me dissessem que isto era para continuar sempre, não mais teria fim.

Esta frase, como atitude sincera, tem seus picos. Duvido. É capaz de ser uma completa aldrabice. Na verdade, isto era bom com umas drogas fáusticas, o licor da longa vida, na permanente juvenilidade. Mas no envelhecimento, lento ou precoce, físico e mental, pior: por dentro, nos sentimentos, no hoje mais triste que ontem e no saber que o amanhã mais idiota que o hoje, fora! na incapacidade de surpresa, isto é, irmos limitando pouco a pouco o círculo dos nossos interesses antigos, numa indiferença progressiva e mais aborrecida se consciente e atenta por tudo e todos, fora! E... no entanto... caímos ainda por vezes em cada uma: espantações (boas ou más) pelos fenómenos que nos cercam e são aos milhões, às vezes quotidianas. E... no entanto... o aguilhão da morte empresta-nos obriga a uma tensão permanente, dramática é o termo certo, uma gravidade em cada uma das nossas acções, uma angústia que se não compadece com enganos nenhuns ou adormecimentos, o aproveitamento sempre e sempre mais rigoroso, apontado (com pontaria infalível, se possível) dos nossos momentos para que o projecto inicial se cumpra, e fica sempre tanto por acabar! tão férvido o desejo de erguermo-nos ao monumento que sonhámos anos atrás e a risada que provoca ver o montinho de areia que somos deixamos se desfará ao menor sopro, levado pela onda mais meiguinha. Tão longo

amor (por nós, pelo que havia ainda a fazer, por uma concreção integral de nós) e tão curta a vida.

E nem é porque a minha vidinha corra mal, pelo contrário. Das pessoas que conheço, sou uma das que se diverte mais e melhor, uma das poucas que leva isto a sério que é gozando tudo e todos. Ou para dizer o mesmo por outras palavras: levando a sério a vida a rir.

Uma chocadeira é... confesso, eu sempre desejei ter uma.

Ora o que será um **pai-chocadeira?**

Como todas as palavras compostas (couve-flor; peixe-espada; tenente-coronel) o seu significado retira méritos e deméritos, características dos dois termos que as formam é portanto cumulativo, compósito, simbiótico.

Como todas as realidades, o pai-chocadeira tem aspectos positivos e outros que o não são. É o costume. O óptimo dos óptimos não anda por aí à mão de qualquer um — e então nos tempos que correm!

Foi por ter meditado um pouco neste assunto e até em resposta ou prevenção a algumas críticas (veladas censuras ou descarados insultos nas minhas barbas/ventas//costas) que estou **já** preparado para lhes dizer algo do assunto.

Os filhos são uma das muitas e uma mais premente grilheta com que, por todos os lados, desde a Religião ao Partido (fórmula laica de uma religiosidade remanescente ou subconsciente, falo de certos comunistóides que conheci) passando pela vizinhança e o padeiro ou porteira se procuram acorrentar os pais. A engrenagem opressora, constritora, está montada na perfeição e tudo, pretextos moralís-

ticos ou de clã ou prestações do ferro eléctrico, serve para as pessoas, principalmente os pais, não poderem dispor de si, **livremente** serem livres, é justamente o que quero dizer. Livres da sua pessoa em corpo inteiro, livres dos seus actos, do seu dinheiro (sem dinheiro uma pessoa mesmo livre vai emagrecendo, emagrecendo até no caco até cair no caixão, já'stá), do seu prazer, dos vícios que lhe derem na bolha, do seu tempo tão contado, tão pequenino. Isso: acima de tudo do seu tempo, considerado este como a duração de uma órbita que (já o sabemos) vem a dar connosco em terra. Tristemente assim: debaixo da terra. Se houver espaço para tanto e o que os outros depois dizem ou pensam à saída do cemitério, emborcando um copo no À VOLTA CÁ TE ESPERO é o desengraçado eufemismo/trocadilho: **que a terra lhe seja leve!**

Não sabemos, e alguma vez o chegaremos a saber? o que pensam as chocadeiras-chocadeiras??? quando lhes tiram os pintos/pintainhos. Tão-pouco vocês podem prever o que estará pensando ou sofrerá (ou não) o pai-chocadeira quando os filhos lhe fogem debaixo das asas ou ele os exporta (de vontade sua; ou enraivado mas calado). São coisas difíceis de dizer aclarar em público para fora, coisas tão melindrosas são que nem sempre apetece confessar. Mas, atenção! muita atenção pare escute olhe bem aquilo que as pessoas guardam ciosamente! é geralmente do que padecem recalcam e lhes morde e as amola (**amola:** as faz mexer, como se tais ocultos, inconfessados porque sangrando dentro pensamentos, fossem uma mola. Os psiquiatras sabem disto, por experiência directa, clínica). O que sabemos, vemos, está-nos bem à vista e à medida, registramos, pois, com um metro-padrão e lagrimetas calculadas compreensivas é a dor dos pais, digo: dos pais-pais. As suas alegrias ou desventuras de pais-pais, tão humanas. Tão naturais. Tão-tão compreensíveis. Tão previstas pelo Estado, entidade superpai colectiva (assim seria ou deveria ser, no entendimento dalguns filósofos, que não cito). Estas dores, alegrias, epidemias, vacinas a tempo ou

cabeças partidas (imprevisíveis aflições), raposas nos seus exames, engravidamentos das filhas antes da boda ou e.......... que se percebem no andar ou nas olheiras do rapazola de muita p...... batida entre lençóis, são de todos os dias, nos casos extremos metem polícia, chegam aos jornais, metem fotografia. Da primeira vez que fui parar ao Limoeiro (por via de uma c........ ou galadela dada que só dois é que sabíamos, eu e a Maria Helena), o meu Pai, que era um incorrigível pai-pai e não ganhou nada com isso que saí-lhe todo do avesso, assim como sou, dizia-me e repetia que se eu fosse preso «não mia lá ver». E ficou na cama, muito caladinho, quando seis ou sete agentes à paisana me cercaram no nosso solar da Rua Dona Estefânea, me acordaram em estado de ressaca, tinha decidido na véspera que não ia dormir ao meu esconderijo num colchão posto na casa de jantar de uma meia-tia avó (medonha megera, ao tempo prestável), vinha de fazer marmelada com a Helena no escuro de uma escada na Rua da Quintinha, fora ainda namoriscar idilicamente uma antiga explicanda ou educanda, a Maria Raquel, à Lapa, mijei na Emissora Nacional (o W. C. era mesmo ao pé da porta de entrada e ficava-me em caminho), telefonei à Fátima (garanhão ao tempo, cá o Boscência: libertinagens mentais, sentimentais e não só isso, a minha raiva foi não as ter f..... a todas, como me apetecia e a elas idem, mas virgos fora, dois) e fui dormir para o Trindade onde ia o **«Conde Barão»** com o Villaret e os Comediantes de Lisboa, dormir ressonar refastelado na primeira fila, no lugar da I. E., agente-fiscal dos bons e depois achei que isso da polícia era um pânico muito exagerado e acordei na minha cama de mariola com dois à cabeceira, aliás amáveis; cercado em meu solar burguês como o Al Capone no seu antro de Chicago: dois de vela, enquanto me vestia, agarrava em **«Les Mouches»** (que é um hino à liberdade individual responsável — eu fizera conscientemente a minha escolha, logo livre segundo Sartre — para leituras entre grades

NOTA: o Sartre...
Então muito proibido, porquê não se percebia então bem. **«Les Mouches»** era para nós editarmos, o Cardoso Pires começou a traduzir e como seu francês era batota — como nele tudo, excepto a batota —, traduzia **LA FOULE** por **A DOIDA**... pés pelas mãos, francês de outiva, confundia com **folle.**

dois com o olho em mim, enquanto o Pai se fechava, muito digno: e um choro sumido, um soluçar que me perturbava, esse sim, me enchia pouco a pouco de uma dor calada, me rangia, me turvava a cara na raiva de não poder chorar também, era a minha Mãe com as criadas num quarto ao fundo da casa, um pistoleiro no quintal das traseiras outro na escada, outro que me saiu já na rua de uma escada fronteira, outro talvez mais do raio que os partisse a todos e quando souberam do meu «crime» ficaram todos chateados, apenas um me levou aos calabouços do Governo Civil, onde passadas eram poucas horas o velho pai-pai incorrigível me foi transplantar para os quartos particulares, levar paparoca fina, talvez vintes (já não me lembro ao certo). Operação Non Plus Ultra dos pais-pais. Mas convém aprofundarmos mais??? o assunto. Focalizá-lo em função de espaço e tempo, de um certo espaço e de um certo tempo — à portuguesa, à lisboeta, Era Salazarista, porque para Portugueses escrevo —, datado de nascimento a óbito que é o tempo de que dispõe cada um/qual.
Uma vida, uma órbita. Um projecto. Tais e tais.
Se não é tão fácil ser pai como a insignificante, ridícula ao máximo quantia do nosso abono de família por rebento podia deixar supor ao Ministro das Finanças; se para funcionar como chocadeira é preciso combustível ou aquecimento qualquer; se para ser pai ou mesmo pai-chocadeira é biologicamente antes precisa uma certa quantidade de calorias diárias a meter por debaixo do nariz (convém) e anos de manipulação do pénis a ver se funciona quando lhe surge pela frente um hímen interessante (convém) a

fim de manter os nossos espermatozóides/com uma boa disposição e qualidades energia natatória, vontade de trabalhar, fecundar, barbatanas para a perigosa travessia cheia de perigos e sucos contrários até ao óvulo ou óvulos (225 milhões cada e........., Fritz Kahn dixit); se tudo isto custa muito sangue e muito dinheirinho, havia, por exemplo, de contar os inumeráveis esforços que

ATENÇÃO: a adjectivação vai-se rigorosamente restringindo ao essencial à medida que o texto prossegue e avança para as definições, colocado **como já deve estar o leitor pela morrinhanha anterior; acabar também com os parêntesis, as divagações pessoais, os circunlóquios chachas. Atacar a fundo a partir daqui, excepto quando forem pormenores de importância para a elevação do pai-chocadeira à sua qualidade mítica ou mistificadora?**

não custa admitir que todos estes assuntos sejam muito mais complexos do que, a ouvir as pessoas comuns falar lugar-comuns, ou ler os jornais e as declarações ministeriais de que estão repletos; direi mesmo: não sei se me chegará a vida para os versar cabalmente. Paciência. Calma e paciência.
Um pai (aqui, na minha terminologia: **um pai-pai**), pois eu também já fui do género e sei o que isso custa, é um herói na sociedade (a nossa) de hoje. Primeiro, teve de se aguentar para chegar à idade de pai e dos espermatozóides escorreitos, sãos como pêros peritos em navegação/ /natação sem escafandro oxigenado (225 000 000, **dixit,** etc.). Isto não é para qualquer e muitos ficaram já pelo caminho (pais potenciais, espermatozóides linfáticos), morrem de e como anjinhos, coitadinhos!, partem o pescoço quando andavam aos figos ou aos ninhos, caem em poços, são atropeladinhos, ficam esticadinhos, ou porque uma pedrada a eito, ou porque um automóvel a toda a brida, ou

porque. Vejo todos os dias a secção jornalística **CUIDADO COM AS CRIANÇAS!** e tremo e palpito. **Imprevidência fatal de um menor** ou **O candeeiro de petróleo caiu e incendiou o berço** ou, ainda, com um retrato **DESAPARECIDO «De casa de s/ pais, 13 anos, fulano, vestia calças cinzentas, casaco castanho aos quadrados, camisa branca e pullover cinzento. Agradece-se quem souber s/ paradeiro informar tal, tal, cave, direito/ Dto. Telef. x. Polícia avisada** e por detrás do papel do jornal pais-pais que choram, que farei eu, então? onde, agora, os meus desaparecidos, todos? que camisas, pullovers, que cores indicar? que polícia mos recuperará? mos trará de volta a casa? e quanto terei de pagar? (ainda mais?) quem mos recuperará senão eu? e como? e quando?

Depois, há que arranjar fêmea. Pormenor marginal (elas abundam), porém indispensável e que me levaria, a contar das minhas, páginas e páginas, dispenso-me de entrar em tão enredado capítulo, boscências não iam perceber pevas. E não só metê-las na cama ou enfiar-lhe o pénis c... adentro, é o fácil dos fáceis. Dar-lhe papa, vesti-la, calçá-la, etc. Uma fêmea (que mo desculpem as Leitoras se não escrevo **mulher, esposa,** porque para o problema animal do ser pai qualquer fêmea fecundável serve) é objecto caríssimo. Muito mais do que um automóvel, mais mais. É uma experiência perigosíssima e que, até certo ponto, desculpa ou explica todos os tarados/taras sexuais que as aborrecem (os chamados paneleirinhos do cu/e outros assim)

reparem a ternura da expressão

e resolvem os seus casos sentimentais ou de abaixo do umbigo por processos ou artimanhas de que me escuso agora de referendar.

Outrora — há que anos isso foi —, arranjei esta fórmula: casar (viver com fêmea) é meter o inimigo dentro da nossa cama. Cama, reparem bem, o sítio onde diariamente um indivíduo está mais nu e mais desprevenido, inerme, incapaz de servir-se da inteligência, dos seus instintos de defesa e ou conservação, arena tão exposta e desabrigada, sem

borladeros nenhuns ou refúgio onde dê o salto, onde se acoite, lugar tão diferente de todos, que ali está ele, bicho todo verdade, inanimado e sozinho (pelo sono, o cansaço, o sonho a sua colossal pequenez em silêncio, ou na sua entrega pelos seus sentidos e poros??? ou fixação num, num outro que lhe apetece então e pode, quase sempre é, o grande inimigo: ele ou outrem onde, ainda, o desejo lhe (provavelmente) exigirá um esforço único, dirigido ou desolado ou desorientado, devastador que é a sua conquista total por outro, ou a sua dissolução alegre ou irremediavelmente insatisfeita sem a paz do orgasmo; ou inevitavelmente cônscia de um desespero sem fundo. Que conquista ou que entrega. Ou vice-versa, bem entendido. Quando se equilibram, um nunca mais acabar de ser assim como sempre ou estar de repente mudado noutro gloriosamente renascido! Quando mutuamente se castram ou sobredominam, rancores e humilhação, ali, na cama, não há meias medidas nem consolações para os que sabem o que é e como é.

(ATENÇÃO A ESTA MEDITAÇÃO QUE DEVERÁ SER TODA CONCENTRADA E NEM SEI SE COMPATÍVEL COM AS LARACHAS A SEGUIR; TALVEZ RESERVÁ-LA PARA OUTRO PONTO DO TEXTO, ASCENDENTE).

Numa sociedade fortemente organizada (de polícia) policial e policiada (e é onde estamos, por aqui), ao menos tudo isto são algemas. Ou mais. Poderosíssimas.

Para chegar à idade de ser pai e saber como isso se efectua, atura-se muita gente e até rameiras. Para ter mulher (a tal fêmea parideira) há que aturá-la e ainda muita outra gente, se calhar: parentela, patrões, senhorio, leiteiro. Para chegar ao quase cúmulo da paciência humana que é a fun-

ção do pai-pai é preciso aturar isso tudo e mais ainda, depois: família, parteiras, vizinhos, sogras, gente que acontece no nosso caminho e pelo meio, que induz a, que desaprova, colegas de escritório que falam doidamente obcecados de futebol às segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sábados, dividindo a semana nos comentários ao desafio do último domingo com as previsões do que será o desafio no próximo; é preciso aturar os malucos espertalhões do totobola! **TUDO ISTO É CONVERSA DE CHACHA concluída muito antes, há que cortar esta trampa toda, redistribuir os condimentos e as diversões, acelerar o ritmo, endurecer a frase muito antes daqui.**

ALIÁS, E É FUNDAMENTAL, HÁ QUE CONDICIONAR ESTE TEXTO E A SUA LONJURA A OUTROS DO VOLUME; EVITAR REPETIÇÕES OU CONTRADIÇÕES QUE NÃO APENAS AS FUNDAMENTAIS. NADA DE LEVIANDADES!

É preciso ir ao cinema! Os mais escrupulosos???? têm de ler o Jean Jacques, o **«Emílio»**. Ah, é de endoidecer, jasus! jasus!

Se bem?? recordo eu fui **também** assim, um pai-pai deveras durante **mais de** uma dúzia de anos. Apanhei muito pontapé. Apanhei mesmo muita vez com o salto alto de um sapato no nariz, pelas trombas, que era a maneira mais carinhosa ou imediata expeditiva que a minha ex-esposa legítima demonstrava os seus sentimentos expansivos sentimentalidades por mim. Embebedei-me. Perdi uma ou mais mulheres de quem gostava a valer, ou supus que sim. Arrisquei anos de cadeia **ISTO É IMPORTANTE, MAS TALVEZ PARA NOTA: É UMA PRIMEIRA REFERÊNCIA ESTA GRAVE COMO ANTES A DA TENTATIVA DE ASSASSÍNIO DO PAI; ESTE CONDIMENTO ME PARECE SER DE EXPLORAR E JÁ**

fiz dívidas, palhaçadas sem conta, estuporei família, casas, livros (30 000 ou por aí), aldrabices, coisas inenarráveis agora. Sofri pavores. Ah não creio, não conheço muitos pais-pais como eu?? fui. Bebi quase 200 000 000 de copos de tinto. Aturei bêbados para lhes sacar coroas à saída da tasca. **ISTO É PARA CORTAR. FAZ PARTE DOS «AMIGOS. OS BAMBINOS». Ganhei cabelos brancos??? Uma bronquite crónica??? Uma lesão cardíaca.???????**

Ah!, não me venham cá dizer o que é/que é isso de pai-pai, fui um dos mais heróicos que conheço.

(Termina aqui vamos lá a primeira parte do texto; o tom deve mudar imediatamente, pois agora passa-se a uma contradição da noção do pai-pai, a vincar as várias brechas que apresenta e onde ele se desfaz.)

Depois... **bem,** eu sabia, eu previra que tudo aquilo era escusado. Isto é: sabia que os filhos não pertencem aos pais. **À dama a quem dedico estas linhas/laudas de papel letras e que me queria incutir maneiras, recordando-me que tinha (eu) filhos e devia pensar neles a todo o momento (como se isso biologicamente, normalmente normalissimamente fosse coisa possível e na altura do dito conselheiro muito menos porque a estava mesmo ali a desejar e a ser-me agradável o que ela tinha a fazer era abrir-me as pernas) respondi aí por 1947: «ó menina, os filhos têm corda própria, minha amiga. São eles. Não podemos fazer tudo, ou sequer muito por eles. Damos-lhe o primeiro empurrão, os primeiros calores e depois... Eles fogem-nos.** Já **lá** vão à frente de nós. O nosso destino é vê-los fazerem//fazer isso mesmo e assim é que está certo// **esta fala só entra com a dedicatória, que está por ora muito pires//**

Etc. (Foi mais ou menos isto, e foi aí, decerto, a minha primeira pré-impressão da actual noção, atitude, de pai-

-chocadeira. Mas aquilo em 1947 era conversa e só: já me chegara ao cérebro, ainda não tinha a coisa no coração nem nos hábitos, ai de mim! Só mesmo passados quase vinte anos é que dei por mim **chocadeira** convicto, e no entanto... se pudesse... se me fosse possível, me dessem alternativa para voltar atrás e refazer a vidinha toda... quem sabe? Com o que sei hoje já não sei, ou ainda agora não sei o que faria. Custou-me deixar de ser pai-pai!).

É que na noção de pai-pai (pai arquétipo de pai, pai burguês ou proletário, pai das cidades ou dos campos) há uma coisa terrivelmente **ATENÇÃO: NÃO MUDOU NADA DE TOM** antipática, um resquício da estupidez que é o homem, ser findável, ser a prazo, julgar-se eterno e proceder como tal, até que lhe vem em surpresa o badagaio; é um vínculo do sentimento de propriedade de que a nossa sociedade está eivada em muitíssimos aspectos; é o sentimento de posse, o vampirismo da vida e da liberdade dos filhos/**a disporem de si próprios.** Com efeito, disto sempre fui um tanto isento: filho rebelde, achei que, como pai-pai, não tinha grandes direitos sobre as crianças, não as podia pressionar muito. Um pontapé de saída; os primeiros calores, os cuidados indispensáveis; o olhar ao mesmo tempo atento, mas divertido de espectador, ou de um prefeito no recreio????, bonacheirão e passa-culpas. Um cachação na asneira grossa, um riso disfarçado, escondido perante o prato que o menino partiu, sem querer (bem entendido) ou por rabinice desculpável na idade. No mais... à vontadinha deles! Que era a minha, isto é, que era a vontade que eu tinha tido na minha antiga rebeldia (e dou-me os parabéns/dou-me parabéns) **senão devia ser hoje um tipo bem idiota/pateta**) e que entornava para eles/por eles, transferia/transferiria para eles e gostava de ver, admirava neles. Essa história de pai-pai=pai-tirano não era comigo. Nada de **é grego no original** nada de coletes de forças ou directivas; eu tinha lido o **«Emílio».** Conheço pais (ainda os há e muitos) que dispõem dos filhos **ISTO ESTÁ MUITO**

ARRASTADO E POSEUR E REPETITIVO, HÁ QUE SINTETIZAR, AGUÇAR A FRASE.

ALIÁS, NÃO ESTOU A FAZER A NECESSÁRIA PREPARAÇÃO PARA O SUPERPAI, o tirano

como propriedade sua, os guiam com tanta decisão e pulso como ao seu automóvel. Esta uma das noções, quanto a mim negativa e em todo o caso embirrante do pai-pai. Impõem-lhes uma religião. Inscrevem-nos sócios do Benfica. Premeditam e determinam a sua vocação, curso, carreira na vida. Casam-nos. São autênticos vampiros das vidas dos filhos. Mas quanto mais o pai-pai se torna capitão e senhor dos filhos mais combates tem de ter de travar (e com eles, principalmente; e com a mamã deles, a avòzinha, — a sogra ou a mãe do pai-pai). Mais patrões que aturar. Mais empregos. Mais chatices (e o **stress** não perdoa!). Mais algemas e aqui É QUE ESTÁ! A vida é uma experiência dura. A vida é dura. E é-o muito mais num país como o nosso. Num regime como o nosso, desde que me conheço. **PIADA AO PATERNALISMO POLÍTICO?????**

O pai-pai abrupto?? absoluto?? tem/toma muitas responsabilidades. Aburguesa-se ou miserabiliza-se inevitavelmente. Envelhece, porque a vida dos filhos a acumula ele com a sua. E mente a tudo e a todos, e principalmente aos filhos e a si próprio. Não chega a viver a vida dos filhos, porque lhe é isso impossível, nem **vive** a sua porque não lhe é possível.

Conheço pais-pais que seriam (tinham todas as qualidades ou virtualidades para isso/para tanto/ para tal) bons escritores, bons pintores **DESENVOLVER E DAR EXEMPLOS? é uma ideia. Vai tudo!**
e não fazem nada ou sai-lhes tudo frustrado e truncado, tudo fetal, por causa dos filhos, dizem eles. Por quererem ser (dizem) pais de família, sérios e cumpridores, isto é, pais-pais. Tudo os empurra para isso. Todos lho metem à força ou com meigas falas na cabeça. A sociedade, tanto

faz a de consumo como outra qualquer das não, porque todas obrigam a uma ordem ou ordenação e disciplina, rotina de que o pai-pai como elemento preponderante da célula familiar serve de garantia/ é garante, a sociedade quer é pais-pais e correctos porque isso lhe dá garantias de conformidade rotina, respeitinho pelas leis.

Isto é: em vez de legarem aos filhos o exemplo de uma vida livremente aceite e livremente cumprida, criadora e resoluta, dão-lhe o fantasma de um homem, a sombra de um homem, o seu espantalho, o invólucro, o arremedo; obras apressadas, diluídas na necessidade, sem nem já falarmos dos casos extremos: das cobardias, das traições, dos saltos para a retaguarda. Arrumam-se em pais por uma função toda ela animalesca, de andorinhas que fazem o ninho, trazem no bico o verme, ensinam a passarada a esvoaçar a voar. Mas ocultam-lhe ou sacrificam-lhe a outra face do homem: a criadora, a exemplar de homem.

E se calhar nem é assim tão verdade tanto como eles dizem. Ou somente o será para uma minoria. Se calhar (e é o mais certo, é o que estou daqui a pensar com nomes debaixo da língua, já digo alguns) o pai-pai assume essa função como um pretexto, uma desculpa para o seu natural comodismo, cobardia, fraquezas... Tenho visto gente justificar as acções mais ignóbeis com os filhos, os/com os estudos dos filhos, o leitinho das crianças... E em muitos casos nem/não por necessidade: mas como sofisma intragável e descaradão. (A estes prefiro os solteirões, os não-pais, que ao menos fazem o que fazem com outras desculpas ou pretextos não tão untuosos de humanidade e ternura paternal...)

Fazem-se e isto à vista de toda a gente, com uma sem-vergonha risonha que apela para a nossa compreensão e, até, cumplicidade ou já contando com ela, coisas ignóbeis e as mais aborrecidas de fazer e ver fazer. A desculpa de muitos é: os meus filhos, **«faço isto pelos meus filhos, senão... outro galo cantaria!».**

Conheci em tempos um anarquista ou coisa assim que sonhava, suspirava, lutava, conspirava por um mundo melhor (era um pouco pateta mas simpático). Casou-se, trabalhava que se fartava e encafuou a bomba e o panfleto no mais escuso canto da despensa e do coração dizia ele que por causa de duas criancinhas loiras que a mulher, uma vaca tipo holandesa, lhe tinha dado. Era feliz ou parecia, estava, andava tão pateta como antes e menos simpático **(no dizer dos correligionários, que não lhe perdoavam ele ter escondido/esconder a bomba e rejeitar o panfleto.** A amargura dos seus tempos de convicto, o desespero de não ajudar/colaborar na construção de um mundo melhorzinho, com amanhãs que cantam, cavara-lhe umas rugas na testa; ganhava sete contos **na Ulisseia,** mas gastava, pelo menos, dois em cigarros e copos para esquecer/essa esperança/essas esperanças da mocidade/bela mocidade. E com uns bagaços no bucho inda bravejava no recato do seu lar, pacatamente irado por dentro da porta muito bem trancada/vedada a ouvidos intrusos, sob o olhar complacente da vaca finlandesa que deitava leite em repuxo das mamas para as boquitas dos bebés loiros que era mesmo uma beleza) uma fartura/bênção. Eu ouvia-o e concordava — se aquilo era um quadro tão prosaico, tão enternecedor, tão familiar, tão patriarcal! Mas um dia...

Há sempre uma mulher que passa. Passou uma lá por casa, e o bom do nosso anarquista desvairou com as saias dela e com o cheirinho, na verdade facilmente irresistível, daquilo que as mulheres escondem no fundo das saias. A vaca finlandesa nesse dia pareceu-lhe feia, abominável, insalubre e infecunda/seca; as criancinhas loiras dois diabos incomodativos. E largou tudo atrás da outra. A sólida e bem argumentada arquitectura daquele lar pacato do ex-anarquista convertido a pai-pai derruiu num momento. Esta pequena/piquena fábula verdadeira e que na nossa geração (e noutras, passadas ou a vir) acharia múltiplos exemplos paralelos, fez-me depois matutar (é que eu na altura

tinha acreditado, quase dado razão ao tal pai-pai) que, mesmo sinceramente iludido, ou fazendo batota, o meu amigo anarquista quando invocava os seus deveres de pai--pai estaria era a servir-se de um pretexto humano, demasiado humano, para não atirar a bomba nem espalhar o panfleto ou lê-lo com todas as possíveis **decerto** perigosas consequências do seu acto. Estaria, como dizer?, a assumir um papel de pai-nobre???? para tapar o seu ex-papel de anarquista **ESTA HISTÓRIA ESTÁ INCRIVELMENTE CHATA** (ou coisa assim) convicto e combativo. Ser pai é fácil; e muito menos arreliador do que ir parar com os ossos à cadeia ou sentir que temer que lhe arranquem as unhas... e isso também de fazer de **estátua** deve ser cá uma espiga!... O que ele era, como depois se viu, era um sacripanta. Um batoteiro. Na melhor das hipóteses um triste mitómano. Ou simplesmente um pateta? mas espertalhão, jogando sempre no futuro da carta para ele mais lisonjeira e realizando no presente apenas aquilo que mais lhe convinha aos seus interesses imediatos e mesquinhos, vis corporais no pior sentido da palavra, animalescos mas sem alegria. Um tipo, coitado, (e são a maioria) que nem a si se conhecia **bem** (e, não se conhecendo, como queria ele conhecer e almejar um mundo melhor?!
frases soltas: como já tive o gosto de sugerir a vocências/ /boscências **RESSALVAR POR UM VOCABULÁRIO ÀS VEZES RASCA OU HUMORÍSTICO A EXTREMA GRAVIDADE E SERIEDADE DAQUILO QUE SE ESTÁ A DIZER NAS LINHAS EXPRESSAS NÃO APENAS ENTRELINHAS** defender o seu comodismo, o seu conformismo **ver original.**

Ora...

...exemplos destes são aos montões

EVITAR **NESTE TEXTO E TANTO QUANTO POSSÍVEL NOS OUTROS O ASPECTO DE RETALIAÇÃO, VINGANÇA OU DENÚNCIA QUE É SEMPRE ANTIPÁTICO; MESMO SENDO JUSTO. NADA DE AJUSTES DE CONTAS. AS PESSOAS E OS NOMES APARECEM NA-TU-RAL-MEN-TE, POR SUGESTÃO DO CONTEXTO OU POR GRACINHA OU SACANADA MAS SEM RANCOR. A RIR. SEGUNDO A SANTIFICADA TEORIA DO NEO-ABJECCIONISMO DO «TANTO FAZ», daqui a cem anos ninguém se lembra. E TAL COMO EU APAREÇO E NEM SEMPRE LISONJEIRAMENTE, ANTES PELO CONTRÁRIO, PORQUE CALAR OS OUTROS, MEUS COMPANHEIROS DE JORNADA? ALIÁS, O DANTE PÔS TODOS OS SEUS INIMIGOS NO INFERNO E ESTES HOJE NÃO NOS INTERESSAM NADA SENÃO PORQUE O DANTE OS REFERE. E AINDA ONTEM, LI NO SAVIOTTI QUE O MAQUIAVEL PÔS NAS SUAS COMÉDIAS, PIOR QUE OBRAS ESCRITAS OBRAS PARA SEREM DITAS EM PÚBLICO COLECTIVO PERSONAGENS AUTÊNTICAS BEM CONHECIDAS EM FLORENÇA. ISTO PARA AUMENTAR DECERTO O PODER DE IMPACTO E PARA FACILITAR A COMPREENSÃO JUNTO DO AUDITÓRIO. SEMPRE QUE NO ENTANTO APAREÇAM PERSONAGENS AUTÊNTICAS VIVAS OU MORTAS ESTUDAR CUIDADOSAMENTE TODAS AS ALUSÕES (caso hoje anotado da Natália e do Almada, nas «Amazonas». Igualmente o mesmo e muito principalmente no VJX?**

E quando oiço ou vejo um pai-pai falar/ a falar (para se eximir a fazer qualquer coisa que ele já sabe e nós /ou nós **já sabemos** que era o seu estrito dever de: homem, cidadão, profissional de seja lá o que for

ACENTUAR O PRINCIPAL: DESDE QUE UM TIPO PORTUGUÊS SE ALHEIE DA COISA PÚBLICA ESTÁ A TRAIR OS FILHOS. PORQUE LÁ FORA, HÁ OS PROCESSOS DE INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA — o voto — a greve, os protestos, etc. AQUI SÓ HAVERÁ A INTERVENÇÃO REVOLUCIONÁRIA O TUDO POR TUDO, VISTO QUE O CIDADÃO COMUM COMUM NÃO TEM MANDATÁRIOS LEGAIS, REALMENTE IDÓNEOS, PARA PUGNAREM PELOS SEUS INTERESSES E A IMPRENSA É O QUE SE SABE. EM PORTUGAL O HOMEM TEM DE SER POLITICUS. OU JÁ ESTÁ A COLABORAR PELO SEU PACIFISMO, DAÍ O ENGANO LEDO E CEGO DO PAI-PAI: SACRIFICA-SE PARA QUE O FILHO TIRE UM CURSO, TIRADO ESTE, O MOÇO VAI

MORRER A A..... AND SO ON. AÍ NESSA MORTE O PAI-PAI FOI RESPONSÁVEL.

no sacrifício que faz pelos filhinhos e que não se mete nisto ou etc., naquilo por causa de pensar no **presente** e no futuro dos filhos queriiidos («Ah! que se não fossem estes inocentes... os meus ricos filhos!», olha logo à volta, a ver se não virá dali a nada um saiote garrido que o transtorne de todo e lhe faça, de um dia para outro, esquecer filhos, o presente e o futuro dos filhos/deles, por via do tal cheirinho, em verdade delicioso. Remato este capítulo ou §§ com um versinho de Mestre Gil, em sua homenagem deles **agora que estão a festejá-lo tanto; vou daqui copiá-los ali à biblioteca pública e já venho. São assim:** parece-me que é bom é o gato de levar Mofina Mendes. É. Quando um tipo não cede ao seu dever, podemos prever que será muito capaz de ...., porque o não fazer o seu dever já é sintoma de fraqueza nele, e doutros palavrões inda mais feios/feos que eu agora me escuso de invocar.

◆

Mas encaremos o pai-pai honrado (e há muitos, e honra lhes seja feita). Tirando já o lado económico (ou de certo modo usurário) de que os filhos lho retribuam mais tarde e são portanto fiéis-depositários desse investimento de capital, tirando já o outro, vital, biológico, de que as vidas deles o mais certo é fugirem-lhe como água em cestinho de vime, ou de que terá de ser um pai-pai tirano para os manter agarrados ou subjugados a ele (e sabemos/sabe-se que o paternalismo, quer como regime doméstico quer como sistema político, é, no fundo, um egoísmo e uma vaidade enormes disfarçados ou descarados, que se ignoram por vezes?!), impudentemente se proclamam, uma tirania medonha, enfim; eis-nos perante um pai-pai honrado, que

faz sinceramente e a valer muitos sacrifícios pelos filhos, que fala nisso a toda a gente ou o esconde bem dentro da sua alma/casa; que é **assim** feliz nesse seu próprio sacrifício ou o lamenta em voz alta ou consigo. Muito bem. Justo é que os filhos lho agradeçam e a maioria o fará, porque a gratidão é sentimento (alguns o farão, outros não) mais espalhado do que se pretende, até porque **a maioria tem alma de cão, isto é, a gratidão cria laços de que as pessoas afinal precisam para se sentirem na dependência e incólumes com um óptimo alibi de se não mostrarem independentes e coesas. São os respeitos humanos.** Resta-nos saber (temos de saber, assim é que é!) que sacrifícios são esses. Se não contendem ou não se opõem ao pai-pai. Se ele não tem de se renegar como homem, como artista, cidadão, profissional, etc., dia-a-dia e todo o santo dia para lhos dedicar.

A verdade é que os filhos são juízes terríveis! Dúplices: querem que o pai os ajude e querem o pai honrado, admirável. E, pelo menos enquanto a vida, pondo-lhes anos e misérias em cima, envelhecendo-os por dentro e envilecendo-os no carácter/na conduta, **não os envileceu ainda** — quem sabe se não gostariam de que os pais se sacrificassem **menos** por eles? não seriam felizes (ou não o seriam menos) por sacrificarem-se eles um tanto pelos pais, começarem cedo, tão cedo quanto possível, a informarem-se desses sacrifícios, a comparticiparem neles, a serem desde muito mais cedo independentes e responsáveis, sabendo escolher entre os sacrifícios dos pais aqueles indispensáveis e a que eles não poderiam ou saberiam corresponder, isto é, encarregarem-se por conta própria **ATENÇÃO A ESTE ESQUEMA QUE É NOVO AQUI E ME PARECE IMPORTANTE fórmula da teoria da participação logo de criancinha, e é o que estou a experimentar com o Paulocas e fiz com o João Miguel e o Luís José** por uma renovada virilidade dos pais (os pais não são criados dos filhos nem vice-

-versa, trabalham têm de trabalhar todos em entendimento lúcido para o bem comum, visível e inteligível a todos, uma causa nobre que eles defendem/defendam, uma obra de arte ou de ciência que eles os pais fossem capazes de criar?

Eu, por mim, aposto na inocência, na nobreza, no gosto pela vida livre que as crianças manifestam. **Não há rapazes maus,** isto é, perversos, cobardes, mesquinhos... Será optimismo meu, mas deixá-lo.

Portanto: sendo como são, naturalmente, implacavelmente juízes dos pais, os filhos os desejariam ver como os melhores do mundo! (e assim acontece por aquela ilusão que o amor filial às vezes faz enevoar sobre os olhos das pessoas).

O que eu pergunto daqui, o que eu gostaria de perguntar muitas vezes cara-a-cara quando certos pais-pais me vêm com balelas de sacrifícios pelos filhos, de amor pelos filhos, é se eles sabem ou souberam ou já indagaram se os filhos os apreciarão assim mais e melhor do que se fossem exactamente a ser eles (os pais-pais) próprios. Se os filhos não gostariam mais dos pais como gente séria, combatente, sacrificando-se a um ideal, uma criação, uma afirmação à vida. Estou plenamente convencido de que (naquela idade inocente onde tudo aparece doirado de idealidade) os filhos não prefeririam (mesmo sendo beneficiários das torpezas paternas, mesmo padecendo com os actos dos pais-pais no sentido da sua própria realização) compartilhar doutra vida mais purinha. É um inquérito a fazer.

O que eu gostaria de perguntar aos filhos do tal anarquista era se não trocariam o pai-aburguesado ao pai bombista, ao pai-pai bombista preso, condenado, com as unhas arrancadas...

Aqui, faço um parêntese: é preciso não confundir as ideias ou sentimentos dos filhos (a tal inocência inata ou tendência para o melhor que julgo ver nas crianças) com as ideias e sentimentos que as mães lhes incutem. E digo mães, à cabeça, mas não podemos esquecer o resto: avós,

parentes, vizinhas e vizinhos, mestres, oradores políticos... O tal inquérito que proponho teria de ser muito subtil, só tomar em conta os depoimentos daqueles filhos a quem a Sociedade, com as mamãs deles à frente, ainda não fez **a lavagem ao cérebro** (da proposta das conveniências e respeitos humanos) a que tão poucos resistem...

É a opinião desses filhos, ainda incólumes de vilezas, sobre os pais-pais que nos importa. Uma das nossas queridas mulherzinhas pode dizer-nos: «Rouba, para que os teus filhos comam!» e tendo na cabeça escondida a suposição de que ela também comerá da pilhagem, está naturalmente incluída entre os beneficiários. Um filho **são** chorará, talvez, se ou quando souber que o pai roubou para lhe trazer pão para casa. E tanto estou convencido de que os filhos (antes da tal **lavagem ao cérebro**) podem ser para os pais uma força a puxá-los para o bom caminho (este **bom** não é de sacristia: entenda-se por progressivo, vital, criador. As tais duas crianças loiras talvez preferissem o pai como ele era antes, idealista convicto; talvez, até, lhe tenham desculpado facilmente o seu arroubo pela saia alheia se tomaram isso como prova de que o pai, **daquela vez,** acedera ao apelo da virilidade, do instinto, fora homem por uma vez, que diacho!) como estou plenissimamente seguro e tenho forte experiência dessas tricas, de que as mulheres (as nossas queridas mulherzinhas, **o inimigo dentro da cama**...) são uma força retroactiva. Amolecedora. Aburguesante e conformista... reaccionaríssimas. E são elas que incutem depois nos filhos os seus preconceitos e receios, o seu espírito de acomodação.

Entendamo-nos: vivemos num regime de matriarcado discreto, ou mal camuflado. Não sei muito de Sociologia, mas há assuntos que de tanto os debatermos connosco ou os observarmos por esse mundo fora nos deixam muito poucas dúvidas...

Mas eu estava a falar dos filhos (sãos) como juízes dos pais-pais. E parece-me que deixei bem vincado que o honrado pai-pai às vezes se poderá enganar.

Que a melhor maneira de ser pai-pai honrado era ser ele mesmo, realizar-se plenamente, agir como ser social consciente, mau-grado todos os riscos que isso lhe pudesse acarretar a ele e todas as consequências que dos seus actos adviriam para o seu agregado familiar, a estabilidade deste, o seu conforto, a instrução e a educação dos filhos, até o futuro, próximo ou longínquo destes. Quem tinha razão era o anarquista (ou coisa assim) quando queria e lutava por um futuro melhor, porque esse futuro era o dos filhos, eram eles melhores e vivendo afinal melhor. Quem deixou de ter razão ou só aparentemente, com batota ou com ingenuidade, foi o mesmo anarquista quando lutava pela solidez do seu «home sweet home» e engordava a vaca finlandesa para que ela ficasse com as tetas repletas de bom leite para as criancinhas.

Se todos os heróis que morreram (e tem havido milhões de heróis); se todos os artistas que deram a vida e cabelos por uma criação qualquer; se todos os homens ciosos da sua hombridade, virilidade, vida feita de ideias, instintos, tempo, andassem todo o santo dia a pensar nos filhinhos e nas consequências dos seus actos **necessários vitais criadores,** por causa dos filhinhos, o mundo não era mundo e os homens eram galinhas. E qual é o filho que gosta de ser filho de uma galinha? Credo!

Aqueles das Termópilas não teriam também filhos? não seriam pais honrados? Não teriam pena de morrer deixando-os cá neste mundo, talvez sozinhos, talvez desvalidos? Então porque se deixaram matar? combatendo por uma outra força mais abstracta, quase desumana? Desde que me conheço e leio jornais e olho em roda, sempre (quase em meio-século de vida) soube de haver, aqui e ali, perto ou longe, gente heróica (com filhos), gente presa (pais extremosos).

É assim mesmo. Que exemplo comum dão hoje os pais-pais portugueses, como o tal anarquista apatetado ou amalandrado? para seu escarmento e comprova da minha razão em quem o conheceu (onde parará agora o aldrúbias? e como?) aqui lhe rezo a alcunha civil: Henrique Santos Carvalho; esse; e como ele outros. **PASSAM À DIREITA.** Aburguesam-se. Despistam-se de todo. Procedendo assim, não só dão aos filhos o triste espectáculo do seu malogro, decadência ou desistência, e como força moral isso decerto conta num plano de acção colectiva e quanto aos filhos privam-nos do seu apoio também, da sua camaradagem na luta. Da sua experiência. E ainda: o que já lhes estão destruindo é a possibilidade de, um dia, eles viverem mais à esquerda, com tudo o que tal implica de uma vida melhor. Esta nota é dedicada aos pais-pais de esquerda que conheço e topo. **Que se passaram** e vivem à direita e já estão a educar (por seu exemplo e seu proveito, até deliberadamente, em cumplicidade, os filhos para isso mesmo, como coisa tão natural, normal, admissível num mundo em ebulição. Porque (convém não o esquecermos) não há melhores (piores) direitistas nem mais reaccionárias criaturinhas do que os renegados ou arrependidos da Esquerda (só o nome de um, por ser dos últimos que me enganou: o José Mensurado). Mas...

Suponhamos que o honrado pai-pai leva vida honrada, normal com os filhos. Que assim mesmo é amado e admirado por eles. Tudo certo, não é verdade? Então, que vem a fazer no meio disto tudo o pai-chocadeira? ou que triste figura ele não faz perante o pai-pai honrado?

Eu digo, até porque já estava à espera disso. O problema é gravíssimo, pelo menos aqui. Eu acredito (e invejo) que em certos países, e não são muitos, um indivíduo possa não preocupar-se todos os dias com certos problemas que muito gravemente, vitalmente, lhe dizem respeito. Imaginemos um cidadão suíço, um dentista, ou um alfaiate, ou um intelectual, ou um bailarino, para o caso tanto faz. Com um papelinho dobrado ou da forma que lá façam isso, escolhe os funcionários que decidem depois da sua vida de relação. É evidente que pode querer informar-se melhor, agir mais profundamente no agregado social a que pertence; mas também não o podemos obrigar a isso; a ele compete decidir se deve intervir ou não, mais ou menos, e como lhe dão

(ou ele a conquistou, ou os seus antepassados por ele) essa possibilidade não tem de se sentir diminuído. Pode ser um esplêndido cidadão, um profissional distinto, um homem honrado, um pai-pai levando uma vida digna. Que um inglês vote trabalhista e depois o Governo não lhe agrade, a engrenagem social em que está metido não o obriga a actos extemporâneos perigosos. Pode manifestar-se; pode escrever o que quiser; e para a próxima não dará ou dará com mais prudência o seu voto. Que um americano vote contra um candidato que pregava a guerra e a favor doutro que era pela paz e faz a guerra quase como o outro a pregava, também ainda o engano é passível de correcção, ou de indignação declarada ou de protesto público. Etc.

Estou a tentar dizer-lhes, por meias tintas leves, uma coisa simplicíssima, uma verdade do Amigo Banana, lapalicinesca: onde a vida política tem regras civilizadas, se cumpre como um jogo de regulamento conhecido, a preocupação política não tem de ser absorvente, o cidadão pode manter-se dignificado quase alheado dela, pode cumprir-se no plano profissional, no familiar, etc. Essa preocupação (que é sempre dignificante, mas não tem de ser obsessiva) torna-se impositiva onde precisamente o jogo não tem as regras expostas, bem à vista de todos, onde, portanto, a sua ausência ou ostracismo representa uma castração. Mas isto ainda mais se agrava quando decisões nacionais de tal transcendência que comportam o destino de várias gerações perpassam como se a maioria da população fosse turista, ou metecos, ou irresponsáveis/tutelados/interditos.

Aqui é que eu gostava de saber a opinião do pai-pai, afectado por muitos motivos na sua pessoa e bens, e responsável perante o tal futuro dos filhos que, por outro lado, ele se propõe ou arroga tanto cuidar, preocupar, pelo qual luta ou afirma que sim.

A gravíssima pergunta é esta: se se pode levar vida normal (levantar, comer, emprego, televisão, caminha), onde tudo ou muita coisa se passa anormalmente. Podia, como calculam (ou melhor: estava potencialmente em condições

de) citar casos concretos ou ser mais explícito. Mas quando as evidências são gritantes, meia palavra basta.

Não sou partidário da vida perigosa. Mas se as realidades não nos derem mais alento, então teria de dizer ao pai-pai que a sua vida é criminosa para os filhos, em primeiro lugar. Tenho de desmistificar um pai-pai comodista, das direitas ou das esquerdas, e dizer-lhe que se informe melhor e abra os olhos e preveja o vespeiro em que lhe querem meter os filhos. E se os quer enlatados ou de cabidela. Isto é: temos de lhe dizer que é parvo. Que é mau pai. Ou curto de vistas. Ou ignorante.

É que não só o indivíduo se sabe castrado e o sente na sua carne; já está a ver os seus rebentos também, dia a dia a serem castrados, na escola, na catequese, no manual único de história, nos jornais, etc. Mesmo a dar-se a remota hipótese de os manter segregados num buraco da província, que ainda os há, e eu conheço, onde não chega nada disto e o que chega não resiste ao ar lavado dos pinhais pode ter a certeza de que mais tarde ou mais cedo lá lhos vão buscar.

Pergunto eu agora, para remate abrupto deste capítulo, se se pode então **não levar** vida perigosa («Porque se arrisca a vida sempre que se afirma», António Maria Lisboa); se o pai-pai por muito honrado e extremoso pelos filhos não estará a contribuir, nessa vida remanchada e temente, e pacata e comedida, e só na aparência sólida (porque é ser-se muito optimista esperar que a nossa casa não caia com o terramoto; e imitar a avestruz não é das coisas mais eficazes) para que os seus filhinhos sejam também suas vítimas?

Antes de passar à definição do pai-chocadeira, queria fazer só ainda mais um parêntese.

No meio com que mais tenho lidado e mais de perto me toca, que é o intelectual e o artista, um tipo indiferente é possível? Dou de barato que o dentista, o alfaiate e mesmo a bailarina, após um dia de intenso trabalho (e todo o pro-

fissional que se entrega resolutamente/apaixonadamente a uma carreira tem de lhe puxar bem) passe olhos sonolentos pelo seu jornal, apague a luz e ressone. Há profissões (médica, por exemplo) tão exclusivistas, tão absorventes, que a ser-se competente todos os minutos são poucos para ela, para progredir dentro dela, para a dominar, estar alerta e actualizado nela. O indivíduo vai-se segregando, tem tendência a enfronhar-se especializar-se unicamente numa técnica, a sua. Se isto não o absolve de tudo, em parte o desculpa.

Mas um intelectual, um artista criador, cuja matéria-prima há-de ser composta com todos e tudo que o rodeie, pode permanecer alheado? Sei de muitos assim. O que suspeito é que esse alheamento, natural ou premeditado, ou resignado, não lhes faça bem à saúde, isto é, não se reflicta nas suas obras, não as prejudique. Quero crer que muito dificilmente o evitarão.

Tudo quanto é demais não presta. O paternalismo em excesso, obsessivo dos pais-pais que atinge as raias do vampirismo, da tirania familiar, contrário pois/portanto aos mais sagrados interesses dos filhos tem sua correspondência no superpaternalismo do cachação dado a tempo que mantém os súbditos do Príncipe na posição de tutelados. A argumentação é paralela, é quase a mesma: o superpai ama desaustinadamente os seus súbditos-filhos; por isso se sacrifica ao máximo por eles, trabalha dia e noite por eles, castiga-lhes as rebeldias ou dá-lhes um pouco de rédea quando lhe convém mostrar-se mais tolerante... Nada disto é verdade, por certo; o superpai ama com certeza é o seu poder ilimitado, o seu orgulho desmedido desvaira-o, fá-lo julgar-se imortal, genial, etc. e tal. Porque não faz um inquérito singelo aos seus filhinhos com uma pergunta: «Vocês gostam do superpaizinho, gostam?...» Ouviria das boas! Talvez já mesmo as tenha ouvido. O pai-pai comum devia proceder de idêntica maneira, analisar de vez em quando a solidez dos alicerces em que se estriba o seu paternalismo, actualizar

as razões que o explicam. Não reduzir tudo a esquemas demasiado apertados/estreitos ou simplistas, nem transformar as relações de pai a filho numa relação amo-servo, ou deus-criatura, ou capitão-tarata... ou dono-coisa, tutor--pupilo — e é isso o que a maioria faz. A querer que os filhos sejam como ele os pretende ou, no caso do superpai, a exigir que os súbditos-filhos pensem, e ajam e sejam todos como ele sonha, é que o paternalismo tem dado tão lindos frutos. Por mim, fiquei satisfeito em descobrir que o paternalismo do pai-pai tem equivalências no superpaternalismo do superpai. O sentimento que os aproxima terá, talvez, uma origem comum, de posse, como se todos nós fôssemos borregos, ou carneiros, coisa de que se pode dispor à vontadinha, mesmo que não se perceba lá muito bem se é para interesse nosso ou não. Sem ouvir a nossa opinião, sem nos considerar o bastante para nos consultar, ouvir, atender...

Desmistificar a batota do pai-pai é, subindo mais na escala, ajudar um pouco a desmontar o paternalismo do superpai. E assim ficamos por aqui.

O CASO DAS CRIANCINHAS DESAPARECIDAS

Gosto muito de Caldas da Rainha. É uma terra muito bonita que tem um parque muito catita. Com cisnes. Os cisnes passeiam-se devagar pela água do lago. As criancinhas correm brincam nas áleas do jardim. Se os cisnes trocassem com as criancinhas e viessem patinhar no seu andar baloiçado para o jardim, as criancinhas podiam (sem o perigo de em tal convívio aprenderem a grasnar) passear então no lago, o que lhes era um prazer, julgavam. As que soubessem nadar ou tivessem bóia adequada à cintura, vogavam. As outras iam logo ao fundo e nunca mais ninguém as via porque o lago tem um abismo que dá para a vala-comum. Por isso, às vezes, quando os cisnes sobem a terra, muitas muitas criancinhas descem ao fundo, vão parar à Lagoa de Óbidos pelos esgotos da cidade e dali ao vasto mar. Se meninas, transformam-se em sereias; se rapazes, em rochas modeladas, em duros querubins. Esta a razão por que nos roteiros turísticos lá vem indicado a normando que **Caldas da Rainha é a terra onde desaparecem mais criancinhas.** Todos os forasteiros o sabem; os indígenas é que fingem disfarçar.

Gosto muito de Caldas da Rainha. É uma terra muito bonita com um parque muito catita. Ah, também tem uma mata muito bonita com plátanos, mas fica mais acima. Tem

uma igreja muito velha. Tem gente muito velha como todas as terras de Província e gente que parece gente. Gosto muito de passear no parque das Caldas. Tem árvores flores um cinema muito velho um museu quase novo. Caldas da Rainha tem uma grande categoria: é a terra onde melhor se caga porque é a terra onde melhor se come. Vem mesmo gente de muito longe (de Lisboa, de Setúbal, das Frâncias, das Alemanhas e doutros lados muitos) para experimentar. Às vezes, comem mal e por vingança vão cagar a outro sítio; nessas alturas, os Caldenses ficam muito tristes muito (direi?) quase envergonhados e ou melindrados porque o segredo da abundância e excelente qualidade das produções hortícolas e frutíferas das jeiras dos arrabaldes que abastecem o mercado é a alta muita qualidade dos estrumes caldenses. Os Caldenses quando cagam guardam a merda toda na cabeça e só a despejam para uns caldeirões que os matarroanos vêm depois buscar em carrocitas puxadas à mão ou por jericos quando está a abarrotar e algum turista de passagem repara nisso.

Gosto muito de Caldas da Rainha. Ali me confessei comunguei crismei guiado sugestionado engodado por cavacas e trouxas d'ovos pela mão terna e fanática de uma velha que usava pêra e bigode. Era horrorosa. Achava-me bonito oh! E muito minha amiga. Apaixonadamente assim. Coitada, já morreu (antes ela que eu). Ali aprendi a andar de bicicleta empurrado amparado pela mão ainda firme do meu Pai que era baixinho careca e usava capachinho e muito meu amigo, coitado já morreu (antes ele que eu).

Gosto muito de Caldas da Rainha. É uma terra, etc. Tem um bairro de lata, as Morenas (como todas as cidades que se prezam), onde morava o Senhor Jota (de que adiante talvez se dê notícia). Os maiorais da cidade passam o tempo nos cafés, discutindo filosofia (todos os estrangeiros e mesmo até alguns Gregos ficaram impressionados com esta peculiaridade local; tiraram fotografias, filmes, gravações; reportagens lindas). O alto nível da cultura caldense avalia-se na frequência pelos indígenas às suas bibliotecas e museus: numa há sempre um leitor, no museu sempre o porteiro. Às vezes, aparece um cisne ou pato ganso a querer entrar (com que direito?!), mas são logo expulsos para não perturbar quem está. Como diz o rifão: **quem está, está.**

Caldas da Rainha é a terra onde desaparecem mais criancinhas. Eu que o diga! Gostava ainda muito mais de Caldas da Rainha se por ali não me tivessem desaparecido bastante umas quantas. Faz pena mete dó. A mim, que eu é que sei. Desapareceu primeiro a Dona Eugénia Soeiro de Brito, Belzebu-pêra-e-bigode, que, como solteirona e crente e apaixonadíssima, era uma autêntica garota em matéria de comportamento social e também, lógico, sexual. Desapareceu-me depois o meu Pai, um metro e quarenta se tanto, um Artista mas falhado em tudo e até em por mim (direi porquê? que têm VV. com isso?). Lembro-me dele: se andasse de calção e fato-à-maruja passava bem por treze catorze anos. Foi-se num instantinho a vomitar uma última vez todo o sangue que tinha, por baixo e por cima de uma úlcera cancerosa algures nas tripas. Mas o pior não foi isso que já me aconteceu há muitos anos e com o tempo vamos esquecendo as criancinhas desaparecidas, as mortas. Consolando. Lidando depois com outras, vivas. Ou envelhecendo nós um bocado e tencionando quase apetecendo também breve ir ter com elas onde a elas, ao canil aberto pelo indiferente impassível coveiro. Ou recolhendo-nos, pelo fenómeno da **memória regressiva** (vem nos manuais de Psicologia) aos factos e ditos e criaturas da nossa infância, fantasmas amáveis a pouco e pouco vamos recobrando a sua companhia; valorizando-a para nós. Como dizer isto doutra maneira menos científica? a velhice por dentro ou por fora é uma segunda infância tristonha e (às vezes)

agreste. A infância que se recupera uma inesperada rememória (ou uma outra vida paralela e tão intensa como a no dia-a-dia?) de tudo e de nós como o fomos no nosso melhor e quando tudo nos parecia fácil. Assim mesmo. Eu cá acho. Em qualquer caso, porém, um certo desinteresse ou fastio pelo (nosso) presente dagora, um desfasamento peculiar, um deixa-andar, um tanto-faz. Uma frágil ponte pênsil perigosa que atordoa que entontece olhando para baixo para trás balouçando ao correr dos dias e dos empurrões do vento (que são os outros; tanto os mais novos como os da nossa idade) que não se sabe bem a que margem sinistra se ancora o outro extremo da corda, tanto faz. Gostaria de explicar isto melhor mas não posso. E dá-me entretanto vontade de rir, porque é capaz de ser tudo aldrabice, isto é, de ser só aplicável a cada caso individual e num dado momento histórico (acentuo, sem megalomanias: **da história de cada qual**).

Desaparecem as criancinhas porquê, nas Caldas da Rainha? eis o que não me conviria?... não conviria?... ninguém talvez saiba explicar. Passeávamos todas as tardes e às vezes pela manhãzinha no parque. Eu tinha o maior cuidado com as criancinhas: se alguma caía no chão e começasse a berrar deixava-a estar assim porque um bicho humano (a menos que se não magoe aleije de todo ou muito) deve saber cair e levantar-se sozinho. Este um método fundamentado na minha experiência de adulto e que ali aplicava, pedagogicamente: ninguém dá nada a ninguém e a mão que se estende solícita para nos erguer da valeta pode muito bem ser uma garra (e que pretende? na altura da aflição nunca o poderemos saber logo) ou um carcereiro (várias espécies deles; eu também já fui, por exemplo, da Irene) que é a função mais peçonhenta que se possa suportar. Tinha muito cuidado com as criancinhas era se elas iam para a borda do lago dos cisnes, brincando atrás do **Flag** (o nosso esfomeado cachorro) que ladrava e saltava diante

dos pescoços estendidos olhares de maus e bicos escancarados daquelas aves sobreaquáticas. Tinha sempre o máximo cuidado repito porque bem sabia o que lhes podia acontecer. Éramos estrangeiros na cidade (excepto o Joca) e não me esquecera de consultar os roteiros turísticos sobre as virtudes e armadilhas da terra.

Mesmo assim aconteceu. O primeiro a fugir foi o **Flag** cuja carcaça andou ainda uns tempos coxeando nas ruas rabiscando com a fuça nos caixotes do lixo ou ladriscando alguma merenda de pão com chouriço que maloio distraído na venda da couve deixara na lata aberta. Até que desapareceu de todo. Teria emigrado clandestinamente? o caso deixou-me todavia muito preocupadíssimo porque quando um cão (e um tão meigo) abandona o lar patronal, embora todavia contudo não lhe possamos chamar ingrato algo no lar patronal vai mal. Tomei aquilo como um presságio do que depois iria acontecer. E aconteceu.

Logo a seguir foi a Lina. Lentamente muito lentamente foi rareando ao nosso convívio por fim só vinha lá a casa com a minha e dela alegria antiga nos dias de festa, nos dias que calhava e foram a menos. Teria a Lina então que idade? 5, 6 anos? era viva, dada, um amor de criança todos o diziam, nem são pràqui chamadas vaidades de pai baboso. Pois foi para muito longe, a Luanda. Já me escreveu uma vez. Mandou fotografia. Está uma mulherzinha espigadota. Já nada. Trocadilhando, entre duas lagrimetas: já nunca mais por certo serei **nada** para ela, apenas um nome vago, uma máscara longínqua a esfumar-se. Não me despedi, não quis (tive medo por mim, é a verdade). Da Lina ficou (quando no dia da partida fui tentar tornar a vê-la à casa onde morava com uma senhora — a que a levou, mas já não estava) uma caixinha de sapatos destes de verniz pretos que eram um luxo, que eu nunca lhos poderia ter com-

prado (a ser como sou e não outro que não sou não quero). Caída no passeio à porta, amargo vazio suvenir da Lina em papelão. Guardei-a (a caixa). Pois também esse seco amuleto me roubaram me destruíram! Raios, acho que foi o Joca na brincadeira, tão garotinho sabia lá o que fazia.

Ficámos então menos. Mas ainda havia barulho o bastante para eu não desejar dormir um longo sono aborrecido. O barulho de criancinhas em volta a palrar chorar berrar rir atrai força aos adultos justifica-os de certos actos evita-lhes leviandades leva-os à premeditação. São elas, as criancinhas, suaves exigentes carcereiros, os únicos que devemos consentir.

Gosto de Caldas da Rainha. Tem lojas montras muito bonitas, talhos cheios de carne tudo quanto é bom e uma especialidade regional deliciosa: as morcelas de arroz. O mercado das Caldas é dos mais falados do País, o peixe, fresquíssimo! vem da Nazaré ou de Peniche parece vivo. E a frutinha? os tomates? os pêssegos? nada de melhor neste subalimentado povinho. Tal abundância alegra sim alegra a vista aquece as tripas ensaliva-nos espevita o paladar. Os tubos digestivos dos Caldenses são dos que mais bem percorridos fornecidos andam. E a doçaria? uma ma--ra-vi-lha! Era por isso, talvez, que lá em casa não se faziam economias: havendo dinheiro, comprava-se de tudo, gastava-se tudo num dia. Uma alegria! um (depois) cagar nunca visto! Na verdade, os nossos tubos digestivos (apesar de estrangeiros, menos o Joca) não eram menos, vai-se insistir: valiam menos do que os outros, os autóctones; e **A CADA UM CONFORME AS SUAS NECESSIDADES,** fórmula consabida e que perfilho de Economia Política. **Aimez-vous Marx?**

E gosto de Caldas da Rainha porque os pacíficos selvícolas estremenhos Caldenses belmente nas percebiam, percebiam a nossa avidez intervalada ou espaçada entre semanas de muita debilidade tripal. Ora foi talvez porque era assim...

...que o Paulocas um belo dia, um domingo de Janeiro, dia da festa de Alfeizerão deve fazer agora um ano emigrou para a Capital. Não tinha inda idade de se empregar como **ajudante de marçano acabado de chegar da província, precisa-se** sequer de ir para a escola, mas tinha a idade justa de uma confusa talvez espantada noção do que é andar bem comido e vestido e ver talvez perceber lá em casa umas aflições, umas caras carrancudas ou brigas súbitas de pais com filhos e nada na cozinha para trincar. Uma noção da injustiça que é a fome. A fome num menino pequeno. Carinhos, muita pancadaria da mamã não lhe faltavam é certo — mas pode uma criança estar melhor que na companhia dos pais? atroz dúvida e pergunta que me atropela o siso. O Paulocas está bem, já desenha, já rabisca **ás, bês, cês, dês.** Já dá a sua ripostada a tempo, quando lhe pisam os calos. Já diz isto que é muito importante:

NÃO QUERO!

Logo: começa a saber. O que queria e não tem mas queria, o que não quer não lhe apetece. Em latinório de padreca: **non possumus.** Óptimo. Viva o Paulocas!

Mas havia ainda algumas reservas de barulho lá em casa. Vou-lhes explicar como. Logo pela manhã, a Gèninha vinha em fralda de camisa pèzitos descalços e surgia à porta do nosso quarto como uma casta aparição de ternura rechonchuda ensonada ainda. Vinha pedir o bacio, porque a fazer na cama apanhava da mamã palmadas tau-tau de me fazerem tremer. (Não se bate assim, nem assado, numa criança.

É acto condenado em todos os manuais de Pedagogia. Mas cada qual tem o seu método. Liberdade libardade acima de tudo!).

E pouco depois eram horas da Irene ir para a fábrica, havia que tirar a florescente quentinha caca e o fedorento acre chichi dos calções de plástico ao Joca o que nunca se fazia sem guincharia à farta, dele, ou berrata da mamã que, quando aquilo era a mais e repassava ao lençol, lhe ia para as nádegas nuas em palmadas que me faziam estremecer. Barulheira em barda. Sinais de vida à farta. Eu ficava ainda um bocado na cama, enquanto eles três na cozinha comiam sobras da véspera ou o leite às vezes fiado por semanas de um estábulo ali perto (a rapariga do leite, por acaso, era um bicho de estalo). Depois, quase nas oito, dava o salto da cama, esfregava os olhos com/em dois dedos de água e ia acompanhar a Irene à porta da fábrica. Que fêmeas novas querem-se vigiadas ou, pelo menos, que os outros machos vejam o possível que assim estão. Ainda que... liberdade liberdade acima de tudo. A liberdade é bela.

Mas não durou muito aquilo. Em poucas semanas, a Gèninha foi entregue ao desbarato. Teve isto uma razão digamos **policial:** todos diziam que eu ia (devia?) ser preso em breve e não podia (podia não querer? os mais velhos são os mais responsáveis) deixar a rapariga com dois filhos pequenos nos braços o que seria um convite ao aparecimento natural de amigos meus ora essa!, padrinhos, protectores, funcionários da Assistência à Família, merceeiros amáveis caridosos que fiam (fortes filhos de puta), todos à compita e em conversas de Olho Vivo (os lúbricos) lastimando a sorte da jovem mamã (18 anos se tanto) a tal desemparada e sem macho, sim meninos eu já sei já os topo quem VV. são, andamos todos ao mesmo num é?, acariciam as criancinhas que ela traz ao colo disputando

meças para lhe tocarem os seios ou a fitarem rindo nos olhos babosando promessas e auxílios num convite pertinente e que resulta quase sempre, hoje amanhã, com um lambisgóia destes ou outro até interessado a sério e que casa ou faz dela sua companheira respeitada e aos putos é padrasto amorável (há gente pra tudo). Mas a maioria é velhaca. Meninos: esses truques têm barbas desde que mundo é mundo e nem me julgo inocente. Cobiçar viúvas, qualquer espécie delas, e sobrecarregadas com filhos pequenos, é de homem!

A Gèninha seguiu. Não, não é justo desta vez atribuir as culpas aos cisnes do parque de Caldas da Rainha. Não foram eles. Mas certos homúnculos que me faziam tremer (e fazem). Espalham o medo em volta, o silêncio. A sua melhor mais eficaz arma e a mais cínica é o pavor aloucado que já sabem em que as criaturas nós se transformam pela simples ameaça deles estarem na sombra vigilantes e cruéis, dispostos a tudo, ferazinhas, a todos os recursos da ferocidade e de nos aparecerem uma madrugada fazerem-nos saltar da cama abaterem-nos a frio diante de mulher e filhos apavorados. Rejubilam. Quando porém possível não fazer sangue ou fazem o menos possível espectacularmente porque o medo da própria conservação os assim aconselha por dentro, que sangue derramado leva mais tarde ou cedo a fazer sangue e será então o deles, A NOSSA HORA HÁ-DE CHEGAR. Autorizam-se portanto a catalogar os outros e a amedrontá-los. São capazes e recomendam um duro cachação dado a tempo (e não só isso, ai de nós!), mas preferem porque mais encapotada e jasuítica a destruição a longo prazo, a lenta inevitável desagregação em que os outros se consomem — no medo deles. Odeio estes ladrões de vidas, sicários sem punhal à cinta à mostra mas escondido pela lapela, bota-fogo no bolso detrás das calças. Odeio-os.

A Gèninha passou a dormir de um colo (o meu) para outro colo, uma boa mulher que a recebeu (não podia ter filhos, queria uma menina onde toda a sua ternura tivesse uns bracitos a acolhê-la, inda há gente assim, ó castradas! ó devassas da pílula!). Acordou ensonada noutra casa, noutra caminha e a rir como sempre pediu o bacio. Tem todos os mimos na sua nova família (mas pode uma bambina estar melhor que na companhia dos pais?), abusa do amor que lhe dão, tem exigências, fez-se autoritária (sai à mãe). Em nossa casa é que caiu então um grande silêncio (bandidos! caté a barulheira dos nossos filhos nos roubam em volta). Sim: eu que sou míope e normalmente durmo sem óculos, apenas quando tombo carregado de vinho e todo vestido é que me esqueço de os meter na mesinha de cabeceira e não havendo debaixo da cama, via **via mesmo** a Gèninha aparecer à mesma hora do lusco-fusco da madrugada à porta do nosso quarto do Casal da Rochida como era o costume. Sim: durante meses ainda essa breve aparição que não era um fantasma imaginário meu (já explico) me trazia dores ao peito lagrimetas nos olhos como indagora como amigos! agora aqui. Não era ela, que estava longe e perdida entregue para sempre fora da nossa ternura e autoridade porque adoptada legalmente com todas as formalidades (e isto dói, mas se era o bem dela? o nosso amor por ela assim atirado com lágrimas retidas e agradecimento sincero, amor nosso porque a Irene, a mãe, também sofria calada, mas de carácter firme e menos expansiva que eu nas teatralidades (talvez) da lágrima vínica sofria calada e nem falava nunca nisso. E aqui aproveito para lhes expor em breve parêntese o que entendo por amar alguém

Pode talvez chamar-se a teoria que tento praticar e o fundamental não é ter teorias todos as temos é tê-las e praticá-las que aí é que está a grande gaita, uma teoria masoquista do amor, marimbando-me. É assim: se amas, deseja

para a pessoa amada o melhor, olha bem para ela e procura saber o que ela quer precisa deseja ama e procura dar-lho, tanto quanto possas mesmo anulando-te, desaparecendo da vida dela, sentindo-a viver feliz longe de ti e sabendo e chorando. É muito chato isto e às vezes insuportável de aturar, é um caminho debilitante para o suicídio. O contrário disto, que também já fui e sem remorsos nenhuns, é o vampiro. Já deixei para trás, porém, muitas vítimas e se não me arrependo não quero não desejaria fazer mais. Continuarei desenvolvida esta tese noutros textos, Deus querendo.)

era o Joca com mais umas semanas e amestrado que vinha a cambalear e sem palavras pedir o bacio, nem falando mas surgindo à porta, bastava isso. Loirito, um canário com pés nus e olhos e boca e cara de gente choramingando se já vinha apressado apertado da bexiga (apanhava muito tau-tau da senhora sua mamã se fazia na cama e molhava os lençóis) eu não tinha dúvidas nos primeiros momentos que era a Gèninha (ah assassinos! caté os nossos filhos nos trocam na retina na memória e quantas vezes no-los apagam (aos olhos; aos nossos filhos) para sempre).

Caldas da Rainha: uma terra bonita com uns ares lá no alto da Rochida muito arejados, cá em baixo fede. O teatro fede a peixe morto, o hospital das águas a merda sulfurosa, os indígenas a merda estúpida, bicharada que passeia nas ruas ou discute asneiradas pelos cafés fede a couve cagada. Caldas da Rainha fica situada a poucos cem quilómetros de Lisboa, a Capital do nosso Império, onde até há ou havia no meu tempo de rapaz a Praça do Império assim chamada naturalmente porque devia haver um império (nunca dei por isso, nunca o vi) e um imperador em qualquer lado oculto (do quem me lembro era um tirano velho

apalhaçado e maluco). Caldas da Rainha pode ser visitada todos os dias, mas a hora mais conveniente é da parte da manhã por causa do mercado, já o sabeis: a melhor fruta a melhor couve do Império e se puderdes às segundas-feiras, mercado geral, e a 15 de Agosto a grande feira, Dia da Assunção.

Uma nota privada, estritamente pessoal ou familiar: tanto quanto eu sou **uma sensitiva** (no dizer irónico do Dr. António, o pior é que sou), a Irene é dura. Uma sertaneja beirã. Dura no trato (o que é bera, incomoda e então a mim que era mel para ela), dura no carácter (o que é bem bonito, invulgar). Mas não se acredite, eu não, que uma mãe deixe sair assim de casa três filhos (não falando no cão que ela detestava, era mais uma boca inda que subalimentado o pobre) sem que ela, uma mãe, não sinta qualquer coisita lá dentro. Endureceu mais, depois daquilo. Duvido se padecia como eu, se relacionava como primária que era os factos e as injustiças, de causa a efeito, e donde provinham como eu, se rangia como eu a dentuça na certeza documentada de que tudo aquilo, a nossa vida assim, era um absurdo cruel; de que o nosso direito à procriação, a vivermos como podíamos com os nossos filhos até que eles seguissem ao seu destino às suas vidas espalhadas nos fosse assim negado, nos perseguissem ou humilhassem (quem sabe se no fundo nos invejavam?) por isso, diziam que éramos como **cães** e uma brava senhoria solteirona desolada pela acumulação de recibos da renda na gaveta (dela) nos dissesse (a mim! cara a cara): «rua! rua! que é a casa dos cães!», quando tinha casas vazias e abandonadas onde até o **Flag** se sentia enfriorado e nos chovia em cima da cama quando chovia na rua. Casa de cães? Nós éramos gente. Pessoas com direito a um tecto. Uma comunidade a crescer com crianças que cresciam. Filhos

Filhos. O que são os **filhos**? Criaturinhas que mais dia menos dias vão desaparecer, é a ordem natural das coisas. Uma bela manhã inquietos (nós e eles) mas contentes (nós e eles) vamos levá-los à escola ao seu primeiro dia de escola (e é este um ritual que me faz lembrar o meu Pai, quase da minha altura, levando-me pela mão, apresentando-me à senhora professora apostando em mim também ele decerto uma esperança que depois lhe falhei, são assim as vidas) e entra-nos depois em casa quase como intruso um sujeitinho arrogante que criou novas amizades, esteve sob tutela estranha, que de repente julga saber mais que nós e sabe mesmo! com quem começamos, assim deve ser, a aprender muita coisa e nos rejuvenesce porque repito **a novidão nos dá vida** e os mais novos são os mais sábios. Através das falas das criancinhas e das histórias que contam à mesa e da experiência recente que estão a gozar ficamos a perceber, entre contristados por dentro mas radiantes e compreensivos por dentro e na cara que elas nos começam a escapulir, com outra visão das coisas e das pessoas original, tão diferente daquela em que estavam antes, lhes déramos. É a ordem natural das coisas. Depois aparecem os companheiros e acolhemo-los, um tanto enciumados e perscrutando-os se serão boas companhias para eles, intervindo às vezes estupidamente e à bruta afastando-os. Depois as leituras. Depois umas saias e adivinhamos netos e sentimo-nos alegremente envelhecendo e suspirando netos. Continuando na espécie. É a LEI.

O brinquedo vivo tão irrequieto tão naturalmente amorável ou traquinas, um rabino diabrete que nos saltava nos joelhos pesava como calor nos nossos braços sacudia-nos as vidas despertava sobressaltados o nosso sono, chorava doente e arrepelava-nos em sustos por ele na doença; interrompia da forma mais inconveniente o abraço da cópula, esse pequeno brinquedo desenvolto e crescente já sabíamos que o devir o faria desaparecer (mas não, ah não!

roubado por outros. Ou atirado por nós para longe para o preservarmos o salvarmos). Esse terno barulho que morava connosco a tanto gosto nosso (e com que lutas! e em que angústias de fomes frios doenças remédios médicos) iria mais dia menos dias chegar até nós apenas num eco numa fotografia um telefonema apressado. Mas também bem possível que esse filho nosso nos fosse restituído depois novinho em folha outra vez brinquedo baboso e balbuciante esperto vivo na forma de um bichito neto onde descobrimos inventamos parecenças, outra vez recomeçamos. E o fazemos saltar inda mais inquietos e complacentes ante suas birras e manhas ou tomados de encanto por suas gracinhas e então nos aquecem os frios joelhos empedernidos reumáticos tolhidos do caruncho.

Filhos. Trememos que sejam atropelados na rua, espreitamos ansiados a sua respiração ofegante em suas noites febris e nas crianças um qualquer nada faz subir o termómetro e o pavor na alma dos pais, descobrimos com riso o alvorejar do primeiro dente, as graças dos primeiros sorrisos que já nos entendem conhecem, os bracitos estendidos para nós, os gargarejos que são as suas primeiras falas monólogos incoerentes e logo mais depois o soletrar aldrabado das primeiras palavras, as mais importantes para nós e eles: **ma-mã, pa-pá, papa papinha, dá, teté**..., as gracinhas amorosamente pacientemente ensinadas por avós tias amas criadas: **como vai a tua vidinha?** e o puto com a mãozita abanica para dizer **assim-assim**... Filhos: lemos com assustado alvoroço notícias terríveis macabras nos jornais de crianças raptadas violadas assassinadas e pomos num calafrio o caso em nós neles; olhamos para longe para os anos futuros já rapazes e ficamos dementes de os adivinhar vê-los fardados, mortos ou então heróis assassinos, ou estropiados ou bêbedos ou doidos de crueldades que nem relatam e praticaram, a que assistiram, ou cornudos, que é o costume nas guerras.

Almejamos que tenham êxito onde fracassámos — e assim nos redimam dos nossos fracassos; que a nossa experiência nos baixos como nos sucessos lhes sirva — ilusão! se tudo está sempre e cada vez mais depressa em mudança —, vemo-los seguir carreira ingrata à que lhes ambicionámos ou o seu fracasso nos cai dentro como se fora principalmente fundamentalmente e ainda o nosso e nós seu cúmplice e causador; lutamos com eles uma luta desigual porque demais gostaríamos de lhes dar sempre razão em tudo e que eles nos fossem superiores em tudo, nosso supremo orgulho. Enfrentamos encaramos neles aquilo em que errámos, os nossos falhanços pesam-nos então a dobrar como um estigma de que eles foram fossem as vítimas e serão os mais severos julgadores; as injustiças que nos atingiram vida fora e já quase íamos resignando doem-nos ainda mais então se as vemos neles continuadas perpetuadas se os atingem ainda, como se de casta inferior proviéssemos ou como, talvez, não nos tivéssemos (nós, homens e pais) sabido portar na altura própria, lutando até à morte sacrificar e eles nos possam acusar de uma cobardia que, às vezes, foi só o termos antes de agir ousadamente contemplado o berço onde dormiam repousados e sem saberem de nada e nos travou nessa hora o braço a decisão. Filhos: vê-los saírem tudo ao torto do que mais desejávamos e mesmo assim, sim, mesmo assim recebê-los sempre no antigo abraço e esquecer tudo e engolir em seco, felizes por estarem ali, vivos connosco. Repito e torno a repetir, porque isto é que me feria em Caldas da Rainha tanto como agora, anos depois: perdê-los esmagados por um camião, às mãos dum sádico, perdê-los pelo seu natural crescimento as andanças da vida, é uma coisa. Fatalidades. Luto. Alegrias de Pai.

Mas como eu os perdi a estes... e as razões disso... e a quem atribuo as culpas (porque não sou tolo de todo)

prefiro não me alargar mais sobre o assunto. Eu as sei e não esqueço.

É evidente: Caldas da Rainha começava a ser para mim uma terra morta. Bonitinha mas triste, povoada de fantasmas meus. A cada canto, numa álea do parque, num recanto da Mata, a uma dada hora, na casa onde nos nasceu o Joca, aqui acolá um choque um susto uma memória (e nesses tempos nunca tive uma tão impressionante capacidade de recordar tudo e todos desde menino: em Caldas, em Setúbal, em Lisboa, tudo me lembrava algo do passado; lembro-me da alegria libertação que senti uma vez por Santarém passeando, porque eu ali não tinha **história,** estão-me a compreender, nenhuma história antiga). Perdi-me, volto atrás.

...**joelhos empedernidos reumáticos tolhidos do caruncho. (SEGUE)** E que de baboseiras então! que lutas caseiras entre avós e pais, estes a imporem a sua lei no seu tempo as suas razões modernas aqueles apenas e talvez a relembrarem nos netos os filhos desaparecidos mas já longe dos anos em que mocidade e bebés eram para eles a sua forja de esperança a sua força. A VIDA.

Ou A MORTE: esqueci-me de dois gémeos que morreram entretanto direi com mais raiva desapareceram sem deixar rastilho de si na Conservatória. Fui eu. Já andava tão aloucado na altura, e drogado e alcoolizado, que tive sincero receio de deitar ao Mundo algum monstrozinho idiota. E a Irene já miséria e outros dramas a afastara de mim e vomitava na fábrica de bolos, cheiro enjoativo, e perdia-se-nos a sua féria (parece que 18, 19 paus por dia) que era um ganho amparo certo no nosso magro orçamento. Foram para a pia e a tempo. Dois anónimos inocentes. Dois como

biliões de biliões de muitos milhões (a Natureza é mãe pródiga, o mundo não acaba por isso; os pais sim). Gente que podia ser génios. Meus filhos mortos antes de nascer, filhos sem rosto que não cheguei a conhecer, sei quem vos matou mandou matar além de mim. Sei e não esqueço. Ponho-os no rol dos meus ódios e passo depressa adiante, com um curto requiem.

É evidente: Caldas da Rainha começava a ser para mim **(VAI ATÉ um choque um susto uma memória E SEGUE):** a tasca onde chorei inutilmente os gémeos; a Gèninha deu aqui um trambolhão a valer, ficou com os joelhos numa lástima; as risadas do Paulocas, corcel selvagem, atrás do **Flag** à beira do lago; na última fotografia com a Lina, ao fundo ficou uma estátua; tempos depois, um dia mais enevoado de raivas e dores passei no Parque e fui ver: era «A Dor», de Francisco Franco. Que facadas me deram então! um caso chatice com a polícia, resolvido a bem com mais copos, ali; uma doença, uma correria para o médico; os passeios devagar pela légua da estrada da Foz a pé com o meu Pai ou a volta por Santo Isidoro regresso pelo Avenal; a trouxa d'ovos na Regina comida em gula mútua de solteirona velha e adolescente galã (sem o saber) com a Dona Eugénia. Fantasmas e mais fantasmas, multiplicados acumulando-se no mapa da memória por...? por talvez isto e vão perceber-me: a engrenagem é rigorosa. Ou nos moldamos a ela, nos modificamos (e diz-se então em linguagem corrente, cínica: **somos recuperáveis,** tradução minha: já somos **outros,** virámos a casaca, o bico ao prego, dobrámos a cerviz, ficámos sub-homens, ou afivelámos a máscara da hipocrisia — à espera de melhores dias? ora, ora!... a máscara cola-se ao nosso rosto, trai-nos irremediavelmente na concupiscência de nos ajeitarmos a ela, carrega-nos o coração (como o Judeu onzeneiro da **Barca do Inferno;** como o retrato sósia infernal de Dorian Gray) e

óspois o mais prático é deixá-la ficar (a máscara? ou o rosto mascarado já já petrificado nela?). Nem é fácil de despegar; nem os que com tal gáudio no-la viam o consentem.

Há uma coisa que VV. sabem e eu também (lemos todos as tragédias gregas, não é? culturazinha ocidental, pois!): certos factos servem-nos de aviso para o futuro. São o elo de uma cadeia indestrutível e fatal. O futuro nunca se sabe como é. Mas adivinha-se. Supomos que o prevemos (embora, CUIDADO! nunca desesperes de todo em todo de um homem, conta sempre e ajuda no que possas a sua às vezes espantosa maravilhosa capacidade de recuperação. Tenho para mim e desde há muito duas máximas: não confiar inteiramente em ninguém, estar sempre de atalaia, e comigo mais, porque donde elas menos se esperam é que as traições surgem; outra: não desesperar de vez, não arrumar as pessoas, porque até mesmo os mortos deixam para a frente surpresas, actos ocultados mas exemplares de humanidade). Chama-se a isto **premonição.** Um cálculo de probabilidades em nada matemático mas fluido. Premonir será a consciência ou melhor dito a presciência do que vai ser o nosso futuro. Reparem: o nosso. Que é ainda o mais fácil de prever (talvez o único) de consciencíar, presciencíar, adivinhar e precaver (quanto possível e escassamente). Logo: **saber como é.** Ou **vai ser.** Ou **terá de ser.** Dei-me por isto várias vezes e nunca me enganei (mas estou a exagerar, decerto), só me enganei quando não reparava no meu presente e nas lições do meu passado, principalmente as de que não me corrigira a tempo. Estes tempos: **é, vai ser, terá de ser** não são gramaticais, porque a vidinha das pessoas não se rege por regras escritas mas por acasos, vitais. O que nas Caldas da Rainha me começou a impressionar, a chatear cada vez mais foi que comecei a prever o futuro que ali mesmo me vinha. Daí: deixei de ter surpresas. Assim, deixei de viver como deve ser porque a vidinha, a verda-

deira, das pessoas é, tem de ser, uma constante surpresa. Não, é um horror a obcecação do que vai ser — quando? e como evitá-lo? como fazer parar a roda? Na cabeça, em todos os nossos actos, vamo-nos já dirigindo meio tontos mas lúcidos, mas atados de pés e mãos para esse tal fim. Como nas tragédias gregas, a personagem e o público já logo desde os primeiros sinais sabem que tudo irá passar-se assim até final, à catástrofe que nem os deuses podem torcer evitar. Quando deveras se prevê, já não se está a viver. Mas a moribundar aos poucos numa agonia tão dolorosa que não a desejo ao meu pior inimigo.

Eis que estes desaparecimentos todos, ali nas Caldas, me pareceram a certa altura sintomáticos do mais que havia ainda a desaparecer e era o resto: a Irene, o puto, a casa, eu. A Comunidade. Pois é isso que na maior raiva e amargura lhes vou contar.

Quando a miúda, a Gèninha, se foi embora (já lhes disse) começou o silêncio. Começou também e é bom que se saiba, ele saiba um dia se me ler que eu estava atento e sofria com ele, o martírio ou chatice do Jòrginho atrás dito Joca. Eu saía de manhã, antes das oito, hora de entrar ela, a Irene, na fábrica, eu na primeira tasca e o puto ficava sozinho em casa, numa sala sem mobília, só uma mesa, a camita e uma almofada e alguns brinquedos que não o ferissem. Dormia, pois. À hora do almoço estava quase sempre a dormir, adormecera depois de berrar e chorar muito, nós dois ouvíamo-lo calados e cabisbaixos descendo da Rochida para a FRAMI por um carreiro de burricada. Deitava-se no chão sobre a almofada que puxara da camita. Às vezes, como um cachorro, vinha pôr a almofada ao pé da porta da rua e ali ficava, quando chegávamos tínhamos de o chamar empurrar a porta devagarinho não o magoássemos. Como este puto não endoideceu de todo,

é o que me espanta ainda. Como ele conciliava a sua solidão com a alegria de acordar connosco e ver-nos (sem raiva nenhuma) é uma destas injustiças que não lembram ao Diabo. Se ele não era o Diabo! É só lembrar-me do original: um puto loiro, com menos de dois anos, que (talvez) nem meu filho fosse mas apenas «o filho da minha Irene», o «do outro» (esta história não prossegue com todos os pormenores que a quero acima de coisas conjugais, íntimas, e ser um caso policial a valer, passado nas Caldas da Rainha, precisamente **o caso das criancinhas desaparecidas,** e falando de criancinhas que desaparecem tanto faz minhas como não minhas e vão já ver desaparecer criancinhas aos centos nas Caldas da Rainha que jamais conheci e me doíam na mesma por certo sentido não humanitário mas comunitário), mas bonito que se farta (saía à mãe), duma robustez a toda a prova, calado, dócil, perfilhado por mim (secretamente), comendo e rindo, chorando sozinho, como é d'òmem! Eu logo percebi, comecei a perceber a sonhar em pesadelos tenebrosos que o puto estava n.º 1 para ir na leva.

Quantas criancinhas já desapareceram desde há bocado? nas Caldas da Rainha, localmente falando (porque eu era experimentado jogador nesta jigajoga de criancinhas a voarem-me da mão). Ora contemos: a Dona Eugénia; o meu Pai; o cadelo, o **Flag;** a Lina; o Paulocas;

(Ah, não!... o Paulocas reapareceu passados meses. É este um mistério tão grande e jubiloso que não cabe em curta página. O que lhes posso garantir é que o Paulocas está aqui comigo (nesta página; a dois metros de mim no nosso quarto cheio de sol da Pensão 1.º de Maio e espanto meu nas Caldas da Rainha!) RAPTADO EM LISBOA e vai falar. Começou assim esta manhã, dormimos juntos, a cama é fofa, ambiente familiar acolhedor, boa gente

alentejana, quarto ainda às escuras, dizendo palavras singelas porém solenes severas:

— Com quentão foi o pai que teve culpa da mãe sir embora...

Não interrogativo. Não acusador. Apenas um comentário. De quem está interessado no evento, não perde pitada, talvez se lembre do que passou mas mesmo assim (e ainda; ou por ora?) não arma em juiz meritíssimo. Em linguagem de tribunal: um declarante. Diz o que diz. Quer (talvez) informar-se melhor. Esta mesma noite estamos a tantos de Janeiro que não sei bem, chorei a dormir com o Paulocas ao lado. Falei, lamentei-me, talvez demais (foi crueldade estúpida, mas estava atolambado do vinho e das raivas). Ele ouviu-me. Abri então a luz, porque é bom para um homem que chora (e um homem chora!) outro ao lado que o veja chorar. Ele viu. Talvez por isso o seu breve comentário desta manhã não fosse rancoroso nem justiçador. Ele está aqui. Há pouco, vendo-me chorar outra vez lágrimas compridas quando dedilhava na máquina a minha vida e a dele (inventadas por causa das estéticas da prosa e das noveletas neo-abjeccionistas, estão a topar? nada de mitografias pachecais: tudo que se escreve é invenção), há pouco olhou-me e sabendo que partimos amanhã, disse com amizade de homem para homem: o pai não se ponha a chorar no comboio que fica muito feio e depois as pessoas não gostam... **um grande beijo na sua carita e mais lagrimetas minhas. O Paulocas está aqui, ouviram? Nem, VV. são uns patetas e não percebem népia desta poda: como é que eu podia escrever sem esta grande alegria de o ter outra vez comigo, sinal de esperança de recuperar o resto, todos tudo eu por inteiro passado presente e futuro? como é que queriam? ou julgavam que escrevo para vos deleitar com as minhas misérias?!... Não se cria na tristeza. Sim, na alegria ou na raiva. Ele está**

aqui. É o que importa. Se não nem a história ia por diante, começara. Andiamo.)

a Gèninha; e agora vem o pior. Que é

A SAÍDA DA IRENE. A verdade é esta: a Irene tinha de sair. Da minha vidinha triste. Tinha só 19 anos. Eu: 19 × mil. É muito. Uma grande desproporção de idades de espaço entre nós. Ia dar mal. Já se sabia (antes). Quando nos juntámos disse um dia cinicamente para um amigo que só tencionava pô-la **em rodagem.** Lixei-me. Fui justiceiramente colhido pelo meu próprio jogo. Já toda a gente depois contava com isso (e eu, antes de todos; sei como elas acontecem, isto é, nos calham na cama e depois como se pisgam). Quando o silêncio começou a cair em cima de nós, começou também, inevitavelmente, a haver silêncio em nós entre nós. Amargura, recriminações mútuas coisas antigas que se calam mas azedam os mínimos ditos e atitudes, chispam em olhares de um ódio pequenino caseiro, vai explodir. Um silêncio mais denso e crescente, intrigante. Um realejo de árias desafinadas a ranger e sempre as mesmas e sempre a despropósito que surgiam nas conversas entre nós, um frémito de rancor contido lodoso envolvente. É fácil de dizer escrever. Não assim para viver e todos os dias o mesmo. Quando se ama. Portanto, atenção!, o pior vem agora.

O que era a Irene para mim? Um caso incestuoso. Amante filha paqueta companheira mãe enfermeira cúmplice governanta criada para todo o serviço secretária ama doutros filhos meus sobrinhos dela (esta nobre rapariguinha esta menina do povo criou cinco crianças com 18 anos) libertina comigo quanto é dado numa semialfabeta e mais mais: muita fome de tudo a meu lado e com dignidade, desdenhando pedir, altiva de sete raios, trabalhando moira de trabalho, daqui te saúdo, rapariga! onde estiveres agora. Sê feliz que bem o mereces (é a tal minha teoria do amor pela Amada). A Irene: toda uma vida à sua frente, vinte e dois anos eu avançado e recuando em virilidade, em faculdades (e sabendo-o. Calado, com medo de a perder. Outras vezes avisando-a, mas chorando para que ela visse quanta falta me faria). Como é que entrou comigo? facílimo. Tinha (eu, na altura já quase arrumado, mas recupero assombrosamente e assim todos quando queiram) de me afirmar em vitalidade. Tentar uma coisa muito grave porque é uma aposta terrível: **ainda não era daquela. O LIBERTINO IA JOGAR A SUA ÚLTIMA APOSTA COM A MORTE. E ganhei!** Levou tempo, ai não! Meses no medo de umas malvadas foices que o pai dela tinha e eram mesmo — eu media-as de longe com os olhos e sentia os arrepios de um condenado ao ver o óculo da guilhotina — mesmo mesmo à medida do meu pescoço, que comichões, que calafrios...; e de uns marmeleiros com uma moca na ponta, usam-se na Beira-Baixa, que à primeira dose me partiam de certeza o espinhaço alfacinha débil e falto de cálcio, me entolhiam o tesão... que querem? Quem tem cu tem medo e eu estava escaldado doutras tentações assim. Mas uma rapariga virgem de 14 anos tem muita força. Esta, por exemplo: conversar com os risos mais endiabrados os gestos de cativar reis e príncipes quanto mais um velho libertino e as provocações e as piadas de ironia do tipo quem desdenha quer comprar e até pedradas, entre labregos é assim tudo primitivo tudo ainda como nos tempos do Viriato. E servir-se da sua ternura que é sexo e curiosidade. Enfermagem dedicada para o borracholas o doentinho. E um cheiro a seara. E umas belas tranças loiras.

A Irene está aqui e agora comigo. Está a dois metros de mim e no mesmo quarto. É o Paulocas. Desenhando sem saber que falo dele com a máquina bonecos que só vistos. É bonito que se farta. Todos os meus filhos são bonitos,

todos os nossos filhos são bonitos inda que marrecos. Somente são feios quando nos esquecem, talvez porque nos desaparecem. O tempo sara tudo, diz-se. Mentira. E reles. Não sara nada. Nem se sabe bem ao certo quando sarra, isto é, quando começa a criar bolor na alma. Voltemos à Irene.

Tinha de desaparecer. Estava escrito e previsto. Eu sabia. Tinha pesadelos aos seis e mais por noite em que mês após mês fui consultando os astros com o meu subconsciente e sabendo logo o que (me) ia acontecer. Fui muito estúpido, digamos com modéstia: teimoso inócuo estúpido (outra vez e à décima potência) incapaz impotente etc. Mesmas causas mesmos efeitos. Não mudando as causas, ia acontecer. Havia (penso eu agora, e a lição serviu--me) de dar uma reviravolta de 360°, largar tudo, ser cruel, lixar meio-mundo à lei da selva — e alguém se podia espantar irritar? é a que têm aplicado comigo, homessa! Não o sabia então, cá se fazem cá se aprendem, mas o mais giro é não aprender. Caminhar para a frente com a inocência das criancinhas, a nossa, a que quiséramos manter através de tudo e aguentando as golpadas de todos. Via para o suicídio? deixem estar não fica cá nenhum. Ora

...no dia 15 de Agosto de 1967, feira nas Caldas, feriado municipal também nacional, eu não me queria zangar. Há dias assim. Um tipo acorda bem disposto e resolve: **hoje haja o que houver não me vou zangar.** Prontos! como diz e muito rápido o meu Paulocas. Pela madrugada, eu cheio de asma ou a raiva alérgica que dá a asma quis fazer «a minha obrigação». Não me apetecia nada, estimáveis madamas e estimados cavalheiros marialvistas. Era aquilo um cumprimento machista, que podia implicar num posterior colapso cardíaco meu. Era fatalmente (porque podia dar em morte) precisamente só isto: «fazer a minha obrigação».

Não que não me apetecesse na zona inferior, é verdade, esse **rapaz** tem cá uma mania... julga que ainda tenho vinte anos e faz de conta que não é nada com ele quando me deixa ficar mal. Só que a cabeça de cima sabia que me podia ser fatal e nem com coramina talvez escapasse, e eu não achava graça nenhuma em ver o Hugo cangalheiro das Caldas tirar-me as medidas horas depois de esticado. No lugar da Irene (mas alguém pode saber como é que elas procedem nestas alturas solenes, **rigorosas,** e o termo é dela) faria outra coisa. Dava porque eu estava combalido (da asma; dos copos; do músculo cardíaco; do outro debaixo; etc.) e fazia-me uma brincadeira fácil, com a mão, por exemplo, que não cansa nada e satisfaz. Ou não fazia nada. Fingia-se a dormir, quinda era o mais fácil. Ela disse precisamente isto (palavras rigorosas): **NÃO MAPETECE.** Trucla! E virei-lhe o rabo, nesta satisfação do tipo que chegou finalmente à praia e virou gente depois de se sentir ir a afogar: **e a mim muito menos,** disse calado. Trucla! Pumba! Mas caiu-me óspois como verdete na alma. Papagaio! Se a uma rapariga de 19 anos **não lhe apetece** e a um tipo de 42 tão-pouco algo vai mal no casal. Ia.

Foi. Levou o Joca. Nunca mais os vi. Acompanhei-a até Tomar. Levou-me com ela e, óspois, meses anos ainda, mesmo agora quando escrevo, percebe-se. São assim as mulheres: levam-nos. Aqui reside uma outra teoria minha que se chama monogamia. **NÃO SE VIVE SEM PAIXÃO, UMA.** Quando já se tiveram várias, uma de cada vez paixão entenda-se o remédio mas que remédio! é saber poder esperar. Aguardar a seguinte. Evitar o suicídio logo, que era o que apetecia. Contudo todavia etc. esta sabedoria não adianta na altura própria e chega quando chega, se chega. E pior: antes de chegar nunca se sabe se chega. E a tempo. Isto é muito importante e requer novo parágrafo (vamos enchendo).

A saída da Irene era uma aposta minha. Ainda estou para saber onde vai dar. Não é fácil perder tudo. E tudo várias vezes em 42 anos. Tudo por tudo — nada. Como se sabe, quando se aposta? nem isso faz parte da ética do jogador o seu grande gozo é não saber, o gozo está no jogo, na aposta, perder ou ganhar é para depois.

Desaparecem as criancinhas e nós com elas. Uma mete na cova a pêra-e-bigode; outra perde o chinó nos arranjos do cangalheiro; um deixa o esqueleto na valeta; outra a caixa dos sapatos e ala! para Angola; outra uma imagem casta de miúda nuínha; depois depois o bicho de cama declara **não mapetece;** depois vai o resto, o puto loiro, a casa, eu beberricando e choramingando de tasca em tasca. E tudo nas Caldas da Rainha. Terra estranha.

Dizem os sábios: ao contrário de muitas terras do País, cuja origem se perde nas névoas do passado, pode-se marcar uma data que corresponde à da fundação e origem das Caldas da Rainha, como povoado, se bem que nos seus arredores se encontrem vestígios dos povos primitivos, que deixaram a sua memória já na toponímia local, já em monumentos arqueológicos — como restos paleolíticos encontrados próximo da cidade (Santo Isidoro). Mas que temos agora (Janeiro de 1968 — Maio de 1971, em plena guerra em três frentes) com isso?

As águas das Caldas da Rainha — que fizeram da cidade a primeira estância termal do País — são fornecidas por cinco fontes: **Pocinho da Copa, Piscina dos Homens, Piscina das Mulheres, Piscina Escura** e **Arco.** São águas hipotermais, mesossalinas, sulfúreas cálcicas e sulfídricas, cloretadas sódicas e magnésicas, sulfatadas cálcicas e sódicas e contêm sais de estrôncio, bário, césio, titânio, bromo, iodo, boro, etc.; são radioactivas. Principais indicações: reumatismo articular crónico e outras artropatias, nevralgias, doenças crónicas do aparelho respiratório, asma, doenças ginecológicas, sífilis, saturnismo (doença ou envenenamento de pessoas que lidam com chumbo em certas indústrias, das que usam talheres estanhados com mistura de chumbo e antimónio;

intoxicação pelo chumbo, frequente nos pintores e, antigamente, nos cheiradores de rapé, por causa dos invólucros), dermatoses (seborreia, eczema seco, acné) e outras afecções. Curam quase tudo, o melhor é não as cheirar.

Caldas da Rainha tem lá uma grande vantagem: é o Dr. António Maldonado Freitas. Um gajo porreiríssimo. Um bacano. Uma jóia de pessoa. Mais que meu pai. Mal vi o Dr. António, o caro António, e confirmei depois de algum convívio, notei que ele era uma criancinha autêntica. Advogado e dos melhores na Província, dos mais subtis e argutos a manejar os Códigos (desenrascou-me várias vezes de causas perdidas, e isso não o posso esquecer), conhecendo por muita inteligência e ossos do ofício os meandros da alma humana e as podres engrenagens da nossa sociedade de consumo, quase agrária ainda nas Caldas, reparando-se melhor não passava de uma criancinha sem maldade nenhuma. Um poço de ternura.

O Dr. António Maldonado Freitas tem uma grande vantagem: é candidato a deputado vitalício. Sabem como é, num é? Concorre a todas as eleições pela lista da Oposição. Isto desde há muitos anos. À última hora desistem (razões sólidas, argumentos irrespondíveis, corações a sangrar de indignação, o civismo democrático todo achincalhado). Há que louvar esta gente. Principalmente, pela paciência ou a santa ingenuidade. Mas quem vê este espectáculo desde 1945 (tinha eu vinte anos) começa a ficar a rir-se. Chateando-se. E chega a conclusões. Engraçado!... São acérrimos democratas, indefectíveis republicanos desde a primeira hora ou desde a mama ao colo da mamã, oposicionistas intransigentes com o regime, homens da esquerda progressivos que se fartam e só o demonstram esforçadamente em gritaria e actos (ou atitudes?) de 4 em 4 anos, ou de

7 em 7 (isso era dantes) aí uns dois meses se tanto — entrevistas, comícios, discursatas, listas, profissões de fé, declarações aos jornais, protestos fundamentados e em papel selado, e no resto do tempo que é quase todo (façam-lhe as contas) bravatas inúteis, uma arrogância de carácter (**impoluto,** é o adjectivo preferido) mas na prática do dia-a-dia tão bons como os outros. Ou piores. Oh Posição cómoda! ó vantagens facilidades duplicidades maquiavélicas de estar nela, assim. Gentinha simpática mas de pôr a pau, talvez convicta mas sem espírito de auto-crítica nenhum. É tão bonito ter perfilhar ideias nobres... aguentar com elas é que. Afinal tão parecidos com os outros! igualzinhos, em certos casos. Tão repelentes, por vezes, na sua argumentação. Estou a ouvi-los, em datas sucessivas: os **Aliados vêm cá e limpam isto; quando o Tal morrer isto muda de certeza: agora é que é,** etc., etc.. Quantas vezes não os gramei com vontade de os mandar à merda e mandei mesmo! chamar-lhes **estúpidos**, na melhor das hipóteses **incoerentes**, nos piores casos **sabujos, traidores,** carneirada em jogo duplo, bem instalados e querendo instalar-se mais e mais, ou então defendendo **la politique du pire,** porque estando bem (embora devessem estar livres) desdenham ignoram deliberadamente a plebe proletária que são a grande maioria somos nós. Mas pra que insistir? Isto não é um texto político sim policial **O CASO DAS CRIANCINHAS DESAPARECIDAS** e de quem eu estava a falar era do Dr. António.

A sua grande vantagem era essa: desistir a tempo. Assim nunca se ficava a saber verdadeiramente quem era e o que queria. Dispensava-o de muita coisa; por exemplo, ter uma informação social, económica, logo política, actualizada (lá boa biblioteca possuía ele, mas com livros por abrir) em vez de manter-se em relações amistosas com o Banco Português do Atlântico (e outros, claro); ligar-se com sincera simpatia aos humildes, promover fazer obras de engrandecimento local social (que podia) em vez de troçar, na Praça,

dos presidentes do município caldense, aliás umas bestiagas. E a ser eleito, que chatices, depois, em S. Bento? leram **A Queda dum Anjo?** Devia ser giro. Desistindo, todas as vantagens e prestígio e nenhumas responsabilidades. Assim, sim. Até dá gosto ser candidato a deputado. E como o António muitos mais; mas foram-se desmascarando, já estão definidos arrumados.

Não me considero vítima desta alegre rapaziada das políticas, aliás tenho o sentido de trincheira e sei onde está o inimigo comum, o pior. Algumas vezes me deram vontade de rir, o que é importante, nem sempre há dinheiro para irmos ao circo. E no entanto

...o Paulocas voltou a desaparecer-me. Agora por Lisboa, na Costa do Castelo. Sei que está bem mas não está onde devia estar que era comigo, neste quarto ensolarado da Pensão 1.° de Maio, donde vos escrevo. As pessoas encaram com certa naturalidade serena quando são os filhos dos outros que desaparecem. Até ajudam (e é o meu caso, hei-de-lhes agradecer). Parece-me isto um contra-senso. O natural, o humano seria ajudar um pai a ter um (ou os que tivesse) filhos consigo. Mas adoptam geralmente atitude mais cómoda: lamentam-no (ao pai); lamentam muito mais as pobres das criancinhas que tal pai têm. Acusam o pai de ser um incapaz, um transviado, um bera, um bêbado, ou louco, e que ele não quer é trabalhar. Que é um mau pai por isto e por aquilo. Se ele dorme com o filho pelas escadas — como me aconteceu pelo menos duas vezes com o Paulocas — ou em pensões vagabundas, das baratas, se o arrasta pela mão esfaimados ambos numa correria em cata de um alvo de escudos ou almocinho em casa propícia de amigo; se o puto adormece no café onde pára a malta enquanto o pai espera cravar algum, sacar dinheiro seja lá

como for, vindo sabe-se lá quando ou de quem — apontam-no a dedo, justiceiros implacáveis mas prudentes, porque assim lhes convém: mais fácil é rir ou lamentar ou condenar a miséria de cada um do que investigar-lhe as causas e depois tentar dar-lhe remédio. Sugerem ainda que trago a criancinha como isco para os comover. Estão bem enganados. Não é nada disso. É porque tem de ser. É também depois para os ofender. Por miséria (várias). Como o rapaz do cego: para me orientar. Um filho é uma força.

Pois o Paulocas lá me ficou perdido outra vez por Lísbia amada, numa página máquina a dois espaços foi-se!

Donde o Leitor que me está a acompanhar com delicada atenção (muito obrigado!) poder inferir que nem só nas Caldas da Rainha desaparecem criancinhas. Não disse isso: o que disse e repito é que Caldas da Rainha é a terra donde desaparecem mais (reparem: **mais**) criancinhas. Assim o Dr. António. Quando afirmo que é uma criancinha não lhe estou a chamar estúpido, nada disso! As criancinhas caracterizam-se (em meu fraco entender) por qualidades que toda a gente conhece. Uma é a ternura espontânea Ora o António é um poço de ternura. E espontânea, a tal de que as criancinhas são dilecto apanágio. Mas o Senhor Doutor António tem uma grande vantagem (que também pertence às criancinhas): não vê bem a realidade. Está desfocado. É um imaginativo um sonhador inveterado um poeta a valer. Logo: uma criancinha grande e adorável. Em termos charros diríamos: é zarolho, só vê metade das coisas e das pessoas ou só aquilo que lhe convém ver. Usa (como os piratas-da-perna-de-pau) uma pala no olho esquerdo. Faz-se zarolho. Tirando a pala vê tudo a triplicar o que pode ser mania das grandezas ou inda uma maneira de andar na Lua. Um sonhador um imaginativo um altruísta mãos-largas e por cima da gravata ou da toga um honestíssimo advogado dos Direitos do Homem e da Democracia.

O Dr. tem além disso outra vantagem: é milionário. Quando se diz que uma pessoa é milionária não se deve entender que ela tenha muito muito dinheiro (às vezes é tudo vista, um dia dão um estouro, pumba!) ou que nos vai dar algum, o que até pode acontecer. Nem a gente tem que meter o nariz onde ela gasta o dinheiro, ou disputar-lho, como quinhão nosso, embora haja países, e vastos como o oceano, onde essa mama acabou. Quando digo de alguém **é milionário** quero apenas sugerir que essa tal pessoa **tem um colchão.** Perceberam? uma cama elástica, como no circo, um tapete protector como se usam no judo. Se levam um golpe e caem já sabem (prevêem) que não se aleijam por aí além. Recuperam depressa o equilíbrio, uns bonecos sempre-em-pé. Com esta gente o jogo de convivência anda sempre falseado. Prometem mais do que dão. Garantem-nos ajudas que ninguém lhes solicitou e falham, pra quê? para nos gozarem? para, entretanto, terem conseguido algo à nossa custa, explorando a nossa miséria? por vaidades parvas? por ostentação paternalista? pra nos roubarem a fêmea, no engodo do que há-de vir? Raios os partam mais quem nos acredita. Por mim, que sou do humor-negro, acho-os infelizes. Desconfiados. Se os abraçamos em pura simpatia, apertam a carteira ao peito e ficam na expectativa de mais uma golpada, porque muito escaldados. Falamos-lhes naturalmente, projectos nossos, esperanças, tentativas de melhor futuro e arrepelam-se e fogem ou imiscuem-se, se a ideia é rentável levam-na com eles e deixam-nos no pau da roupa. É assim, tenho visto.

Como o Dr. é milionário um poço de ternura um sonhador um pândego que ama a vida e a beleza é Mecenas. Foi comigo. Desvantagem: é que ele julga que o Mecenas é que sabe. Olha que espiga! Quem sabe é quem faz não quem paga ou ajuda. **O Mecenas paga, não dá ordens** (Mestre

Almada). Vai daí, começa a dar-me indicações, sugestões amigáveis. Que eu devia fazer era mais textos como a COMUNIDADE... se isso me fosse possível! E que nada de erotismos, pornografias... não era para a minha categoria. Elogiava-me, a seu modo. Sem querer magoava-me, ofendia-me.

As pessoas são engraçadas: lidam dias a fio umas com as outras observam-se experimentam-se (todos somos cobaias uns dos outros) e vai-se a ver entretêm entre si longos enganos que às vezes dão para o torto prá porrada inté. E aqui se registram duas coisas: há tipos como eu com memória de elefante que não esquecem uma afronta anos e anos, que naturalmente a guardam sem mesmo se darem conta ou hipocritamente a mascaram adiam mas lhes rebenta numa hora enraivada ou quando julgam de que dispõem vantagem ou lhes apeteceu então dar xeque-mate; e outros, ainda como eu, que um simples nada um gesto um encontro em momento especial, de alegria faz esquecer tudo para sempre, tudo, apenas ficarmos depois a lembrar do passado aquilo que nele foi leal, digno; e assim é que é!

Pois o Senhor Doutor António Maldonado Freitas desapareceu-me precisamente no dia 30 de Janeiro de 1968. Às tantas da tarde. Não era nada que eu não esperasse, já sabia que ia perder o António. Quando percebi que era uma criancinha e via o que me estava a acontecer com as outras nas Caldas, pensei cá para comigo «este, mais dia mais mês também vai ao ar». Cai no lago. Acisna-se. E faz-me falta, acreditem. Dava-me tudo: sopa, remédios, pagava pontualmente a minha renda da casa, a luz, e vintes cinquentas cemzes, às vezes (menos) três notas e mais, vestia-me calçava-me sobretudava-me engravatava-me escovava-me almoçava-me lanchava-me levava à praia e queria à viva força que eu molhasse o nariz, desentupisse bem as ventas na-

quela água salgada agitada da Foz do Arelho. Levou-me a Fátima, ao santuário, onde em quarenta anos me negara a pôr os pés, Meca aldrabona. E os mimos, e os cuidados? Não são coisas que se esqueçam.

Um dia, sim! um dia que não me sai da cabeça, sei a data: 24 de Setembro de 1967, fazia um mês certinho que a Irene e o Joca tinham desaparecido das Caldas, data portanto histórica para mim, da minha história interior, talvez inventada mas tão exacta que não me conheço outra, eu tinha chegado ao fim de uma longa resistência envenenada anestesiada em copos e muita lagrimeta mas já por então resoluto no acabar e depressa, ele, o querido António o meigo o perspicaz, viu-me tão desesperado tão fora já de tudo e resolvido a findar da maneira mais simples que era fechar os olhos e dormir da canseira do nada importar nem eu nem nada que pegou em mim pelas oito da manhã e não mais me largou até às tantas da noite, até que tão estafado me viu que já então não quisesse senão dormir, mas para acordar. É bom (acho) que estas coisas se saibam para honra e louvor da humanidade, aqui do António. Ele fez precisamente o mesmo que o Cesariny (também é bom que se saiba), o Mário, uma criancinha que me desapareceu em Lisboa (ai! ali por Lisboa também para mim foi um disparate em desaparecerem-me criancinhas, a última agora foi se bem estão lembrados linhas atrás o Paulocas na Costa do Castelo; só mulheres mais duma dúzia; companheiros do liceu dezenas deles; camaradas das fileiras com o fito no futuro, ih jasus! enchia outra página e sobejava; a Esposa levou 16 anos a desaparecer divorciou-se; filhos isso nem tem conta. Pode dizer-se que sou um homem de sorte. Com esta. Mas continuo a ateimar: Caldas da Rainha é a terra onde me desapareceram mais criancinhas estatisticamente falando e em proporção com a densidade populacional do burgo. A culpa é dos cisnes, como sabem) o que o Mário fez uma noite em que me viu desesperado a cair de bêbado

e a choramingar muito por causa duma menina Maria Eugénia Soares Barbosa pentelhuda que o Diabo guarde (faço--lhe essa mercê; mas na altura era a minha luz), sentado (eu) no Cais das Colunas e com uma vontadinha de saber ao certo se a água do Tejo estava fria e chegava para me encher os pulmões e o Mário o que faz? (o mesmo que o António naquele dia 24/9/67) deita-me a mão, tira-me fora do cais e da beira-água (suja e negra) e anda comigo ele pegando-me por um braço o Virgílio Martinho noutro de tasco em tasco por Alfama até me encharcar as meninges e a coragem de cafés e bagaços e desviar da maldita água (negra suja) e acompanhou-me a casa.

Mas que fez o António então que fez? Topa-me às oito da manhã. Em coma (eu). Andando a passos ziguezague mas sem copos só dores dalma. Vê-me a soluçar chorar como uma vaca. Leva-me à praia, à Foz. A almoçar. À vindima. Leva-me pelo braço. Dá a pílula calmante, o jantar. Leva-me de carro à nossa casa deserta, na Rochida. Percebe que não posso ficar sozinho um mês depois de querer aguentar-me ali sozinho, como um valentão! (eu, tão frágil que me soprem na cara e caio), como um homem! (eu, imaginem, tão ossudo e despido de quimeras que tudo tanto me faz). E leva-me a casa dele, pelo braço. Estas são coisas que não esquecem e me servem à justa, contando-as, para que vocês percebam que não sou assim tão bera como isso. Que também sou capaz de gratidão, de avaliar finezas ternuras daquelas importantes e que marcam decidem duma vida. Coisa importantíssima. Tanto mais tratando-se da minha. (Nada de megalomanias: todas as vidas são muito importantes, daí a raiva que me metem os assassinos, os profissionais da morte à paisana ou não, embora às vezes dê vontade de matar, haja justiça em matar, horas terríveis essas).

Entre mim e o António começou a haver uma quezília que se explica: fui mau filho hei-de ser mau enteado. **Cão sem dono.** É assim: não gosto que me mandem. É cá uma birra minha. Ora o António tem uma grande desvantagem: gosta de se meter na cama das pessoas. Esclareço: gosta de mandar na cama das pessoas, isto é, de escolher para a cama alheia quem ele entenda mais adequado. Olha que história! na minha cama mando eu. Não tenho lá quem quero? tão-pouco quem eu não queira. Bem me bastam os que nela entram insistem em permanecer. Os meus mortos.

A minha Mãe (depois de morta) tinha essa teima e ainda hoje. Não havia noite que não a visse em sonhos e pesadelos de arripiar e levou meses a despejá-la da minha cama (mas se ainda hoje?...). Usei truques. Exemplo: pedir à Helena, a minha Esposa, que também já por então andaria por ali a dormir sem grande jeito, que rezasse qualquer laracha, padre-nossos avé-marias, para exorcismar a defunta, servir-lhe de espantalho para que não se metesse mais comigo. Diz o zé-povinho que são almas penadas que estão no Purgatório e pedem orações, suplicam de longe conforme podem à maneira de aparições no subconsciente dos entes queridos para subirem a ver o Senhor São Pedro. Crendices! não dava não deu nunca resultado. E uma Mãe é coisa que se esqueça? e então a nossa? a minha, que era uma pobre mulher amalucada meiga que nem raios gostando de mim como se eu fora Deus?... um, o dela?

E aqui vou chatear-te, Leitor, com um aparte (mais um): falando outro dia com não sei já quem mas havia de ser pessoa íntima porque ele há coisas que só se dizem a gente assim pertinho do nosso mundo interior que, em escritos meus, nunca entravam nem a minha Mãe nem a cara Esposa (a divorciada, a Maria Helena da Conceição Alves ex-Pacheco). E que isso, que me preocupava desde há

muito, teria sua razão de ser. Que eu explicava assim, talvez de maneira ilusória ou simplista: para um escriba tudo tem seu valor tudo (nos) serve. De personagens. De paisagem.

Escrever é inventar logo aldrabar e há criaturas em que tememos remexer. É difícil doloroso tocar-lhes, transformá-las em personagens. Tipificar. Guardamos delas uma imagem que queremos reservar só para nós a qual, descrevendo, poderíamos achincalhar desfigurar caricaturar e isso nos é vedado. Em vulgo: falta-nos a língua. Ficam a distância, reservadas, porque nos estão mais perto, ainda. Assim comigo. Não me lembro que tivesse falado nunca ou capazmente de minha Mãe ou da Helena. Era (não deliberadamente) uma obstrução íntima, invencível, não-falar não porque não tivesse de dizer muito de ambas e da importância com que participaram decidiram da minha vidinha mas por um travão sentimental. Neste texto, porém, cabem as duas; porquê? porque foram mais duas criancinhas que me desapareceram. Ou roubaram? Ou seria inda uma vez eu gatuno de mim mesmo e que delas me apartei? dúvida ingrata, a que não acrescento pevas.

Outra e última interrupção: a minha Mãe era criancinha porque sempre o foi, porque doida. Mística. A Helena idem porque terna e sem ronha nenhuma e gostava de mim, **malgré tout.**

Assim o António.

Quando comecei a perceber que ele queria mandar na minha cama (por pura amizade, talvez por generoso paternalismo) logo previ que ia desaparecer do meu horizonte, num poente doloroso para ambos, sujo de nuvens intrigan-

tes. E eu ficava, mais uma vez, mais sozinho. Mas também aquela de mandar na minha cama...

A CAMA. A cama não é só para dormir. É o lugar indicado para as pessoas nascerem para morrer (no sono sem sonhos ou da macaca) e para renascerem (ao acordar na embriaguez da cópula). A dádiva mútua dos corpos na luta dos sexos e ou o arreganho das dentadas. A cama é uma arena, e quem não sabe disto pode ir-se já embora. Tenho muitas experiências de cama: leitos fofos tarimbas de esquadra bailiques no Limoeiro catres de hospital escadas frias até valetas na cerca dum cemitério como me sucedeu em Tornada, que susto! O QUE É PRECISO É ACORDAR VIVO! E tenho experiências de camas alheias (por histórias que ouvi contar, sou doido por histórias) e porque tenho pairado em quartos de pensão onde se ouve tudo ao lado no silêncio de quem está só mas desperto, talvez choramingando com o rosto debaixo das mantas. De repente, num quarto vizinho começa o gorgeio de um casal; beijos e barulheira de cama; às vezes, umas questiúnculas daquelas tão banais que nos fazem rir mas que podem dar pró torto prá porrada, é lá com eles. Não se meta ninguém na cama alheia! Eu, não. Nem deixo que se metam na minha. Ora...

...o António teve desde logo essa mania. Que a Irene não me servia porque era uma primária (e era; mas isso eu sabia, era assim que gostava); que eu não lhe servia a ela porque bêbado velhote acabado pixota murcha (o que ela também sabia; daí que levou sumiço quando bem lhe deu na gana). Mandar na cama dos outros tentar lá entrar inda que na melhor das intenções por palavreado de amigo ou conselhos sisudos é estupidez. Irrita. Casais desconformes, na idade como na cultura como no feitio, um novelo disparatado que prevemos vai desenrolar-se breve em nada, é o que mais falta... mas se gostarmos assim? enquanto

dura, dura. Até porque: as brigas acabam quase sempre depois na cama e é então uma delícia, o melhor dos mundos possíveis, à Voltaire. E há vantagens em um intelectual, um escriba ter uma fêmea semialfabeta, uma brutinha na cama (a Irene, por exemplo): é que ela não discute Arte. Não nos empurra (esteticamente falando) para onde não queremos. Nem nos lê. E que lesse? uma beijoca funda calava-lhe logo a boca, oh maravilha! O nosso António devia saber disto tudo mas insistiu. Prontos! ficou na Sertã, no dia do meu julgamento. Adeuzinho!

Porque não foi só por Caldas da Rainha que me desapareceram criancinhas: outras muitas mais, de quem não tenho tempo para falar aqui e agora, foram para o grande raio que as parta: assim a Helena, a Emília, a Zé. Mais uns mecos ali ao Saldanha que vendiam jornais, tudo isso fará parte deste texto, Deus querendo, e está por ora em borrão, fica para as obras póstumas: é que não me desapareceram só criancinhas de carne-e-osso, e tão angelicais, mas **textos-criancinhas** e de quem a culpa? que eu bem na sei. Pois daquelas criancinhas-(estúpidas)-cisnes, meus assassinos ou dráculas, que me julgam que sou uma máquina de escrever e não tenho **para escrever** de almoçar todos os dias, o que eles fazem com a maior naturalidade. Não vou nessa!... Um homem não é homem por para escrever, inda que fosse esse o seu prazer maior, e tão barato porque gostava e achava que assim daria seu melhor contributo à colectividade. É-se homem para viver, escrever incluído. Responsabilizo gravemente aqueles que, podendo, até ajudando um pouco, não me deram as facilidades necessarias e a tempo, proporcionaram condições de trabalho indispensáveis, o mínimo dos mínimos (revejam-se pois nestes **fragmentos mesmo assim,** que lhes dedico por ironia) ou mas regatearam até que me chateasse de lhes ver as trombas, sequer de lhes recordar meigamente os nomes, meigamente? estão-me a entender? Mecenas de uma figa torta, **à portu-**

guesa. A regra acho eu não é estender a mão com os pequenos trocos da esmola (que pode ser uma maneira de nos despachar), mas uma pergunta singela: **de que é que tu precisas?** depois um aviso sincero: **eis o que posso dar fazer.** SEM PROMESSAS ENGANADORAS (que eu não agradeço promessas, f....-..! mas actos compatíveis com as posses a simpatia de cada um.) Passado este meu momento de mau humor e já passou que não sou de rancores escusados, prossigamos com os saltos de que o Leitor fica avisado, nem isto passa de um fragmento (e que somos mais ou menos que fragmentos de pessoas? em 46 anos conheci tão pouca gente, um que lembre: o meu Avô materno. Era inteiro da cabeça aos pés).

Ora é preciso que saibam: nada mais custa a um tipo que por indefinível devaneio se julgava capaz de escrever uma obra, inda que mesquinha, saber-se por impossibilidade própria, por falta de tempo, por não ter a renda da casa garantida, por uma miséria qualquer e fornecer ao leitor, a quem deve respeito e o primeiro leitor e o mais respeitável e exigente é ele próprio, ver-se dar a ler senão um texto castrado, tão abaixo daquilo que queria, tão outro, que a nossa vontadinha era rasgá-lo logo ali e ir dormir.

Mas a cidade, qualquer cidade, não é sítio para criancinhas, é para gente dura e que sabe o que faz. Sempre porém se encontra gente terna numa cidade, criancinhas adultas. Aparecem. E se depois desaparecem a culpa nem é delas. Mas, nas Caldas da Rainha

DOS CISNES. Pois claro! Se não lhes desse aquela tontice tonteira de virem passear patinhando badejar em pêndulo fora de água (ih que feios! que desnaturais!) as criancinhas não (me) desapareciam tantas. Os cisnes são os

culpados: bonitos demais. Simpáticos a distância. Ferozes assassinos a frio. Fardados de branco como cisnes disfarçam assim sua grande raiva inveja de não poderem andar como o resto da gente à paisana, naturalmente, e correrem pelas áleas do parque saltitarem como as criancinhas. Mordem. Bicam. Atacam às súbitas, em correrias, ajudados pelas longas asas, são temíveis porque não se espera de tanta graça e brancura (quando na água — e que arrogância! que altivez!) uma raiva assim. Inveja tamanha. Atiradiços, esgalram os bicos e fazem-se danados, o **Flag** que o diga (se falasse; se ainda pudesse falar mas estará feito esqueleto desconjuntado sem sepultura cristã aí por qualquer canto das Caldas ou perto). Os cisnes posso falar-te abertamente? são assim uma espécie de polícia odienta que não podendo voar (ou mal), que não sabendo andar e comportar-se capazmente (como os outros) se vingam. A luta é de vida ou de morte. Temos de os matar.

Que é do tabaco?!... Espreito o maço, o último cigarro foi-se, ardido em raiva. Amarroto, atiro fora pelo quarto. Vou ao tasco comprar «Português Suave». E descanso os dedos e a maquineta, que grande espiga! Ora vamos lá ver o que isto dá.

Giro: um cigarro é muito mais fácil de aparecer que uma criancinha. Até fiam. De bom modo. A mulher do Avelino, um tipo tão abrutalhado de trombas que só vendo. Ela, um encanto de criatura: dada, afável, uma camponesa que tem modos de fidalguia e actos. Séria, com aquele bruto de marido ao lado. E se o digo é porque sei (ou me pareceu). Uma noite, com os copos, mais pela lubricidade do olhar que pelas falas (que deviam entaramelar-se e sair vagamente ouvidas), acho que lhe disse que ela era uma mulher lindíssima. Resposta pronta mas nem agreste (fidalga, sempre fidalga): «ó homem, tenha juízo e saia-me da vista!». E o

Avelino? a essa hora a ressonar. Mas este tão bruto que bruto também tem prega-nos suas surpresas, é capaz de ser (também, com aquela fronha carrancuda) um poço de ternura. Um dia, em que me viu mais choramingão sorvendo o tinto em jejum (fiado) sai do balcão e dá-me uma sandes de presunto. Insiste. Obriga-me a comer. Revela-se de repente outro. Por detrás da máscara havia mais.

Dos desconhecidos são de esperar actos assim. Os que lidam connosco a parentela os amigalhaços são geralmente faquistas do pior. Levei mais de quarenta anos a perceber explicar-me isto, que não sei se já virá no Cícero **(De amicitia)**: fere-se o que está mais perto, por mais fácil, porque lhe conhecíamos a porta para a faca entrar mais rápida e inesperada (o seu **calcanhar de Aquiles,** em linguagem classicizante). E sabíamos. E talvez nos doesse logo ou depois, como um bumerangue. Antegosto masoquista, cavernosa covardia que é a de todos os dias. Acontece. Já 'stá!

Segunda reaparição do Paulocas neste meu quarto das Caldas: entrou leve saiu breve. Tomou um banho mudou de roupa e foi-se. Voltará ainda? anos depois? Com certeza. Mas não me convém, sim, não me convirá acrescentar mais nada porque a economia de palavras, o tom sacudido, preparam a ênfase do final, que se quer dramático. Aliás, o Paulocas esteve sempre a entrar e sair deste texto, é ele não o leit-motiv **mas uma sirene repenicada, uma espécie de instrumento alegre na minha orquestra, um flautim: quando desaparece, enraiveço e caio nos graves; quando entra como agora e está comigo — o melhor camarada que já tive e sem facção política de Esquerda,** ainda **— logo me saem acordes triunfais. Porque saibam: sou um tipo alegre. Estruturalmente. Mesmo sem vinho. A tristeza é um privilégio dos estúpidos. A vida não me mudou muito. Há quem me**

conheça parecido, se lembre de mim assim há trinta e tal anos. Nem VV. por mais que me façam tenham a pretensão de me mudar o riso, a minha canção. Isso é quera bom! O lamento meio-espantado meio-indignado da outra Ils ont changé ma chanson, //Look what they done to my song **não se me pega. Já ninguém e até mais ver — figas, cruzes, canhoto!, não me consegue mudar a canção. Pois vamos cantando.**

Todos diziam que não podia viver comigo, o Paulocas. Isto, gentinha tarada, alguns maricas, fufas encartadas, estéreis impotentes, pais amadores e ainda outros que se olhassem para os filhos deles e para o espelho com atenção muito teriam que bater contritos no peito (mas Deus não dorme!). Suportei isto a rir, quando não dou logo o meu coice. Não podia viver comigo, nisso todos davam opinião. Eu é que sei, ele é quem pode dizer. Quanto aos mais, caca! Leiam-me. Na certeza de que nem tudo (mui pouco) o que se escreve é verdade, apenas o bastante. Entre nós e o leitor conta o que se diz o para que se diz e o como. O resto é silêncio.

SILÊNCIO. Supus que a companhia do Paulocas me fazia bem, e fez. Estou agora na dúvida se a sua segunda (talvez definitiva? episódica?) desaparição (mas em Lisboa, não culpem agora os cisnes, talvez os pavões do Castelo de S. Jorge, qualquer coisa foi. Alguém. Eu, para começar [como de costume, ladrão distraído de mim mesmo. Ou todos?]) me não fará pior. Pensei que um bicho na cama me faria bem, i. é, me daria barulho em volta ao acordar. O Paulocas, por ex., tão casto tão bonito. Amigo de mim. Um velho conhecimento de quatro anos e meses. Que já vivia comigo indantes de nascer de lhe ver a fuça (tão bonita!) de o ouvir (tão desenvolto e natural!) de lhe perceber

as manhas as birras (que velhaquete, um espectáculo!). Não dava resultado não deu. Ou daria (se eu fora outro?) ou dará um dia, quem sabe? Pior que tudo é o silêncio. E mas a cama é um lugar exigente e as criancinhas devem dormir na sua cama sozinhas. Para a cama é preciso um bicho... um bicho pra o amor. Um bicho-de-cama: donzela ou rapaz, mulher ou homem. Uma coisa viva para se (nós nela; nós com ela) mexer de certa maneira. Não um filho.

Gosto assim-assim de Caldas da Rainha. Que digo, cada vez gosto menos. A vilória que era umas termas reais transformou-se numa escola especializada de assassinos. Vêm de todos os lados, aqui se congregam em corporações selectas, adestradas. Faz jeito ao comércio local, estragam-me a paisagem. De tempos a tempos desfilam com garbo marcial pela Praça, aqui há dias foram 1200, dão meia-volta enfiam pelo lago e nunca mais ninguém os vê. Os cisnes saúdam-nos num grasnar de mau-agoiro e ficam à espera dos seguintes.

Já não gosto mesmo nada de Caldas da Rainha. A próxima criancinha a desaparecer sou eu.

O IMPORTANTE POSFÁCIO DO AUTOR

«Fito-me frente a frente
E conheço quem sou.
Estou louco é evidente,
Mas que louco é que estou?»

FERNANDO PESSOA

DEVERES DO ESCRIBA (EU) PARA 1970

Ano Novo, livro novo. Para 1970, só vejo de imediato começar já ou continuar, em outra fórmula, o **Jornal do Libertino.** Deste podia compilar uma I série, com: **O Teodolito** (versão integral), **Comunicado ou Intervenção da Província** (que é um texto saboroso, apesar de ter passado desapercebido, **enterrada** como ficou quase toda a tiragem pelos parolos das Caldas), **Coro dos Cornudos,** devidamente corrigido e sem as gralhas com que corre, **O Sade Aqui Entre Nós,** com, talvez, em anexo a defesa do Calixto q/ traz ainda a vantagem de transcrever **o que é o neo-abjeccionismo** (maneira indirecta de botar outra vez este texto, profundamente ofensivo e significativo para um dos efeitos da libertinagem não se nascendo marquês...: a esmola, isto é, a miséria sem vergonha nenhuma ou chocante ou deliberada e altiva); teríamos, assim, 5 textos, a rematar com **O Libertino em Braga.** Em edição acessível, no preço (20,40), formato normal, 2000, 3000, atingiria de impacto um público que não me conhece. Ou leu em versões deturpadas, atenuadas. É um projecto a encarar, com publicidade de postalinhos, logo que se perceba o efeito da edição reduzida de **O Libertino em Braga.** Ajudaria no conjunto de textos a definir e alargar melhor o meu conceito — com modéstia: **vivência de libertinagem.** O que foi possível fazer. Metia, ainda, podendo tê-los à mão (e arranjada a **Conversa) A feli-**

cidade pelo estudo em casa da Irene, par elle-même, fragmentos do m/ diário contemporâneo ao texto da Irene e **Conversa de Três.** Mas não ambicionemos muito.

A II série de o **Jornal do Libertino** é que pode começar (e deve) já. Breves notícias da m/ vida amorosa. Exemplificar em casos vividos, inventados, sonhados, aldrabados de fio-a-pavio o m/ conceito de Libertinagem, q/ julgo dever apontar em artigo para o próximo **& etc...: 2 × NÃO, duas vezes não** o que não é a libertinagem, sendo elas: **a libertinagem não é uma devassidão,** porque supõe regras de conduta rigorosas (onde me oponho a certos aspectos que julguei ultimamente notar na E. e no **underground** em meses de observação); **a libertinagem não é a tristeza,** isto é, não é uma simulação. Dos êxitos e nos seus fracassos, o Libertino sai sempre **alegre** muito mais vivo, mais conhecedor de si e dos outros, dos abismos da alma humana. Logo: enriquecido, pela experiência autêntica, a do corpo-a-corpo, na sua humanidade. Logo: mais sábio. E mais sábio=mais alegre, porque o que interessa (lição do Lisboa) não é saber viver (que em sexo leva à devassidão e à triste dissimulação dela) mas levar uma vida sábia. Isto é: exemplar. Isto é, e aqui é que reside a profunda gravidade da questão: **levar a nossa vida.** Conhecê-la antes, o que obriga ao conhecimento próprio (Sócrates), como projecto para os dias seguintes (Ortega y Gasset — os bons Mestres nunca os esqueças, rapaz!, ó menino Luizinho).

Esta II série, prevista a fazer nos lazeres do Limoeiro, é começá-la já aqui. Um pressentimento de que assim será (e talvez para mim seja o caminho mais fácil, o único possível) e que tenho, de uma maneira ou de outra **internamento perpétuo,** i. é, vitalício, curto? para meses ou anos? a crise de ontem à noite não me diz nada de bom. E o mais xato é se ficar tolinho, ou encarquilhado (os sinais de adormecimento são no lado esquerdo — perna e braço; mas também da outra vez fiquei com metade da mão direita dormente, como um pau), ou pior. Raios! Serão notícias de amor; um volume de sexo (em riste ou murcho) onde se goza e sofre

muito e fornica pouco. Libertinagem à portuguesa, pachecaliana. **Libertinagem com todos,** principalmente mental.

Ontem, não encarava justificação estética para a série de «notícias» avulsas, ao calhar do momento e da simpatia (com relevo imediato para a Elsa, que é processo em julgado? ou não se sabe ainda como acabará, senão acabou já de todo e esta reclusão traz (para ambos) a vantagem de nos decidir: ela não virá, pelo menos sozinha ou sem que lhe dê um pretexto o que não quero — o que queria, sabem? é que ela viesse logo a correr mal soubesse que estou aqui, mas isso é impossível (para ela); eu não a posso chamar nem ir vê-la e telefonar ou escrever torna-se, por assim dizer, um apelo caquéctico, baboso, dar mostras de fraqueza), a não ser uma fórmula nova de cultivar o género «memórias». Ou: fazer várias **experiências de estilo.** Seria um livro alegre, barreira contra o sofrimento que me rodeia, isto é: um livro cheio de vida. Grotesco, lírico, amalgamado, um caos. Como a Vida. Esta noite encarei, porém, e como fazendo parte do **Jornal** mas peça orquestrada, agarrar-me simultaneamente a **O Veado.** Não ligando às versões anteriores. Fazendo tudo de novo. É o texto das **perseguições mútuas** e sucessivas e dois-a-dois ou da colectividade. Todos a coarctarem a liberdade de todos e quase todos muito satisfeitos porque a liberdade total (a íntima, a das escolhas decisivas) aflige. Ainda na última noite, parece-me, a Elsa me dizia **que gostava de ser mandada.** Como lhe repeti mil vezes: **será como tu quiseres, faço o que tu quiseres** (mentiroso!), depois desobedeceu-me. Ferrei-lhe o dente, toma! mas não queria insistir nem estava em estado disso. Fica para a próxima.

5/II/70

O que importa não é tanto escrever um livro novo (como premeditava na cama 23 de Santa Marta no dia 1 do ano) mas fazer uma vida nova. Isto sem fraude. Ou sequer sem o

alibi distractivo que o tal livro novo constituiria. Passado este tempo todo e o que nele se pode, posso agora verificar a frio, é que o livro novo (pelo qual todos esperam e me incitam) será uma brincadeira de crianças ao passo que a vida nova um cálice de amarguras. O livro, um dois três, como único derivativo? Voltamos à desumanidade anterior.

Depois de os casos da Elsa e da Henriqueta ficarem esclarecidos (ao que suponho: a Elsa, arquivada. Já não gosta nada de mim e disse-lho no dia a seguir a visitá-la na quinta; e eu cada vez menos. Fizemos uma aposta: beijos dela contra eu deixar de beber. Deixei. Mas que me interessam beijos assim por piedade, indiferentes? p. q. p.; a Henriqueta, **como personagem,** tem que se lhe diga, é para estudo, principalmente depois da actuação dela no domingo (em que a quis ver e escolhi a via digna, a indirecta (pelo Filomeno), mas soube por este é que ela na véspera ou antes dissera que me queria **localizar** o que está **de acordo com** a conversa que tivemos os dois no café do Barata (e ela lá estava com o Albertino como eu previra, avisada decerto pelo Filomeno, tudo previsto) em que me declarou ter tido **saudades de mim** e insistiu no beijinho... e fiz sinceramente de altivo) e mais principalmente depois da conversa na terça com o Filomeno. O bicho tem subterrâneos.

Há hipóteses. Foi amante do Filomeno? ele gosta ainda dela? Bateu-lhe forte e feio, declarou-mo. Por causa de um feio jogo (feminino) dela. É muito agarrada às pessoas. Dois anos em casa dele (facto que ele, com um sorriso especial, que nele sai sempre careta, me tem vincado repetidas vezes) dão a entender. Que ele lhe recomendasse para ela arranjar um tipo novo, um matulão (como é o Albertino) está certo dentro da **linha** do Filomeno — prudência e mais prudência, a casa, os filhos, a vigilância da Filomena, o còpinho de tintol para embalar. Que ele lhe batesse (e como? e porquê? eis um ponto a explicar-me mas agora com ela, saber a versão dela) quando ela, tão agarrada às pessoas, na primeira oportunidade lhe pôs os cornos, só se justifica como desplante da Henriqueta, já segura da alternativa ou ter

jogado tudo por tudo, encostando o Filomeno a uma decisão que lhe era impossível. Logo, ridicularizando-o na sua impotência ou cocuagem (daí, talvez, a reacção da porrada); ou, num gesto de libertação, ter-se solto à descarada, ridicularizando-o ainda (mais porrada). O que é certo (e o Filomeno me acentuou) é que mesmo depois ela parece manter uma grande ternura por ele. O que concorda — a ver vamos — com as saudades que disse ter de mim. Por outro lado, o Albertino deve servir-se dela para mijar-lhe dentro da barriga e fazer-lhe a comida. As noitadas dele com o grupinho do Rogério (e a moça em casa a dormir sozinha, isto apenas após um mês ou dois de ligação, lua-de-mel vamos); as propostas dele para divisão da rapariga com o Filomeno e todo o seu comportamento comigo desde a primeira noite, dão-me ideia de um tipo ambíguo, meio-doido pela guerra, ambicioso, servindo-se da Henriqueta como arranjinho como procura servir-se de mim. A ver vamos.

O facto (referido pelo Albertino e que, talvez, explique o seu enfartamento da H.) de esta não ter orgasmo; uma confusão na m/ conversa com o Filomeno em que eu falava do R., «perigosíssimo por aliar a máxima ternura à crueldade mais sacana», e ele me supôs a falar da Elsa e a (logo) comparou à Henriqueta, aproxima-as muito. Aliás, nem só nisso os casos são idênticos mas, por exemplo, nas ambições literárias de ambos e de ambos, convencidos da sua força (o A., nos seus 26 anos; o outro estupor no dinheiro) se servirem das partenaires para me levarem à certa. P. q. p.! Vão ver a besta que lhes sai pela frente. Hoje mesmo vou telefonar às duas manas. Ao contra-ataque, rapaz!

7/II/70

Manter um **diário** (ou semi; pois nem todos os dias haverá tempo ou paciência e estar a escrevinhar com o pensamento em coisas a fazer e que ficam à espera, como ainda ontem de manhã; ou fatigado, estoirado de todo e doente, como

id. à noite, parece-me grossa asneira e inútil) é uma coisa. Fazer daqui o **Jornal do Libertino,** apontando em diverso estilo e conforme melhor me apetecesse e ocorresse, outra. Era, no projecto de Santa Marta, de momento a m/ única solução de escrever e manter-me vivo. Sem preocupações estéticas, ao correr do pinsamento... com a excepção de **O Veado** esse, então, altamente refinado e orquestrado. Seria, até, a única peça **estética** a prever. As outras eram bem mais singelas (verdadeiras) assim mesmo. Havia muitas. A Elsa teria, por ex., umas poucas, desde O Encontro à Desagregação. Ia tudo de que me lembrasse e mais o imaginário (caso da Emigrante Aveirense, o Alfinete-de-Peito Patriótico, a Primeira Entrada, sonhada, da Maria Eugénia na Sala 5). Para fossar a valer e obrigar-me a uma tarefa não só maria-não-te-rales, deixa-andar, então **O Veado,** em versão nova até resultar de acordo com o projecto inicial.

Ora, assim concebido, isto era mesmo capaz de encher muita pag. e giras mas na quietude do hospital ou da cadeia, que era a **estação** (estância e demorada) que previa logo a seguir. No Cá Fora, o espírito é outro, a luta intensa e continuada. Para estar a rabiscar já estou a faltar na Estampa (onde ontem comecei a revisão), na Notícia, na venda, em tantas merdas necessárias. Enfim, serei capaz de, mesmo devagarinho e com interpolações de espaço e temas, conseguir o q/ pretendia? Com efeito, todos os dias me acontecem coisas, pessoas de passagem que precisavam de canhenho, até porque a memória (mesmo sem copos, mas talvez por causa dos tranquilizantes) me vai falhando nos factos recentes. Tipo de memória regressiva, fenómeno da caquexia, não há nada a fazer.

Os telefonemas do contra-ataque saíram-me dúbios: a Elsa está para parir no fim do mês, mas não falei com ela, só com a Prazeres. Convidou-me a ir à quinta. Mas a coitada da moça sabe lá o que querem os Boscências? Telefonei à Filomena; atendeu a H., não me deve ter reconhecido a voz (pareceu-me ela, no entanto), ficou ao lado da outra, depois veio em despique com a fita de eu não a mandar chamar...

digo-lhe duas. Marca-se um encontro, meio a brincar, para o café do Barata à meia-noite e meia hora. Mas só lá estava o matulão. Comprou um carro, diz ele. On verra.

9/II/70

Continuo a sonhar bastante. Mas sonhos assexuados ou eixados sobre preocupações do meu dia-a-dia. Nada das antigas permanentes e pormenorizadas invocações obcecantes da Maria Eugénia (ao tempo), da Irene (durante anos) e, até, da Elsa. A Irene reaparece, por vezes, é certo. Mas vaga. E com outras mulheres, ou são situações em que tanto pode ser ela como a Maria Helena ou a Maria do Carmo (a personagem, quer no físico ou no carácter, no **papel** com que participa no sonho, mantém-se ambígua, flácida a imagem) ou então desconhecidas. Isto quer dizer, creio, que a m/ vida psíquica vai ficando mais pobre (limitada) e eu mais velho. Velharuco. Fosse agora a tentar escrever **Os Sonhos. As Coisas** e muito ou quase tudo teria que inventar!

Por um lado, é sintoma (creio) que a rigidez de comportamento que venho impondo-me se reflecte, naturalmente, na m/ vida onírica, outrora tão intensa, tão empolgante. Por outro — e a continuarmos assim ou pior — que me vou destruindo a frio, insensibilizando, o que pode (é o mais provável) desfazer todos os m/ actuais esforços e sacrifícios, vamos lá!, para uma série de realizações a curto e longo prazo em que tinha apostado mas que me parece difícil conseguir numa certa apatia lúcida. Virá a fraude e, depois, o nojo dela. Será literatice pura. Mas paixões não se inventam nem engrenagens de optimismo as encaro, ingénuo, nos tempos mais próximos, durante muito tempo. As sucessivas abdicações em que depois da saída do hospital estou a cair (não sair do buraco deste quarto é uma e significativa; outra: suspensos os planos para iniciar já-já **a enorme repulsa)** se revelam prudência, são, ainda, o resultado do êxito (suspeitoso para mim e cada vez mais) de **O Libertino.** Claro, houve

gente que viu justo (o António Tavares Manaças, o Raul de Carvalho, o Zé Alcambar, etc.). Mas o texto não ajuda — a compreende-se — a conquistar mulheres. É natural que me atirem para a classe da paneleirage. E aquelas que fui conhecendo entretanto (a Matilde, por ex.) acham-me gracinha mas pelo facto e por outros, é evidente: a idade, and so on, não me tomam como galã... A Elsa cada vez mais longínqua e decerto enrascada com a maternidade próxima (lá para o fim do mês); tão-pouco lhe tenho demonstrado interesse, nem me apetece; a Henriqueta, depois das primeiras efusões (mas até que ponto sinceras? profundas ou simples curiosidade, vaidadezinha femininas?) está fora (tenho-o assim querido) da m/ órbita e, não mudando eu nem ela, salvo algum imprevisível, cuspida de todo. Sem vinho, não marujos, não magalas, não adolescentes de qualquer sexo que podem dar sarilhos grandes. Em suma: uma vida parva. Se isto se chama, pode chamar vida.

Coisa aborrecida no diário de Pavese em que ele faz referências a nótulas passadas, completa, rectifica. Isto é: conclui-se. Devia mastigar e rever-se, servia-lhe aquilo de punheta. Ora, quando comecei a rabiscar este calhamaço que vai todo errado pois devia era coleccionar «notícias» do **Jornal do Libertino** (mas é o que, por ora, tenho podido fazer) decidi logo não reler nunca nada para trás. Que xatice! Ondulante e diverso como sou, passava, passaria a encher linhas contra linhas, a desenvolver, a dizer **não** onde pusera **sim,** etc. Isto faz-se como mijar. Depois, abotoa-se a berguilha e vai-se à vidinha. Daí, que págs. fiquem por acabar.

Por outro lado...

...sim, por outro lado lembro-me mais ou menos do que escrevi, da **linha** geral. E não só isso. Ou fatigado ou por sono ou tendo deitado ao papel o que queria atiro o volume e fecho a luz. Imediatamente me ocorrem coisas que podia e queria ter escrito; ou, sequências (até provocadas por) daquilo ali escrito.

Assim ontem. Faltaram-me duas coisas fundamentais (parece-me, não quero controlar) e uma espécie de resposta ou vingançazita do m/ subconciente. A saber:

esta espécie de engates por admiração intelectual ou pela minha (ai dela!) aura literária... é das coisas que mais nojo me metem. E já devia estar escaldado. Começou pelo caso da Zé, no dia da audiência do Sade. Não percebi logo. O Aires Pereira semanas depois avisou-me (o que era, vamos lá!, uma certa maneira de me ofender. Atão, atão, eu nem ao menos merecia (depois da maravilha da Irene!), era capaz de engatar um macaquito mal enroupado e esfomeado como a Zé era, além do encanto do seu convívio, da voz velada mas insinuante e terna, coisas que o A. P. não poderia perceber num encontro de café? A mesma marmelada agravou-se na Elsa, bastava ler o diário dela. Havia para a Elsa **o mito do Pacheco,** no Limoeiro, muitas histórias malucas, filharada, mulheres. Macacadas tecidas pelo Severino, com a aprovação do Ròdinhas: ambos tinham a ganhar em fazer-se interessantes à m/ custa... daí o espanto da Elsa quando me viu a primeira vez nas Belas-Artes, muito engravatado e muito protocolar, embora tivesse reparado nos meus chanatos de mulher (da Manuela da **Notícia**) e no meu cachecol perfumado de mulher, rapado momentos antes a uma fulana amigalhaça (amante?) da advogada católica--bruxa. Tudo (incluindo o espanto) a Elsa mencionava no diário e demonstra as suas faculdades de observação, à la minute. A intimidade directa que estabelecemos os dois a beberricar, no primeiro dia que fui lá em casa, seria (por ela), devia ser naturalmente resultado dessa imagem anterior que ela fora construindo de mim. Ao contrário do meu espanto e curiosidade, pois a tomara nas Belas-Artes pela americana com o cabelo pintado de preto.

A mesma merda aconteceu com a Henriqueta, fenómeno de combustão espontânea; e, até, em escala menor com a Matilde. P. q. as pariu! Minhas ricas ex-fêmeas semi-analfabetas, que davam urros quando me viam gastar dinheiro em livros, queriam, teimosas mas sem cagança nenhuma,

que eu arranjasse um emprego decente. E com toda a razão: a fome que passavam.

Esta facilidade de uma mulher, de um certo nível cultural (? ou que, na sua cagança, assim se julgue) flartar ou ir para a cama com um tipo afamado, de quem ouviu falar pelo menos repetidas vezes verdades ou mentiras ou leu e admira, releva de um certo folclorismo. Turismo de almas, irrequieto e frívolo. Vaidade em conhecer e acompanhar o bicho, saber-se que, interesse humano para confronto com o escriba, aprender com ele alguma coisa se também tem pretensões de literata (e quase todas têm; agora, até a Ção quer publicar um livro de poemas, raio!); depois, a fama de libertino que só com a publicação de **O Libertino em Braga** se complicou bastante — e pode, em muitas, despertar repugnância (conto com isso; é idêntica ao desdém que dedico às fressureiras, coitadas!) — atrai. Etc. Terei que me resignar a dar com mais tipas ou casos destes, a não ser que mude de zona (para o Minho, o Minho!) e fale com desconhecidas de mim. Que venham até mim só pelo m/ olhar magnético...

Mas ainda há um mas. Com as bas bleu ou admiradoras babosas (isto acontecerá a todo o tipo de algum renome) o mais eficaz é ir-lhes logo para cima e passar à frente. Não criar complicações sentimentais; elas são coleccionadoras de trabalhos de vedetas? como as mais tolinhas de autógrafos? dê-se-lhes isso e só isso. Usando desta técnica simplista e despachada, tinha podido de certeza a Zé e a Henriqueta também já teria marchado. Com a Zé impus vagar, **dentada de cão** (a Irene fugitiva) **não se cura com o pêlo do mesmo cão** e outras parvoíces no género. Com a Henriqueta, comecei logo a falar demais e a preocupar-me demais. É poder e andar. Se elas gostam, voltam. Senão, bom dia! Último mas: isso é quera bom. Mas um pateta desmunido e solitário confunde a nuvem com Juno. Quer mais. Sempre mais. Quer tudo. E as fulanas assustam-se. E piram-

-se. O pateta fica mais solitário e desiludido, cicatrizado (mais um pontapé, por não ter encolhido o rabo a tempo). E tentar convencer uma moça que vem à nossa beira e se oferece ou quase por interesse não corporal que isso me mete nojo é cuspir-lhe na cara. É grossa, grosseiríssima estupidez. É coice danado. Embora o sinta, terei de disfarçar. Usar de jogo mais achinesado. Parece-me.

Outro ponto que ontem me esqueceu foi uma história negra que durante o dia ou não sei quando me veio à cachimónia. A Elsa morrer de parto; ou ter um filho defeituoso logo; ou azar parecido. Que fazer (eu)? Ao ponto-morto a que chegaram as nossas relações, posso e com a maior das naturalidades (autêntica ou fingida, até forjada, por ex.: ausentando-me) ignorar tudo. Também é bem possível que venha logo a saber tudo, casualmente. O que me põe em cuidados, agora, é saber ou não-saber ainda, agora já, como reagirei, sinceramente, comigo. E isto trouxe-me à memória uma das m/ páginas negras que era, com a Maria Helena grávida e o caso da Fátima a apodrecer rapidamente (ela ia desistindo de mim, até que por um Carnaval (47? 48?) arranjou trampolim, um sucedâneo que não sei se será hoje o marido), eu (não desejar, propriamente; não fazer nada por isso, antes pelo contrário) mas só imaginar, congeminar, entreter-me com a hipótese (o que já era crime) da Maria Helena ficar-se no parto, com filho vivo ou morto e eu encaminhar a m/ vida, como é verdade desejava, para a Fátima. Não aconteceu nada. E com a Elsa será o mesmo. Ámen.

Agora, a vingança da m/ zona de franja. Adormeci e tive um sonho, estilo fílmico, todo pormenorizado e visível e lento. Mas um sonho tanasca. Com um donzel desconhecido que eu cativava não percebo bem se com intuitos passivos ou activos e me entreteve de tal modo que acordei

tardíssimo, às 8 e 20, e tive de gastar 15 paus num taxi até ao Centro António Flores para levar o «cocktail» na pobre da sempre a mesma veia, que receio venha a ficar com um furo permanente ou em esponja de tão espicaçada (ontem sangrou mais que o costume).

Dia bestial: passeio com o Fernando António por Ajuda e Belém. O puto é bestial. Tem saídas giras. Comprei, por graça, dez tostões de fava frita, para ele dar à mãe da m/ parte. Mas antes apreçara um rolo da massa, em madeira e bem pesado. 8$50. Desisti. Comentário do F. A.; «ainda bem, se calhar quem levava com ele era eu...».

Hoje, tenciono telefonar à Henriqueta a pedir-lhe **dado** o despertador, vá lá fazer promessas pró diabo. Como é Carnaval, vou, aproveito depois **cantar-lhe** das boas.

12/II/70

A escalada: 3000 «Comunidades» a tempo de talvez influenciarem por fora a audiência de 17/3/; originais do Manaças e do Carlos Coutinho para revisão. Plano familiar: cartão para saque do Luís José da Casa Pia; papéis para o m/ passaporte (a tirar em Coimbra; 4 segundas-vias de cédulas pessoais para os 4 putos, todos daqui a semanas a englobar na árvore genealógica dos Gomes Pachecos e sem mácula. Finalmente: almôço, anteontem, com a H. que me dá ou empresta um relógio. Continua um mistério, a moça.

Urgente encarar a sério nova versão de **O Veado** ou tentar acabar **Os Amigos. Os Bambinos.** Já pensei, para me «libertar» mais e melhor dele, fazer um **O Veado** à la manière

do Pavese. Estilo elíptico, muito nuançado, poucas personagens, o essencial. Deitar fora (?!) e recomeçar em barroco, com todos os condimentos do Rossio, da Pensão da Isolinda, de Setúbal. Por outro lado, **O Caso do Bife Voador** e **Conversa de Três,** que são textos de múltiplas ressonâncias e ambições (aquele o reverso de **Comunidade,** este o alargamento libertino de **O Segundo da Esquerda**), têm de ser retomados. À bruta. Abruptamente. Leitura do Nuno de Bragança. Para já: muitas interrogações.

13/II/70

Decidida a edição de **Comunidade,** com 3000 ex. a 5$00 e a 10$00, tiragem especial de 300 com um «hors-texte» do Carlos Ferreiro, a vintes. Agora, ataco noutra frente. Desenterro o último texto aproveitável (e o melhor) da **Crítica de Circunstância,** cuja reedição fica comprometida definitivamente ou adiada para muito mais tarde. A acrescentar-lhe (edição integral e aumentada) os textos de certo nível, posteriores e publicados, então preferia o título de **Literatura Comestível,** muito mais apropriado.

Atrasadas, provavelmente, as edições do A. T. M., do Carlos Coutinho (que já está acagaçado e mudou para não sei quê A. Pimenta...) e do João Rodrigues. Hipótese de sacar os vinte mil **Teatro no Bolso,** com o Vítor, com o Vinhas, com os da Interartes. Veremos.

Tenho sonhado e bem. Tenho trabalhado e bem. Telefonei para Torcena, telefone avariado. A Henriqueta continua por explicar e o matulão-macacão do Albertino está a revelar-se mais um ratinho, com a mania de vencer depressa mas pela surra. Para cá vem de carrinho como o General Ròdinhas vinha de ternura aberta. Sai-lhes pela frente um Miúra (eu) que nem os deixo respirar.

O grande problema, talvez o único, o decisivo, é o das relações humanas taco-a-taco, o tu cá tu lá na vida do casal, na célula familiar, na vida da colectividade. O problema do bem e do mal nessas relações, isto é, o da justiça. Dreyer, hoje, com **Dies Irae** veio pôr-me em grande plano o que me parece o essencial. É esse mesmo que vou tentar resolver (cautela! equacionar e já é muito), em vários tons, do burlesco ao repelente e afadistado, n'**O Veado.** Poucos andamentos: mas com tudo lá dentro. Na barafunda da Pensão da Isolinda, em 15 ou 20 anos de entradas e saídas. A grande risota. O choro mais desgarrado.

Vi o bebé da Edite. E vi a Edite feliz. Verei daqui a semanas, assim, a Elsa? Estes são filhos meus por tabela; um pouco como o Joca, talvez. Porque as amo a elas, os filhos são um quase meus. Amanhã hei-de saber notícias da Elsa, nem que tenha de lá ir.

A **Comunidade.** 3000 a fazer, prontos em 15, 20 dias. A Irene, outra vez. Perfilhar, isto é, dar rapidamente o meu nome aos 4 putos. Serão depois mais meus.

18/II/70

Arrasado.
Henriqueta: prolegómenos. Tudo a correr bem, não lhe dou um mês de entrega (provisória e discreta).

21/II/70

A 20/2 **Contraponto** ressuscitado. 1.as provas de **Comunidade,** toda a colecção **Teatro no Bolso** resgatada.

2/3/70

Apenas mais 15 dias antes do julgamento. Chegados são os dias das grandes decisivas opções. Na parte militante (digamos...) tudo a correr bem. A colecção de **Teatro no Bolso** está toda ou quase embrulhada em blocos à minha volta no quadrilátero da cama; muralhas de livros mais grossas que as paredes do Limoeiro. Eu despacho uma média, sem muito tempo por causa dos trabalhos de revisão na «Estampa» e sem atacar ainda a sério, a média de 40-50 por dia. **Libertino** esgotado, e ao que parece sem más consequências. A **Comunidade** pronta a entrar na máquina, 4000, e com soluções no texto e na ilustração que me parecem acertadas. Convite para publicar os **Exercícios de Estilo** na «Estampa», em colecção com Millers, e outros do melhor. O que me proporciona lançar antes de Outubro e já a seguir quer **A Enorme Repulsa** (a stencyl ou impressa) como edição-cobaia e em versões **ersatz** (agora vai mesmo assim, à balda! — é a fórmula) ou integrais ou atenuadas, conforme a prudência ou a impudência, depois da decisão do tribunal, o recomendar. E teríamos, ainda, como outras alternativas dependendo, principalmente, das possibilidades económicas (há trunfos: o rápido escoamento dos livrinhos de teatro, o auxílio do Vinhas, por ex.), uma reedição de **Crítica de Circunstância,** integral ou talvez actualizada, expurgada e aumentada (mais textos, notas explicativas), a **Literatura Comestível,** o **Jornal do Libertino.** E outros projectos **Contrapondo** de autoria alheia: os textos do Manaças e do Carlos Coutinho, na linha autenticamente contrapontística de intervenção e revelação de autores novos, gente marginal, não literatos de carreira. Com tanta coisa fazer e o tempo a voar, funciono como um relógio exacto, mas começo a sentir-me ir abaixo do físico, o coração cansado e os brônquios podidos da fumaceira do cigarrinho. Nervos inquietos, a vista esforçada. Parte sentimental toda para o segundo plano: a Elsa deve parir a 8, disse-me ela e depois se verá; Henriqueta, apenas floreados indecisos. As pontes (com

ambas) não estão cortadas, sim adiadas. E já se sabe onde isto leva: de repente, o tempo, a ausência, o não contacto corta e acaba tudo mesmo. Palhetas. O Zé Manel está à beira de um empurrãozinho ou ocasião propícia e de eu perder amor a **vintes.** Lembra-me o Carlos. Mais interessado no jogo que eu. Falte-lhe dinheiro (por enquanto tem do ordenado) e oferece-se barato. «Uma palheta por vinte paus», propôs no sábado a piscar muito os olhos, ele tem tiques e faz assim um focinho muito engraçado com a penca arrebitada. Se chegarmos a isso, vai no resto que é limpinho! Aliás, antes, talvez, de tudo o mais, tenha de fazer outro Wassermann-Kahn, a ver como vai isso da m/ sífilis.

Abril, 7

Lentamente, com muitos sobressaltos, tudo (que será tudo? ambição estúpida) a recomeçar.

9/IV/70

Ontem, ocorreu-me que **Exercícios de Estilo** devia forçosamente honradamente ser claro exemplo do que considero fundamental para um escriba português em 1970: **(...).** Há que pensar constantemente no livro, se quiser chegar a ele. **(...).** A coisa demorará toda a Primavera e Verão. Há que convencer os tipos a aguardarem Outubro. Há que fazer o livro como deve de ser.

22/IV/70

Hoje (ontem, e hoje na passagem do 21/22), consegui dizer nas calmas à Henriqueta o que estava previsto. Ela até já sabia tudo. Da não-paixão do Filomeno; da bruteza do Albertino, mas neste — e que remédio! — inda põe

algumas esperanças. Revelou que tinha um mal na tripa que a torna estéril e terá de ir a uma médica tratar-se. Mas só o fará quando... a história do costume: estiver nas condições económicas, etc., etc. Afirmei-lhe que éramos parecidos na capacidade da dádiva e na necessidade de amor, o que nos tornava vulneráveis. Ela tornou-se xata porque me atirou à cara que eu não merecia a **Comunidade** que (diz) tem lido e relido. Peninha.

Exercícios de Estilo tende a transformar-se num romance. O meu romance, entendido como: a minha vida romanceada, já que todo escrito na 1.ª pessoa e sendo eu a personagem principal. Isto, embora não explícito, só traz vantagem se se apreender a personagem **eu,** polifacetada ou iluminada por focos diversos e em atitudes até contraditórias (é assim a vida), se conseguir, aliás no máximo da arbitrariedade e liberdade, quase por acaso, reunir os textos necessários para levantar inteira a figura. Faz falta o **Libertino;** faz? a verdade é que já está publicado. Talvez faça mais falta **O Caso do Bife Voador** para virar a outra face (a odiosa, a da miséria insuportável) da **Comunidade,** talvez explicando assim como esta se corrompeu e desagregou. Os temas principais: a libertinagem, a guerra (dada através dos seus reflexos na Metrópole), a decadência, pessoal (m/) e colectiva, convém sejam vincados, enfrentados e atacados frontalmente. É uma oportunidade única de me afirmar. Completando, depois, com o **Jornal do Libertino** e **Literatura Comestível** todo um ciclo de experiências e de ofício compositor, literário, deixando-me esgotado e livre para novas experiências e outra capacidade artesanal ou livre para o fim. O projecto que anuncio à malta: «mais títulos em 70 que o Urbano!», deve traduzir-se por: **publicar tudo** em volumes por mim vigiados que houver em trapagem, rasgar o resto e deixar-me seguro, assim, para qualquer algo de continuado, aposto ou oposto, novo e suplantado que venha ou deseje a seguir. Há que estudar muito.

Meditar muito (no feito e no a fazer). Ler que se farta. Olhar para trás e para todos os lados, porque tudo me será então preciso para, sem contemplações ou manias de grandeza, tentar a todo o custo, numa aposta de morrer nela, uma superação. A obra adulta.

Não tenho solução humana? pois parece-me que está cada vez mais nítida e para ela sou e vou empurrado, eu próprio cooperando. A Henriqueta e a Elsa são, quase-quase, casos do passado (hoje, tenciono devolver à Elsa, pelo correio, o que rapei em Torcena da última vez — a toalha de que fiz cachecol, o isqueiro do R., um ovo —, mais a gabardine que está empenhada há um ano, mais 10 exemplares da **Comunidade** — ela não irá gostar de se ver ali citada, o R. explora sem dúvida a coisa como insultuosa, o contexto leva a isso); a Henriqueta ontem à noite ficou a saber o que penso dela, que tenho pena dela mas dá-me vontade de rir. Ela e os seus cornudos. Ela e os seus anseios, profundos ou frívolos, de toda a maneira confessadamente frustrados. Nunca mais me perdoa (e eu ralado... o que também já ficou a saber). Aparecerão outras? Era bom, mas tenho tanto que fazer... A dúvida, o receio, a estupidez, a secura é se serei capaz — sem mais nada. Sem ao menos um filho ao lado.

22/IV/70

Já me aconteceu esta duas ou três vezes e sempre com péssimos resultados: não sei por que raio de magnetismo ou acaso funesto, quando me decido a limpar de todo a Elsa da m/ cabeça e da m/ vida, uma obcecação a menos, ela reaparece-me por carta, por presença, por qualquer motivo. Tinha resolvido hoje, como de facto, desempenhar a gabardine do americano (?), e mandar-lhe numa encomenda postal. Feito. Vou ao prego e peço a gabardine;

embrulham-ma mas o empréstimo mais os juros não chegava o dinheiro. Fico a dever só 18$00, e volto à tarde. Mas entretanto recebera uma carta da Elsa, anunciando-me o nascimento do filho. Desempenho a gabardine e mando-lhe um telegrama, dúbio: **Parabéns a todos stop Beijos para o André e para ti conforme aposta stop Segue encomenda Luiz José,** isto com uma vontade doida de ir lá e beijá-la muito. Depois, à noite encontro a N. e o B. nos Restauradores. E viemos brincando e falando de coisas velhas, todas ligadas com a Elsa. E agora não sei outra vez que faça.

23/VII/70

Isabel. Primeira noite de separação. Uma em quatro. Amor de 5 dias?

NOVAS DIRECÇÕES

PUBLICADOS: